

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

Michelle Airam da Costa Chaves

DUAS FACES DA MESMA MOEDA:
NARRATIVAS DA NOVELA “DUAS CARAS” E DO FILME “TROPA DE ELITE
2”
SOBRE AS MILÍCIAS DO RIO DE JANEIRO (2007-2010)

Niterói

2025

Michelle Airam da Costa Chaves

**DUAS FACES DA MESMA MOEDA:
NARRATIVAS DA NOVELA “DUAS CARAS” E DO FILME “TROPA DE
ELITE 2”
SOBRE AS MILÍCIAS DO RIO DE JANEIRO (2007-2010)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História

Orientador:

Dr. Marcus Ajuruam de Oliveira Dezemone

Niterói

2025

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA GERADA EM:

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C512d Chaves, Michelle Airam da Costa
Duas Faces da Mesma Moeda: Narrativas da Novela "Duas Caras"
e do Filme "Tropa de Elite 2" sobre as Milícias do Rio de
Janeiro / Michelle Airam da Costa Chaves. - 2025.
252 f.

Orientador: Marcus Dezemone.
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto
de História, Niterói, 2025.

1. Violência Urbana. 2. Milícias. 3. Narrativas. 4.
História do Tempo Presente. 5. Produção intelectual. I.
Dezemone, Marcus, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

Michelle Airam da Costa Chaves

**DUAS FACES DA MESMA MOEDA:
NARRATIVAS DA NOVELA “DUAS CARAS” E DO FILME “TROPA DE
ELITE 2”
SOBRE AS MILÍCIAS DO RIO DE JANEIRO (2007-2010)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus Dezemone – Orientador
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Christiano Britto Monteiro dos Santos
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Profa. Dra. Juniele Rabelo de Almeida

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Mário Brum

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr. Mauro Amoroso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Profa. Dra. Renata Torres Schittino (Suplente)

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Profa. Dra. Vivian Fonseca (Suplente)

Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Niterói

2025

AGRADECIMENTOS

Iniciar o doutorado é um desafio para qualquer pessoa, além de ser uma conquista e símbolo de realização. No meu caso específico, inúmeras dificuldades permearam esse processo, desde a perda da minha mãe que sempre incentivou meus estudos, passando por uma pandemia e todos os problemas que ela trouxe. Por vezes pensei em desistir, mas realmente, desistir não está em mim. Quando quero, mesmo com tropeços vamos superando as dificuldades da caminhada e sigo, sigo por mim, por minha família, pelos meus amigos e pela vontade de concluir a pesquisa. Esse querer, assim como outros ao longo da vida, nunca são conquistas individuais, e sim o somatório do apoio de diversas pessoas.

Primeiro, gostaria de agradecer ao meu marido Guilherme Nelson, companheiro de caminhada, superando desafios, sendo ombro amigo quando preciso e ouvidos atentos que transformava meus momentos de angústia em situações mais suaves com seu bom humor. Obrigada meu amor de tantas vidas por estar ao meu lado, acreditar em mim e por ser tão dedicado a nossa família.

Agradeço a minha mãe Alita Chaves, minha irmã Carla Alessandra e sobrinho Carlos Augusto, por todo apoio ao longo da vida e incentivos nos estudos apesar dos obstáculos que enfrentamos, mas sempre incentivando e acreditando que seria possível concluir essa etapa.

Agradecimento mais que especial ao meu cunhado que considero um irmão, meu companheiro de muitas e muitas aventuras. Conheci ainda criança, mas tive a sorte de acompanhar seu crescimento e ter certeza de sempre poder contar contigo e com essa pessoa maravilhosa que se tornou. Sempre acredita que consigo chegar se realmente eu quiser e que diz que aprendeu comigo a não desistir. Sem você não estaria aqui. Minha sogra Thais Sabatini e minha cunhada e comadre Ana Beatriz, incansáveis em me auxiliar em tudo que fosse possível para que eu tivesse tranquilidade para escrever.

Não posso deixar de agradecer ao meu pai de coração e alma, Alex Cipriano, que falava para todos que eu seria doutora. Obrigada por todo amor, apoio, conselhos, ensinamentos sobre fé e colo nos momentos mais difíceis para que acertasse minha caminhada e superasse os desafios. Temos mais uma vitória para contar.

Queria agradecer aos meus amigos irmãos que incentivavam e entenderem todas as vezes que não pude estar presente para poder fazer a pesquisa e obrigada pelo apoio nos momentos difíceis dessa etapa da vida: Alessandro Brum, Ingrid Nóbrega, Neilson Nóbrega, Luciana Michel, Francisco Jorge, Rafael Fiúza e Zilá Brilhante. Especialmente, meu agradecimento para Aline Brum e Isabel Martins que acompanharam minha trajetória desde a faculdade e estão presentes até hoje em minha vida sendo ombro amigo e vozes que aconselham com carinho.

Agradecer aos casais que conheci na Creche Crescer onde meu filho estudou por me ajudarem a cuidar dele quando não conseguimos estar presentes e pela alegria e amor de todos os nossos encontros. Agradecimento especial para Vanessa Falhauber e Leandro, por tudo que fizeram por mim e pela minha família.

Obrigada ainda para meus amigos que sempre incentivaram e ajudaram como podiam: Giovana Barreto, Lourdes Cipriano, Rosemary Gomes, Hélio Abreu, Renato Rodrigues, Marta Viana, Débora Cardim e Elizabeth Ferreira.

Agradecimento especial ao meu orientador Dr. Marcus Dezemone, que além de profissional competente é um ser humano ímpar, sendo ouvinte atento não só na pesquisa, mas nos desafios pessoais que passei e sempre soube me orientar, compreender e tranquilizar. Lutou pela conclusão da pesquisa e para que eu seguisse na caminhada de cabeça erguida, sendo possível essa conclusão por seus esforços.

Por último, mas não menos importante agradeço e dedico essa pesquisa aos meus filhos: Guilherme Airam e Abraão Guilherme. Escrevi por eles também, pois queria mostrar que apesar das dificuldades é possível alcançar nossos sonhos. Agradeço pelo companheirismo, pelo amor, pela preocupação e por entenderem os momentos de ausência e estresse. Obrigada por me mostrarem como o amor nos deixa mais fortes e que juntos com seu pai, familiares e amigos podemos superar tudo. Vocês são e sempre serão o maior presente da minha vida.

RESUMO

A tese objetiva comparar narrativas construídas sobre o fenômeno das milícias no Rio de Janeiro, no começo do século XXI. Tais narrativas estão presentes em duas produções audiovisuais brasileiras: a novela *Duas Caras*, exibida em horário nobre, na maior emissora de televisão aberta do país, a Rede Globo, e no filme *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro*, grande sucesso de público. O recorte cronológico privilegia o período de 2007 a 2010, quando tais produções foram lançadas, tendo a instauração e divulgação das conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, conhecida como "CPI das Milícias", como um marco que altera as narrativas públicas sobre a atuação desses grupos armados. A tese apresenta o cenário da violência carioca e sua construção ao longo dos anos, o início e o desenvolvimento das milícias, assim como seus esforços para obter legitimação. A questão eleitoral é destacada por ser elemento importante nas produções audiovisuais analisadas, como no papel dos currais eleitorais na manutenção do poder de milicianos. Sem negligenciar o diálogo com outras áreas do conhecimento, a pesquisa procura apontar a contribuição da disciplina História para a compreensão das milícias, ao propor metodologias, conceitos e visões sobre o tema.

Palavras-chave: Milícia; Narrativas; Violência urbana; História do Brasil no Tempo Presente

ABSTRACT

The thesis aims to compare narratives constructed about the phenomenon of militias in Rio de Janeiro at the beginning of the 21st century. Such narratives are present in two Brazilian audiovisual productions: the soap opera *Duas Caras*, broadcast in prime time by the country's largest free-to-air television network, Rede Globo, and the film *Elite Squad 2: The Enemy Within*, a major box-office success. The chronological scope focuses on the period from 2007 to 2010, when these productions were released, with the establishment and public release of the conclusions of the Parliamentary Commission of Inquiry of the Legislative Assembly of the State of Rio de Janeiro, known as the "Militia CPI," as a milestone that altered public narratives about the activities of these armed groups. The thesis presents the scenario of violence in Rio and its development over the years, the emergence and evolution of militias, as well as their efforts to obtain legitimacy. The electoral issue is highlighted as an important element in the audiovisual productions analyzed, such as the role of electoral strongholds in maintaining militia power. Without neglecting dialogue with other fields of knowledge, the research seeks to point out the contribution of the discipline of History to the understanding of militias, by proposing methodologies, concepts, and perspectives on the subject.

Keywords: Militia; Narratives; Urban violence; Brazilian history in the present time

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 1 – Comunidade da Muzema	p. 20
IMAGEM 2 – Capa do filme <i>Cidade de Deus</i>	p. 46
IMAGEM 3 – Formas de obtenção de lucros pelas milícias	p. 51
IMAGEM 4 – Ocupação do Rio das Pedras (1975-2004)	p. 57
IMAGEM 5 – Rio das Pedras – Pantanal	p. 59
IMAGEM 6 – Associação de Moradores do Rio das Pedras	p. 65
IMAGEM 7 – Juvenal na Escola de Samba falando sobre prevenção contra a dengue	p. 77
IMAGEM 8 – Dados de lançamento da novela em outros países	p. 78
IMAGEM 9 – Visita da ex-namorada de Juvenal agora como condessa.....	p. 79
IMAGEM 10 – Comparação entre a Associação fictícia da Portelinha com a AMARP	p. 83
IMAGEM 11 – Imagem da AMARP	p. 83
IMAGEM 12 – Visão aérea do início da Portelinha	p. 84
IMAGEM 13 – Aérea da Portelinha depois de 10 anos	p. 85
IMAGEM 14 – Abertura da novela	p. 87
IMAGEM 15 – Destaque para a palavra <i>PAZ</i>	p. 87
IMAGEM 16 – Valorização da educação	p. 88
IMAGEM 17 – Bandeira Nacional	p. 88
IMAGEM 18 – Valorização da paz	p. 89
IMAGEM 19 – Montagem das casas da favela	p. 90
IMAGEM 20 – Representação da favela ao lado de um prédio moderno espelhado	p. 91
IMAGEM 21 – Final da abertura com o nome da novela	p. 91
IMAGEM 22 – Alegria do trabalhador.....	p. 92
IMAGEM 23 – Insatisfação dos trabalhadores	p. 95
IMAGEM 24 – Misael e Juvenal em conversa sobre as manifestações dos trabalhadores	p. 96
IMAGEM 25 – Juvenal e Misael	p. 98
IMAGEM 26 – Juvenal chega no local da briga	p. 98
IMAGEM 27 – Juvenal conversa com um dos envolvidos na briga	p. 99

IMAGEM 28 – Chegada de kombis e pequenos caminhões com mudança	p. 102
IMAGEM 29 – Alegria de Juvenal com a chegada das pessoas para continuar a ocupação	p. 103
IMAGEM 30 – Juvenal observa o helicóptero que sobrevoa a ocupação	p. 105
IMAGEM 31 – Cena de enfrentamento e tensão	p. 106
IMAGEM 32 – Encontro entre membros importantes aliados de Juvenal na Portelinha	p. 108
IMAGEM 33 – Primeiro capítulo da nova fase da novela	p. 110
IMAGEM 34 – Juvenal em primeiro plano e Evilásio ao fundo anotando as decisões do padrinho.....	p. 112
IMAGEM 35 – Juvenal e sua alegria na Escola de Samba da favela	p. 113
IMAGEM 36 – Fila para atendimento de Juvenal	p. 114
IMAGEM 37 – Doação de presentes de Natal para as crianças da Portelinha	p. 115
IMAGEM 38 – Juvenal interferindo no conflito criado por evangélicos contra um trisal na favela	p. 117
IMAGEM 39 – Restaurante de Bernardinho cheio depois do pedido de Juvenal	p. 117
IMAGEM 40 – Chegada de Juvenal durante agressão de Ronildo	p. 118
IMAGEM 41 – Ronildo ameaça Juvenal com uma faca	p. 119
IMAGEM 42 – Branca sendo agredida durante o sequestro relâmpago	p. 120
IMAGEM 43 – Juvenal chega para salvar Branca com as próprias mãos	p. 121
IMAGEM 44 – Juvenal interfere na briga de Alzira e Dorgival utilizando a força.....	p. 121
IMAGEM 45 – Invasão na Portelinha por Lobato e seu grupo	p. 122
IMAGEM 46 – Armamento pesado utilizado por Juvenal contra a invasão de Lobato	p. 122
IMAGEM 47 – Cena em que Lobato utiliza a filha de Juvenal como escudo	p. 123
IMAGEM 48 – Novamente a filha de Juvenal é utilizada como escudo humano/refém	p. 124
IMAGEM 49 – Juvenal o herói	p. 125
IMAGEM 50 – Faixa que aparece de forma recorrente ao longo dos capítulos	p. 125

IMAGEM 51 – Depoimento de Lucimar, moradora da Portelinha	p. 126
IMAGEM 52 – Evilásio cobrando a taxa de Jojô e abaixo o medo em relação à cobrança	p. 128
IMAGEM 53 – Cena de Ronildo com medo de Juvenal	p. 130
IMAGEM 54 – Juvenal no “julgamento” de Ronildo	p. 131
IMAGEM 55 – Diálogo entre Evilásio e Geraldo	p. 133
IMAGEM 56 – Cena da novela	p. 134
IMAGEM 57 – Evilásio fica incomodado por ocupar a cadeira do padrinho	p. 134
IMAGEM 58 – Discurso de Evilásio na Escola de Samba	p. 135
IMAGEM 59 – Evilásio salva a filha de Juvenal	p. 135
IMAGEM 60 – Discurso de Evilásio sobre o plebiscito	p. 136
IMAGEM 61 – Alegria de Juvenal por seu retorno	p. 136
IMAGEM 62 – Juvenal de forma agressiva lida com o morador	p. 139
IMAGEM 63 – Medo no rosto dos produtores do filme da Portelinha	p. 141
IMAGEM 64 – Misael e o pastor ouvem com receio as ordens de Juvenal	p. 145
IMAGEM 65 – Conversa entre Juvenal e Evilásio	p. 148
IMAGEM 66 – Juvenal participando de um debate na faculdade	p. 149
IMAGEM 67 – Insatisfação de Juvenal	p. 150
IMAGEM 68 – Propaganda de Juvenal	p. 151
IMAGEM 69 – Embates políticos	p. 152
IMAGEM 70 – Palanque de Evilásio é quebrado	p. 154
IMAGEM 71 – Juvenal segue na sua propaganda	p. 155
IMAGEM 72 – Comemoração após o discurso de Juvenal	p. 156
IMAGEM 73 – Evilásio e Juvenal fazem as pazes	p. 159
IMAGEM 75 – Cena do Comandante Nascimento questionando o Coronel Fábio.....	p. 169
IMAGEM 75 – Capa do filme	p. 170
IMAGEM 76 – Caveirão	p. 174
IMAGEM 77 – Foto em grupo de integrantes do BOPE	p. 174
IMAGEM 78 – Folheto de divulgação do Encontro Mundial do Papa no Rio de Janeiro	p. 178
IMAGEM 79 – Pedido de propina entre policiais para pedido de férias	p. 179

IMAGEM 80 – Estudantes da PUC-Rio com o colega Matias fazendo trabalho em grupo na ONGS.....	p. 180
IMAGEM 81 – Refeição é jogada no chão para os policiais em processo seletivo comerem	p. 180
IMAGEM 82 – Representação de um sepultamento ao desistir do processo seletivo do BOPE	p. 181
IMAGEM 83 – Imagem enterrando o boné com a numeração do Capitão Fábio ...	p. 181
IMAGEM 84 – Enterro de Neto	p. 182
IMAGEM 85 – Crescimento do BOPE após o Comandante Nascimento assumir seu cargo na Segurança Pública do Rio de Janeiro	p. 187
IMAGEM 86 – Deputado Fraga durante negociações no presídio de Bangu	p. 195
IMAGEM 87 – Camiseta manchada de sangue do deputado Fraga	p. 195
IMAGEM 88 – <i>Mira Geral</i> , programa de TV	p. 198
IMAGEM 89 – Local onde Matias é alocado após expulsão do BOPE	p. 199
IMAGEM 90 – Banco de financiamentos na Portelinha	p. 204
IMAGEM 91 – Transporte alternativo em Rio das Rochas	p. 205
IMAGEM 92 – Na camiseta escrito <i>Justiça</i> ao fundo de um dos milicianos	p. 209
IMAGEM 93 – Rafael, filho do Comandante Nascimento, abrindo os olhos após estar em coma por causa do atentado contra Fraga	p. 219
IMAGEM 94 – Mapa da relação: localidades ocupadas por milícias e tráfico de drogas	p. 223
IMAGEM 95 – Currais eleitorais de milicianos	p. 237
IMAGEM 96 – Organograma da relação de Jerominho e membros de sua quadrilha	p. 241

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Área do Grande Rio sob controle armado.....	52
GRÁFICO 2 – População total do Grande Rio sob controle de cada grupo armado.....	53
GRÁFICO 3 – Área total da Capital sob controle de cada grupo armado	54
GRÁFICO 4 – População total da Capital sob controle de cada grupo armado.....	54
GRÁFICO 5 – Profissão dos milicianos	70
GRÁFICO 6 - Número de votos por zona no candidato Nadinho	211
GRÁFICO 7 – Concentração de votos por local no candidato Nadinho.....	211
GRÁFICO 8 – Número de denúncias do Disque Milícia por município.....	228
GRÁFICO 9 – Número de denúncias do Disque Milícia por bairro.....	230
GRÁFICO 10 – Número de participantes das milícias de acordo com o Relatório da CPI das Milícias	234

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Concentração de votos por local no candidato Nadinho	30
TABELA 2 – Favelas mais populosas do Rio	60
TABELA 3 – Modus operandi e formas de lucros da milícia do Rio das Pedras.....	66
TABELA 4 – Modus operandi e formas de lucros da milícia do Rio das Pedras	201
TABELA 5 – Modus operandi e formas de lucros da milícia do Largo do Tanque.....	202
TABELA 6 – Natureza das denúncias do Disque Milícia de julho até novembro de 2008.....	230

SIGLAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

ADA – Amigo dos amigos

ALERJ – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

AMARP – Associação de Moradores e Amigos do Rio das Pedras

ANCINE – Agência Nacional do Cinema

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CV – Comando Vermelho

DEM – Democratas

GAECO - Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

PSD – Partido Social Democrático

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PGR - Procuradoria Geral da República

TC – Terceiro Comando

TCP – Terceiro Comando Puro

TER – Tribunal Eleitoral Regional

TRF – Tribunal Regional Federal

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1: DESENVOLVIMENTO DO CENÁRIO DE VIOLÊNCIA.....	42
1.1- O Contexto: Crescimento da violência.....	42
1.2 O Cenário principal: expansão territorial da favela de Rio das Pedras.....	56
1.3 Da polícia Mineira a Milícia em Rio das Pedras.....	62
1.4 Milícia: policiais na segurança de Rio das Pedras.....	64
CAPÍTULO 2 – JUSTAMENTE! JUVENAL ANTENA E A LEGITIMAÇÃO DO “LÍDER” DO POVO.....	75
2.1 Os desafios da historiografia.....	75
2.2 Aguinaldo Silva: o autor.....	80
2.3 -Rio das Pedras: a inspiração da Portelinha.....	82
2.4 Trilhas sonoras	87
2.5 Primeira fase da novela	94
2.6 Segunda fase da novela: a expansão da Portelinha e do poder de Juvenal.....	109
2.7 Juvenal Antena: atendimento ao seu povo.....	114
2.8 Juvenal Antena: a construção de um herói.....	118
2.9 Valorização do trabalho e estudo	125
2.10 O outro lado da moeda.....	127
2.11 - A Reviravolta.....	132
2.12 - Questionamentos sobre as ações de Juvenal.....	143
2.13 - Disputas políticas na Portelinha.....	149
2.14 – A Narrativa	159

CAPÍTULO 3 – NOVOS DESAFIOS PARA O CAPITÃO NASCIMENTO.....	161
3.1 – Metodologia.....	161
3.2 – Breve análise do contexto das produções cinematográficas (1990 e 2000)	167
3.3 – Os autores e direção.....	169
3.4 – O Batalhão de Operações Especiais (Bope)	172
3.5 – Tropa de Elite 1: O Filme (2007)	175
3.6 – Trilha sonora.....	183
3.7 - Críticas ao filme.....	186
3.8 – Agora o bicho vai pegar.....	191
3.9 - O inimigo agora é outro.....	201
 CAPÍTULO 4 – DE “JUSTAMENTE” ATÉ “O INIMIGO AGORA É OUTRO”.....	 221
4.1 – As visões construídas.....	221
4.2 – Conceitos.....	232
4.3 - Um poder mutualista.....	233
4.4 – A Impunidade.....	235
Considerações Finais.....	246
Bibliografia	248

I - INTRODUÇÃO

I- Os desafios do Tempo Presente

*“Mangueira, tira a poeira dos porões
 Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
 Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões
 São verde e rosa as multidões
 Brasil, meu nego
 Deixa eu te contar
 A história que a história não conta
 O avesso do mesmo lugar
 Na luta é que a gente se encontra...
 Eu quero um país que não está no retrato
 Brasil, o teu nome é Dandara
 E a tua cara é de cariri
 Não veio do céu
 Nem das mãos de Isabel
 A liberdade é um dragão no mar de Aracati
 Salve os caboclos de julho
 Quem foi de aço nos anos de chumbo
 Brasil, chegou a vez
 De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”¹*

O samba enredo campeão de 2019, da Estação Primeira de Mangueira, traz em sua letra uma importante reflexão para os historiadores sobre a “história que a história não conta”. Além dessa reflexão para o próprio ofício do Historiador, há também um norteador da pesquisa: a relevância de trabalhar um tema da História do Tempo Presente, fomentando o debate sobre algo no cotidiano, que não deve ser esquecido e sim debatido para não cair no esquecimento. Com essas indicações, a tese pretende

¹ Samba enredo do ano de 2019 da Estação Primeira de Mangueira, compositores Ronie Oliveira, Márcio Bola, Silvio Mama, Deivid Domênico, Tomaz Miranda e Danilo Firmino.

analisar as diferentes narrativas construídas sobre as milícias do Rio de Janeiro, a partir da novela *Duas Caras* e do filme *Tropa de Elite 2*.

O samba se relaciona ainda com a pesquisa porque, dentre as diversas personalidades históricas mencionadas, há a referência à Marielle Franco, vereadora pelo PSOL-RJ, assassinada em 14 de março de 2018, junto com seu motorista Anderson Pedro Gomes. No dia de sua morte, a vereadora participava junto com uma assessora, de uma reunião no Instituto Casa das Pretas, no bairro da Lapa, Centro do Rio de Janeiro, um espaço coletivo de feministas negras. Após o debate de pautas levantadas pela luta do Instituto, Marielle se despediu. Ao sair do evento, quase às vinte e uma horas, seu carro foi alvejado, em uma rua longe de câmeras de segurança, com uma rajada única utilizando silenciadores, matando Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes.

A repercussão no dia seguinte foi intensa com manifestações nas escadarias da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) e em diversas capitais do país. No contexto carioca, era o primeiro mês da intervenção do Governo Federal na segurança pública no Estado, na qual Marielle seria relatora de uma Comissão da Câmara dos Vereadores para acompanhar e fiscalizar as ações dessa intervenção.

Logo num primeiro momento, de acordo com as investigações da Polícia Civil do Rio de Janeiro, os assassinatos estariam relacionados às atuações políticas da vereadora, moradora da favela da Maré, que junto ao então Deputado Estadual Marcelo Freixo, também do PSOL, paritucipou da CPI estadual que investigou as milícias no Rio de Janeiro.

“Em dezembro de 2018, o secretário de Segurança do Rio, general Richard Nunes, afirmou que a morte foi provocada por Marielle supostamente ameaçar a grilagem de terras da milícia. A arma usada para assassinar Marielle e Anderson era uma submetralhadora de uso restrito no Brasil, e cinco unidades deste modelo sumiram do arsenal da Polícia Civil, fato identificado em um recadastramento em 2011. As balas eram de um lote que foi vendido à Polícia Federal em 2006 e também estava ligado a outros crimes.”²

² FRANCO, Marielle. *Quem mandou matar Marielle: tudo o que se sabe sobre a morte da vereadora*. Gazeta do Povo, 30 out. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/república/marielle-franco-tudo-sobre-morte-vereadora/>. Acesso em: 19 set. 2025.

Em abril de 2018, surgiram os primeiros nomes como suspeitos a partir das denúncias do Policial Militar e miliciano, Rodrigo Jorge Ferreira, o Ferreira, que acusou como mandantes do crime o miliciano Orlando Oliveira Araújo (Orlando Curicica) e o vereador Marcelo Moraes Siciliano, que tinha diversas ligações imobiliárias em Vargem Grande. Marielle, com seus assessores, tentavam legalizar a região e evitar a grilagem. Orlando Curicica estava preso desde outubro de 2017 ao ser detido com uma arma não registrada sob a acusação de assassinato. As denúncias tiveram grande repercussão nas mídias por ser uma história factível diante dos argumentos e justificativas para a ação.

No entanto, Orlando Curicica, reagiu as denúncias e conseguiu publicar uma carta no jornal O Dia “alegando inocência e acusando Ferreirinha de não ter credibilidade e de chefiar a milícia do Morro do Banco em parceria com o tráfico de drogas”.³ Curicica colocou-se a disposição da polícia para contribuir com informações sobre o caso do duplo homicídio. Ele foi transferido do presídio de Bangu 9 para Bangu 1, unidade de segurança máxima do sistema prisional carioca. Isolado, fez greve de fome para ser ouvido. De acordo com o miliciano sua conversa com o delegado, Ginton Lajes, da Divisão de Homicídios não surtiu efeito e o mesmo se recusou a tomar seu depoimento. Nos meses seguintes, o suposto mandante foi acusado de mais três homicídios e transferido para o presídio federal de segurança máxima de Mossoró, no Rio Grande do Norte.

Somente em setembro de 2018 com a participação da Polícia Federal, da Procuradoria Geral da República (PGR) e do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público do Rio, passaram a ficar à frente das investigações, tendo procurado Orlando Curicica para obter seu depoimento. Após alguns meses de investigação, Raquel Dodge, Procuradora-Geral da República (PGR), denunciou cinco pessoas, acusadas de tentarem interferir no processo de investigação. Entre os denunciados, estava o conselheiro afastado do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, Domingos Brazão, apontado como o autor intelectual do crime.

³ MANZO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020.

A execução teria sido realizada pelo “Escritório do Crime”⁴, chefiado pelo ex-capitão do BOPE Adriano Magalhães. Próximo a completar um ano do assassinato, a operação Lume, ação conjunta entre a Polícia Civil e o Ministério Público do Rio de Janeiro, prendeu dois acusados: Ronnie Lessa (policial militar reformado) apontado como o autor dos disparos e Élcio Vieira de Queiroz (ex-policial militar) como o motorista do carro usado no crime.

Lessa, que é PM reformado, mora no condomínio Vivendas da Barra, o mesmo no qual o presidente Jair Bolsonaro tem casa e também onde mora seu filho Carlos. Já Queiroz foi expulso da corporação. Os dois foram denunciados por homicídio qualificado de Anderson e Marielle, e pela tentativa de homicídio de Fernanda Chaves, assessora da vereadora que também estava no carro e sobreviveu aos disparos.⁵

Em outubro de 2019, o Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, ex-deputado estadual Domingos Brazão foi indiciado, pela PGR, como mandante do crime e preso em março de 2024, ao lado de seu irmão, Chiquinho Brazão, Deputado Federal.

A investigação sobre o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes teve ainda outro desdobramento, resumido da cobertura do jornal O Globo: as matérias do sobre milícias no ano de 2019 tornam-se constantes, demonstrando a persistência do fenômeno. Embora as milícias tenham sofrido perdas ao longo dos anos, como prisões de alguns importantes líderes, as organizações encontraram caminhos para seguirem sua expansão. Exemplificam isso notícias como a do dia 12 de abril de 2019, quando dois prédios desabaram na favela da Muzema, vizinha ao Rio das Pedras, na zona oeste carioca, causando a morte de 24 pessoas, após um temporal três dias antes que atingiu a cidade.

⁴ Grupo de assassinos de aluguel ligado a homicídios entre os donos de caça-níqueis e outros contraventores.

⁵ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/marielle-franco-tudo-sobre-morte-vereadora/>. Acesso em: 19 set. 2025.

IMAGEM 1: Comunidade da Muzema



Os investigadores da Polícia Civil do Rio de Janeiro investigam o envolvimento de milicianos na construção irregular dos prédios que desabaram. Na Associação de Moradores da Muzema, foram encontrados alguns documentos de venda de imóveis na favela, umas das práticas desses grupos para aumentar suas atividades e formas de obtenção de lucros. Três suspeitos de grupos milicianos estão sendo procurados por ligação com as construções irregulares e as assinaturas dos mesmos em documentos encontrados na associação de moradores.

No dia 08 de maio de 2019, a manchete “Prefeitura vai demolir prédio que está inclinado na Muzema - Edifício de cinco andares, que fica na região onde desabamento matou 24 pessoas no mês passado, teria sido construído por integrantes de milícia”⁷ apresenta a quantidade final de mortos no desabamento e reforça o envolvimento de milicianos na venda de imóveis na Muzema, conforme citado na matéria do dia 12 de abril. As construções irregulares nas áreas de milícia são fomentadas pelos grupos que lucram com a venda de terrenos, casas, etc.

Ressaltamos que esses episódios demonstram uma atuação da milícia que contrariavam as percepções correntes alguns anos antes sobre as diretrizes desses grupos, que enfatizavam a necessidade, por vezes, de punir os criminosos que atuavam em seus territórios e não seguiam suas regras. Essas notícias mostram ainda a dimensão do poder da milícia, e sua letalidade, tanto contra representantes do estado democrático

⁶ Foto do jornal o Globo de 22 de abril de 2019.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/22/prefeitura-vai-demolir-os-dois-predios-que- ficam-ao-lado-de-construcoes-que-desabaram-na-muzema.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2025.

quanto da população que vive nas favelas controladas por esses grupos. Possivelmente, o fato de alguns crimes terem transposto as fronteiras das favelas, como o assassinato de Marielle e Anderson, além de não terem sido realizados contra seus moradores, contribuiu para entender as razões de terem alcançado ampla repercussão nacional e internacional.

Quando a história passou a ser vista como uma ciência, algumas considerações foram feitas sendo uma delas a necessidade de um afastamento temporal entre historiador e tema. Dessa forma, os temas da atualidade, ficaram a cargo de análises de jornalistas ou de pesquisadores de outras áreas das Ciências Humanas como sociólogos e cientistas políticos, dentre outros. Na discussão historiográfica do pré-projeto de pesquisa submetido ao processo seletivo para o doutorado precisei alterar um das seções de “discussão historiográfica” para “discussão bibliográfica”, por não encontrar trabalhos de historiadores sobre o tema das milícias.

No entanto, acredito na contribuição do olhar do historiador para analisar períodos também do Tempo Presente. Existe uma preocupação na forma que os historiadores farão a pesquisa com os testemunhos diretos, mas o afastamento de sua fonte não está relacionado à temporalidade e sim a metodologia da pesquisa. Na última década do século XX, a história passou por transformações na forma de sua pesquisa “ganhou novo impulso a história cultural, ocorreu um renascimento do estudo do político e incorporou-se o estudo do contemporâneo.”⁸

O historiador, ao escolher o tema deve estar ciente dos desafios de seu trabalho. Ao iniciar as pesquisas sobre as milícias do século XXI que atuam no Rio de Janeiro, nos deparamos com problemas metodológicos, pois trabalhar com História do Tempo Presente, tão próximo ainda hoje na vida dos cidadãos e na mídia, exige antes de tudo refletir sobre a forma de fazer História.

A história não é imparcial. Se pensarmos melhor, quando escolhemos um tema, contemporâneo ou não, temos algum tipo de envolvimento com o objeto pesquisado. Algo que motivou o historiador a seguir nessa linha. É preciso cuidado na forma de

⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94,nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000. P.7.
Disponível em: https://www.academia.edu/40711328/Hist%C3%B3ria_do_tempo_presente_desafios. Acesso em: 19 set. 2025.

trabalhar as fontes e demais leituras para a pesquisa, mas afirmar a necessidade de não ter envolvimento seria uma temeridade. Conforme Helena Muller:

“O presente torna-se passado não por sua cronologia ou pelo seu distanciamento do presente por nós vivido, mas pela construção que o historiador faz de seu objeto de estudo, da maneira pela qual vai olhar/ler/sentir as fontes e pela crítica que faz ao presente ao fazer a história do passado.”⁹

Torna-se urgente que o historiador deve ocupar-se com assuntos contemporâneos para evitar “uma história sem historiadores”:¹⁰

“E ainda que Jacques Le Goff tenha apontado a conquista da história contemporânea pela nova história como uma tarefa urgente, pouco foi feito nesse sentido. O contemporâneo podia ser matéria das ciências sociais em geral, mas não da história. Com isso, a história do século XX, tornou-se uma história sem historiadores.”¹¹

E ainda para reflexão podemos analisar:

“O paradoxo é que a História, não como disciplina científica, mas como ‘olhar’ sobre o mundo, nasceu com os gregos Tucídides e Heródoto, a partir de análises, a priori, da História Contemporânea deles e da História da guerra. Isso me Fascina! O primeiro objeto da História foi uma guerra em um tempo presente, a Guerra do Peloponeso.”¹²

Sendo assim, analisaremos e compararemos nossas fontes principais sobre as narrativas construídas sobre as milícias: a novela *Duas Caras* e o filme *Tropa de Elite 2*, tendo como base o trabalho de Marc Bloch¹³ que ressalta a importância de interrogar um documento e dele extrair as semelhanças e diferenças além de explicá-las. Desta forma,

⁹ MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: Algumas Reflexões. In. História do tempo presente/ Gilson Porto Junior (org.). Bauru, São Paulo: Edusc, 2007. p. 29.

¹⁰ Idem

¹¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000. P.6

¹² ROUSSO, Henry. Sobre a História do Tempo Presente. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201– 216, jan./jun. 2009. P. 205

¹³ BLOCH, M. História e Historiadores. Lisboa: Teorema, 1998.

poderemos comparar qual o conteúdo que pretende ser produzido pelas duas obras citadas em relação a visão da atuação dos grupos milicianos. Verificaremos o contexto em que os discursos estão inseridos e identificaremos os pontos de convergência e divergência dos argumentos utilizados.

Apesar da CPI das Milícias da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, instaurada em 2008, ter significado um avanço no combate desses grupos gerando a tipificação do crime e a prisão de diversos líderes e envolvidos, no dia a dia a estrutura das milícias foi mantida como podemos analisar pelas notícias apresentadas citados anteriormente. Ignácio Cano, em seu trabalho, *No Sapatinho: a evolução das milícias no Rio de Janeiro (2006-2011)*¹⁴, ressalta a permanência das práticas das milícias apesar de alguns avanços, através da análise do Disque – Denúncia direcionado a atender crimes praticados por esses grupos.

Tudo isso demonstra a necessidade da participação de historiadores nas discussões sobre temas contemporâneos, na História do Tempo Presente. Desde que passou a ser vista como um problema na segurança pública, a milícia se reinventa e continua atuando, até a defesa da tese em 2025, sendo um problema da atualidade com raízes históricas na organização da sociedade brasileira de um modo geral e na carioca em particular.

II - Refletindo sobre os conceitos

A utilização do termo milícia para nomear grupos armados demonstra uma luta pelo seu significado, tentando por vezes minimizar as ações violentas. Os grupos existentes no início dos anos 2000 têm sido chamados de milícia porque:

A palavra *militia* tem raízes latinas que significam ‘soldado’ (miles) e ‘estado, condição ou atividade’ (itia) e que, juntas, sugerem o serviço militar. Mas milícia é comumente usada para designar uma força militar composta de cidadãos ou civis que pegam em armas para garantir sua defesa, o cumprimento da lei e o serviço paramilitar em situações de

¹⁴ CANO, Ignácio. DUARTE, Thais. *No Sapatinho: A evolução das milícias no Rio de Janeiro (2008 - 2011)*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

emergência, sem que os integrantes recebam salário ou cumpram função especificada em normas institucionais.¹⁵

A ideia de milícia exposta não condiz com a realidade vivida nas favelas¹⁶ e bairros pobres em que atuam já que a “proteção” esta associada a diversas formas de remuneração direta ou indireta. Dependendo da área onde agem os milicianos cobram diretamente aos moradores e comerciantes por seus “serviços”, ou oferecem a proteção e o lucro é obtido através da dominação e controle de outras atividades comerciais e de serviços.

A utilização do termo milícia possivelmente pode ter como objetivo desvincular a imagem negativa da "polícia mineira" ou grupos de extermínio tendo em vista a “intenção de re-legitimar um velho cenário”.¹⁷

“Milícia aparece como uma palavra de perfil mais neutro ou, inclusive, levemente positivo. Com efeito, o dicionário Aurélio define o termo como ‘Tropas auxiliares de segunda linha’. Em outras línguas a palavra é usada para designar os componentes do exército que não são militares profissionais, isto é, combatentes do povo. Essa linha semântica encaixa perfeitamente na tentativa de apresentar a milícia como um grupo de pessoas que se une para se defender contra uma ameaça externa, no caso o tráfico.”¹⁸

Conforme Paul Ricoeur, o conceito ou a palavra “são configurações pré-narrativas da ação”¹⁹; sendo, por si só, uma micronarrativa. Chamar esses grupos de milícia pode trazer uma defesa que a própria sociedade organiza e recebe apoio para auxiliar em pontos necessários. Outro ponto a ser ressaltado é a milícia ser tratada como um sinônimo à “Polícia Mineira”, mesmo entre pesquisadores:

¹⁵ ZALUAR, Alba e CONCEIÇÃO, Isabel Siqueira. **Favelas sob o controle das milícias no Rio de Janeiro**. Revista São Paulo em Perspectiva, v. 21, n. 2, p. 89-101, jul./dez. 2007. P. 90

¹⁶ Escolhemos utilizar o termo favela por estar vinculado “à reivindicação histórica por reconhecimento e identidade de movimentos populares” atendido inclusive, desde 2024 pelo IBGE. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/01/23/ibge-favela.ghtml>. Acesso em 19 set. 2025.

¹⁷ CANO, Ignácio. **Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro**, In: Segurança, Tráfico e Milícia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. P. 59

¹⁸ CANO, Ignácio. **Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro**, In: Segurança, Tráfico e Milícia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. P. 59

¹⁹ BARROS, José D’Assunção. **Tempo e Narrativa** em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. In. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 9 Ano IX n 1, Rio de Janeiro, 2012. P.7

“No Rio de Janeiro, o termo ‘milícia’ vem sendo utilizado desde a denúncia de grupos de policiais que estavam dominando 42 favelas da cidade, feita pela reportagem do jornal O Globo em março de 2005. O termo, que acabou fixado na opinião pública, refere-se, de fato, à “Mineira” ou à “Polícia Mineira”.²⁰

A Polícia Mineira tinha uma atuação mais restrita que a milícia, pois agia diretamente no extermínio de criminosos e “segurança” para comerciantes e população de bairros pobres e favelas. De acordo com o Relatório, as milícias estão envolvidas em uma série de outras atividades como a venda de botijões de gás, o controle sobre o transporte alternativo e participação de seus integrantes no Poder Legislativo. Ao tratarmos os grupos atuais como polícia mineira estaríamos simplificando suas ações.

O trabalho de Rogério Dutra dos Santos faz referência ao surgimento do conceito de milícia e suas diversas interpretações ao longo dos anos.²¹ Em sua abordagem o termo polícia mineira e milícia são utilizados como referentes a um mesmo fenômeno. Sua análise continua abordando a atuação das milícias na região da favela de Rio das Pedras e sua consequente legitimação através da garantia de “segurança” a população local e a noção restrita de cidadania desses indivíduos.

A pesquisa de José Cláudio Souza Alves relata as ações de extermínio do próprio Estado através de sua política de segurança justificada pelas campanhas na mídia que colocam de um lado o bem, ou seja, a polícia, e de outro o mal, os traficantes.²² Cita o Relatório da Secretária Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, que através da análise de médicos legistas percebem o caráter de extermínio no número de perfurações a bala e os locais que atingem, por serem partes vitais. Sendo assim, não há um interesse em fazer presos e sim de exterminá-los.

Maria Sarah da Silva Telles, em sua tese de doutorado sobre a favela de Rio das Pedras, dedica parte de um capítulo para abordar a Associação de Moradores e Amigos do Rio das Pedras (AMARP) e o controle social que exerce sobre os moradores.²³ A

²⁰ SANTOS, Rogério Dutra dos. **As “milícias” do Rio de Janeiro (ou a busca de legitimidade da polícia mineira)**. 2007. Disponível: <<http://www.cedes.iuperj.br>> Acesso em: 15 de janeiro de 2009. p.5

²¹ SANTOS, Rogério Dutra dos. **As “milícias” do Rio de Janeiro (ou a busca de legitimidade da polícia mineira)**. 2007. Disponível: <<http://www.cedes.iuperj.br>> Acesso em: 15 de janeiro de 2009. p.5

²² ALVES, José Cláudio Souza. **Política do “mata mas faz” impera na Baixada Fluminense**. 12 de setembro de 2006. p.1 Disponível: <<http://www.direitos.org.br>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2009.

²³ TELLES, Maria Sarah da Silva. **Viver na favela: Experiência e Representações de Moradores de uma favela carioca**. Dissertação de Doutorado em Sociologia IUPERJ. Rio de Janeiro: 2008.

pesquisa está baseada em entrevistas sobre a opinião de moradores sobre a utilização da violência ou a possibilidade de usá-la no combate ao tráfico de drogas. Alguns moradores eram favoráveis a atuação desse grupo, outros não. Cita a presença de policiais ou ex-policiais atuando na região e o aumento da atuação desse grupo que além da “segurança” oferece outros serviços ao local (TV a cabo, transporte alternativo. Habitação, entre outros). A autora aponta relações entre o Estado e as milícias que atuam nessa favela, embora, no entanto, não utilize o conceito de poder paralelo ou poder transversal nos serve de base para analisar a relação estatal com esses grupos.

Já o trabalho organizado por Marcelo Burgos na favela de Rio das Pedras apresenta diversos artigos que abordam sua origem, o crescimento, a visão dos moradores sobre a favela, entre outros.²⁴ O autor ressalta o reconhecimento de muitos moradores que consideram a localidade um oásis, pois não existe a presença do tráfico de drogas. Ele faz referência a utilização da violência por parte da AMARP, mas não aprofunda sua análise sobre o tema.

Bittner²⁵ e Marcos Rolim²⁶ defendem em seus trabalhos a importância do policiamento comunitário²⁷ para uma melhora na relação entre os policiais e os moradores das áreas onde atuam. Embora não citem a milícia não podemos confundir policiamento comunitário com grupo armado que legitima suas ações alegando proteção aos moradores, mas se beneficia de uma série de atividades ilegais para existir.

O livro *a República das Milícias*²⁸, do jornalista Bruno Paes Manso, traz uma análise do contexto de violência do Brasil, a partir dos anos de 1960, desde o Esquadrão da Morte até as Milícias, citando relações com jogo do bicho e político ao longo dos anos, sua capilaridade em instituições públicas. A pesquisa traz informações sobre a trama do assassinato da Vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco e seu motorista

²⁴ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

²⁵ BITTNER, Egon. **Aspectos do trabalho policial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

²⁶ ROLIM, Marcos. **A Síndrome da Rainha Vermelha. Policiamento e Segurança Pública no Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

²⁷ Modelo de policiamento em que o agente público é responsável por uma pequena área onde cultiva canais de comunicação com o público em geral, buscando mecanismos de manutenção da paz.

²⁸ MANSO, Bruno Paes. **A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro**, São Paulo: Todavia, 2020.

Anderson Gomes. Propõe um conceito de poder terceirizado para a atuação das milícias que será debatido no Capítulo 4.

Outro livro sobre o tema é *Meu Casaco de General: 500 dias no front da Segurança Pública do Rio de Janeiro*²⁹, que narra a experiência do autor, o professor universitário Luiz Eduardo Soares, antropólogo e cientista político, sobre sua atuação como Subsecretário de Segurança Pública e Coordenador de Segurança, Justiça, Defesa Civil e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro, no período de 1999 até 2000, durante o governo de Anthony Garotinho. O livro relata sobre os criminosos, atuações da polícia e decisões do governo diante do desafiador tema da segurança pública.

As duas últimas obras auxiliam a entender o funcionamento das milícias e suas relações de poder com o Estado e com outros grupos criminosos e contraventores, além de esclarecer o contexto de violência urbana que gera insegurança e insatisfação na população que, por vezes, procura outras soluções para os confrontos entre facção e com a polícia. A definição mais ampla do conceito, e que será a utilizada na pesquisa, reflete as ações do grupo que atua em favelas e bairros pobres do Rio de Janeiro. Seria um somatório dos seguintes pontos:

- “1. O controle do território e da população que nele habita por parte de um grupo armado irregular;
2. O caráter em alguma medida coativo desse controle dos moradores do território;
3. O ânimo de lucro individual como motivação principal dos integrantes desses grupos;
4. Um discurso de legitimação referido á proteção dos habitantes e instauração de uma ordem que, como toda ordem, garante certos direitos e exclui outros, mas permite gerar regras e expectativas de normatização de conduta;
5. A participação ativa e reconhecida de agentes do estado como integrantes dos grupos.”³⁰

Essa definição reflete melhor a atuação desses grupos como poderemos comprovar analisando o Relatório Final da CPI das Milícias, por apontar os pontos cruciais e comuns aos milicianos. Cano também foi ouvido durante a CPI assim como

²⁹ SOARES, Luiz Eduardo. *Meu casaco de General: 500 dias no front*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

³⁰ CANO, Ignácio. **Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro**, In: *Segurança, Tráfico e Milícia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2008. P. 60

outros pesquisadores com o objetivo de esclarecer a ação desses grupos e a busca por uma melhor definição do conceito.

Utilizaremos ainda o entendimento da conclusão do Relatório Final da CPI das Milícias que aponta a milícia como “representantes do Estado formal utilizando de maneira ilegal os instrumentos do próprio Estado para extorquir, intimidar e subjugar milhares de cidadãos de comunidades populares.”³¹ A definição política tem relevância por também tipificar a milícia como crime, que só acontece após a CPI das Milícias, em meados de 2008.

A bibliografia acima oferece dados para entender a visão das demais ciências sobre a atuação das milícias. Cabe a História, a partir dela, acrescentar sua visão, ampliar e incentivar as pesquisas sobre o tema.

III- As narrativas sobre as milícias no Rio de Janeiro

As milícias já estavam presentes no dia a dia de muitos moradores de favelas e áreas periféricas do Rio de Janeiro, antes de receberem destaque nos jornais, pois policiais, agentes penitenciários, entre outros tomaram para si a suposta “proteção” dessas localidades. Dessa forma, as milícias agiam por conta própria, mas em nome da defesa dos moradores frente aos bandidos e justificam suas ações com máximas de orientação como ‘fazer justiça que não é feita’ ou ‘fazer a lei fora de seus formalismos’ e procuram agir a partir da “ausência do Estado ou a ação discriminatória de suas agências de prevenção e repressão ao crime, criam condições para o surgimento de milícias privadas em comunidades pobres.”³² Reforça a ideia de impunidade e pouca preocupação do poder público, expressas nas narrativas do Jornal O Globo, em relação as ações desses grupos diante das declarações do então prefeito, César Maia, em 2006, afirmando que não havia motivos para preocupação, afinal esses grupos eram uma “auto-defesa comunitária”.³³

³¹ DOCUMENTO “Conclusões e Propostas”. Relatório Final da CPI das Milícias. Rio de Janeiro, 2008. P.258

³² RATTON JUNIOR, José Luiz de Amorim. **Violência e crime no Brasil contemporâneo: homicídios e políticas de segurança pública nas décadas de 80 e 90**. Brasília: Cidade Gráfica e Editora, 1996. p. 103.

³³ BOTTARI, Elenice e RAMALHO, Sérgio. **Policiais apoiam milícias na guerra por espaço do tráfico**. Jornal O Globo, 10 de dezembro de 2006

As milícias expandiram sua atuação e passaram a controlar outros setores que não apenas a “segurança local”. Exemplo disso é o “transporte alternativo”, eufemismo para transportes não oficiais, com vans e kombis, inicialmente tolerados pelas autoridades diante da precariedade das concessões públicas como ônibus, trens e metro, A cooperativa de vans de Santa Cruz denunciou, ao Ministério Público, o controle exercido pelos milicianos, mas nenhuma providência foi tomada para resolver o problema. O Relatório da CPI indicou que a renda obtida pelo grupo, com esta atividade, era alta:

O lucro obtido pelas milícias, seja através da cobrança de ágio, seja através da exploração direta via cooperativas comandadas por elas, é alto. De acordo com declaração do vice-presidente do Sintral, Guilherme Biserra, ao jornal O Globo, edição do dia 27 de agosto de 2008, os motoristas de vans pagam, em média, R\$ 50,00 de pedágio/dia. Levando em conta o número de vans irregulares que circulam e das vans legalizadas que são vítimas de extorsão, o valor arrecadado anualmente pode chegar a R\$ 145 milhões.³⁴

Os milicianos seguiram uma lógica de legitimação iniciada com os matadores da Baixada Fluminense que “lavavam sua cidadania pelo voto”³⁵ lançando-se candidatos a cargos do Executivo e Legislativo na região, como o caso do Homem da Capa Preta, Tenório Cavalcanti – que atuou na Baixada Fluminense como exterminador das décadas de 1950 e 1960 também sendo eleito, nesse mesmo período, como Deputado Estadual e Deputado Federal³⁶. Membros ligados as milícias tem buscado espaço na política por meio dos votos alcançados nos locais em que atuam garantindo a “segurança” da população. No início, agiam como cabos eleitorais, passando em seguida a lançarem suas próprias candidaturas. Além da legitimação as milícias apresentam mais um braço de sua atuação incluindo cargos políticos que podem assim defender seus interesses. A presença e importância nas eleições também é destacada na novela que utilizaremos como fonte, incluindo a candidatura de Juvenal Antena, o líder comunitário da fictícia “comunidade da Portelinha”.

³⁴ DOCUMENTO “As finanças”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 116

³⁵ ALVES, José Cláudio Souza. **Dos Barões ao extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias: APPH – Clio, 2003.

³⁶ Sobre Tenório Cavalcanti, ver: BELOCH, Israel. *Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada*. Rio de Janeiro: Record, 1986; CAVALCANTI, Sandra Tenório. *Tenório, meu pai*. São Paulo: Global, 1986.

A questão eleitoral abordada na novela encontra aproximação com a candidatura de Josinaldo Francisco da Cruz, o Nadinho de Rio das Pedras, que foi presidente da Associação de Moradores, vereador eleito em 2000 pelo Partido Social Democrático (PSD). Ele foi acusado do assassinato de inspetor Félix, também integrante da milícia do Rio das Pedras com quem disputava o controle local. Nadinho foi assassinado em 2009, na porta do prédio onde morava na Barra da Tijuca, após ter recebido duas ameaças de morte por ter denunciado outros integrantes de milícias na CPI de 2008. Os votos, nestas áreas, são conquistados através de pressões, favores ou coações. De acordo com o Relatório da CPI das Milícias, foi possível observar a existência de currais eleitorais em áreas de atuação das milícias elegendo inclusive integrantes desses grupos.

TABELA 1: Concentração de votos por local no candidato Nadinho³⁷

CONCENTRAÇÃO DE VOTOS POR LOCAL NADINHO DE RIO DAS PEDRAS – 2004		
CONCENTRAÇÃO	LOCAL	BAIRRO
69,03%	Escola Municipal Rio Das Pedras	Rio Das Pedras
65,13%	Ciep Lindolpho Collor	Rio Das Pedras
64,51%	Escola Municipal Jorge Amado	Rio Das Pedras
63,84%	Ciep Governador Roberto Da Silveira	Rio Das Pedras
60,12%	Ciac Euclides Da Cunha	Rio Das Pedras
14,38%	Colégio MV1	Jacarepaguá

³⁷ DOCUMENTO “Desempenho Eleitoral” **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 94.

Frequentemente, de acordo com o TRE, a obtenção de votos em um único candidato por zona eleitoral é de 10%, mas nas áreas em que acusados de participarem de milícias foram eleitos essa porcentagem é muito superior como no caso de Nadinho, que concentrou mais de 60% dos votos nas cinco zonas eleitorais do Rio das Pedras.³⁸ Sendo assim, as milícias atuam no “transporte alternativo”, na venda de botijões de gás, entre outros ramos, inclusive indicando e elegendo candidatos a cargos políticos, como o caso de Nadinho, citado anteriormente. Nesse sentido, o pesquisador Rogério dos Santos salienta que:

“Para além da questão de anomia e ausência de um Estado liberto da influência de interesses escusos no atendimento às comunidades, há na formação dessas quadrilhas uma outra característica marcante: a sua ascensão como grupos politicamente organizados.... um de seus objetivos passa a ser alcançar reconhecimento público ou força política. Para isso, utilizam-se da eleição para cargos públicos ou angariam simpatias de representantes políticos. Desta forma, procuram escapar do procedimento de responsabilização criminal a que estariam submetidos com maior facilidade se permanecessem como grupos isolados.”³⁹

Segundo dados publicados no jornal O Globo, as áreas ocupadas por milícias passaram de 42 para 72 favelas em um ano, de 2005 para 2006,⁴⁰ ou seja, já havia sido feita uma denúncia da ocupação desses grupos e, no entanto, não foram encontradas medidas do governo direcionadas para conter esse tipo de crime. O fato não passou despercebido em reportagem de Sergio Ramalho, em 29 de janeiro de 2006, publicada em O Globo:

“Ainda que não houvesse uma política de encorajamento dessas ações, sua existência e crescimento apontam um sinal de fraqueza na capacidade do Estado manter a paz e a ordem. Em termos práticos, fica difícil imaginar que grupos grandes e visíveis possam consistentemente fazer justiça com as próprias mãos por longo tempo a não ser que alguém com autoridade acredite que tal comportamento seja útil para os interesses que defende”.⁴¹

³⁸ DOCUMENTO “Desempenho Eleitoral”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 94

³⁹ SANTOS, Rogério Dutra dos. **As “milícias” do Rio de Janeiro (ou a busca de legitimidade da polícia mineira)**. 2007.p. 5 Disponível: <<http://www.cedes.iuperj.br>> Acesso em: 15/01/2009

⁴⁰ RAMALHO, Sérgio. **Milícias armadas tomaram 72 favelas do tráfico no Rio**. Jornal O Globo, 29 de janeiro de 2006.

⁴¹ MENDEZ, Juan C. **O Não-Estado de Direito na América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.35

IV. As principais narrativas analisadas

A pesquisa analisará o conteúdo produzido nas *narrativas* sobre as milícias do Rio de Janeiro,⁴² a partir da problematização da novela *Duas Caras*, exibida no horário nobre da Rede Globo e do filme *Tropa de Elite 2 - o inimigo agora é outro*, dirigido por José Padilha - entre os anos de 2007 e 2010. Buscaremos compreender as mudanças das narrativas sobre o tema tendo em vista que a novela apresenta uma face com características benéficas desses grupos e o filme apresenta outra, relatando as ações de violência e corrupção praticadas nas atividades diárias dos milicianos. São duas faces da mesma moeda, com abordagens e questionamentos opostos. Problematizaremos o contexto em que as produções foram realizadas e assim explicaremos seu antagonismo sobre o mesmo tema abordado em um curto período de tempo entre as duas produções.

O uso dessas duas fontes considerou seu grau de importância no período pesquisado, com base no alcance de suas exibições, ou seja, a relevância da produção da TV aberta e do cinema brasileiro. As abordagens nas duas obras sobre as milícias diferem substancialmente, levando nossa pesquisa a problematizar as formas como as milícias foram apresentadas e o contexto histórico daqueles anos.

A partir da pesquisa, pensaremos as narrativas sobre as milícias, “discorrendo sobre significados e analisando situações”⁴³ tanto na novela quanto no filme. Dessa forma, pontuaremos os “eventos narrativos” percebidos nas fontes e elaboraremos conexões entre os mesmos, tornando-os assim compreensíveis, em conformidade com Paul Ricoeur, para quem:

“o evento não corresponde necessariamente ao “tempo curto”, ao acontecimento pontual da chamada “história factual” ou da pequena narrativa cotidiana que é contada para um ouvinte. O “evento” é na verdade tudo aquilo que produz algum tipo de mudança no interior de uma narrativa: pode assinalar o início de um processo, demarcar o seu fim, produzir uma mudança

⁴² Aproximam-se, aqui, as discussões sobre “narrativa” e “dimensões subjetivas da política”. Cf. RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994; KUSCHNIR, Karina & CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.13, n.24, pp.227-250, 1999.

⁴³ BARROS, José D’Assunção. Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. In. **Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 9 Ano IX n 1, Rio de Janeiro, 2012. p. 5

de curso, agregar mais movimento a um processo em andamento, estancar este processo, ou acrescentar ao relato um novo elemento informativo”.⁴⁴

Assim, na abordagem das fontes, mostraremos as escolhas dos eventos não-ficcionais que foram representados na novela *Duas Caras*, assim como no filme *Tropa de Elite 2*. Dessa forma, as narrativas estudadas encontram a sua trama (construção da identidade da milícia) em diversos episódios (atitudes narradas de forma positiva e negativa sobre as milícias) que se entrecruzam e se relacionam ao enredo mais amplo (contexto histórico), construindo dessa forma uma “totalidade significativa”, nos termos de Ricoeur.⁴⁵

Considerando as diferentes formas narrativas, dos capítulos da novela e ao longo do filme, estabeleceremos ligações necessárias para tornar mais claro a totalidade e um “concordante entre os discordantes”⁴⁶, unindo o que está disperso nas fontes, contextualizando e criando uma narrativa histórica compreensível do Tempo Presente. Não se trata apenas de uma análise das narrativas político-sociais e sim, uma discussão sobre seus significados. Assim como na novela e no filme foi escolhido o que seria enfatizado, a nossa construção narrativa (narrativa histórica) busca criar um sentido de totalidade e verossimilhança. A construção dessa narrativa não é uma “imitação do real”⁴⁷ e sim uma reflexão sobre o que foi apresentado nas fontes, mediada pelo historiador.

O marco cronológico da pesquisa tem início no período de exibição da novela em 2007 até o ano de lançamento do filme, em 2010, por entender que os fatos compreendidos nesse período influenciaram a construção das narrativas expressadas nas fontes. A novela *Duas Caras* foi apresentada no horário nobre da emissora Rede Globo, escrita por Aguinaldo Silva e dirigida por Wolf Maia. O período de sua exibição foi de 01 de outubro de 2007 até 31 de maio de 2008, tendo 210 capítulos. O elenco enfrentou dificuldades para ser concluído tendo em vista que alguns artistas por conta de compromissos profissionais.

⁴⁴ BARROS, José D’Assunção. Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. In. **Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 9 Ano IX n 1, Rio de Janeiro, 2012, p. 8.

⁴⁵ Cf. RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

⁴⁶ Id, 1994, p. 15

⁴⁷ Ibid

Na divulgação da novela no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, o público pode alterar seu rosto através de uma foto e imprimir sua nova versão com direito a porta retrato. A TV Globo lançou a novela em um ambiente digital 3D com a possibilidade das pessoas tornarem-se avatares e visitarem os cenários sendo os mais visitados a mansão do vilão Marconi Ferrazzo e a favela fictícia da Portelinha.

A abertura da novela, foi uma criação da equipe de Hans Doner, que contou com 1500 maquetes criadas pelo artista plástico Sérgio Cezar que reproduziu as ruas da fictícia favela Portelinha com “dois luxuosos prédios *high tech*, criados em computação gráfica.”⁴⁸ Foi um marco na emissora por ser a primeira abertura em alta definição. A trilha sonora será analisada junto com as cenas e com a abertura da novela ao longo da pesquisa.

A trama principal de acordo com as informações encontradas na página oficial da Internet destaca a história de Adalberto que vendido pelo pai quando criança aprende uma série de trapagens com Hermógenes seu comprador. Após uma passagem de anos, Adalberto trai seu mestre e segue aplicando novos golpes sozinho. Ao presenciar um acidente de carro que resulta na morte de um casal, o personagem recolhe os dólares e documentos do veículo além da foto da filha do casal e segue para uma cidade do interior para entregar os pertences. Adalberto se casa com a filha do casal, Maria Paula, rouba seus bens e foge deixando a jovem grávida. O vilão realiza inúmeras plásticas em seu rosto e muda de nome para deixar para trás totalmente seu passado. A partir desse momento decidi investir sua riqueza em um empreendimento falido na Barra da Tijuca, e torna-se importante empresário no ramo da construção civil.

No entanto, a empresa falida havia trazido inúmeros trabalhadores do Nordeste para atuarem como mão de obra, mas devido as dificuldades da empresa os mesmos organizaram uma manifestação que contou com a adesão do chefe da segurança do empreendimento, Juvenal Antena. Esse núcleo da novela é que nos desperta interesse, pois relatará informações sobre o local onde esses manifestantes habitam, a favela chamada Portelinha, assim como as regras de convivência impostas por Juvenal que se auto intitulará de protetor do local e de seus moradores.

⁴⁸ Memória Globo. *Dois Caras*.

Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/duas-caras.htm>. Acesso em: 19 set. 2025.

Outra passagem de tempo e Juvenal passa a ser o líder comunitário da favela

“que, além das casas dos moradores, conta com estabelecimentos comerciais, um terreiro, uma igreja, uma associação de moradores, uma rádio e uma boate. Apenas violência e drogas não são permitidas na comunidade, que Juvenal Antena comanda com autoridade e segundo seus próprios valores. Para manter a ordem na Portelinha, ele tem um grupo de ajudantes, chamados de “os sete anões”. Todos os dias, atende moradores ansiosos, que enfrentam uma longa fila para ouvir seus conselhos, pedir ajuda e resolver os mais diversos problemas. Juvenal vira um líder admirado, acima do bem e do mal, transformando-se no grande provedor da favela.”⁴⁹

O único desafio foi um confronto com “Lobato (Paulo César Pereio), chefe de uma quadrilha de traficantes, que cobiçava o lugar de Juvenal na favela. Mas Lobato morre no embate com Juvenal e seus homens”⁵⁰. A trama segue apresentando o dia a dia da Portelinha e o controle de Juvenal sobre o local e os atritos com o seu afilhado que não concorda com algumas medidas do líder comunitário.

As cenas referentes a favela são filmadas na cidade cenográfica, no PROJAC, tendo como inspiração a favela de Rio Das Pedras, conforme citado no Memorial Globo tomadas áreas que antecedem as cenas verídicas da favela de Rio das Pedras. A partir dessas narrativas poderemos comparar os capítulos com a favela do Rio das Pedras, provável fonte de inspiração para esse núcleo da novela assim como o *modus operandi* das milícias, conforme estudamos na pesquisa do Mestrado.

Nossa segunda fonte principal para compreender as narrativas construídas sobre as milícias, o filme *Tropa de Elite 2 - o inimigo agora é outro*, apresenta uma mudança na forma pela qual as milícias são apresentadas. O filme, de cento e quinze minutos, é uma sequência do premiado *Tropa de Elite*, também dirigido por José Padilha, ganhador do Urso de Ouro no Festival de Berlim em 2008. No site do Globo Filmes, a sinopse bem resumida conta a história do protagonista, Capitão Nascimento, que após dez anos do primeiro filme passou a Comandante do Bope e atual Sub Secretário de Inteligência do Rio de Janeiro. Dessa forma,

“Em suas novas funções, Nascimento faz o BOPE crescer e coloca o tráfico de drogas de joelhos, mas não percebe que ao fazê-lo, está ajudando aos seus

⁴⁹ Memória Globo. *Dois Caras*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/duas-caras.htm>. Acesso em: 19 set. 2025.

⁵⁰ Idem

verdadeiros inimigos: policiais e políticos corruptos, com interesses eleitoreiros. Agora, os inimigos de Nascimento, são bem mais perigosos.”⁵¹

No trailer é apresentado o crescimento do Bope transformado em uma “máquina de guerra” com blindado e helicóptero, aumento do efetivo e combate ao tráfico de drogas. Novos personagens são incluídos na trama como o Deputado Fraga que será analisado mais adequadamente, mas com grandes referências ao deputado Marcelo Freixo (PSOL/RJ) e presidente da CPI das Milícias, em 2008. O deputado Fortunato também passa a integrar a trama e defende a ação das milícias, assim como os repórteres que participam de uma reportagem investigativa contra as milícias. O objetivo é apresentar as relações entre os personagens do filme e o contexto da época, assim como a narrativa proposta sobre as milícias e suas ações. O filme bateu o recorde do cinema nacional atingindo a marca de quase 11 milhões em dois meses de exibição nas principais salas de cinema.⁵²

Ambas as narrativas construídas e apresentadas no período de 2007 á 2010 representam duas visões antagônicas de um mesmo problema: a atuação das milícias do Rio de Janeiro, em produções de grande alcance de público. Embora utilizemos a análise das trilhas sonoras, imagens e bordões nosso principal foco é analisar o conteúdo produzido nas duas fontes.

V - A mudança nas narrativas

A mudança de uma linha narrativa para outra teve como divisor de águas as repercussões da reportagem sobre a tortura de jornalistas do periódico O Dia, divulgada em 1º de junho de 2008, no dia seguinte à exibição do último capítulo da novela, que foi ao ar no sábado dia 31 de maio de 2008.⁵³ A reportagem tratava de eventos ocorridos em 14 de maio de 2008, quando a novela que exaltava a dedicação de Juvenal Antena por sua favela estava em seus últimos quinze dias de exibição. Era noite no Batan, favela controlada por milicianos, localizada no bairro de Realengo, na zona oeste do Rio

⁵¹ Memória Globo. *Tropa de Elite 2*. Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/filme/tropadeelite2/>. Acesso em: 19 set. 2025.

⁵² G1. *Tropa de Elite 2 bate recorde de público da história do cinema nacional*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/tropa-de-elite-2-bate-recorde-de-publico-da-historia-do-cinema-nacional.html>. Acesso em: 19 set. 2025.

⁵³ Editorial O Globo. **Milicianos torturam repórteres de “o Dia”**. Jornal O Globo, 01 de junho de 2008. P. 1 e 31

de Janeiro. Um fotógrafo e o motorista do jornal O Dia estavam disfarçados e residindo na localidade para fazer uma matéria sobre os grupos que detinham o poder na região. Os rapazes foram encontrar moradores em um bar sendo surpreendidos por mais de dez homens com os rostos cobertos. Forçados a buscarem a outra integrante do grupo, uma repórter do mesmo jornal, passaram por sete horas de torturas e ameaças de morte. Seus e-mails foram checados e a tortura redobrada com a descoberta das informações levantadas na favela, inclusive fotos que mostravam policiais conversando com milicianos da região. O “veredito” final garantiu à liberdade dos mesmos, soltos na Avenida Brasil. A percepção no cativeiro garantia a participação de membros da Polícia Militar, de acordo com as roupas utilizadas e os dados já levantados nos dias em que passaram na região. Dessa forma o grupo preferiu não fazer as denúncias em uma delegacia.

Esse caso também inspirou uma cena do filme *Tropa de Elite 2*, com adaptações, o que reforça o grau de importância desse evento para a forma como as milícias passam a ser apresentadas para a sociedade pelos meios de comunicação e nas produções audiovisuais voltadas ao entretenimento. No filme, as cenas inspiradas na tortura real dos jornalistas, mostram a busca por relacionar a questão das eleições em uma favela com um candidato miliciano e o governador do Rio de Janeiro que tentava sua reeleição. No filme, os jornalistas são descobertos, torturados e mortos com métodos que não deixam vestígios dos corpos, como no caso verídico de execução do jornalista Tim Lopes⁵⁴.

A partir daí, não seria mais possível a produção de uma novela como *Duas Caras*, que legitimava e vangloriava as ações do personagem Juvenal Antena, que “cuidava” da Portelinha, comunidade fictícia inspirada na favela Rio das Pedras, com um grupo de ajudantes de acordo com o seu senso de justiça. Mais do que isso: a repercussão da reportagem contribuiu para a instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito das Milícias - CPI das Milícias - da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

⁵⁴ O jornalista Tim Lopes foi assassinado em 2002, durante uma apuração de denúncia de consumo de drogas e exploração de menores em bailes funk na Vila Cruzeiro.

Conforme pesquisamos no Jornal O Globo em nossa Dissertação de Mestrado, algumas visões públicas sobre as milícias até meados de 2008 demonstram a pouca preocupação do poder público, em relação à atuação desses grupos, contexto que influenciou a produção da novela. Conforme declaração do então prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, ao jornal O Globo em 2006: “- Essas milícias são mais percebidas pela população e pelo próprio poder público como muito melhores do que o tráfico de drogas.”⁵⁵

No ano de 2007, o deputado estadual Marcelo Freixo, propôs a instauração de uma CPI para investigar as milícias, com a assinatura de 27 deputados estaduais, mas foi rejeitado pelos demais deputados, com o argumento de que outras propostas eram mais urgentes. De acordo com o Regimento Interno da ALERJ, Artigo 30 parágrafo 7: “Não se criará comissão parlamentar de inquérito enquanto estiverem funcionando pelo menos sete na Assembleia, salvo mediante projeto de resolução”⁵⁶.

As sete CPIs consideradas de maior impacto público em 2007, motivo pelo qual não foi instaurada a CPI das Milícias, abordavam os seguintes temas: irregularidades nos medidores de consumo da Light; causas das enchentes; desenvolvimento harmônico de polos petroquímicos; venda da Varig; crimes ambientais; ocupação de terras e lavagem de dinheiro; causas das mortes de policiais. Em 2008, ano de eleições, foram instauradas a CPI das Milícias e a CPI sobre os acidentes em transportes aquaviários.⁵⁷

A função e objetivo das Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI), de acordo com a ALERJ são:

As Comissões Parlamentares de Inquérito são comissões temporárias de caráter investigativo, criadas legalmente e que têm a finalidade de apurar determinados fatos de interesse público, de competência privativa da Assembleia e de caráter político, processual, legislativo ou administrativo, sem a sanção do Governador do Estado. O quórum para aprovação é por maioria simples.⁵⁸

⁵⁵ SCHIMIDT, Selma. **Milícias de policiais chega a Zona Norte**. Jornal O Globo, 22 de setembro de 2006.

⁵⁶ Sobre o Regimento Interno da ALERJ. Disponível em www.alerj.rj.gov.br

⁵⁷ ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (ALERJ). *Sobre Comissões Parlamentares de Inquérito*. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/comissoes3>. Acesso em: 19 set. 2025.

⁵⁸ ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (ALERJ). *Sobre Comissões Parlamentares de Inquérito*. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/comissoes3>. Acesso em: 19 set. 2025.

Assim, até 2007, as milícias não eram percebidas como prioridade pelo Poder Legislativo. Outros setores da sociedade e seus representantes pressionavam a escolha por outros temas. Ainda em 2007, o deputado Paulo Ramos (PDT/RJ), pronunciou-se sobre as milícias em uma sessão ordinária da ALERJ, após participar de um debate de segurança pública em uma favela no Rio de Janeiro. Apesar de o problema ser apresentado por moradores, o deputado concluiu que a questão existe devido a ausência do Estado, não só na segurança, mas também na educação e saúde das classes menos favorecidas. Na busca de proteção essas classes contratavam os milicianos assim como as classes médias e altas, contratam empresas de segurança. O deputado ainda cita a novela *Duas Caras* e sua abordagem eufemista:

novela das oito na nossa principal rede de televisão, quando enalteceu a comunidade de Rio das Pedras, onde agora o inspetor da Polícia Civil, o Félix foi assassinado. Ali houve propaganda: Rio das Pedras não tem tráfico, Rio das Pedras assumiu sua própria segurança. O baile funk do Castelo das Pedras é frequentado pelas moçoilas da Zona Sul. A novela, de grande repercussão, colocou uma jovem desajustada na sua família, encontrando refúgio para seus extravasamentos, onde? No Castelo das Pedras. É claro que com a propaganda, com a divulgação, outras comunidades entenderam que mereciam também ter igual segurança.⁵⁹

A proposta de criação da CPI só foi aceita após a notícia da tortura dos repórteres do jornal “O Dia” que repercutiu internacionalmente. A Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) condenou a agressão e lembrou o caso de Tim Lopes, jornalista da TV Globo assassinado no dia 2 de junho de 2002 em condições semelhantes. O presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação da SIP, Gonzalo Marroquín, disse que a entidade “condena este brutal atentado, pelo qual se pretende intimidar a todos os jornalistas brasileiros para que não continuem investigando ou denunciando o crime organizado⁶⁰” e acrescentou a única forma de preservar a liberdade de imprensa e o trabalho jornalístico “é que as autoridades reajam com todo o peso da lei e que punam os responsáveis⁶¹” pelo ato criminoso, que, segundo ele, “esteve a ponto de enlutar novamente a imprensa brasileira”⁶². Sendo assim, a

⁵⁹ Pronunciamento de Paulo Ramos (PDT/RJ). Sessão ordinária da ALERJ. **Diário Oficial**, Ano XXXIII, nº 40, Parte II, p. 4. 27 de fevereiro de 2007.

⁶⁰ www.extra.globo.com/noticias/rio/tortura-equipe-de-dia-tem-repercussao-internacional-520199.html

⁶¹ Idem,

⁶² Idem.

instauração da CPI das milícias foi “uma resposta imediata”⁶³ a ação contra os jornalistas.

A tese está dividida em quatro capítulos além da conclusão. No capítulo 1 será apresentado um histórico sobre a violência urbana do Rio de Janeiro, o início dos grupos de extermínio até a formação das milícias destacando a favela de Rio das Pedras e sua história por ser o local escolhido para ser representado, tanto na novela, onde é chamada de Portelinha, quanto no filme, no qual recebe o nome de Rio das Rochas. Busca-se destacar a importância do desenrolar desses fatos para a atuação e crescimento das milícias.

No Capítulo 2 é analisada a produção da novela, enquanto obra do audiovisual difundida por um meio de comunicação de massas, a televisão, inserida no contexto histórico, apresentando a representação das milícias através da atuação de Juvenal Antena na favela da Portelinha. Foram analisadas também a trilha sonora utilizada nos núcleos pesquisados e imagens que retratam a favela do Rio das Pedras que serviu de inspiração para a trama. Os capítulos da novela foram lançados em uma planilha com os principais temas abordados com relevância para a pesquisa e deles foram extraídos as frases e jargões do líder da Portelinha e de outras personagens sobre o assunto. A metodologia utilizada nessas análises também é apresentada no capítulo.

O capítulo 3 apresenta a análise sobre o filme, Tropa de Elite 2 – o inimigo agora outro, como a milícia é representada em uma produção pós CPI das Milícias e todas as denúncias contra esses grupos. É apresentada a metodologia utilizada para a pesquisa da fonte além de considerar a diferença entre as duas produções, tendo em vista que a novela é mais longa e conta com a influência do público sobre os rumos da trama, processo que não ocorre com o filme que é consumido em menos de duas horas.

O capítulo 4 compara os contextos e as narrativas presentes nas duas fontes, considerando também os bordões, assim como as imagens e trilha sonora. A análise pretende mostrar que as narrativas não são apenas a base da pesquisa, mas

⁶³ DOCUMENTO “Conhecimento do Fato”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p.4.

representações de um período histórico, ressaltando o que se mantém e o que se altera ao longo dos capítulos da novela assim como na comparação com o filme, apresentando como as narrativas foram construídas. Apresentaremos as disputas entre as duas narrativas para propor conceito sobre o poder da milícia no período estudado, numa perspectiva histórica.

CAPÍTULO 1 – DESENVOLVIMENTO DO CENÁRIO DE VIOLÊNCIA

Nesse capítulo, faremos uma breve apresentação do aumento da violência a partir dos anos de 1980 na cidade do Rio de Janeiro e sua relação com políticas públicas e desenvolvimento urbano e social de forma não planejada. Analisaremos o crescimento das milícias nesse contexto e as reações governamentais que afetaram sua ampliação ou retração. Para tanto, analisaremos também o caso específico das milícias na favela de Rio das Pedras, por ser o local da primeira milícia carioca, um dos grupos mais fortes da capital. Apresentar a favela de Rio das Pedras e seu histórico também nos auxilia a entender o local que foi escolhido como um dos principais cenários da novela *Duas Caras* que retratava suas histórias na Portelinha e no filme *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro*, na favela chamada de Rio das Rochas. Imagens, tomadas aéreas e referências a espaços da região são retratados nessas obras.

1.1 O Contexto: Crescimento da violência

O retorno à democracia em 1985, vinte e um anos depois de uma ditadura militar, gerou esperança de dias melhores no Estado de Direito e que as figuras contra os direitos humanos estariam com seus dias contados e não teriam ouvintes que retroalimentassem a ideia de renunciar aos direitos assegurados pela democracia.⁶⁴ No entanto, a década de 1980 é um marco no aumento da violência carioca, já que a folha de coca produzida em áreas com grandes altitudes chegou ao país no final dos anos 70 pela Bolívia e Paraguai e seguiram rota pelo Rio de Janeiro e São Paulo para o mercado internacional.

Os traficantes internacionais aproveitaram as rotas para abastecer o mercado varejista de drogas dessas capitais.⁶⁵ De fato, houve um crescimento do crime contra pessoa, inclusive os relacionados à busca de recursos para manter o consumo de drogas, as disputas territoriais entre facções e as ações policiais. Os meios de comunicação

⁶⁴ MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020, p.40.

⁶⁵ Id, p.104.

contribuíram para o clima de temor existente em nossa sociedade a partir do momento que “exageram e criam visões preconceituosas sobre uma parcela da população”.⁶⁶

Os locais de venda de drogas localizam-se, na maioria dos casos, dentro das favelas devido à ausência de investimentos do Estado em infraestrutura, o difícil acesso causado pelos labirintos de becos e reduzida atuação da polícia com um planejamento diário. As forças de segurança só entram nas favelas contra o morador e nunca a seu favor dando espaço para outros grupos exercerem a função de tomar conta, com suas regras baseadas na violência contra seus desafetos.⁶⁷ Desta forma, a população local sofre com a violência praticada pelos próprios traficantes, pela ação da polícia em suas operações, disputas territoriais entre facções ou com milícias, além de seus moradores serem considerados criminosos.

No entanto, essa visão muito difundida é uma percepção de narrativa que não se apoia em fontes seguras, tendo em vista que os dados sobre violência confiáveis datam a partir da década de 1980 e 1990 com a criação do Instituto de Segurança e registro de ONGs. Entendemos como um divisor na história da violência do Rio de Janeiro a criação do Comando Vermelho e do Terceiro Comando que remonta o final da década de 1970 e início dos anos 1980.

Com o crescimento da violência a sociedade exige do governo soluções para o combate à criminalidade. Existem duas correntes: uma que identifica as favelas como a fonte dos crimes e defendem uma atuação mais severa na repressão e até mesmo a pena de morte e, outra que associa o crime a desigualdade social e a necessidade de ações estatais para inclusão social.

A insegurança gerada pelos criminosos leva a sociedade a buscar medidas rápidas que demorariam a ser alcançadas através de programas para inclusão social e que respeitem os direitos de todos levando à aceitação de parte da população a atuação dos grupos de extermínio.⁶⁸ A violência policial e suas incursões sem mandado são naturalizadas e vistas de forma positiva, considerando que para combater o inimigo não

⁶⁶ ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (org). Um século de favela. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 213.

⁶⁷ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p.102

⁶⁸ DIMENSTEIN, Gilberto. Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.7

é necessário seguir as leis e os caminhos burocráticos utilizados em outros espaços além das favelas que aparecem como o foco do problema e seus moradores não têm garantidos seus direitos humanos. “A ideia de que os morros possuem um “outro Estado” contra o qual se está em guerra produz um efeito evidente, que é a restrição dos direitos de cidadania dos moradores de favela e o desrespeito aos direitos humanos.”⁶⁹

Conforme artigo de Daniel Hirata, há um “dissenso político cognitivo”⁷⁰ pois as partes que utilizam o termo guerra, sejam traficantes, policiais, populações civis, moradores de favelas ou não, não têm a mesma visão da guerra e nem da paz. Sendo assim, parte da população concorda com as ações de exceção para combater a guerra ao crime, renunciando às instituições e instaurando uma necropolítica⁷¹. Esse conceito foi criado por Achille Mbembe, filósofo, teórico político, historiador e intelectual camaronês que define:

“necropolítica é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Com base no biopoder e em suas tecnologias de controlar populações, o “deixar morrer” se torna aceitável. Mas não aceitável a todos os corpos. Mbembe afirma que **cabe ao Estado estabelecer o limite entre os direitos, a violência e a morte**. Mas, ao invés disso, os Estados utilizam seu **poder e discurso para criar zonas de morte**.”⁷²

A violência existente além de ser causada pelo próprio tráfico de drogas e seu desdobramento para garantir o consumo, ainda é ampliada com o combate repressivo e exterminador tanto de policiais em suas ações durante seu expediente assim como os grupos de justiceiros que atuam nas áreas mais vulneráveis de nosso estado.⁷³ A presença dessa insegurança amparada em números sobre o aumento da violência e das notícias nos jornais (fechamento de túneis, vias expressas, tiroteios com armas potentes, etc), permitiu um espaço para abrir mão do combate ao crime através das leis e concordar com uma lógica de extermínio em busca de “paz”, como ressalta, Bruno Paes Manso:

⁶⁹ DUARTE, Maurício da Silva. A cultura da guerra nos jornais cariocas. 2004. Disponível: <<http://www.compos.org.br>> Acesso em: 23/01/2009, p. 12.

⁷⁰ HIRATA, Daniel. GRILLO, Carolina C. Crime, Guerra e Paz: dissenso político-cognitivo em tempos de extermínio. Dossiê “Crimes”, Territórios e Sociabilidade. Cebrap: São Paulo, 2019. p 5.

⁷¹ Idem, p.4.

⁷² <https://www.politize.com.br/>

⁷³ SILVA FILHO, José Vicente da. Rio de Janeiro: o desafio da segurança pública. In: A Hora e a Vez do Rio de Janeiro e o Novo Governo – desenvolvimento, segurança e favelas. João Paulo dos Reis Velloso (coord.). José Olympio Editora. Biblioteca, IUPERJ, 2007, p. 97.

"Não se trata de uma questão trivial, uma vez que o crescimento das cidades civilizadas dependeu desse tabu que interditou os assassinatos que se tornou lei sagrada e fortaleceu freios morais internos que impediram os homens de matar seus iguais. Por que como é quando essa lei deixou de funcionar e nos tornamos o país com o maior número de homicídios no mundo mesmo em tempos de paz?"⁷⁴

O filme *Cidade de Deus* expõe essa realidade carioca nas telonas e ampliou ainda mais o clima de insegurança.⁷⁵ O longa de 2002, dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, com duas horas e quinze minutos de duração, conta a história de

"Dadinho (Douglas Silva) e Buscapé são grandes amigos, que cresceram juntos imersos em um universo de muita violência. Na Cidade de Deus, favela carioca conhecida por ser um dos locais mais violentos do Rio de Janeiro, os caminhos das duas crianças divergem, quando um se esforça para se tornar um fotógrafo e o outro o chefe do tráfico. Buscapé (Alexandre Rodrigues) é um jovem pobre, negro e muito sensível, que vive amedrontado com a possibilidade de se tornar um bandido, e acaba sendo salvo de seu destino por causa de seu talento como fotógrafo, o qual permite que siga carreira na profissão. É através de seu olhar atrás da câmera que Buscapé analisa o dia a dia da favela onde vive, enquanto Dadinho, agora Zé Pequeno (Leandro Firmino), se torna o temido chefe do tráfico da região, continuando com o legado de violência que remonta a décadas anteriores - e parece ser infinita. Considerado um dos melhores filmes da história do cinema brasileiro."⁷⁶

O filme, baseado em fatos, é marcado por cenas de violência e disputas internas de grupos rivais para o controle da favela. Zé Pequeno apresenta atitudes, desde novo, de frieza e prazer em suas ações armadas e sangrentas, embora tenha consideração por um traficante, Bené, bem-visto por todos na favela.

⁷⁴ MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020, p. 17

⁷⁵ MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020, p. 38

⁷⁶ <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-45264/>

IMAGEM 2: Capa do filme “Cidade de Deus”



A trama de Cidade de Deus⁷⁷ baseada em fatos, mostra cenas de violência nas favelas cariocas com a presença do tráfico de drogas, desigualdade social e das ações policiais, além da vida dos moradores que tentam sobreviver nesse contexto. Essa abordagem reforça, segundo Manso, a insegurança carioca já apresentada em notícias dos jornais. A guerra entre bandos rivais na Cidade de Deus mesmo com a execução de inocentes não mobilizou a segurança pública já que não atingia os bairros ricos⁷⁸. Diante da sensação de insegurança e medo, algumas pessoas olham com olhos de empreendedor e lucram com a “guerra”⁷⁹ e propostas de “paz”⁸⁰ nesse contexto:

“Sempre houve, contudo, quem olhasse a crise na segurança de outra maneira – com olhos de empreendedor a identificar oportunidades para lucrar com o medo e a sensação de insegurança da população. Fortalecer os ganhos num mercado vigoroso vendendo sensação de proteção e ordem. Para complicar o quadro, tais empreendedores estavam dentro da própria polícia do Rio de Janeiro.”⁸¹

As milícias aparecem como um “tipo de tirania alternativa à das facções”⁸², mesmo violenta afastava a briga entre facções e ações policiais. Aproveitam a oportunidade da insegurança para justificar suas ações. As alternativas entre tráfico de drogas e milícia mostram a falta de confiança da parcela da população moradora de

⁷⁷ CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002.

⁷⁸ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p.105.

⁷⁹ HIRATA, Daniel. GRILLO, Carolina C. Crime, Guerra e Paz: dissenso político-cognitivo em tempos de extermínio. Dossiê “Crimes”, Territórios e Sociabilidade. Cebrap: São Paulo, 2019. p. 2.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p. 39.

⁸² Id.

favelas que não consideram a possibilidade de viver em um Estado de Direito, baseado em instituições democráticas.

Reforçando a ideia de guerra temos o armamento utilizado no Rio de Janeiro, tanto por policiais quanto por traficantes. De acordo com a CPI sobre armas de fogo grande parte das armas apreendidas tinham sido desviadas do poder público ou de militares ou de instituições ligadas à segurança pública⁸³. Quanto mais a polícia carioca atualiza suas armas e elas chegam por instituições públicas aos traficantes, mais necessidade de aumentar o poder bélico, criando um círculo vicioso, que embora pareça suicida azeita:

“a engrenagem da guerra que fortalecia a polícia. Por um lado, se as armas e munições de calibre pesado traumatizavam a população da cidade, por outro, ajudavam a transmitir à população a ideia de que os policiais e as forças de segurança eram imprescindíveis para combater o caos e a desordem no Rio. Os fuzis nos morros sempre ajudaram a dar veracidade dramática ao teatro da guerra cotidiana contra o crime, colaborando para consolidar o status de polícia como fiadora da vida carioca.”⁸⁴

O Estado alimenta a violência que combate seja pelo controle ineficiente dos armamentos ou por ações que não reduzem efetivamente o tráfico de drogas e a violência, reagem com a Rainha Vermelha que tem como objetivo correr e não sair do lugar.⁸⁵ As ações violentas por medo de criminosos, existe desde o início do século XX grupos armados particulares atuam em regiões mais humildes do Rio de Janeiro para seu controle.

O primeiro e mais conhecido líder de grupos de extermínio foi Tenório Cavalcanti, o “homem da capa preta”, atuando na Baixada Fluminense. Imigrante do Nordeste, começou a trabalhar como administrador de uma fazenda em Duque de Caxias. Logo ganhou fama de bom pistoleiro após diversas mortes e inimigos feridos. Suas ações eram justificadas como uma defesa da paz contra “assaltantes, estupradores, traficantes, maconheiros, etc. Tomar a justiça em suas próprias mãos tornar-se, portanto, um dever

⁸³ Ibid, p. 80.

⁸⁴ MANZO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p.80.

⁸⁵ ROLIM, Marcos. **A Síndrome da Rainha Vermelha. Policiamento e Segurança Pública no Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

moral de defesa da comunidade e não crime gratuito, estando, portanto, inserto numa economia moral que baliza a convivência...”⁸⁶

Ao longo das décadas de 40, 50 e 60 foi eleito para cargos de deputado estadual e federal. Formou-se em Direito e fundou o jornal “Luta Democrática” que utilizava narrativas de crimes bárbaros, com linguagem popular e preço módico. O controle estendia-se desde a segurança até a manipulação das eleições. Seu mandado foi cassado durante a ditadura militar (1964-1985), e em seu discurso defendeu as mortes que praticou como um benefício corajoso para a sociedade:

“Nos anais da Câmara dos Deputados ficou registrado na edição de maio/junho 1964, vol. 8, página 577 a transcrição do discurso do Dep.Tenório: “Estou envergonhado de que a revolução apure que eu matei só um. Matei mais, confesso. Matei, Srs. Deputados, porque fui obrigado a fazê-lo, como, em autodefesa, a sociedade é obrigada a matar o cão danado, a cobra venenosa. A sociedade não exige que o homem corra diante do agressor. Bendita a sociedade que tem alguém capaz de usar a coragem, a vida em defesa dela, em cujo meio vive.”⁸⁷

No final da década de 50 e início dos anos 60 com a crescente onda de migração e a falta de oportunidades aumentando as questões sociais e os assaltos, havia a atuação de grupos de esquadrão da morte e justiceiros no qual “a violência libertaria os habitantes da violência.”⁸⁸ A legitimação das ações desses grupos pelo bem da população, dos trabalhadores. Os esquadrões da morte eram formados por policiais que atuavam no extermínio de bandidos entendidos como “pequenos viciados, pivetes, traficantes, assaltantes”⁸⁹ e os matadores eram “lixeiros, remédio contra a febre empenhados em combater uma doença deletéria e fatal, contra a qual todas as armas são lícitas”⁹⁰

Os meios de comunicação eram favoráveis às notícias desses extermínios e divulgavam as execuções em uma campanha de que o crime não compensa publicando

⁸⁶ TELLES. Maria Sarah da Silva. **Viver na favela: Experiência e Representações de Moradores de uma favela carioca**. Dissertação de Doutorado em Sociologia IUPERJ. Rio de Janeiro: 2008.

⁸⁷ <https://www.institutoidl.org.br/post/tenorio-cavalcanti-o-homem-da-capa-preta>

⁸⁸ MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020, p.91.

⁸⁹ TELLES. Maria Sarah da Silva. **Viver na favela: Experiência e Representações de Moradores de uma favela carioca**. Dissertação de Doutorado em Sociologia IUPERJ. Rio de Janeiro: 2008, p.51

⁹⁰ MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020, p.91.

em 1968 uma carta manifesto dos esquadrões da morte justificando as suas ações⁹¹, pois eram utilizadas para manter a paz em determinadas áreas das cidades. Esses grupos marcar sua atuação nas cidades do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense. As instituições também incentivavam as ações de extermínio como no caso do final da década de 1950 quando o chefe de polícia do Distrito Federal, Amaury Krueel, oferecia gratificações aos policiais que em suas ações matassem criminosos, ou seja, ofereceu carta branca para o extermínio de criminosos.⁹²

Em 1964, o policial Milton Le Cocq, conhecido exterminador, foi morto pelo bandido Cara de Cavalo, jurado de morte pelos companheiros do policial. Promessa feita e cumprida. Seus colegas de trabalho criaram inclusive, em homenagem e reconhecimento as ações de Milton, a Escuderie Le Cocq, uma associação filantrópica de ajuda a família de policiais mortos que existe até os dias atuais. A execução do criminoso não foi cobrada dos policiais e tratada como um acerto de contas. A violência dos chamados criminosos justificava as ações de acerto de contas dos policiais.

Como podemos perceber, o Estado não garantia a segurança para todos os bairros de forma efetiva, gerando um espaço para o desenvolvimento dos grupos de extermínio. Os governantes sabiam da existência e até incentivavam os assassinatos dos criminosos e ao longo dos anos esses grupos expandiram suas funções além dos serviços de “segurança”.

Com o retorno à democracia, a partir de 1985, o Estado não podia demonstrar sua simpatia pelas atitudes de extermínio, mas a impunidade, o medo do tráfico de drogas e a falta de segurança pública, garantiram a sobrevivência de tais grupos que justificam sua atuação sendo uma “ação como necessária, em vista da insegurança nos bairros onde moram e atuam, identificando-se como promotores da proteção ansiada pela população e ignorada pelos governos.”⁹³

Seu combate nunca foi levado a cabo realmente, e pouco noticiava-se a seu respeito até o final da ditadura militar (1964-1985). Com o fim da censura os casos de

⁹¹ Idem, p. 94

⁹² ALVES, José Cláudio Souza. **Dos Barões ao extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias: APPH – Clio, 2003, p. 127.

⁹³ SOUSA, Josinaldo Aleixo de. Sociabilidades emergentes, implicações de dominação de Matadores na periferia e traficantes nas favelas. Dissertação de Doutorado em Sociologia e Antropologia IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro: 2001, p.50.

extermínio, principalmente na Baixada Fluminense chegam aos meios de comunicação e a população em geral, mas devido ao aumento da violência nas décadas de 1980 e 1990 essas ações são aceitas por grupos que temem uma maior organização dos criminosos.

Em 1995 Marcelo Alencar foi eleito e por decreto retomou a gratificação por mérito também conhecido como gratificação faroeste, prática de governos anteriores também ao longo das políticas públicas de segurança pública. A premiação variava entre 50% e 150% do salário nas incursões as favelas. O aumento das incursões foi tão grande que o decreto foi abandonado depois de 3 anos⁹⁴. O próprio Estado incentivava as ações policiais com violência e premiava essas atividades em uma instituição que agia em um período democrático.

Ao passar dos anos, os grupos de extermínio receberam outros nomes e modificaram suas atuações: justiceiros, polícia mineira e atualmente, as milícias, considerando suas particularidades. De qualquer forma os termos referem-se ao fenômeno de um grupo particular que utiliza violência para garantir a segurança para determinadas áreas, principalmente, as mais humildes por terem menor assistência do Estado.

No Estado democrático em que vivemos não é mais permitido que exista extermínio de pessoas por parte das forças repressivas públicas. No entanto, “sua responsabilidade está no fracasso em controlar as práticas arbitrárias de seus próprios agentes ou de lutar contra a impunidade”.⁹⁵ Os “justiceiros” são julgados por um júri especial formado por outros integrantes da polícia, facilitando assim a impunidade, o mesmo ocorrendo no caso das milícias.

As milícias são mais estruturadas e não são contratadas, elas atuam em um território e impõe a sua presença e legitimam suas cobranças de taxas em troca de garantir a segurança dos moradores. Ao longo do tempo, adaptaram-se e ampliaram sua atuação para outras áreas além da “segurança”, como cobrança de ágio sobre a venda de

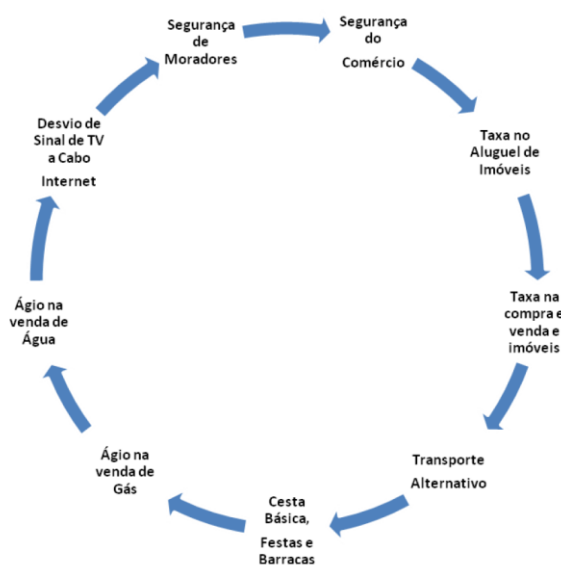
⁹⁴ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p.174

⁹⁵ MENDEZ, Juan C. O Não-Estado de Direito na América Latina. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.15

botijões de gás, taxas sobre transporte alternativo, oferecem o serviço de gatonet⁹⁶, lançam candidatos para cargos políticos, são mediadores na venda de imóveis, entre outros.

Atuam ainda na prática da grilagem eles ganham duas vezes já que vendem imóveis tomados, ou verticalizam as construções ou desmatam e ganham também com o aumento da população que pagar taxas e consumirá serviços e produtos das milícias.⁹⁷

IMAGEM 3: Formas de obtenção de lucros pelas milícias⁹⁸



Diferentemente dos traficantes os milicianos se vendem como “fiadores de mercadoria valiosíssimas: ordem, estabilidade e possibilidade de planejar o futuro, aliança política com o Estado e a polícia evitando as rotinas de guerra por não ter operação policial.”⁹⁹

⁹⁶ A Televisão a cabo – Net – chega até as favelas através de desvios da rede comum paga diretamente a empresa. Nestas localidades o fornecimento do sinal e a cobrança é organizado pelas milícias, em sua maioria.

⁹⁷ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p.53

⁹⁸ DOCUMENTO “As finanças”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p.125.

⁹⁹ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p.53.

Nos anos 2000, foco de nossa pesquisa, que tem como recorte cronológico o período de 2007 até 2010, há um crescimento das milícias, em relação a ocupação territorial ultrapassa o Comando Vermelho (CV) no triênio 2008/2010, e aumento populacional de mais cem por cento em relação ao triênio de 2006/2008.

Este ritmo de crescimento muito mais acelerado das milícias em termos territoriais, implicava em um declínio da importância relativa do Comando Vermelho frente à expansão das milícias. Entre o primeiro e o terceiro triênio analisados, o CV, que se caracterizava como o grupo com o maior controle de áreas dominadas (58,6%), caiu mais de quinze pontos percentuais, tornando-se o segundo grupo com maior área territorial sob seu controle. As milícias, por sua vez, tornaram-se o grupo com controle mais extenso, saindo de 23,7% para 44,1% de todas as áreas dominadas sob o seu controle. Os dados citados correspondem ao Grande Rio¹⁰⁰, conforme gráficos abaixo da pesquisa publicada no Mapa Histórico dos Grupos Armados do Rio de Janeiro.¹⁰¹

GRÁFICO 1: Área do Grande Rio sob controle armado

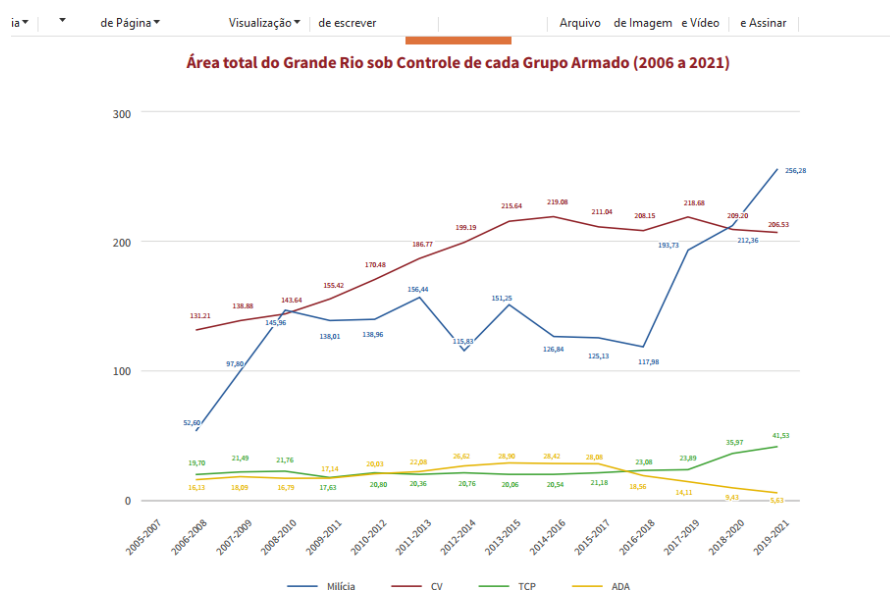
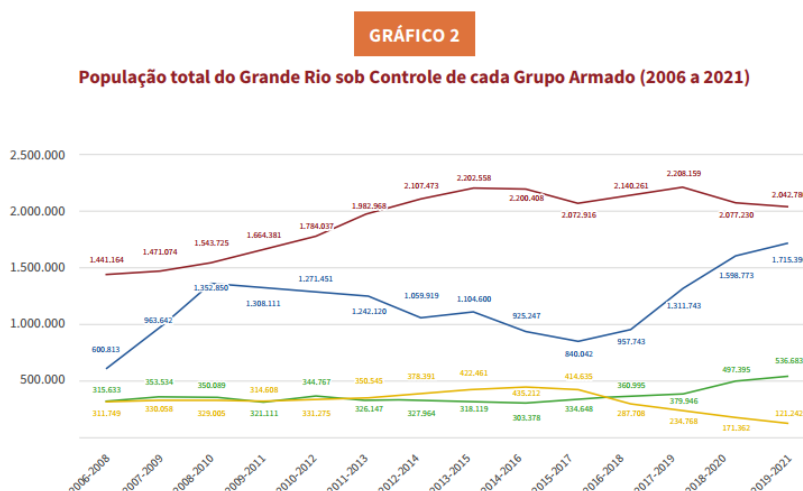


GRÁFICO 2: População total do Grande Rio sob controle de cada grupo armado

¹⁰⁰ Grande Rio abrange os municípios do Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, São João do Meriti, Seropédica, Mesquita e Tanguá.

¹⁰¹ Mapa Histórico dos Grupos Armados do Rio de Janeiro Páginas 8 e 9 do Relatório.



Observando os dados acima, não há uma redução dos territórios e nem da população onde atuam as facções de traficantes no Grande Rio no triênio de 2008/2010, o que reforça que a milícia não combatia o tráfico de drogas, como era utilizado para legitimar sua atuação.

O artigo de Ignácio Cano¹⁰², analisa dados do Disque-Denúncia e o argumento de expulsão do tráfico é deixado de lado, pois apuram que na maioria das áreas onde hoje atuam as milícias nunca chegou a haver um grupo de traficantes de drogas fixados e em outras áreas existe a permanência dos dois grupos. Ressalta também o medo da população em delatar a ação dos policiais nestes grupos e preferem a denúncia anônima.

Considerando somente a capital do Rio de Janeiro, os territórios dominados pela milícia ocorrem de forma rápida e vertiginosa, também sem queda dos demais grupos considerando o triênio de 2008/2010, assim como o domínio sobre a população o que possibilita uma articulação com os currais eleitorais controlados pela milícia, conforme gráficos abaixo¹⁰³

GRÁFICO 3: Área total da Capital sob Controle de cada grupo armado

¹⁰² CANO, Ignácio. **Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro**, In: Segurança, Tráfico e Milícia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

¹⁰³ Mapa Histórico dos Grupos Armados do Rio de Janeiro Página 20 e 21.

GRÁFICO 7

Área total da Capital sob Controle de cada Grupo Armado (2006 a 2021)

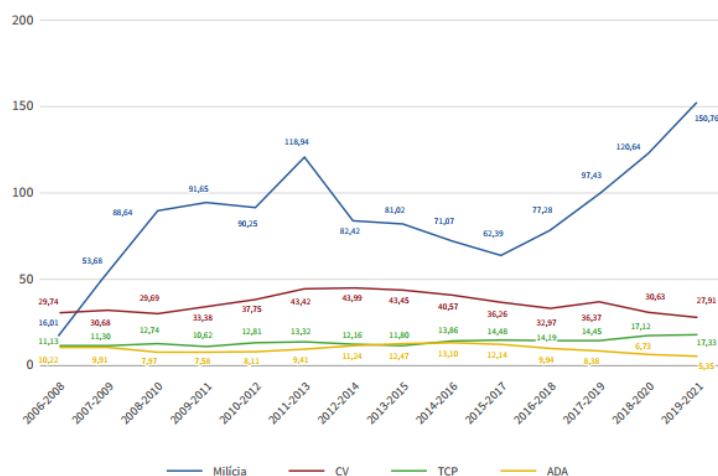
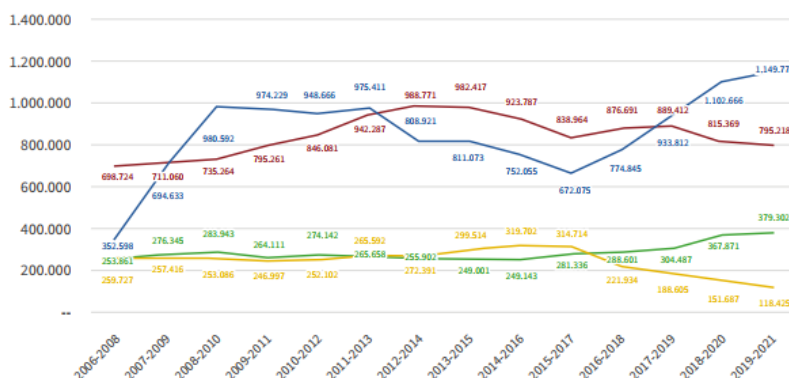


GRÁFICO 4: População total da Capital sob Controle de cada Grupo Armado

GRÁFICO 8

População total da Capital sob Controle de cada Grupo Armado (2006 a 2021)



Na capital podemos destacar o crescimento das milícias em termos de território muito superior a ocupação das facções ligadas ao tráfico de drogas e:

“concentra-se quase que exclusivamente na Zona Oeste da cidade, conhecido reduto deste grupo e “berço” dos mesmos em sua configuração atual. Ao longo da série histórica, em média 89,9% das áreas e 80,6% da população dominadas pela milícia estiveram situadas nesta região, com tendência de concentração ainda maior nos anos recentes.”¹⁰⁴

¹⁰⁴ Mapa Histórico de Grupos Armados página 23.

De acordo com outros dados a,

“Avaliação da Subsecretaria de Inteligência das comunidades possivelmente controladas pelas milícias mostra que **os milicianos se expandiram, preferencialmente, em áreas onde não havia tráfico de drogas**, ou seja, pequenas comunidades ou áreas da cidade que por sua condição geográfica e outros fatores não interessavam aos traficantes e não ofereciam resistência. Das 171 comunidades onde é registrada a presença de milícias, 119 comunidades não pertenciam a nenhuma facção criminosa, o que representa quase 70%. As que anteriormente seriam dominadas por facções criminosas totalizariam 52%¹⁰⁵.

Alba Zaluar faz uma comparação da atuação e crescimento das milícias nas favelas cariocas e o tráfico de drogas, utilizando jornais de grande circulação para a pesquisa. A autora faz diferenciação entre os grupos de extermínio e a ação das milícias.

O controle sobre o território, que passa a ser dominado militarmente, talvez seja a característica mais importante do fenômeno das milícias na cidade do Rio de Janeiro, visto que os grupos de extermínio, também compostos por policiais e que existiam principalmente na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, cobravam apenas de comerciantes locais e matavam por encomenda, sendo mais próximos dos pistoleiros sertanejos do que dos negociantes da segurança hoje encontrados na cidade. Além disso, o que é ainda mais grave, os milicianos vêm tentando ocupar espaços cada vez maiores nos poderes Legislativo e Executivo municipais e estaduais, construindo redes no interior do poder público, e até no Judiciário.¹⁰⁶

Rio das Pedras, favela que serviu de inspiração e principal cenário das milícias, tanto no filme pesquisado assim como na novela fica situada na Zona Oeste e seu controle populacional pode ser demonstrado por seu poder nas eleições, conforme citado na Introdução dessa tese, apresentando dados eleitorais que configuram formação de currais eleitorais como na candidatura do vereador Nadinho.

1.2 – O Cenário principal: expansão territorial da favela de Rio das Pedras

Depois desse panorama geral sobre a violência nos deteremos sobre a formação da favela de Rio das Pedras região marcada pela polícia mineira e, posteriormente pelas

¹⁰⁵ DOCUMENTO “Conceito e Histórico”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p.46.

¹⁰⁶ ZALUAR, Alba e CONCEIÇÃO, Isabel Siqueira. **Favelas sob o controle das milícias no Rio de Janeiro**. Revista São Paulo em Perspectiva, v. 21, n. 2, p. 89-101, jul./dez. 2007. P. 91

milícias O território está situado no município do Rio de Janeiro localizada entre os bairros de classe média (Jacarepaguá) e alta (Barra da Tijuca). A favela de Rio das Pedras, zona oeste do município do Rio de Janeiro, teve início com a construção, na década de 1960, de dez barracos as margens do rio que gerou o nome da localidade.

A região tinha poucas habitações em seu entorno, tendo amplas áreas para serem ocupadas. Em 1969 os moradores conseguiram, junto ao governador da Guanabara, Negrão de Lima, a desapropriação do terreno em que a favela começava. O pedido foi aceito com a condição de que a invasão não ultrapassasse os limites estabelecidos, o que não foi cumprido, seguindo sua expansão em direção a Estrada de Jacarepaguá, via que une os bairros do Itanhangá e Anil (sub bairro de Jacarepaguá).¹⁰⁷

Na década de 1970, o crescimento da Barra da Tijuca, bairro nobre, próximo à favela, fez com que a ocupação fosse ampliada, pois havia demanda de mão-de-obra de baixa remuneração como pedreiros, porteiros, garçons, domésticas, entre outros. Outro fator que contribuiu para essa expansão foi o bairro de Jacarepaguá que oferecia empregos em atividades comerciais e industriais.¹⁰⁸ Com o desenvolvimento do entorno, a favela passou a ter maior procura, principalmente de nordestinos, em busca de empregos na grande cidade.

A origem da maioria dos moradores é de famílias vindas do Nordeste buscando melhorias de vida principalmente um emprego que garantisse seu sustento e de sua família. Muitos foram convidados por parentes que já estavam na região devido à ampliação do mercado de trabalho e pela tranquilidade da favela onde ficariam estabelecidos.¹⁰⁹ A cultura nordestina marca as ruas do local com lojas de produtos nordestinos (Casas do Norte), granjas, comidas típicas entre outros. As noites contam com apresentação de grupos de forró e serestas, mantendo a cultura nordestina originária de seus moradores.

O aumento populacional nas favelas está ligado diretamente à falta de uma política habitacional adequada ao crescimento da cidade ao longo dos anos. Uma das

¹⁰⁷ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p. 36.

¹⁰⁸ KASAHARA, 2002, p.98,100,101

¹⁰⁹ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p.101.

difficultades para o exercício da cidadania no Rio de Janeiro é o acesso insuficiente a moradia mantendo aquecido o mercado imobiliário das favelas, sendo uma das fontes de renda para as milícias e causa da verticalização dessas habitações.¹¹⁰ Cumpre lembrar, que não há no Estado uma política habitacional para as populações mais empobrecidas, dificultando de limitar o que é uma expansão da milícia em busca de lucros ou os próprios moradores que recorrem a diversos recursos para expandir suas moradias a fim de atender a necessidade de familiares.

IMAGEM 4: Ocupação do Rio das Pedras (1975-2004)



111

A favela apresenta diferenciações em seu interior:

“pode ser dividida em duas partes principais: uma área norte mais consolidada e uma área sul com infraestrutura mais recente e, por consequência, mais precária. Mas para os moradores as principais divisões dentro de Rio das Pedras são as sub-comunidades conhecidas como Areal 1, Areal 2, Areinha, Casinhas, Pinheiro e Pantanal. As ruas principais são a Rua Nova, Rua Velha e Engenheiro. Existe um antigo conjunto de prédios da construtora Delfim que está abandonado desde a década de 1980, chegou até a ser invadido em 1991 pelos moradores, mas, foram removidos pela Polícia e Defesa Civil. O bairro recebeu as obras do programa Favela Bairro entre os anos de 1998 e 2002. Foram construídos em um terreno de 416.556m²

¹¹⁰ Id, p. 21.

¹¹¹ Rio das Pedras - Dicionário de Favelas Marielle Franco (wikifavelas.com.br).

completamente urbanizado, 32 edifícios de 4 pavimentos com 4 apartamentos por andar, juntamente com quadras esportivas e pequenas praças.”¹¹²

No final da década de 1970 tem início à atuação dos grupos de extermínio, conhecidos na região como polícia mineira. Um morador de origem nordestina foi humilhado por bandidos e traficantes da área e vingou-se dos criminosos através da violência. Com o respeito adquirido foi criado um grupo que protegia a favela de nova investida do tráfico de drogas, perseguia e expulsava os moradores que fossem consumidores de entorpecentes. Esses mesmos exterminadores fundaram a AMARP (Associação de Moradores de Rio das Pedras) em 1979, com o principal objetivo de lutar pela rede elétrica para a favela. A presença desse grupo na Associação durou até meados da década de 1990. Nos deteremos com mais detalhes a Associação no próximo tema.¹¹³

A primeira área de expansão foi ocupada em 1983 coordenada pela AMARP (Associação de Moradores e Amigos de Rio das Pedras), no local conhecido como Vila dos Caranguejos, que demarcou os lotes e organizou como seriam as ruas. Uma empreiteira da região, proprietária da área entrou em conflito, mas cedeu parte de suas terras. O Areal 1 foi ocupado a partir de 1989 em terreno doado pelo governo estadual a Associação que loteou e doou 3600 lotes. Já em 1990, os moradores entraram em conflito com a construtora Delfim, que construía um condomínio de classe média e não respeitou as delimitações de áreas doadas a favela. Em resposta, foi organizada uma invasão aos prédios durante 30 dias e resistiram a tentativa violenta de sua expulsão.

A Associação novamente negocia com o poder público e as áreas de Areinha, Areal 2 e Pinheiro com a promessa da construção de um conjunto habitacional que não foi à frente. A região de Areal 2 foi dividida pelos próprios moradores sendo menos estruturada que as áreas divididas de acordo com as medições da AMARP. Por fim, em 1998 uma nova área de ocupação mais precária ocorreu as margens da Lagoa da Tijuca. Devido a região ser movediça e constantemente invadida pela cheia da maré o local

¹¹² Idem.

¹¹³ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p.61.

ficou conhecido como “Pantanal”.¹¹⁴ Abaixo segue uma imagem de 2013 da favela e ao fundo o bairro nobre da Barra da Tijuca, separados apenas pela Lagoa da Tijuca.

IMAGEM 5: Rio das Pedras - Pantanal



115

Na área do Pantanal estão as construções mais insalubres, de madeira e que constantemente afundam e são reconstruídas. São pessoas que não conseguiram manter o valor do aluguel e tentam estabelecer uma moradia mesmo com a presença de ratos e cobras, mas por estarem dentro da favela recebem apoio da associação de moradores com doação de cestas básicas, acesso a luz e água mesmo que de maneira clandestina. Burgos atenta que o assistencialismo tem seus objetivos:

“Portanto, não é da generosidade do morador da favela que os miseráveis esperam a solidariedade, mas da engrenagem existente no microssistema da favela, que torna obrigatório para as lideranças socorrer as pontas mais frágeis daquele que pertencem ao território. Isso confere prestígio e legitimidade ao exercício da autoridade, criando laços de lealdade que podem ser mobilizados para os mais diversos fins.”¹¹⁶

Sendo assim, a região habitada na favela reflete uma estratificação socioespacial considerando a mudança para outra área como uma mobilidade social ascendente ou descendente, variando com áreas mais próximas a comércio, transporte e melhor estrutura urbana. As áreas intermediárias da favela dependem mais que as áreas centrais

¹¹⁴ Idem, p.40, 41 e 42.

¹¹⁵ <https://www.alamy.com/stock-photo-aerial-view-of-the-rio-das-pedras-favela-with-lagoa-da-tijuca-and-100421147.html>

¹¹⁶ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p. 50

da associação de moradores, pois devem a aquisição do lote a eles assim como a ponte com o poder público. A área central de comerciantes e proprietários de outros imóveis na favela, movimentam a economia gerando empregos para seus vizinhos que também consomem em seu comércio. Fazem doações a associação auxiliando as demais áreas principalmente, a região do Pantanal. O rápido crescimento de Rio das Pedras pode ser percebido por esta favela ser, em 1996, a quarta maior no município do Rio de Janeiro, atrás da Rocinha, Complexo do Alemão e Jacarezinho. De acordo com o censo de 2000, havia aproximadamente 40 mil moradores, sendo um grande número se considerarmos sua ocupação recente.¹¹⁷ Já o Censo do IBGE¹¹⁸ de 2022, Rio das Pedras, é a terceira maior favela do Brasil em número de domicílios: 27.573 com 55.653 habitantes, perdendo apenas para as favelas de Sol Nascente com 32.08, em Brasília e Rocinha, na Zona Sul carioca com 30.955 domicílios. Em termos de população, a favela é a segunda maior do Rio de Janeiro, com quase o dobro de moradores que a terceira colocada.¹¹⁹

TABELA 2: Favelas mais populosas do Rio

Favelas mais populosas do Rio

Favela	População
Rocinha	72.021
Rio das Pedras	55.653
Jacarezinho	29.766
Fazenda Coqueiro	18.499
Nova Cidade	16.580
Vila Vintém	14.140
Muzema	12.982
Nova Holanda	12.224
Vila Rica de Irajá	12.089

Fonte: Censo 2022

¹¹⁷ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p.33

¹¹⁸ <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/11/08/ veja-quais-sao-as-maiores-favelas-do-rio-pelo-censo-2022.ghtml>

¹¹⁹ Idem.

O aumento do número de moradias foi possível com a mediação da associação de moradores que administra o mercado ilegal imobiliário,

“Esta prática esgotou praticamente todo o espaço horizontal da favela, que na atualidade, cresce verticalmente a um ritmo impressionante. Esse crescimento vertical, informal e ilegal, surgiu da prática do “Direito de Laje”Trata-se de uma prática local, que consiste na venda do teto do edifício ou até mesmo do seu espaço aéreo ainda inexistente, delimitado pelas dimensões do imóvel. A partir desta prática já institucionalizada pela população e da predominância de contratos orais nos negócios, com os comerciantes, consumidores e especuladores imobiliários, de dentro e fora da favela, naturalmente surgem conflitos. Somam-se a essas fontes de conflito favelar, as fontes rotineiras de contendas, como as relações familiares, sucessórias, de vizinhança etc.”¹²⁰

O potencial econômico de Rio das Pedras: “É o segundo potencial de consumo entre as favelas brasileiras “movimentando 1 bilhão por ano.”¹²¹ As favelas com quantitativo elevado de moradores e comércio/serviços possibilita mais lucros para a atuação das milícias. Em Rio das Pedras, existia o baile funk do Castelo das Pedras, que atraía pessoas de diversas regiões, local onde circulava grande volume de dinheiro e até o uso é venda de drogas foi flexibilizado com os anos.

Além de poder e armas legitimavam seu poder dinamizando a economia local e arrecadando um bom montante, fazendo a lavagem de dinheiro na própria favela e conseguem isso por não ter operações policiais cotidianas como acontece em outras regiões.¹²² . O crescimento populacional é atribuído a dois fatores: a segurança do local, ou seja, sem traficantes de drogas e seus conflitos, seja com facções rivais ou com as operações policiais, e a proximidade a bairros que oferecem um mercado de trabalho para a demanda dos profissionais moradores de Rio das Pedras.¹²³

¹²⁰ O Núcleo de Mediação Extrajudicial de Rio das Pedras: a experiência da mediação comunitária como meio de administração de conflitos em uma favela carioca p. 3

¹²¹ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p.49

¹²² Idem, p.50

¹²³ O Núcleo de Mediação Extrajudicial de Rio das Pedras: a experiência da mediação comunitária como meio de administração de conflitos em uma favela carioca p. 3.

1.3 – Da polícia Mineira a Milícia em Rio das Pedras

O termo “polícia mineira” nos remete a pensar em um grupo de policiais que fazem justiça com as próprias mãos.

“Em 1967, a expressão esquadrão da morte é utilizada pela primeira vez para categorizar grupos de policiais que se deram a atribuição de perseguir e matar bandidos. Também chamados de polícia mineira, mineira, matadores, máscara negra, Zé Maria, mão branca ou rosa vermelha, a ocorrência desse tipo de grupos, não é nova.”¹²⁴

Esta definição embora utilizada no caso de Rio das Pedras não segue a definição acima tendo em vista que a polícia mineira nesta localidade não era formada por policiais e sim por moradores locais sem vínculo com a instituição de poder estatal. Sua formação ocorreu quando um morador da favela foi humilhado por traficantes de drogas no final da década de 1970 e a partir de então se uniu a outros moradores para praticarem a justiça com as próprias mãos, expulsando o grupo de bandidos da favela e mantendo afastado da região outros criminosos.¹²⁵

Cumprir lembrar que neste período o tráfico de drogas no Rio de Janeiro ainda estava ligado a presença de bocas de fumo, e principalmente, a venda de maconha. A expansão do tráfico ocorre na década de 1980 com o “poder propiciado pelos ganhos financeiros obtidos com a cocaína que conferiu ao narcotráfico uma importância sem precedente na vida econômica e política da comunidade.”¹²⁶

A justificativa utilizada por policiais e civis no combate aos criminosos levando ao seu extermínio são baseadas nas mesmas premissas.

“Limpeza de área constitui-se na ação precípua destas organizações. A preocupação com a segurança da área, sua defesa contra o ataque de

¹²⁴ SOUSA, Josinaldo Aleixo de. Sociabilidades emergentes, implicações de dominação de Matadores na periferia e traficantes nas favelas. Dissertação de Doutorado em Sociologia e Antropologia IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro: 2001, p.50.

¹²⁵ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p. 62.

¹²⁶ LEEDS, 2006, p.240.

bandidos, faz com que cidadãos e policiais formem grupos de extermínio que, dependendo do tipo de grupo e de sua atuação, tronam-se conceituados.”

127

Dessa forma, a polícia mineira de Rio das Pedras exercia um “controle sobre a população local mediante uma mistura de intimidação e proteção.”¹²⁸ Os moradores não tinham coragem de se contrapor a esse poder por medo de sofrer represálias ao mesmo tempo que se sentiam protegido tendo em vista a ausência do tráfico de drogas na favela. Por não perceberem uma ação estatal que lhes garantisse segurança acabaram aceitando ou até mesmo recorrendo à “justiça privada”.¹²⁹

Outra forma de atuação exercida pela polícia mineira era o apoio mútuo da AMARP (Associação de Moradores e Amigos de Rio das Pedras) fundada em 1979 com o objetivo de lutar por uma rede elétrica para a favela. Antes dessa data já havia associativismos para reivindicar direitos. Devido ao êxito neste pedido a associação foi se fortalecendo e reivindicando novas melhorias, tais como escoamento do esgoto pluvial além de organizar a divisão de lotes dentro da favela. Desde sua fundação até meados dos anos de 1990, o mesmo grupo atuou nesta instituição e se aproximava das ações da mineira.¹³⁰

Um dos líderes, Gilberto Lobato, lutava por melhorias aliado ao PC do B e na década de 1980, algumas das reivindicações era o saneamento básico e título de propriedade. Elaboraram um documento e apontavam os casos de morte por doenças como hepatite devido à falta de dragagem do canal. Era necessário pressionar o governo já que o pedido a Cedae não foi atendido enquanto outras áreas, de ocupação mais recente eram atendidas como a Barra da Tijuca,

os moradores demonstravam compreender que os problemas pelos quais passavam eram políticos, uma vez que as ações de saneamento básico e urbanização de sucessivos governos atendiam primeiramente as regiões onde

¹²⁷ SOUSA, Josinaldo Aleixo de. Sociabilidades emergentes, implicações de dominação de Matadores na periferia e traficantes nas favelas. Dissertação de Doutorado em Sociologia e Antropologia IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro: 2001, p.52.

¹²⁸ DIMENSTEIN, Gilberto. Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.73

¹²⁹ RATTON JUNIOR, José Luiz de Amorim. **Violência e crime no Brasil contemporâneo: homicídios e políticas de segurança pública nas décadas de 80 e 90**. Brasília: Cidade Gráfica e Editora, 1996. p. 101.

¹³⁰ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p. 60 e 62

havia um mercado imobiliário de alto poder aquisitivo. Enquanto lutavam pelo tão desejado saneamento e urbanização durante a década de 1980, moradores de favelas de Jacarepaguá conviviam diariamente com enchentes, valas negras, lama e epidemias de infecções atingindo as crianças e adultos.¹³¹

A associação seguia com a pressão sobre os governantes e obtinham sucesso em suas demandas, enquanto a polícia mineira atuava invadindo a casa de consumidores de drogas na favela e estipulando um pequeno prazo para que estes abandonassem o local.

“Hoje entendo melhor o que minha amiga de turma no colégio disse. Ela falou que não iria mais as aulas pois foi obrigada a abandonar a casa onde morava no Rio das Pedras com sua família e estava se mudando para a casa de parentes em um lugar distante. Na época não entendia direito o que estava acontecendo. Agora sei que estavam sendo expulsos.”¹³²

As casas invadidas eram posteriormente vendidas pelo grupo. Essas atitudes geravam a insatisfação da população local e alguns policiais moradores da favela resolveram interferir e prender as lideranças.¹³³ Estes mesmos policiais substituíram o grupo anterior e ampliaram sua atuação dentro da favela. Os policiais haviam também ajudado os moradores durante a enchente de 1996,

“que trouxe inúmeros prejuízos aos moradores de Rio das Pedras. Como disse um deles (policiais): ‘eu tomei conta dos desabrigados aqui no colégio e a associação não tinha nenhuma estrutura para tomar conta. Nós apanhávamos os velhinhos dentro das casas, tudo alagado, e saíamos de casa em casa pedindo comida para os outros.’”¹³⁴

Através da ajuda aos desabrigados da enchente e prendendo membros da polícia mineira esses policiais conseguem atuar como milícia no Rio das Pedras.

1.4 - Milícia: policiais na segurança de Rio das Pedras

A partir de 1996, o novo grupo passa a ocupar a AMARP e fundam nova sede, em 1998. A beleza da sede diferente da anterior é justificada pela associação alegando

¹³¹ Entrevista concedida por Adriana dos Santos, em 05/01/2009, em referência ao período em que estudava em uma escola pública em 1987, quando tinha 15 anos.

¹³² Idem

¹³³ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p. 62

¹³⁴ Idem, p.63

que quanto mais bonita mais pessoas saberiam que é um local sério e que busca melhorar a comunidade.¹³⁵

IMAGEM 6: Associação de Moradores do Rio das Pedras



Assim, a AMARP aumenta sua força, pois

“No imaginário dos moradores da favela, a associação de moradores teria, de algum modo, sucedido esse grupo no exercício da função de controle social, só que com critérios mais transparentes, que propiciam maior estabilidade nas expectativas e, portanto, maior sensação de segurança. Como ensina um morador, em Rio das Pedras, presentemente, ‘só quem faz besteira, some.’”¹³⁶

A partir desse período, a “segurança” oferecida por particulares aos moradores de Rio das Pedras, não é mais exercida por civis e sim por integrantes ou ex-integrantes ligados a polícia, bombeiros, agentes penitenciários, entre outros. Os serviços de “segurança” não eram cobrados no Rio das Pedras, graças às demais formas de obtenção de lucros nesta favela devido à circulação de dinheiro em diversas atividades. Esse grupo expande suas funções e passa a atuar no controle das vendas de botijões de gás, gatonet¹³⁷, circulação dos meios de transporte alternativo como vans e kombis e chegam a ocupar cargos políticos. Suas ações no combate aos criminosos parecem mais justa na

¹³⁵ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p.76.

¹³⁶ Idem, p.62.

¹³⁷ Televisão a cabo sem pagamento de taxa a empresa prestadora de serviço.

visão dos moradores, pois “eles dão chances, vão conversar com a família, chamam o infrator para conversar com um psicólogo/assistente social”.¹³⁸

Os moradores, apesar dos diversos problemas existentes em Rio das Pedras, como os alagamentos principalmente na área conhecida como Pantanal, consideram-se privilegiados por residirem em uma favela tranquila, ou seja, sem a presença de traficantes de drogas. Tudo indica que a segurança local fica a cargo de policiais que não seguem o regulamento jurídico, mas garantem a ausência do tráfico que legitima suas ações pela satisfação dos moradores, que consideram o local um oásis. Associam violência apenas a que ocorre nas favelas com a presença de traficantes de drogas que estão em constante conflito com grupos rivais ou policiais. Os milicianos justificam sua atuação pelos presídios que estão superlotados, pela lentidão do judiciário e por executarem a justiça¹³⁹.

Em troca da paz, já que não existem traficantes de drogas, os integrantes das milícias cobram pela segurança na favela e:

“exercem controle sobre a população local mediante uma mistura de intimidação e proteção. Quem quer que ofereça resistência ao controle que os esquadrões impõem sobre suas áreas correrá risco de vida. Eles se aproveitam da sensação de desproteção dos bairros mais pobres”¹⁴⁰

De acordo com os dados do Relatório da CPI das Milícias de 2008, o modus operandi das milícias em Rio das Pedras era exercido seguindo as seguintes fontes de renda e valores cobrados:

TABELA 3: Modus operandi e formas de lucros da milícia do Rio das Pedras¹⁴¹

“Jacarepaguá –
<i>Comunidade do Rio das Pedras</i>
– Grupo formado por: Políticos, civis, policiais militares e ex-policiais militares.

¹³⁸ TELLES. Maria Sarah da Silva. **Viver na favela: Experiência e Representações de Moradores de uma favela carioca**. Dissertação de Doutorado em Sociologia IUPERJ. Rio de Janeiro: 2008, p. 193.

¹³⁹ DIMENSTEIN, Gilberto. *Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.71

¹⁴⁰ Idem, p.73.

¹⁴¹ DOCUMENTO “Disque Milícia e outras denúncias recebidas” Relatório **Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 147.

- Tempo de Duração: 10 anos
- Número de milicianos: 37 (relacionados no Disque Milícia).
- Exploração irregular de serviços com cobrança de: Segurança de moradores entre R\$ 10,00 e R\$ 50,00; comércio R\$ 50,00 e R\$ 200,00; entregadores do Mercado Mult Market R\$ 20,00; barracas R\$ 30,00; gás R\$ 39,00; sinal de TV a Cabo R\$ 18,00 e Transporte alternativo de R\$ 270,00 a R\$ 325,00 por semana.
- Formas de Intimidação: Expulsão da residência e subtração de imóveis.
- Ex-Líder: Vereador Josinaldo Francisco da Cruz (“Nadinho”) - Candidato a Vereador pelo Município do Rio de Janeiro, Partido Político DEM – Democratas, número 25.100, não foi eleito, obteve 16.838.”

O termo “polícia mineira” não dava mais conta das atuações do novo grupo, tendo em vista que sua atuação não estava restrita a “segurança”. Adotamos então, o termo milícia para explicar o grupo que substituiu à mineira. No entanto, a busca por definir este conceito apresentou diferentes abordagens. O conceito muitas vezes é tratado igual à polícia mineira, conforme apresentado na Introdução. O termo “milícia” passou a ser utilizado após notícia do jornal O Globo sobre a expansão territorial dos grupos¹⁴² possivelmente para amenizar suas ações e desvincular a imagem negativa da polícia mineira ou grupos de extermínio.¹⁴³ Por vezes, tratados como “mal menor”¹⁴⁴ e “auto-defesa comunitária”¹⁴⁵ pelo próprio prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, quando perguntado a respeito das milícias.

Ao apresentarem para o Prefeito César Maia, uma pesquisa sobre a atuação das milícias o governante declarou:

“- Essas milícias são mais percebidas pela população e pelo próprio poder público como muito melhores do que o tráfico de drogas. É mais fácil

¹⁴² SANTOS, Rogério Dutra dos. **As “milícias” do Rio de Janeiro (ou a busca de legitimidade da polícia mineira)**. 2007.p. 5, Disponível: <<http://www.cedes.iuperj.br>> Acesso em: 15/01/2009, p.2.

¹⁴³ CANO, Ignácio. **Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro**, In: Segurança, Tráfico e Milícia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. p. 59.

¹⁴⁴ Reportagem do Jornal O Globo, em 10 de dezembro de 2006.

¹⁴⁵ Idem.

penetrar na organização policial, que se associa também com a polícia formal. Você tem uma relação de muito menor constrangimento para a autoridade e para as pessoas. Mas existe uma situação de irregularidade grave, uma segunda tributação cobrada dos moradores.”¹⁴⁶

O texto evidencia que o prefeito considerava grave a tributação e não as demais denúncias de violência sofrida pelos moradores de áreas controladas por milícia. E continua mais adiante: “É a própria associação de moradores dessas comunidades que se investiu, com a presença de policiais ativos e inativos, de um poder que a população percebe como benéfico, comentou o prefeito.”¹⁴⁷ Dessa forma, a responsabilidade pela presença das milícias é da associação de moradores e do apoio recebido pela população.

Propomos seguir uma definição mais ampla do conceito, como citado na Introdução, que reflete as ações do grupo que atua em Rio das Pedras. Seria um somatório dos seguintes pontos:

- “1. O controle do território e da população que nele habita por parte de um grupo armado irregular;
2. O caráter em alguma medida coativo desse controle dos moradores do território;
3. O ânimo de lucro individual como motivação principal dos integrantes desses grupos;
4. Um discurso de legitimação referido a proteção dos habitantes e instauração de uma ordem que, como toda ordem, garante certos direitos e exclui outros, mas permite gerar regras e expectativas de normatização de conduta;
5. A participação ativa e reconhecida de agentes do estado como integrantes dos grupos.”¹⁴⁸

Aplicando esta definição no caso específico de Rio das Pedras, percebemos sua precisão. O grupo que atua na favela não recebeu ordem oficial do Estado, mas atua ditando normas que devem ser seguidas pela população dentro daquela favela. Estabelecem formas de domínio através da violência e/ou do medo gerado pelas ações do grupo. “Quando pegam um morador, que já foi avisado, fazendo algo errado, batem

¹⁴⁶ SCHMIDT, Selma **Milícias de policiais chegam a Zona Norte**. *Jornal O Globo*, 22 de setembro de 2006. P.26.

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ CANO, Ignácio. **Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro**, In: *Segurança, Tráfico e Milícia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2008. p.59.

muito. Mas não deixam morrer aqui para não dar problema. Normalmente, a pessoa morre já na ambulância a caminho do hospital de tanto que eles batem.”¹⁴⁹

O Relatório Final da CPI das milícias propôs uma definição para as milícias, destacou a importância de tipificar o crime praticado por esses grupos:

“Conceituar milícias como grupos armados para prática de diversas extorsões e exploração irregular de serviços públicos, controlados por integrantes das instituições de segurança pública e/ou das Forças Armadas, para fins econômicos escusos, não raro com representação direta de parlamentares ou indiretamente na forma de sustentação dessa atividade criminosa, contando, no mínimo, com a tolerância de autoridades de Poderes Executivos (braço político-eleitoral)”¹⁵⁰

O número de habitantes, o grande comércio da localidade e o valor em circulação dentro da favela, aproximadamente 40 milhões de reais por mês, garante que a milícia possa retirar lucro em suas atividades – “... habitação, alimentação, transporte alternativo, TV a cabo, o baile no Castelo das Pedras e o Bingo local”¹⁵¹ - e adquirir “respeito” dos moradores. Por vezes alcançam cargos políticos ou chegam a ter relações estreitas com políticos.

“No caso de Rio das Pedras, são notórios – já que por diversas vezes divulgados pela mídia escrita – os fortes laços entre o então prefeito da cidade e o então presidente da AMARP, uma das principais lideranças da favela, que inclusive é filiado ao mesmo partido político.”¹⁵²

As atividades da milícia são possíveis, pois a população pobre sente-se desprotegida na atual política de segurança pública. Esses grupos protegem a população da ação de traficantes de drogas e assaltantes e “articulam suas ações com máximas de orientação como fazer a justiça que não é feita ou fazer as leis fora de seus formalismos.”¹⁵³

¹⁴⁹ Entrevista de um morador de Rio das Pedras, João da Silva, em 12/06/2009.

¹⁵⁰ DOCUMENTO “Conclusão e Propostas”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p.261.

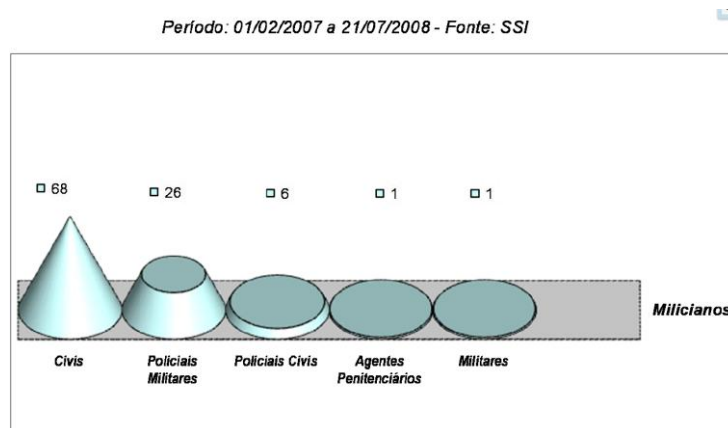
¹⁵¹ TELLES. Maria Sarah da Silva. **Viver na favela: Experiência e Representações de Moradores de uma favela carioca**. Dissertação de Doutorado em Sociologia IUPERJ. Rio de Janeiro: 2008, p.194.

¹⁵² Idem. p.191.

¹⁵³ RATTON JUNIOR, José Luiz de Amorim. **Violência e crime no Brasil contemporâneo: homicídios e políticas de segurança pública nas décadas de 80 e 90**. Brasília: Cidade Gráfica e Editora, 1996. p. 103.

O último ponto abordado por Cano, ou seja, a presença de agentes do estado é comprovada pelo envolvimento de inúmeros membros da polícia civil e militar, como por exemplo, o investigador da polícia civil, Félix dos Santos, assassinado em 2007 e que fazia parte da milícia sendo responsável pela parte da favela próximo ao Castelo das Pedras.¹⁵⁴ Os dados são confirmados pelo Relatório da CPI das Milícias que apontou, após investigações, que as lideranças das milícias estão ligadas a membros das forças de segurança, embora exista a presença de civil na atuação dos grupos no dia-a-dia, conforme gráfico abaixo:

GRÁFICO 5: Profissão dos milicianos¹⁵⁵



Percebemos assim a relação existente entre a AMARP e as milícias na região, que pode ser confirmado pela pressão exercida por esse grupo, como o fato de não existir outra associação em uma favela com tantos moradores e interesses, e a não aceitação da criação de uma associação dos comerciantes alegando que as forças estariam divididas e levaria prejuízo para os moradores enfraquecendo a organização.¹⁵⁶

“Seja como for, a relação do aparato coercitivo com a associação de moradores parece ser de fato bastante estreita, aliás, suas lideranças são propositalmente ambíguas quanto a esse aspecto, dando a entender que eles

¹⁵⁴ Entrevista de um morador do Rio das Pedras, João da Silva, em 12/06/2009.

¹⁵⁵ RECORTE do ¹⁵⁵ DOCUMENTO “Conceito e Histórico”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 45

¹⁵⁶ BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p.58.

detêm força coercitiva, mobilizando-a, sempre que necessário. Isto ficou claro, por exemplo, quando um informante, ligado á associação, declarou para nossa equipe que, por considerar imoral a presença de um prostíbulo na favela, a associação ordenou seu fechamento.”¹⁵⁷

Manso, em sua pesquisa também ressalta um medo dos moradores insatisfeitos com a associação de sofrer represália assim como a associação de comércio e indústria que pela persuasão ou poder coercitivo não foi para a frente. O medo é um elemento “estabilizador”¹⁵⁸ para manter o poder da associação dos moradores sobre a favela.

No entanto, a associação não atua apenas por seu aparato coercitivo, mas também promove ações sociais, atividades culturais, esportivas e educacionais realizando parcerias com ONGs e com uma universidade privada (Centro Universitário da Cidade - Univercidade) que utilizava salas na própria associação, realiza a distribuição de cartas e emite declarações para comprovação de residência. Também é mediadora em questões imobiliárias, e funciona “para tentar solucionar o conflito antes de procurar o judiciário, visto que quando o procura, não tem as suas práticas locais reconhecidas pelo Estado. Por este motivo, também não reconhecem o Estado como legítimo para a resolução de seus conflitos.”¹⁵⁹

Associação de Moradores apresenta um caráter “multidimensional, que não por acaso, leva os moradores a identificá-la como um poder público, sendo notável que a ação propriamente assistencial seja apenas uma delas, e não necessariamente a mais importante.”¹⁶⁰ Há uma facilidade maior de articulação da milícia com os órgãos públicos através de troca de votos do que em favelas controladas pelo tráfico de drogas, sendo a associação de moradores peça fundamental como interlocutor do poder público e a favela.¹⁶¹

¹⁵⁷ Idem, p.63.

¹⁵⁸ MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020, p.59.

¹⁵⁹ O Núcleo de Mediação Extrajudicial de Rio das Pedras: a experiência da mediação comunitária como meio de administração de conflitos em uma favela carioca pag 3.

¹⁶⁰ BURGOS, Marcelo Bauman. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p 71.

¹⁶¹ BURGOS, Marcelo Bauman. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p.26.

Marcos Alvito¹⁶² em sua pesquisa destaca que um ponto em comum entre os presidentes das associações de moradores é o fato de serem cabos eleitorais que através de um sistema de trocas que pode ser em benefício próprio ou em obter bens públicos para a favela, tornando-o um intermediário entre moradores e o acesso a direitos básicos não concedidos devido ao tipo de espaço ocupado. Depois dos anos de 1960 as associações de moradores foram fundamentais para a organização das favelas e com o retorno à democracia na década de 1980 descambou para o clientelismo no qual o líder da associação faz aliança com um candidato em troca de votos.¹⁶³ Essa relação é reforçada na pesquisa de Manso, “Os presidentes das associações se tornavam porta vozes de candidatos específicos em troca de Luz, asfalto, cesta básica, podendo, com o tempo, ele próprio se transformar em candidato a um cargo eletivo.”¹⁶⁴

Essa ausência estatal aliada ao temor da presença de traficantes de drogas gerou a oportunidade de atuação das milícias, que devido a impunidade desenvolveram sua presença na favela de Rio das Pedras conseguindo inclusive eleger um candidato para o Poder Legislativo do município do Rio de Janeiro. O vereador mais votado e eleito em Rio das Pedras, em 2004, era integrante durante anos da AMARP e acusado e denunciado no processo da CPI das milícias.

“Para além da questão de anomia e ausência de um Estado liberto da influência de interesses escusos no atendimento às comunidades, há na formação dessas quadrilhas uma outra característica marcante: a sua ascensão como grupos politicamente organizados....um de seus objetivos passa a ser alcançar reconhecimento público ou força política. Para isso, utilizam-se da eleição para cargos públicos ou angariam simpatias de representantes políticos. Desta forma, procuram escapar do procedimento de responsabilização criminal a que estariam submetidos com maior facilidade se permanecessem como grupos isolados.”¹⁶⁵

¹⁶² Idem.

¹⁶³ HIRATA, Daniel. GRILLO, Carolina C. Crime, Guerra e Paz: dissenso político-cognitivo em tempos de extermínio. Dossiê “Crimes”, Territórios e Sociabilidade. Cebrap: São Paulo, 2019. p. 56.

¹⁶⁴ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020, p.56.

¹⁶⁵ SANTOS, Rogério Dutra dos. **As “milícias” do Rio de Janeiro (ou a busca de legitimidade da polícia mineira)**. 2007.p. 5. Disponível: <<http://www.cedes.iuperj.br>> Acesso em: 15/01/2009.

O artigo de José Cláudio Souza Alves¹⁶⁶ traça uma análise dos matadores da Baixada Fluminense que “lavavam sua cidadania pelo voto” lançando-se candidatos a cargos do Executivo e Legislativo na região e os milicianos que seguem o mesmo caminho buscando espaço na política por meio dos votos alcançados nos locais em que atuam garantindo a “segurança” da população. No início agiam como cabos eleitorais e agora lançam sua candidatura, conforme visto no caso de Nadinho.

A estrutura da milícia de Rio das Pedras representa o berço das milícias e era vista como o local “onde a governança, historicamente feita por policiais e associados, era considerada bem-sucedida e começava a servir de exemplo para os arredores”¹⁶⁷, como no caso do Morro da Tirol a poucos quilômetros da favela tida como “modelo”.

Os milicianos têm algumas vantagens em relação aos traficantes já que não são caçados “eles são aceitos e fazem parte do Estado”¹⁶⁸ sobra mais dinheiro para investir no próprio negócio, já as facções precisam pagar um valor (arrego) para a polícia a fim mantê-los longe de suas fronteiras. Não tem custos com armamentos e seu produto não precisa ser comprado, vende “proteção” e serviços, diferentemente do tráfico que paga pelas armas desviadas e pelo produto que vende. A milícia também não tem perdas devido a operações policiais para combatê-los e utiliza essa sensação de paz para legitimar sua existência. No entanto, no período democrático e de atuação das milícias o Brasil é o país com o maior número de assassinatos sem ter uma guerra ou conflito étnico ou religioso.¹⁶⁹

As milícias são fruto de um Estado omissor e repressor que utilizava a violência e premiava essas ações em sua corporação legitimadas como formas de proteger a população contra os bandidos. Fechava os olhos para as ações de justiceiros e grupos de extermínio, não criava uma forma de inclusão social que atingisse as camadas populares. O direito a moradia não era prioridade e o crescimento das favelas é fruto da

¹⁶⁶ ALVES, José Cláudio Souza. **Política do “mata mas faz” impera na Baixada Fluminense**. 12 de setembro de 2006. p.1 Disponível: <<http://www.direitos.org.br>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2009.

¹⁶⁷ MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020, p.12.

¹⁶⁸ Idem, p.50.

¹⁶⁹ HIRATA, Daniel. GRILLO, Carolina C. *Crime, Guerra e Paz: dissenso político-cognitivo em tempos de extermínio*. Dossiê “Crimes”, Territórios e Sociabilidade. Cebrap: São Paulo, 2019. p. 8.

falta de planejamento estatal. O tráfico de drogas impacta no aumento da violência e nas formas como a polícia atua sobre as facções criminosas recebendo arrego, vendendo armas, realizando ações e conflitos armados, alimentando mais e mais a questão da ineficiência da segurança pública. Os locais mais pobres passam a ser alvo da atuação das milícias que tem seu berço em Rio das Pedras legitimada pelo “clima de paz” do local, estendendo seus braços a diversos setores e atuação direta e indiretamente em cargos públicos através da formação de currais eleitorais. As associações de moradores funcionam como um dos braços desse poder que media entre os setores públicos e os moradores, melhorias para a favela. Nesse cenário as milícias inspiraram nossas fontes históricas analisadas na pesquisa a registraram suas ações e narrativas com base na favela de Rio das Pedras, no caso Portelinha e Rio das Rochas.

CAPÍTULO 2 – JUSTAMENTE! JUVENAL ANTENA E A LEGITIMAÇÃO DO “LÍDER” DO POVO

2.1 - Os desafios da historiografia

Utilizar como fonte histórica uma telenovela é um desafio partindo do princípio que praticamente não existe uma historiografia para esse tipo de fonte, apesar de ser o gênero ficcional consumido pelos telespectadores. Normalmente, as produções são encontradas em pesquisas das Ciências Sociais e Comunicação Social.

As telenovelas iniciaram na década de 1950, seguindo o modelo das radionovelas, acrescido do benefício das imagens, embora a TV ainda não fizesse parte da maioria dos lares brasileiros como o rádio. Inicialmente, não eram capítulo diários. A transmissão era feita pela Tv Tupi duas vezes por semana. Em 1965, a telenovela *Direito de Nascer*,

“apresentada pela TV Tupi, que marcou definitivamente a ascensão do gênero. A telenovela tornou-se então uma inconfessável paixão nacional, quase uma mania. A repercussão gerou uma popularidade inimaginável e duradoura, o que incentivou os empresários de TV a investirem mais na telenovela.”¹⁷⁰

“O Bem-Amado”, novela da rede Globo na década de 1970, escrita por Dias Gomes, causou impacto por ser a primeira telenovela a cores na TV brasileira, utilizando temas mais contemporâneos e linguagem cotidiana. O sucesso nos índices de audiência permaneceu nas décadas seguintes.

Nos meios acadêmicos as telenovelas eram consideradas alienantes a partir da década de 1970 com a Teoria Crítica que considerava a cultura de massa, uma arte voltada para o consumo e diversão, não para a reflexão.

“Nesta corrente, o cinema – considerado arte – fora examinado do ponto de vista estético, sociocultural e político, enquanto a televisão, não passaria de uma simples vitrine de mercado, incapaz de qualquer criação artística. Diferentemente do cinema, os programas televisivos, como a telenovela, foram considerados produtos de entretenimento vazio e alienante, sem conter qualquer conteúdo que pudesse ser explorado em um estudo mais preciso.

¹⁷⁰ REBOUÇAS, Roberta de Almeida. Telenovela, história, curiosidades e sua função social In: Encontro História da Mídia. Rio de Janeiro: 2014. P.4.

Embora não seja possível ignorar o poder sociopolítico, a televisão e seus produtos escaparam por muito tempo do interesse do registro do historiador.”¹⁷¹

Com base no paradigma aberto pela *Escola dos Annales* as pesquisas históricas adotaram uma nova perspectiva de estudos, ampliando as fontes que seriam utilizadas e o levantamento de novas questões a serem pesquisadas pela historiografia, ocorrendo uma alteração da perspectiva dos estudos. Os produtos transmitidos pela televisão são utilizados como fonte, embora as pesquisas com telenovelas, na historiografia, ainda sejam restritas.

“A televisão enquanto instituição e seus produtos podem ser considerados férteis objetos e fontes para o conhecimento e compreensão histórica de comportamentos, valores, identidades, perspectivas, ideologias e representações. As representações contidas nestas fontes possibilitam um novo olhar sobre a estrutura e a dinâmica social e cultural de uma dada sociedade. Através da compreensão das imagens elaboradas e veiculadas pelos produtos televisivos torna-se possível, por meio da pesquisa histórica, apreender aspectos político-culturais de uma sociedade ou de um momento histórico.”¹⁷²

A partir dos anos de 1970 as novelas do horário nobre apresentam um caráter mais realista e aborda aspectos sociopolíticos, muitas vezes de maneira crítica. No memorial da novela *Duas Caras* e ao longo dos capítulos diversos temas do cotidiano são abordados, como por exemplo: alcoolismo, campanhas de prevenção a proliferação do mosquito da dengue, importância do voto consciente, entre outros.

Guigui (Marília Gabriela) alerta Juvenal (Antônio Fagundes) sobre um surto de dengue na Portelinha que atingiu o pastor e a mãe de santo da comunidade e relembra que todo ano é a mesma história e depois que o surto passa a população esquece de manter as orientações para evitar o mosquito. A rádio local faz o alerta também sobre as formas de combate a proliferação do mosquito. Juvenal afirma:

“Esse ano vai ser diferente Guigui eu te prometo uma coisa eu vou aproveitar justamente a festa da associação e alertar o meu povo ainda hoje e depois do Natal vamos fazer um mutirão aqui na favela para com o criadouro desse *Aedes Egíptii*, para acabar com o maldito.”¹⁷³

¹⁷¹ GARCIA, Emilla Grizende. A TELENÓVELA NA HISTÓRIA: DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA ANÁLISE DA TELENÓVELA “O BEM-AMADO”. In: Faces de Clio. Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História – UFJF, Pag 146.

¹⁷² Idem p. 147.

¹⁷³ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 73).

A dificuldade em pronunciar o nome do mosquito mostra a simplicidade do líder da Portelinha e amplia os laços de identificação com as camadas populares. Juvenal junto com Guigui e Evilásio (Lázaro Ramos) pontuam as principais formas de prevenção. “Justamente, o importante é lembrar que não podemos deixar água acumulada em lugar nenhum. A gente tem que fazer a nossa parte senão o mosquito da dengue vai fazer a dele”¹⁷⁴. Juvenal é aplaudido e convida todos para combater o “maldito”.

IMAGEM 7: Juvenal na Escola de Samba falando sobre prevenção contra a dengue¹⁷⁵



Assim como qualquer outra fonte analisada a telenovela não fala por si própria. O trabalho do historiador é analisar dentro do contexto da produção. As limitações de uma telenovela assim como as inúmeras possibilidades em sua análise são elementos encontrados em qualquer fonte utilizada em uma pesquisa historiográfica. As telenovelas têm um caráter transclassista, pois é assistida por todas as camadas sociais e cria empatia com o público.

“As telenovelas constituem um gênero televisivo independente, sendo o mais popular e de público mais fiel, entre todos os tipos de programas veiculados na TV brasileira, chegando ao ponto de existirem programas e revistas, cadernos de jornais dedicados em parte ou em seu todo, para tratar exclusivamente sobre o assunto. Elas

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Idem.

lideram a audiência em diferentes regiões, segmentos sociais, sexo e faixas etárias.”¹⁷⁶

Seu alcance tem inclusive reconhecimento internacional coma exportação de novelas para diversos países, como a novela *Duas Caras* lançada em 2009 internacionalmente.

IMAGEM 8: Dados de lançamento da novela em outros países



Outro caráter marcante das telenovelas é “a chamada ‘transformação’ e liberação dos personagens, um dos motes mais comuns nas novelas, são de especial importância, pois são geralmente associados à ascensão social.”¹⁷⁷ No caso de *Duas Caras* a transformação fica por conta de Evilásio que passa a ter embates com seu padrinho, Juvenal Antena, ao longo da trama e de certa forma, muda sua visão e postura.

Por ser uma obra de longo prazo, o desenrolar da trama varia de acordo com os índices de audiência e de aceitação ou não do público de determinada personagem ou tema abordado nos capítulos. Fatos sociais que necessitam serem abordados no decorrer da trama,

“A análise da linguagem audiovisual, diferentemente da linguagem escrita, requer uma reflexão teórico-metodológica específica. Isto se deve pelo fato da telenovela, estar inserida num sistema que conjuga uma narrativa

¹⁷⁶ REBOUÇAS, Roberta de Almeida. Telenovela, história, curiosidades e sua função social In: Encontro História da Mídia. Rio de Janeiro: 2014. P.2.

¹⁷⁷ REBOUÇAS, Roberta de Almeida. Telenovela, história, curiosidades e sua função social In: Encontro História da Mídia. Rio de Janeiro: 2014. p. 8.

articuladora de imagem, palavra, som e movimento e determinadas condições de produção e recepção”¹⁷⁸

Lembramos ainda que os índices de audiência também garantem recursos financeiros para a emissora, tanto nos anúncios do intervalo como na divulgação de marcas como ocorreu em *Duas Caras com a Natura*, divulgada pela filha de Juvenal, destacando a preocupação com o meio ambiente. Há também o chamado:

“Merchadising social, é a inclusão de campanhas de ordem social dentro das tramas. Por estarem embutidas na trama central esse tipo de campanha consegue ser bem aceito por todas as camadas da população. Esse tipo de campanha costuma mostrar estratégias de ação e aplicação pelos telespectadores em seu cotidiano. Neste contexto, também se destacam a variedade e natureza das questões abordadas.”

Na novela pesquisada, foi destacado a importância da atuação das ONGs, que na *Portelinha*, entre outros feitos contribuiu para desarticular uma “máfia” de traficantes de mulheres. Na Ong é administrada por Claudius (Caco Ciocler), advogado que fará par romântico com a filha de Juvenal Antena, responsável pela denúncia do tráfico de mulheres. A Ong foi fundada pela ex-namorada de Juvenal que foi para o exterior, sofreu diversos problemas, mas no final tornou-se condessa (Adriana Alves).¹⁷⁹ A cena apresenta o reencontro com direito a brinde para selar a nova parceria.

IMAGEM 9: Visita da ex-namorada de Juvenal agora como condessa¹⁸⁰



¹⁷⁸ GARCIA, Emilla Grizende. A TELENÓVELA NA HISTÓRIA: DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA ANÁLISE DA TELENÓVELA “O BEM-AMADO”. In: Faces de Clio. Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História – UFJF Pag 151.

¹⁷⁹ Brinde entre a Condessa e Juvenal para celebrar a decisão de abrir a ong para combater o tráfico internacional de mulheres. Capítulo 67.

¹⁸⁰ Capítulo 67 da novela.

Sendo assim, nossa análise considera a escolha das narrativas, figurino, trilha sonora, as expressões, bordões e palavras utilizadas pelo núcleo da Portelinha e pelas demais personagens quando fazem referência em suas atuações sobre a comunidade, considerando o contexto histórico. A fim de facilitar a construção das narrativas, os capítulos foram agrupados por tema como a questão assistencial, eleitoral, entre outros.

2.2 - Aguinaldo Silva: o autor

Aguinaldo Silva, autor de novelas da Tv Globo, exclusivamente do horário nobre que por diversas vezes utilizava um “realismo fantástico” em suas tramas utilizou outro tipo de abordagem na novela anterior a *Duas Caras* voltada apenas para o realismo. Questionado por sua mudança o autor justificou:

“A realidade atual. Perto dela o realismo fantástico virou coisa de livro infantil. Não faz sentido botar uma vaca voando na novela, se o telespectador sabe que o que está voando em torno dele são balas perdidas. O cotidiano das pessoas ficou tão absurdo que o realismo mágico perdeu o impacto. Além disso, outros autores resolveram se dedicar ao gênero, e isso serviu pra reforçar ainda mais a minha decisão de partir pra outra.”¹⁸¹

O autor atribuiu o nome da novela a busca de representar a “ambiguidade do ser humano” Após a estreia da novela, Aguinaldo Silva criou um blog em que costumava comentar a trama, por vezes antecipando momentos da história, no entanto, ele não está mais disponível para acesso.

Garantindo sua proposta realista a novela abordava críticas como dificuldades de vaga nas escolas em aprovação automática¹⁸², valor do IPTU, alcoolismo, sexualidade, violência doméstica e urbana como sequestros relâmpagos, a presença das milícias em favelas cariocas, a reprodução da Portelinha baseada em fachadas do Rio das Pedras, assim como o prostíbulo existente dos dois cenários, entre outros. Retornaremos essa abordagem ao longo desse capítulo.

¹⁸¹ PLANETA TV. *Aguinaldo Silva fala sobre “Duas Caras”, a próxima novela das 8*. Disponível em: <https://oplanetatv.clickgratis.com.br/colunas/entrevistas/aguinaldo-silva-fala-sobre-duas-caras-a-proxima-novela-das-8.html#ixzz7vSyWNg4X>. Acesso em: 19 set. 2025.

¹⁸² Atualmente, no município do Rio de Janeiro, não existe reprovação para os alunos de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental I.

Uma das críticas a novela estava relacionada as cenas de pole dance considerada apelativa, responsável pela reclassificação indicativa da novela, que passou a ser proibida para menores de 14 anos. A personagem Alzira (Flávia Alessandra) no início da novela fingia ser enfermeira, no entanto, apresentava-se à noite para dançar na whisqueria de Jojô (Wilson dos Santos), como “A Outra”, com o rosto escondido sob uma máscara. A apresentação de Alzira (Flávia Alessandra) dançando no cano era a grande atração da casa noturna. O objetivo da dançarina era juntar dinheiro para que o marido, Dorgival (Ângelo Antônio), pudesse fazer uma cirurgia, e assim, ficar curado de uma anomalia no coração.

Nas cenas, Flávia Alessandra (Alzira), assim como Juliana Knust (Débora), apareciam dançando sensualmente em um cano. Com a polêmica, a pole dance saiu de cena por uns tempos, após um incêndio voltando depois na trama, de forma mais discreta. O cenário da whisqueria, frequentado pelos homens da Portelinha em busca das massagens oferecidas pelas moças e dançarinas do local, deu lugar a uma casa de shows, em que as mesmas moças se apresentavam em musicais coreografados por Jojô (Wilson dos Santos) e que encanta Juvenal Antena.

Aguinaldo Silva se viu no meio de várias polêmicas durante a novela. Em uma delas, o prefeito do Rio, Cesar Maia, reclamou que a trama privilegiava a abordagem negativa do Rio, colocando o município sob críticas pesadas. Um dos alvos das reclamações foi o capítulo em que a feirante Lucimar (Cristina Galvão) pede ao deputado Narciso (Marcos Winter) uma vaga para o filho em uma escola que não aprovasse todo mundo.

Em meio às polêmicas e aos índices de audiência da novela, que não estavam entre os esperados, - era o programa mais assistido no horário com 48 pontos contra 50.4 pontos de audiência de sua novela anterior “Senhora do Destino” - Aguinaldo Silva anunciou que se afastaria temporariamente de Duas Caras para cuidar de assuntos pessoais em Portugal, deixando vários capítulos prontos. No entanto, cinco dias depois retomou a trama alegando que teve uma crise de hipertensão e estava melhor de seu quadro de saúde.

Ao ser questionado pela audiência, mais baixa que sua trama anterior, Senhora do Destino, Aguinaldo Silva, relatou algumas dificuldades como Evilásio (Lázaro

Ramos), o herói romântico da trama, acabou um pouco ofuscado pela força de Juvenal Antena (Antônio Fagundes), e isso enfraqueceu a percepção do público sobre o embate entre a legalidade e a marginalidade, representadas, respectivamente, pelos dois personagens. Outras críticas como:

“Além disso, a performance de Marjorie Estiano como Maria Paula também não agradou o público. Duas Caras marcou a estreia da atriz como protagonista de uma novela depois de ela ter se destacado como Natasha na temporada de 2004 de *Malhação* (1995-2022) e Marina de *Páginas da Vida* (2006).”¹⁸³

O autor fez uma reflexão em entrevista depois de quinze anos da novela, afirmou estar feliz com o resultado da trama que

“A trama teve a densidade necessária ao tipo de teledramaturgia que faço, que caminha junto com a atualidade. Foi quase uma crônica jornalística diária, onde os fatos que mexem com a sociedade foram mostrados. Garanto que nunca se fez uma novela como se fosse uma crônica jornalística, com polêmica e reflexão, mas também com romance e ação, característicos do gênero.”¹⁸⁴

Ao longo dos Capítulos II e III traçaremos essa relação entre as obras, novela e filme, com aspectos da realidade carioca, principalmente, os referentes a violência urbana e abordagem em relação as ações das milícias, em seus contextos históricos.

2.3 - Rio das Pedras: a inspiração da Portelinha

A novela escrita por Aguinaldo Silva, para o horário nobre da Rede Globo, contou com a direção de Wolf Maia que também faz parte do elenco da novela como um dos amigos de Juvenal Antena, desde o início da Portelinha. São 210 capítulos, com duas núcleos, um dos mais abastados e outra apresentando o cotidiano dos moradores da favela inspirada na comunidade plana de Rio das Pedras em Jacarepaguá.

“A equipe de cenografia reproduziu vários locais da comunidade, como uma oficina mecânica, um armazém, um restaurante e a avenida principal, inclusive com o intenso comércio existente na área.

A Portelinha ocupou uma área de 6 mil² no Projac, contando com 120 casas e algumas construções com interiores, entre elas a igreja do pastor Lisboa

¹⁸³ B•CHARTS Fórum. *Novela completa: 15 anos — Autor de Duas Caras, Aguinaldo Silva pediu afastamento após críticas, censura e audiência baixa*. Disponível em: <https://bcharts.com.br/t/novela-completa-15-anos-autor-de-duas-caras-aguinaldo-silva-pediu-afastamento-apos-criticas-censura-e-audiencia-baixa/327436>. Acesso em: 19 set. 2025.

¹⁸⁴ Idem.

(Ricardo Blat), a escola de samba, 30 lojas, a garagem e a principal entrada da casa de Juvenal Antena (Antônio Fagundes).”

As tomadas aéreas mostravam o contraste entre a riqueza dos condomínios de luxo da Barra da Tijuca e os prédios da orla com a comunidade da Portelinha que era a filmagem do Rio das Pedras. A semelhança entre o nome da Associação de Moradores dos amigos da Portelinha (AMAP) e a fachada do prédio da Associação de Amigos e Moradores do Rio das Pedras (AMARP), também mostra a aproximação com o Rio das Pedras.

IMAGEM 10: Comparação entre a Associação fictícia da Portelinha com a AMARP



IMAGEM 11: Imagem da AMARP



Outros fatores como o intenso comércio, a concentração de kombis como meio de transporte, a rádio local e a própria história da fundação da comunidade do Rio das Pedras e a atuação das milícias, são constantemente reconhecidas ao longo dos capítulos.

A comunidade do Rio das Pedras foi fundada na década de 1950 com apenas dez barracos as margens do rio que dá nome a localidade. Na década de 1960 os moradores pressionaram o governo que desapropriou a área em troca do não crescimento da ocupação. Na primeira fase da novela, assim que Juvenal funda a Portelinha o espaço ocupado também era pequeno conforme relatado no início da ocupação do Rio das Pedras.¹⁸⁵

IMAGEM 12: Visão aérea do início da Portelinha¹⁸⁶



No entanto, nas décadas de 1970 e 1980, marcadas pelo desenvolvimento dos bairros no entorno da favela (Jacarepaguá e Barra da Tijuca) tornou-se mais intensa a necessidade de mão-de-obra de baixa remuneração - pedreiros, porteiros, domésticas etc. - gerando uma ampliação da área pertencente ao original da favela. Com base em dados estatísticos atuais esta favela seria a quarta maior da cidade do Rio de Janeiro, com aproximadamente 55.000 habitantes em 90 hectares. Na passagem de tempo de 10 anos na novela, que emenda na imagem citada anteriormente, já é possível ver a

¹⁸⁵ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 9).

¹⁸⁶ Idem.

intensificação da ocupação da área e mostra também o crescimento dos prédios na região da Barra da Tijuca, através de computação gráfica.¹⁸⁷

IMAGEM 13: Aérea da Portelinha depois de 10 anos ¹⁸⁸



A origem da maioria dos moradores é de famílias vindas do Nordeste buscando melhorias de vida, outra semelhança destacada na novela. A conversa entre Juvenal e Mizael continua: o carpinteiro explica que os peões não vão aceitar entrar no ônibus e ser jogado longe dali pela empresa sem seus direitos. Juvenal diz que eles retornarão para “o bem bom da casa deles” em Feira de Santana e Mizael explica que eles venderam o pouco que tinham quando partiram com a empresa para o Rio.¹⁸⁹ Nessa conversa, mostra a referência dos trabalhadores serem oriundos do Nordeste.

Muitos foram convidados por parentes que já estavam na região devido à ampliação do mercado de trabalho e pela tranquilidade da favela onde ficariam estabelecidos¹⁹⁰, tema reforçado ao longo dos capítulos pela atuação de Juvenal Antena que busca garantir a paz para o seu povo, assim como a própria faixa na entrada da comunidade que diz “Aqui se vive em paz”.

A Portelinha ocupou uma área de 6 mil² no Projac, contando com 120 casas e algumas construções com interiores, entre elas a igreja do pastor Lisboa (Ricardo Blat),

¹⁸⁷ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 9).

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Idem, (Capítulo 1).

¹⁹⁰ Marcelo Bauman. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. São Paulo: Editora Loyola, 2002. P. 101.

a escola de samba, 30 lojas, a garagem e a principal entrada da casa de Juvenal Antena, com o objetivo de reproduzir parte da favela do Rio das Pedras e ampliada com recursos de alta tecnologia. A inspiração na comunidade de Rio das Pedras será apresentada ao longo do capítulo e explica a escolha dessa fonte para a pesquisa, partindo do pressuposto que a favela é um ícone sobre a história das milícias no Rio de Janeiro.

2.4 –Trilhas Sonoras

As trilhas sonoras também fazem parte da nossa análise sobre as representações e narrativas envolvidas na elaboração da telenovela. Seleccionamos o tema de abertura e o outro referente aos momentos que apresentavam a comunidade da Portelinha. A telenovela *Duas Caras* é a primeira a ser transmitida em alta definição. Sua abertura apresenta uma maquete da Portelinha sendo construída e finaliza com dois prédios espelhados de alta produção. As duas fazem fronteira e representam também as duas caras da sociedade abordada na novela, com o núcleo da Portelinha e seus moradores de origem humilde e o outro núcleo de empresários, engenheiros, advogados, socialites etc.

Cerca de 1.500 maquetes de aproximadamente 64 metros quadrados, criadas pelo artista plástico Sérgio Cezar, foram usadas na abertura da novela, que reproduzia uma fictícia favela em crescimento, cercando dois luxuosos prédios high tech, criados em computação gráfica. Papelão, chapinhas de refrigerante, retalhos, pedaços de fios e tintas de muitas cores foram alguns dos materiais usados pelo artista. A abertura, uma criação da equipe de Hans Donner, mostrou também fotos em preto e branco que registravam os momentos dos artesãos na confecção das maquetes. Foi a primeira abertura feita em alta definição, permitindo uma maior percepção dos detalhes.¹⁹¹

O tema de abertura é a música “E vamos à luta”, interpretada por Gonzaguinha, composição de Luiz Gonzaga, no ano de 1980. “Eu acredito é na rapaziada.

¹⁹¹ Memorial O Globo – Bastidores <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/duas-caras/noticia/bastidores.ghtml>.

IMAGEM 14: Abertura da novela



Na imagem aparece o artista plástico Sérgio Cézar, responsável pela elaboração da maquete de sucata, principalmente papelão, com crianças que ajudam na confecção da obra.

“Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera, enfrenta o leão”

IMAGEM 15: Destaque para a palavra PAZ



A frase “PAZ para todos” em uma das casas da maquete ressalta a constante busca contra a violência como uma questão importante para os moradores, pois a produção das casas representa a construção por membros da comunidade.

“Eu vou à luta com essa juventude”

Valorização da juventude, esperança no futuro

IMAGEM 16: Valorização da educação



Nesse trecho percebemos o destaque e valorização da educação como um dos caminhos de luta pela população mais humilde para seguir em frente.

“Que não corre da raia a troco de nada”

IMAGEM 17: Bandeira Nacional



Destacamos nesse trecho a bandeira do Brasil e a palavra PAZ, tema recorrente na abertura e uma das bandeiras de Juvenal que apresenta a sua violência para controlar a comunidade como algo necessário para não permitir a violência de assaltos e do tráfico de drogas. O tema também é recorrente nas campanhas da sociedade contra a violência, inclusive aparece na entrada da favela a frase “Aqui se vive em paz.”¹⁹²

¹⁹² SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 19).

IMAGEM 18: Valorização da paz



No capítulo 12, Juvenal leva Romildo marido que deu uma surra em Dália, para um julgamento. Pergunta se o rapaz tem parente e o “réu” diz veio de longe. Juvenal então afirma que Romildo veio para fazer bagunça na favela dele e começa o julgamento. Juvenal: “Você acha que vai chegar aqui e fazer isso tudo, eu que tô **garantindo a tranquilidade desse povo.**”¹⁹³ O rapaz é expulso da favela e é avisado que não tem volta para “Deus te afaste da minha ira, senão nem tua sombra me escapa.” Diz Juvenal. Tu acha que eu gosto de fazer isso? O mundo que é sinistro.”

Nesse trecho da novela é reforçado a preocupação de manter tudo sob controle, na mais perfeita ordem e paz.

“Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada
Aquele que sabe que é negro
o coro da gente
E segura a batida da vida o ano inteiro”

¹⁹³ Idem, (Capítulo 12).

IMAGEM 19: Montagem das casas da favela



Destaque para o crescimento da comunidade como um reflexo do esforço do ano inteiro de lutas.

“Aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
 E apesar dos pesares ainda se orgulha de ser
 brasileiro
 Aquele que sai da batalha
 Entra no botequim, pede uma cerva gelada
 E agita na mesa logo uma batucada”

O trecho acima foi editado e não consta na abertura da novela:

“Aquele que manda o pagode
 E sacode a poeira suada da luta e faz a brincadeira
 Pois o resto é besteira
 E nós estamos pela aí...
 Eu acredito é na rapaziada”

IMAGEM 20: representação da favela ao lado de um prédio moderna espelhado



Na imagem final da música aparece o contraste entre a comunidade da Portelinha e o prédio de luxo referindo-se à contradição social e ao projeto de engenheira de Ferraço, vilão da novela.

IMAGEM 21: Final da abertura com o nome da novela



A última cena transforma os prédios/torres espelhadas no nome da novela. A outra trilha sonora que utilizaremos será a música “Trabalhador”, interpretada por Seu Jorge com a composição de: Montgomery Ferreira Nunis / Arlindo Domingos Da Cruz Filho / Jose Franco Lattari / Jorge Mario Da Silva.

Trabalhador

“Está na luta, no corre-corre, no dia-a-dia
Marmita é fria mas se precisa ir trabalhar

Essa rotina em toda firma começa às sete da manhã

Patrão reclama e manda embora quem atrasar

Trabalhador

Trabalhador brasileiro

Dentista, frentista, polícia, bombeiro

Trabalhador brasileiro

Tem gari por aí que é formado engenheiro

Trabalhador brasileiro

Trabalhador

Trabalhador

IMAGEM 22: Alegria do trabalhador



194

A cena retrata a alegria dos trabalhadores que estavam na região da futura Portelinha e que haviam sido dispensados, sem nenhuma remuneração, pela fábrica onde trabalhavam nesse local. A origem da comunidade é de trabalhadores desamparados e assim pretende manter, por isso Juvenal não permite pessoas encostadas. Em seus atendimentos na Associação de Moradores ressalta que não aceita encostado em sua comunidade.

E sem dinheiro vai dar um jeito

Vai pro serviço

É compromisso, vai ter problema se ele faltar

Salário é pouco não dá pra nada

¹⁹⁴ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 5).

Desempregado também não dá
E desse jeito a vida segue sem melhorar

Trabalhador

Trabalhador brasileiro

Garçom, garçonete, jurista, pedreiro

Trabalhador brasileiro

Trabalha igual burro e não ganha dinheiro

Trabalhador brasileiro

Trabalhador

A música sempre aparece ao mostrar o cotidiano da favela, o vai e vem dos moradores para trabalhar utilizando as kombis como meio de transporte.

Está na luta, no corre-corre, no dia-a-dia
Marmita é fria mas se precisa ir trabalhar
Essa rotina em toda firma começa às sete da manhã
Patrão reclama e manda embora quem atrasar”

Essa trilha sonora reforçava a imagem do morador da favela da Portelinha como trabalhador e não um desocupado, “vagabundo” ou criminoso. Juvenal afirma em seus atendimentos e ao andar nas ruas da favela entre os moradores que quem não segue as ordens ele expulsa da comunidade. O assunto é recorrente, mas podemos destacar a preocupação e ameaça de Juvenal na chegada de Dália e o marido na comunidade. A nova moradora é questionada sobre o marido que trabalha como vendedor, mas Juvenal encontra uma seringa e questiona a moradora que diz que o marido é diabético e toma insulina. Ela é avisada que quem resolve qualquer problema na favela é Juvenal mesmo. “Ela estva drogada. Pior se além de consumir quiser vender, se for vão ser expulsos daqui.”¹⁹⁵

As narrativas sobre Juvenal demonstram a preocupação em manter a paz na favela “dele”, mesmo que para isso utilize a força.

¹⁹⁵ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 11).

2.5 - Primeira fase da novela

Os capítulos iniciais das novelas são a apresentação central da trama e as personagens. Na telenovela *Duas Caras* realiza essa apresentação nos nove capítulos iniciais até a passagem de dez anos. A trama relacionada ao vilão Ferraço e a mocinha Maria Paula, não serão analisadas, assim como o núcleo mais rico. Nosso objetivo são as narrativas e representações das milícias que são apresentadas, principalmente, no núcleo da Portelinha. Os capítulos iniciais explicam a formação da comunidade e o destaque de alguns personagens desse núcleo ao longo de toda a novela, principalmente, a liderança de Juvenal Antena.

Em Jacarepaguá (o nome aparece escrito nas imagens que mostram a região da Barra da Tijuca e Rio das Pedras), operários são cercados por seguranças que protegem o dono do empreendimento, que chega de helicóptero, até seu escritório. Os operários vão atrás e os seguranças impedem e passam a demolir as casas dos operários para o desespero das famílias e dos “peões” de obra. Entra em cena Juvenal Antena, com um tiro para o alto para todas as ações, passando no meio dos operários e segurança impondo respeito. Um carpinteiro chama Juvenal pelo nome e ele permite a aproximação.

Os dois são antigos conhecidos, desde quando Juvenal era criança e morava na Praça Seca onde a mãe vendia pastel. Juvenal pede para ser chamado de Sr. Juvenal e o carpinteiro aceita. Os dois conversam, relembram que a vaga de emprego foi recomendada por Juvenal e o carpinteiro “carioca da gema” diz que a convivência com os demais, na maioria nordestinos, que também é uma referência as características dos moradores do Rio das Pedras, e diz: “a miséria faz dos necessitados um bando de irmãos.”¹⁹⁶ Juvenal desfaz da frase

O dono da fábrica explica para os outros que o acompanhavam que a conversa ocorre entre o carpinteiro Misael que foi um dos poucos que não veio da obra embargada de Feira de Santana e o outro é o chefe da segurança, Juvenal Antena, chamado assim pois “está sempre ligado em tudo.”¹⁹⁷ Os superiores da Bahia querem que o terreno seja desocupado já que a empresa faliu e os peões não podem mais morar

¹⁹⁶ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 1).

¹⁹⁷ Idem.

naqueles alojamentos pois algum político pode se envolver e querer desapropriar o terreno para os peões. Querem que Juvenal resolva a situação e expulse as pessoas. Acusam os peões de ficarem em um bom lugar com moradia e bebendo. O representante da empresa no Rio de Janeiro diz que Juvenal “nunca negou fogo” e que resolverá a situação e vai falar com Juvenal.

IMAGEM 23: Insatisfação dos trabalhadores¹⁹⁸



Segue a conversa entre Juvenal e Misael (o carpinteiro) explicando que os trabalhadores não aceitarão serem removidos da obra e dos alojamentos sem seus direitos. Juvenal diz que o patrão Daniel afirmou que pagará tudo e é confrontado por Misael. Juvenal é chamado para o escritório e diz que pedirá novamente a certeza do patrão sobre o pagamento. Percebemos que há uma preocupação em Juvenal de ser justo na resolução do problema, embora o caráter violento da personagem.

¹⁹⁸ Capítulo 1.

IMAGEM 24: Misael e Juvenal em conversa sobre as manifestações dos trabalhadores¹⁹⁹



Daniel e Juvenal não chegam a um consenso: Juvenal não aceita que os peões fiquem com “uma mão na frente e outra atrás”²⁰⁰ e Daniel afirma que eles receberão tudo, inclusive as horas extras quando chegarem no Nordeste. Juvenal argumenta “Um homem de bem para cumprir uma ordem dessas...”²⁰¹ é interrompido por Daniel que diz “- Não venha com crise de consciência. Eu sei muito bem de onde você veio e o que fez pela vida afora! - Epa, epa epa, não lhe dei liberdade para falar comigo assim desse jeito. Já aprontei muito nessa vida, mas eu não dei o golpe nos outros e nem passei a mão no alheio.”²⁰² E segue dizendo que a JPN está passando a perna nos operários e é pressionado pelos outros membros da empresa. Juvenal armado olha para os operários que tinham esperanças de uma vida melhor e que ficaram sem nada. “Além de dar um sacode naquelas pessoas tem outra saída? Não você é nosso empregado”²⁰³, diz o responsável da fábrica. Juvenal, pensativo olha pela janela onde estão os operários e sai da sala.

Daniel é demitido. Misael pergunta o que aconteceu, Juvenal relata e Misael diz: “-Vai continuar sendo apenas um pau mandado. Imagino o que a santa mãe do menino Juvenal iria pensar disso tudo.”²⁰⁴ A referência sobre a mãe tem efeito em Juvenal e mostra que embora truculento Juvenal tem seus valores de família. Juvenal segue: “Já

¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 1).

²⁰¹ Idem.

²⁰² SILVA, Aguinaldo. Duas Caras, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 1).

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ Ibid.

cumpri cada ordem estranha nessa vida, uma surra aqui, atira no Rio Guandu ali, sempre fiz o que me ordenavam sem discutir²⁰⁵.” E relembra a frase citada por Misael e afirma que resolveu dar a volta por cima “deixando de ser escravo para me candidatar a ser rei.²⁰⁶” Nesse momento, podemos analisar a frase e entender as demais referências ao longo da novela em que Juvenal afirma que a favela é dele. Tira o uniforme, pede que todos se unam contra os patrões e diz que tem planos “confiem no Juvenal aqui, será dono da própria vida e terreno e que não falta aqui²⁰⁷.” Segue o discurso “recebi uma luz e mudei, confiem em mim, suspendam suas tendas ...não deixo ninguém ser expulso daqui²⁰⁸.” A trila sonora enquanto comemoram a decisão de Juvenal é Trabalhador, analisada ao longo do capítulo.

Os donos chamam a polícia, cortam a água, gás e luz e não há nada na dispensa. Juvenal avisa que irá falar com comerciantes que “devem alguns favores” a ele e pedirá ajuda “ninguém vai passar fome.²⁰⁹” Fará denúncia sobre o Ministério do Trabalho e chamará a mídia. “Eles vão ficar no Rio e outros vão vir se juntar²¹⁰”. Decidi que será preciso fazer uma favela Misael fica surpreso com a solidariedade e acha que é por interesse a ajuda de Juvenal e que se os peões quiserem “Tenho nome da comunidade Portelinha em homenagem a minha escola” “- Diga ao povo que fico.²¹¹” “Vou ser o líder!” Misael “- O poderoso chefe” Juvenal “- Pai da comunidade, capaz de qualquer sacrifício por ela ...o futuro a Deus pertence. Enquanto isso eu ajudo os nordestinos e trato de me fortalecer.²¹²”

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Capítulo 1.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Idem.

²¹¹ Idem.

²¹² Idem.

IMAGEM 25: Juvenal e Misael

Dois trabalhadores brigam puxando a peixeira e são surpreendidos por Juvenal, que recolhe as facas, dá um tapa em um dos trabalhadores que discutem culpando que um havia roubado o outro. “se é verdade ou mentira pouco me importa. A lei é bastante clara e proibido qualquer confusão dentro do acampamento²¹³” Misael diz: “que lei é essa?²¹⁴”. Juvenal: “Da lei que eu criei agora.²¹⁵”

IMAGEM 26: Juvenal chega no local da briga

²¹³ Capítulo 1.

²¹⁴ Idem.

IMAGEM 27: Juvenal conversa com um dos envolvidos na briga

A primeira cena mostra a chegada de Juvenal e a segunda a conversa com um dos envolvidos na briga que está apreensivo com a situação, a presença e as palavras de Juvenal que segue: “Justamente, é tudo uma questão de manter a ordem. Seja qual for a razão para arranjar esse fuzuê o máximo que eles conseguiram foi tirar o sossego da comunidade.²¹⁶” reforça a ideia das milícias que usa a força legitimando evitar confrontos e manter a ordem. Os dois são expulsos e Misael pondera sobre o que será da vida deles, o líder embora com pena, alega que era preciso mostrar que não terá bagunça no acampamento e nem na futura comunidade. Misael prossegue: “A ordem que tu vai impor e a lei que acabou de criar agora.²¹⁷” Juvenal “Com a aprovação de todo mundo, ou você acha que alguém aqui me desaprova?²¹⁸” Misael pede que Juvenal guarde a arma e pergunta a opinião dos demais. Juvenal desiste de perguntar e diz que Misael o contesta demais, pode até questionar, mas não pode exagerar.

Dessa forma, agem por conta própria, mas em nome da defesa dos moradores frente aos bandidos e justificam suas ações com máximas de orientação como ‘fazer justiça que não é feita’ ou ‘fazer a lei fora de seus formalismos’ e procuram agir a partir da “ausência do Estado ou a ação discriminatória de suas agências de prevenção e repressão ao crime, criam condições para o surgimento de milícias privadas em

²¹⁶ Capítulo 1.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ Idem.

comunidades pobres.”²¹⁹ Reforça a ideia de impunidade e pouca preocupação do poder público.

Juvenal conversa com representante do governo (Narciso) que pergunta se ele tem interesses políticos e ele afirma que está fazendo para ajudar essas pessoas e que não sairão daquele lugar. A parceria de Narciso e Juvenal permanece ao longo da novela, mostrando a ligação comunitária com os políticos. O primeiro capítulo apresenta já algumas características do líder comunitário e como será a sua forma de administrar a futura comunidade.

No segundo capítulo, a cena inicia com as pessoas do loteamento se alimentando. Mostra Juvenal com uma moça que acaba de acordar em seu escritório. Ele pede para a moça levantar e ir embora e diz estar com vergonha de passar no meio de todos e Juvenal afirma “– Justamente! Eles vão te olhar tanto que seu traseiro vai ficar formigando.”²²⁰ Bate no quadril da moça e a dispensa. “- Ah como é bom a gente ser querido.”²²¹ Diz Juvenal. Misael retruca: “Pena que o pessoal lá fora não possa dizer o mesmo.”²²² Juvenal explica que tudo tem seu momento e começa a conversa com o político que traz notícias sobre a fábrica. O juiz decretou a falência e as dívidas ficam suspensas inclusive as pendências trabalhistas explica Juvenal para todos.

Um peão explica que está com medo de perder pois são o lado mais fraco da corda. Juvenal pede que quem tiver com medo deve ir embora, mas que os que ficarem precisam ter “fé e esperança” e garante que ninguém passará necessidade e fome. Juvenal ouve gritos de “Viva” dos peões. Juvenal se recusa a ser carregado pelos peões e afirma que não é santo do pau oco. No escritório segue a conversa político (do Centro de Serviço Social) com Juvenal que pensam em uma solução pela justiça que todos da sala afirmam ser lenta.

Juvenal sai e Misael oferece companhia. Ao sair veem policiais e Juvenal afirma que são esses nordestinos mortos de fome e Misael diz que são mantidos pelos impostos. Juvenal mostra um terreno da GPN sem nenhuma construção e afirma que o

²¹⁹ BOTTARI, Elenice e RAMALHO, Sérgio. **Policiais apoiam milícias na guerra por espaço do tráfico**. Jornal O Globo, 10 de dezembro de 2006.

²²⁰ Capítulo 2.

²²¹ Idem.

²²² Idem.

local deve ser ocupado para a construção da favela. Juvenal afirma: “- Outro dia em um programa de televisão ouvi um crioulo americano dizendo...” Mizael afirma que ele não deve falar assim e o correto é “afrodescendente”. Juvenal continua e afirma que teve um sonho que dali surgirá a Portelinha e diz: “- Aquele é o meu povo!” “- Teu? Questiona Misael. Juvenal segue “- Fui eu que botei eles nessa sinuca de bico e eu que vou dar jeito na vida deles.... Ali será a associação de moradores e serei o presidente.”

No capítulo três Juvenal pede que Misael reúna algumas pessoas como o pastor e a moça da umbanda, mas que ela vá sem os panos na cabeça para não desagradar o pastor. Adalberto lê em uma revista que há um terreno a venda, mas Daniel explica que não trabalha mais na empresa.

Juvenal conversa com a dona do terreiro dona Setembrina, sobre a ideia da criação da favela no terreno. A reunião começa sobre o destino das pessoas e de outros que não tem uma casa. Todos afirmam que tentam ajudar os necessitados inclusive quem não tem moradia. Juvenal afirma:

“Podemos fazer um pouco mais. Juntar nossas forças. Partir para a briga. Eu quero dar para essas pessoas que vive aí ao Deus dará um lugar que valha a pena viver. Não uma tenda, um buraco no viaduto, não, uma casa onde a pessoa possa se orgulhar de sair todos os dias de manhã e sair para ganhar o pão nosso todos os dias.”²²³

Pede apoio para a invasão e demarcar o terreno e criar a comunidade que terá o nome de Portelinha em homenagem a sua escola de samba. E todos concordam com a invasão. Adalberto pede que Daniel seja seu testa de ferro e dá o sinal para efetuar a compra do terreno de Barreto, Stenio Garcia casado com Suzana Vieira. Esse momento da trama faz a ligação entre o núcleo da futura Portelinha e os negócios com as famílias ricas da novela, inclusive o vilão Adalberto.

O capítulo quatro mostra o início da ocupação e a necessidade de muitos ônibus para trazer o pessoal que fica atrás do Autódromo e os desabrigados de Curicica. Misael pede desculpe pela demora, mas estava cuidando das crianças pois a esposa estava na fila do hospital desde as três da manhã. A novela é marcada por críticas sociais como a baixa qualidade dos serviços públicos.

²²³ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 3).

Narciso, político da Secretaria de Serviço Social, visita Juvenal que diz que tudo está parado, mas que estão firmes. A “moral” da tropa que está com algumas perdas, mas Juvenal não se abate pois ficou os mais fortes. Narciso pergunta sobre a invasão e Juvenal desconversa, mas Narciso diz que é preciso ocupar logo, embora não esteja dizendo (tira o corpo fora), pois a notícia vazou e que a polícia irá para o lugar.

Juvenal chama os aliados e marca para o dia seguinte a invasão. Não aceita as críticas e pede organização sem perder o sangue frio “muita calma nessa hora²²⁴”. Outro bordão de Juvenal que permanecerá ao longo dos capítulos. Começam a chegar kombis e ônibus com os invasores que felizes começam a ocupar o loteamento celebrando com Juvenal e os aliados junto do povo. A ocupação conta com a trilha sonora “E vamos à luta²²⁵” música de abertura da novela analisada mais a frente nesse capítulo.

IMAGEM 28: Chegada de kombis e pequenos caminhões com mudança²²⁶



²²⁴ Capítulo 4.

²²⁵ Capítulo 4.

²²⁶ Idem.

IMAGEM 29: Alegria de Juvenal com a chegada das pessoas para continuar a ocupação²²⁷



As cenas mostram também a alegria de Juvenal com o povo que chega para ajudar na invasão e ter uma moradia. A imagem do bem-feitor é reforçada, assim como milicianos que controlam a ocupação de terrenos. Podemos observar o descaso das autoridades com a atuação das milícias como à extinção da força tarefa da Prefeitura responsável por fiscalizar loteamentos irregulares. Em 11 de novembro de 2007, mesma época em que a novela está no ar, uma reportagem de capa, “Áreas públicas são loteadas por milícias”²²⁸ mostra o fechamento de uma Praça na Gardênia para ser utilizada como campo de futebol privado. A administração do local ficou a cargo de Girão, presidente da associação de moradores, acusado de chefiar a milícia da região. Apesar do conhecimento do governo sobre as ações de grilagem desses grupos a Gerência de Operações Especiais, identificava loteamentos irregulares, foi extinta.

A atuação das milícias em grilagens e na venda de loteamentos ilegais vem sendo investigada em inquéritos na 32ª DP (Taquara), na 28ª DP (Campinho) e na Delegacia de Meio Ambiente. As áreas com maior incidência de irregularidades são Rio das Pedras, Gardênia Azul, Camorim, Anil (Jacarepaguá), Terreirão (Recreio), Vargem Grande, Vargem Pequena e Itanhangá. Além do trabalho da polícia, a expansão desse tipo de atividade pode ser avaliada pelo número de intimações emitidas pela 19ª Divisão de Conservação da Secretaria Municipal de Obras: 111 nos últimos dez meses.

²²⁷Idem

²²⁸ MAGALHÃES. Luís Ernesto. RAMALHO. Sérgio. **Áreas públicas são loteadas por milícias**. Jornal O Globo, 11 de novembro de 2007. P. 1 e 18.

Todas por ocupação irregular de áreas públicas no Recreio, em Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim.²²⁹

Em matéria do caderno Rio, de 24 de dezembro de 2007, seguem mais informações sobre loteamentos irregulares e as ações das milícias. Nessa reportagem, são apresentados o crescimento irregular vertical de residências no rio das Pedras, assim como o loteamento irregular de uma área de proteção ambiental, intermediada pela Associação de Moradores e Amigos do Rio das Pedras (AMARP) responsáveis pela documentação da transação. Também é citada a ligação da AMARP com membros da milícia local.²³⁰ As narrativas do jornal evidenciaram as denúncias e investigações e destacaram que para o governo o problema não era considerado primordial – levando o fechamento da força tarefa responsável pela fiscalização de loteamentos irregulares.

O tema é recorrente, pois já em 2006, a manchete no caderno Rio, mostrava que moradores já haviam denunciado a venda de imóveis por milícias: “Milícias estendem atividades a grilagem de terra - Grupos contam com duas imobiliárias na Zona Oeste para articular negócios - Comissões variam de 10% a 20%”.²³¹ Explica como é feita a compra e venda de terrenos e casas em áreas dominadas por milícias e as denúncias dos moradores sobre esse procedimento à Faferj.

No quinto capítulo, o discurso de Juvenal incentivado pelo pastor que pede que deixe o Espírito Santo falar por ti.

“- Vocês estão me olhando como Moisés, não é isso? Tá certo, justamente eu trouxe vocês até aqui. Mas a partir de agora que cada um trate de pisar com os próprios pés a terra prometida. Não fiquem esperando de mim palavras de comando, que a citação é muito simples. Isso aqui é muito simples é uma invasão. Então tem que ser cada um por si.... Não tenho a solução para todos os problemas do mundo, façam vocês mesmos. Tratem de entrar em ação, cada um que demarque o seu lote menos os da frente que já estão reservados para o comércio.”²³²

²²⁹ MAGALHÃES, Luís Ernesto. RAMALHO, Sérgio. **Áreas públicas são loteadas por milícias**. Jornal O Globo, 11 de novembro de 2007. P. 1 e 18.

²³⁰ SCHMIDT, Selma. **A multiplicação dos andares – Prédios de até 10 pavimentos crescem em ritmo acelerado no Rio das Pedras**. Jornal O Globo 24 de dezembro de 2007. P 1 e 10

²³¹ RAMALHO, Sérgio. **Milícias estendem atividades a grilagem de terra**. Jornal O Globo, 15 de dezembro de 2006. P.27.

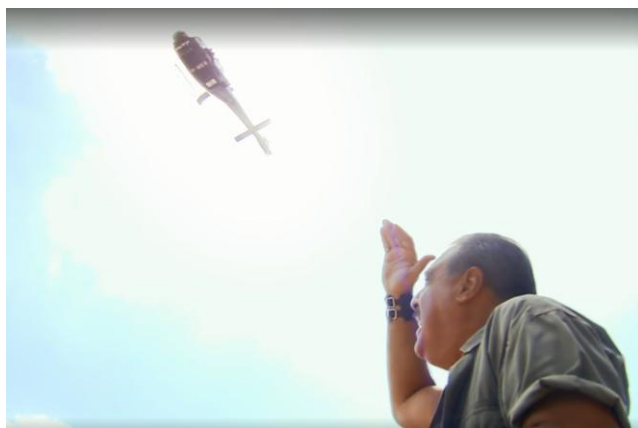
²³² SILVA, Aguinaldo. Duas Caras, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 5).

Todos saúdam Juvenal e começam a demarcação. A referência ao profeta atrai uma certa relação de Juvenal com uma atuação com presença divina citada posteriormente. Nesses capítulos iniciais são apresentadas diversas orientações e padrões de discurso reforçados na passagem de tempo na trama e ao longo dos capítulos.

Juvenal andando entra as ocupações encontra uma mãe com filhos e pergunta se todos são dela. Diante da afirmativa, pergunta do pai e a moça responde, os pais, cada um tem um. Juvenal fala para ela tomar pílula e ela afirma que passa mal com o remédio. O líder fala para um de seus aliados: “Arruma alguém apara ajudar a miss mãe do ano a erguer o barraco... Fala para ela não ter o oitavo filho. A moça pergunta se ele tem uma cesta básica²³³” e Juvenal responde “- Não sua namorada! ²³⁴” E sai rindo com os demais.

O que reforça alguns valores das pessoas que “ajudam” os moradores, mas julgam seu estilo de vida. O pastor constrói sua igreja e prega ao mesmo tempo, mas tem um ataque epilético e é socorrido por Juvenal. Mostrando sua atuação em todos os momentos necessários e para todos os problemas. Um helicóptero sobrevoa a ocupação, carros de polícia chegam até o loteamento e tomam o local.

IMAGEM 30: Juvenal observa o helicóptero que sobrevoa a ocupação²³⁵



²³³ Idem.

²³⁴ Idem.

²³⁵ Capítulo 5.

Os policiais avisam que o local deve ser esvaziado e esse será o último aviso senão usarão a força. Juvenal fala para começarem atirando nele caso for usado força. Um ato heroico que busca simpatia com o público apesar das atitudes violentas. Nessa hora Narciso aparece e impede que a polícia utilize a força, em nome do Estado do Rio de Janeiro. A tensão continua, o policial mantém a arma apontada para Juvenal e o capítulo termina.

IMAGEM 31: Cena de enfrentamento e tensão²³⁶



A cena impactante ao finalizar o capítulo garante uma boa audiência para o capítulo seguinte, um dos objetivos na divisão das cenas finais dos capítulos. Não podemos esquecer que as novelas são um produto e que necessitam garantir uma boa audiência para garantir sua permanência além dos lucros para a emissora.

No capítulo seguinte, Narciso consegue apaziguar a situação. A polícia permanece no local para manter a paz. Narciso faz um brinde e vai embora. Na comunidade puxam um gato e comunidade passa a ter luz. Em um carro Juvenal ouve batidas no porta-malas e ao abrir encontra uma mulher (Marília Gabriela). A cena encerra o capítulo de sábado e mantém o mistério para o capítulo de segunda-feira.

No capítulo de segunda-feira, dia 08 de outubro de 2008, a nova personagem pede abrigo, jura fidelidade, mas não quer contar sua origem. Seu nome é Guigui e será o braço direito de Juvenal na organização da Associação.

²³⁶ Idem.

As cenas seguem ressaltando que Juvenal aceita a diversidade religiosa com a proximidade ao candomblé e tem uma igreja Protestante na comunidade. Narciso informa que a invasão ao terreno é um fato consumado e que nenhum juiz teria coragem de mexer com eles. Juvenal afirma: “Agora vamos tratar para aqui não virar um antro de bandidos como aconteceu nas outras favelas.”²³⁷ E como você pretende fazer isso, pergunta a político. Juvenal afirma, andando pela favela “Vou tratar de manter a ordem para dar minha contribuição para o progresso desse povo.”²³⁸ “Estou enganado ou essas são as bases de uma plataforma política²³⁹” pergunta Narcisos, ordem e progresso estão na nossa bandeira.

O político segue “O que esse povo vai lhe dar em troca?”²⁴⁰ Juvenal “Amizade, muito respeito, mas não se preocupe que eu vou fazer de tudo para merecer isso.”²⁴¹ Ocorre uma briga se continuar assim “mando colocar os dois na lixeira.”²⁴² Grita Juvenal para deter a briga. Reafirmação do pulso forte para controlar os confrontos internos da favela.

No capítulo oito, Joca (Erson Capri), dono da faculdade, ao passar de carro pelo local, fala que antes era uma construção, virou favela incentivada pelo governo e diz “tomará que não vire um antro de banditismo tão próximo a nossa faculdade.”²⁴³ A esposa pensa em oferecer bolsa de estudos para os moradores. A ideia de comunidade ser o antro de banditismo, justifica a atuação das milícias que evitam a presença do tráfico que é visto como a real violência problema. A violência das milícias não afeta as pessoas que passam no entorno, já que é uma região sem confrontos com a polícia ou sem brigas entre facções. Analisaremos essa relação com o núcleo rico.

Juvenal sobe no caixote para falar para os moradores e diz que estão abençoados por Deus e que é fruto do trabalho deles e oferece uma festa para comemorar sem exageros que ele estará de olho.

²³⁷ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*, Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 7).

²³⁸ Idem.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Idem.

²⁴¹ Idem.

²⁴² Idem.

²⁴³ Capítulo 8.

No nono capítulo, Ferraço e Juvenal encontram-se: “Novo empresário da construção civil da cidade do Rio de Janeiro²⁴⁴” como consta no jornal. Juvenal fala que os outros leram para ele pois anda com a vista cansada, expressão comum utilizada pelas pessoas com baixa escolaridade com dificuldades de leitura, aproximando Juvenal do público mais humilde. “Já pensou quantas pessoas da minha comunidade eu deixei de atender? Umas trinta. Elas iam chegar com seus problemas e eu ia tentar atender na medida do possível.²⁴⁵” Expressões como minha comunidade e meu povo são recorrentes nas falas de Juvenal mostrando sua relação de posse com a favela e seus moradores.

Ao sair para ver o terreno ao lado com o empresário, orienta Guigui que faça uma triagem na fila e libere as mulheres que vem reclamar de marido. Ferraço oferece dinheiro para Juvenal levar todos os moradores da Portelinha para que ele possa construir um condomínio de luxo. Juvenal faz o jogo dele por um tempo, mas diz que irá embora e não aceita nenhum valor oferecido. Juvenal volta e dá um soco nele. Ferraço diz que se vingará. O segurança de Ferraço sugere colocar fogo na favela a partir da explosão de um botijão de gás. Ferraço diz que não é o melhor momento ainda. A cena que antecede a passagem do tempo é um almoço com os principais aliados de Juvenal ao longo dos anos: a mãe de santo, Dona Setembrina, o pastor, o carpinteiro Misael, Guigui e Evilázio.

IMAGEM 32: Encontro entre membros importantes aliados de Juvenal na Portelinha²⁴⁶



²⁴⁴ Capítulo 9.

²⁴⁵ Idem.

²⁴⁶ Capítulo 9.

A cena da passagem de 10 anos e mostra a expansão da favela, com poucos barracos e Juvenal com o bigode preto. Depois a cena volta com a área construída, praticamente sem nenhum espaço livre e Juvenal de cabelos e bigode grisalhos.

2.6 - Segunda fase da novela: a expansão da Portelinha e do poder de Juvenal

Com a passagem do tempo o primeiro capítulo transmite o poder consolidado por Juvenal ao longo dos anos, a frente da Associação de Moradores da Portelinha e sua fiscalização na comunidade que visita a casa de novos moradores para se apresentar e “ver se não batem em criança e se não trouxeram drogas”, afirma o líder.²⁴⁷ Ao longo dos capítulos podemos analisar a conduta moral que deve existir entre os moradores para que Juvenal garanta a organização e controle sobre os moradores.

No capítulo 10 analisamos a ronda de Juvenal Antena e seus anões²⁴⁸: um morador joga o sofá no riacho da favela durante a ronda de Juvenal que ordena aos seus capangas jogar o morador no riacho e mandam ligar para o Disque-entulho. O morador diz que eles não vão a favela, mas Juvenal afirma: “Diga as palavras mágicas. Quais? Foi a mando de Juvenal Antena.”²⁴⁹ o líder sorri e pede que Evilázio, seu braço direito, ligue para o eletricitista arrumar os fios de gato para evitar um curto-circuito. Ele também vai aconselhar Zé da Feira que está bêbado, demonstrando conhecimento sobre os problemas dos moradores e sua tentativa de ajudar. Uma nova moradora chega à favela com aparência de usuária de drogas e outro morador fala para ela ficar esperta com a vida. Juvenal chama a mesma para conversar: “Você sabe quem eu sou. Não. Juvenal Antena. Trate de abrir a porta.”²⁵⁰ Nesse primeiro capítulo da nova fase da novela o líder mostra preocupação com a comunidade embora utilize meios não legais para conduzir a vida das pessoas na região.

²⁴⁷ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007. (Capítulo 10).

²⁴⁸ Sete seguranças/capangas do líder comunitário.

²⁴⁹ Capítulo 10.

²⁵⁰ Idem.

IMAGEM 33: Primeiro capítulo da nova fase da novela



251

O poder de Juvenal Antena tem como base o respeito pela pessoa que ouve todos da comunidade, impõe regras claras incluindo as punições e cumpri sua palavra. O respeito é baseado na admiração por sua dedicação, mas amparada fortemente no medo que espalha entre os moradores através dos julgamentos que promove na associação junto com os anões que são seus seguranças de longa data, como podemos analisar nos próximos parágrafos e traçar um paralelo com a atuação das milícias que atuam seguindo a mesma lógica de protetores do território.

Nessa sequência de cenas abaixo podemos exemplificar o citado acima, assim como em outros capítulos, reforçando o respeito dos moradores e até de políticos além da imposição de seu poder através do uso da violência, sempre me nome da defesa da “favela dele²⁵²” e seus moradores:

No Capítulo 12 que foi ao ar em um sábado²⁵³, no núcleo rico da novela, Gioconda (Marília Pera) está preocupada com a filha, Júlia (Débora Dolabella) que foi tentar uma entrevista com o chefe da Portelinha e ainda não retornou. Inicialmente, buscam contato com o Secretário de Segurança, mas o telefone cai na caixa postal. O político Narciso, amigo da família, chega à casa e diz que não conseguiu contato com Juvenal, mas a assessora informou que Júlia não estava na comunidade. Isso é questionado por bandido ter assessora e afirma: - “Muito pouco provável que tenha

²⁵¹ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 10).

²⁵² Capítulo 10.

²⁵³ Capítulo 12 Sábado 13/10/2007.

acontecido alguma coisa de ruim com a Julia na Portelinha aquela favela é um exemplo.”²⁵⁴

Na sequência, os anões de Juvenal conseguem capturar Ronildo, que agrediu a esposa dentro da favela. Guigui questiona o líder da associação de moradores sobre as chances do rapaz: “- Por mim nenhuma, mas que ele terá direito de defesa que ele não deu a esposa.”²⁵⁵ Nesse momento, busca mostrar um senso de justiça já que Romildo terá a oportunidade de defesa.

O interrogatório começa e Juvenal inicia as perguntas: se tem parente, se ele veio de longe para fazer bagunça na **favela dele** e começa o julgamento. De forma recorrente ao longo dos capítulos Juvenal trata a comunidade como sua propriedade e responsabilidade.

“- Você acha que vai chegar aqui e fazer isso tudo, eu que tô garantindo a tranquilidade desse povo²⁵⁶” afirma Juvenal. O rapaz é expulso da favela sendo avisado para não retornar. “-Deus te afaste da minha ira, senão nem tua sombra me escapa.”²⁵⁷ Diz Juvenal. “-Tu acha que eu gosto de fazer isso? O mundo que é sinistro.”²⁵⁸ justifica seu julgamento por um bem maior, o da comunidade, através da visão e decisões do próprio. O senso de justiça e a decisão final da punição fica por conta de Juvenal que atua como a justiça na região. É possível refletir sobre a ausência do Estado em certas regiões da cidade possibilitando a existência de julgamentos por quem se considera o líder do local.

²⁵⁴ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 12).

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ Idem.

²⁵⁸ Idem.

IMAGEM 34: Juvenal em primeiro plano e Evilásio ao fundo anotando as decisões do padrinho²⁵⁹



Na cena é possível observar que Evilázio anota as decisões do padrinho passando uma ideia de legalidade e de proximidade a um julgamento em termos legais. O acusado tem o direito de falar antes da decisão de Juvenal. No capítulo seguinte²⁶⁰, Juvenal procura Dália (leona Cavalli), esposa de Ronildo que o questiona:

“- Você sempre faz isso com quem não gosta?”²⁶¹ questiona Dália.

“-Vê se entende o caso não é de gostar ou não gostar. Eu **sou responsável por essa comunidade e eu exijo respeito e ordem**²⁶². Gente da laia dele se entrar na Portelinha eu expulso sim e é o que vai acontecer se continuar usando isso”²⁶³. Afirma Juvenal que aponta para as drogas que ela consome.

O combate a circulação e uso de drogas era uma das justificativas iniciais da atuação das milícias para legitimar suas ações e sua “preocupação” com os moradores que em troca deveriam remunerá-los.

O diálogo prossegui com justificativas sobre as dificuldades de largar as drogas. Juvenal oferece para interná-la em uma clínica, mas a mesma agradece e fala que tentará sozinha. “-Se for para ficar limpa pode contar comigo, mas não me decepcione, tô confiando em você” pondera Juvenal.

²⁵⁹ Capítulo 13.

²⁶⁰ Capítulo 13 exibido em 15/10/2007.

²⁶¹ Idem.

²⁶² Grifo nosso.

²⁶³ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 13).

Outra característica do líder da Portelinha é auxiliar os moradores na resolução de seus problemas sendo apresentado como um benfeitor que utiliza a violência para manter a tranquilidade da comunidade, característica de legitimação utilizada pelas milícias.

A filha de Juvenal, Solange (Sheron Menezes), no capítulo 21²⁶⁴, abre a porta do quarto do pai que saca uma arma por não saber “quem era ou o que queria”. Para amenizar a situação violenta o líder da Portelinha pede para Guigui conseguir um bom café da manhã. O dono da padaria da favela entrega, os produtos, mas não aceita pagamento. Juvenal agradece e dá uma boa gorjeta para o entregador.

A prática acima ocorre como reconhecimento do poder e busca por ser lembrado pelo líder em outras necessidades. Depois de 46 capítulos²⁶⁵, o tema é retomado. Juvenal chega à quadra da escola de samba da Portelinha sendo recebido com aplausos, beija a bandeira da escola. Mostra o quanto o povo admira o líder.

IMAGEM 35: Juvenal e sua alegria na Escola de Samba da favela²⁶⁶



Nos capítulos citados acima podemos perceber a preocupação de criar a ideia de um líder que faz a justiça com as próprias mãos, mas é reconhecido como um salvador por moradores, políticos, vizinhos dos bairros mais ricos. Ao longo da trama a ideia é reforçada de um homem preocupado com o bem da comunidade.

²⁶⁴ Capítulo 21 exibido em uma quarta-feira dia 24/10/2007.

²⁶⁵ Capítulo 67 exibido em uma segunda 17/12/2007.

²⁶⁶ Capítulo 46.

2.7 - Juvenal Antena: atendimento ao seu povo

Nos capítulos destacados abaixo relatamos a atuação de Juvenal na Associação de Moradores por vezes ressaltando alguns preconceitos e por outros alertando a população para campanhas importantes como o combate aos focos de mosquito da dengue. Notamos que constantemente o autor incluía no cotidiano dos moradores problemas enfrentados na vida real.

Durante os atendimentos Juvenal fica sentado em uma cadeira em um patamar acima dos moradores, com um destaque, acima dos demais. A associação sempre está cheia diariamente em busca de auxílio de Juvenal organizada por Guigui.

IMAGEM 36: Fila para atendimento de Juvenal²⁶⁷



No capítulo 18²⁶⁹, uma moradora procura a associação com filho para reclamar sobre o atraso da pensão do ex-marido. Guigui dá um sermão dizendo que a culpa não é só do ex-marido e sim da genitora também que deveria pensar com quem tem filho. Guigui diz que vai resolver e não incomodará Juvenal com esse assunto. Ela liga para a rádio da favela e através do Se Liga da rádio denuncia a falta do pagamento da pensão e diz que “o que é dele está guardado e quem não paga pensão acaba preso.”²⁷⁰

Na comunidade do Rio das Pedras, assim como na maioria, há uma rádio local que além de música apresenta informações importante para os moradores sobre a localidade, divulga campanhas, entre outros.

²⁶⁷ Capítulo 18.

²⁶⁸ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 130).

²⁶⁹ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 18 exibido em 20/10/2007).

²⁷⁰ Idem.

Já no capítulo 71²⁷¹, as críticas a dança na whisqueria pressionaram o autor a mudar o estabelecimento incluindo assim a cena em que parte da boate desaba e as meninas ligam para a associação em busca de Juvenal busca de ajuda. No entanto, o ocorrido não foi um acidente e sim uma explosão, um atentado com bomba caseira. Juvenal afirma: “Seja quem for o Zé ruela que plantou bomba na minha favela eu pego ele e.”²⁷²..” Novamente a abordagem da comunidade ser de Juvenal, a utilização de violência como forma de punição e a associação como porto seguro diante dos problemas.

Dois capítulos depois²⁷³, Guigui alerta Juvenal sobre o aumento dos casos de dengue e o mesmo afirma que vai “resolver esse problema do povo dele” e segue com um discurso para os que estão na quadra sobre as formas de proliferação do mosquito da dengue e afirma que fará uma limpeza na comunidade para evitar o mosquito. O número de mortes por dengue em 2007 foi de 158 óbitos, mais que o dobro do ano anterior com 76.²⁷⁴ Devido ao aumento de casos a novela que acompanhava o realismo da sociedade abordou tema através da preocupação de Juvenal e da Associação de Moradores da Portelinha em proteger seus moradores. Outra cena, no mesmo dia, em referência ao Natal, Juvenal organiza uma entrega de presentes para as crianças da Portelinha. Em seguida, conta para a filha que sonhava em ter um filho e sempre ficava feliz nessas entregas. Destaca o lado amoroso e caridoso do líder da Portelinha.

IMAGEM 37: Doação de presentes de Natal para as crianças da Portelinha²⁷⁵



²⁷¹ Capítulo 71 exibido na sexta-feira 21/12/2007.

²⁷² Idem

²⁷³ Capítulo 73 exibido na segunda 24/12/2007.

²⁷⁴ <https://www.estadao.com.br/emails/morte-por-dengue-hemorragica-foi-recorde-em-2007/>.

²⁷⁵ Capítulo 73 exibido na segunda 24/12/2007.

Juvenal atende a associação novamente no capítulo 131²⁷⁶, e fala com uma família sobre a importância de estudar. Ao longo da trama o líder faz uma parceria com a Universidade de Branca para obter bolsas de estudos. Outro ponto destacando a preocupação com a comunidade, não só de forma assistencialista. Em Rio das Pedras, também existia um polo da UniverCidade, oferecendo curso para os moradores.

No capítulo 139²⁷⁷, um morador procura a associação explicando que a vigilância sanitária levou seus porcos que eram o sustento dele e de sua família. Juvenal afirma que é preciso seguir as ordens, pois “saúde pública em primeiro lugar”²⁷⁸, mas diz que vai ver uma solução para a renda dele. Em seguida oferece um dinheiro ao morador até que ele consiga um novo trabalho.

“Esse é o Juvenal que eu conheço, que esse povo gosta tanto, paizão, generoso até dizer chega”²⁷⁹. - diz o morador

“A caixinha da associação serve para isso, Guigui”²⁸⁰ prossegue Juvenal.

Na cena é apresentado Juvenal como uma pessoa que segue as regras do governo e que utiliza o valor que cobra de comerciantes e outros para beneficiar os moradores da comunidade que estão enfrentando alguma dificuldade. Reforça a ideia do pai zeloso e preocupado. A imagem de Juvenal vai sendo reforçada nessa linha e que somente quem não segue suas regras para um bem maior, conhece a outra face do líder da associação.

Novamente, no capítulo 142²⁸¹, é abordado o confronto entre evangélicos que decidem expulsar os moradores que formaram trisal na comunidade através da violência. Juvenal é acionado repreende os evangélicos que dizem estar defendendo a moral e os bons costumes. Juvenal pergunta se espancamento faz parte do que os evangélicos defendem, afirma que vai acusar dona Edivânia (Susana Ribeiro) caso alguém tenha alguma sequela e não irá permitir isso em sua favela. Em seguida aponta a arma e atira duas vezes para o alto e assim dispersa os moradores.

²⁷⁶ Capítulo 131 exibido na sexta-feira 29/02/2008.

²⁷⁷ Capítulo 139 exibido na segunda 10/03/2008.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Idem.

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ Capítulo 142 exibido na quinta 13/03/2008.

IMAGEM 38: Juvenal interferindo no conflito criado por evangélicos contra um trisal na favela²⁸²



No capítulo seguinte²⁸³, Guigui diz para Juvenal que ordenaram aos moradores não frequentarem mais o restaurante do trisal. Juvenal é sócio do restaurante, pois reconheceu o talento de Bernardinho (Thiago Mendonça) quando ele trabalhava em um pé sujo na comunidade. Para ajudá-lo abriu o negócio, entrando com o dinheiro e Bernardinho com o trabalho. Juvenal pede para anunciar na rádio que naquela noite irá no restaurante e quer a casa cheia para dar uma notícia, recebendo muitas reservas demonstrando a influência de suas ordens nas atitudes dos moradores apesar de muitos terem apoiado a ação dos evangélicos no ataque ao trisal.

IMAGEM 39: Restaurante de Bernardinho cheio depois do pedido de Juvenal²⁸⁴



²⁸² Idem

²⁸³ Capítulo 143 exibido na sexta dia 14/03/2008.

²⁸⁴ Capítulo 143 exibido na sexta dia 14/03/2008.

2.8 - Juvenal Antena: a construção de um herói

No Capítulo 16²⁸⁵, o marido da Dália volta a comunidade deixando Juvenal revoltado, brigando com os sete anões dizendo que não fizeram o serviço direito que se ele voltar outros vão querer afrontá-lo. Decide resolver o problema sozinho dessa vez. Ronildo entra na casa de Dália, empurra o cozinheiro Bernardinho e pega uma faca com ciúmes de Dália. Juvenal chega e termina o capítulo. A cena é encerrada nesse momento, com close em Juvenal, para manter o interesse do público no capítulo seguinte em busca de audiência. Um recurso comum nesse meio de comunicação.

IMAGEM 40: Chegada de Juvenal durante agressão de Ronildo²⁸⁶



No capítulo seguinte²⁸⁷, Ronildo foge pelas ruas da favela e é perseguido por Juvenal. Guigui disse que tem um pressentimento e pede para o braço direito ir junto com ela atrás de Juvenal. A cena mostra que Juvenal não é apenas o mandante, mas também é corajoso e participa do confronto direto, é melhor que seus anões inclusive. A perseguição continua, Ronildo não consegue pular o muro sendo confrontado por Juvenal, mas passa pelo buraco que liga a comunidade ao terreno de Ferraço. Juvenal tenta passar, mas não consegue. Ronildo foge. Juvenal avisa a Dália que colocará as

²⁸⁵ Capítulo 16 exibido em 18/10/2007.

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ Capítulo 17 exibido em 19/10/2007.

mãos pesadas nele. Dália agradece e diz que nem o pai cuidou dela assim. Juvenal diz que não é por ela e sim pela comunidade.

Novamente mostra a ideia do reconhecimento pelos moradores de Juvenal como um protetor e um pai, mas que justifica suas ações pelo bem maior de defender a comunidade. No trecho da cena Juvenal confronta o adversário que utiliza uma faca, mas o líder da comunidade não se amedronta e protege Dália arriscando um confronto e sua vida.

IMAGEM 41: Ronildo ameaça Juvenal com uma faca²⁸⁸



Nos capítulos 26 e 27²⁸⁹, Eunice (Letícia Spiller) vai a Portelinha com o sobrinho para falar com Juvenal e tentar autorização para fazer um documentário sobre a favela mas tem seu anel roubado na entrada principal por Ronildo. Juvenal reage: “assalto dentro da minha favela?”²⁹⁰ Segue de carro junto com anões atrás do bandido. Os moradores indicam por onde o ladrão fugiu. Ronildo é atropelado pelo marido da Eunice. Juvenal pega o anel e diz “- Que farol é esse. Fala para a dona encrensa que ela pode usar o holofote dela a vontade aqui na minha favela que quem tentou roubar foi um estrangeiro.” O motorista do marido diz que levará ele para o hospital, mas Juvenal pede para ficar com ele, os dois discutem. “Se você sumir com ele vou ser conivente” diz o motorista. Juvenal deixa o ladrão de lado e segue para a associação.

Depois do assalto resolvido Eunice pede autorização sobre um documentário na Portelinha “que divulgará seu ótimo trabalho”, afirma a madame para o líder. “Posso começar com uma entrevista com o senhor – afirma o cineasta. Para depois mudar tudo

²⁸⁸ Capítulo 17 exibido em 19/10/2007.

²⁸⁹ Capítulo 26 exibido em 31/10/2007 e Capítulo 27 exibido em 01/11/2007.

²⁹⁰ Idem.

e fazendo aquelas montagens e destorce tudo que a gente falou. Na minha favela não vai ser feito porcaria de filme nenhum” - afirma Juvenal. Todos desistem da filmagem.

Juvenal vê o sequestro relâmpago de Branca (Suzana Vieira), no Capítulo 46²⁹¹, pega o motorista e segue o carro dos bandidos que xingam e ameaçam Branca. Juvenal chama Evilásio e os anões para seguir em direção a Vargem Grande. Juvenal é apresentado como uma pessoa que combate crimes do cotidiano que a sociedade teme. “Se a polícia for chamada podem usar sua patroa como escudo humano” afirma Juvenal. O motorista pergunta quem está ajudando e ao ouvir que era Juvenal Antena diz “- O mandachuva da Portelinha em pessoa. Agora sim eu boto fé que vamos salvar a dona Branca.”²⁹². Juvenal liga para Evilásio marcando um ponto de encontro.

IMAGEM 42: Branca sendo agredida durante o sequestro relâmpago²⁹³



Branca é levada para um caixa eletrônico em um posto de gasolina. Juvenal se aproxima e aguarda a chegada de Evilásio e os anões que cercam os carros onde estão os cúmplices. O assaltante sai de mão dada com Branca fingindo serem namorados. Juvenal finge ir em direção do caixa e salva a vítima imobilizando o assaltante. Os dois lutam, alguns tiros são disparados sem ferir ninguém até a derrota final.

²⁹¹ Capítulo 46 exibido em 22/11/2007.

²⁹² SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007, (Capítulo 46).

²⁹³ Idem.

IMAGEM 43: Juvenal chega para salvar Branca com as próprias mãos²⁹⁴

Juvenal pede para revistarem o bandido que está portando drogas ilícitas e afirma que detesta o combustível desses bandidos que é a droga, não gosta de quem consome e acha um absurdo quererem liberar ainda mais quem tem filhos. Juvenal manda levar os bandidos para onde quiserem e fazerem o que quiserem. Evilásio fala que devem entregar os assaltantes para a polícia e diz que não são Esquadrão da Morte.

Ferraço diz que tem planos para o terreno da comunidade que não agradará a Juvenal, mas será bom para os moradores. Branca agradece a Juvenal. Capítulo 63²⁹⁵, Dorgival (Ângelo Antônio), discute em casa com Alzira. Juvenal chega e impede que o marido cometa o suicídio.

IMAGEM 44: Juvenal interfere na briga de Alzira e Dorgival utilizando a força²⁹⁶

²⁹⁴ Idem.

²⁹⁵ Capítulo 63 exibido em 12/12/2007.

²⁹⁶ Idem.

Mesmo sendo apaixonado por Alzira, Juvenal evita a morte de Dorgival. No Capítulo 50, Dorgival descobre que Alzira é a dançarina misteriosa da whisqueria e tenta matá-la sendo detido por Juvenal que o convence a passar um período na Região dos Lagos com um dinheiro oferecido pelo líder da comunidade. Dorgival retorna a favela no capítulo 63 e tenta acabar com a própria vida. Começa a invasão na Portelinha, no Capítulo 82²⁹⁷. Lobato traficante de drogas apoiado por Ferraço começa um tiroteio e Juvenal pede que os anões ataquem, mas sem machucar inocentes principalmente as crianças.

IMAGEM 45: Invasão na Portelinha por Lobato e seu grupo²⁹⁸



Juvenal lidera os anões contra a invasão e utiliza armamento pesado no confronto reforçando a representação do herói da comunidade.

IMAGEM 46: Armamento pesado utilizado por Juvenal contra a invasão de Lobato²⁹⁹



²⁹⁷ Capítulo 82 exibido em 03/01/2008.

²⁹⁸ Capítulo 82 exibido em 03/01/2008.

²⁹⁹ Idem.

No outro capítulo³⁰⁰, Juvenal é ferido, mas conseguem expulsar os bandidos. A casa de Juvenal é invadida, Lobato utiliza a filha de Juvenal é usada como escudo. Depois do confronto Lobato é morto por Evilásio.

IMAGEM 47: Cena em que Lobato utiliza a filha de Juvenal como escudo³⁰¹



Juvenal desmaia ferido e comunidade reza por sua recuperação. A cena mostra a preocupação do povo da Portelinha pela saúde de seu líder salvador, o porto seguro dos moradores quando procuravam a Associação e a certeza do seu controle sobre a comunidade.

No capítulo 137³⁰², Juvenal diz que vai atrás do sufocador de qualquer forma. Ele defende Alzira dá um soco, mas o mascarado foge. Juvenal diz que no dia seguinte irá procurar quem é na Portelinha. “Eu conheço esse tipo de covarde que só ataca mulher. Pode deixar que se eu encontrar ele vai jogar na lixeira.”

Ronildo, no capítulo 178³⁰³, rouba o dinheiro na associação e foge levando a filha de Juvenal como refém. Juvenal diz para Guigui: “Você já sabe o que vai acontecer com seu filho não sabe?”³⁰⁴ A novela acaba, mas no dia seguinte³⁰⁵ o ônibus

³⁰⁰ Capítulo 83 exibido em 04/01/2008.

³⁰¹ Capítulo 83 exibido em 04/01/2008.

³⁰² Capítulo 137 exibido em 07/03/2008.

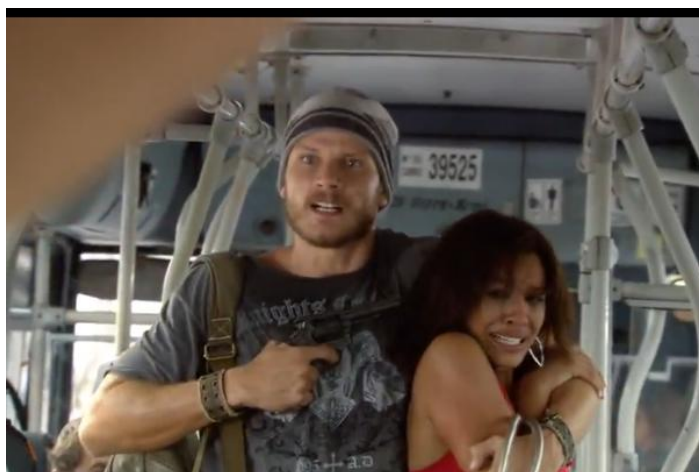
³⁰³ Capítulo 178 exibido em 24/04/2008.

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ Capítulo 179 exibido em 25/04/2008.

em que Ronildo estava com Solange é parado em uma blitz e ele se desespera. Juvenal chega e se oferece para trocar de lugar com a filha além de dirigir o ônibus até onde ele quiser e pede para liberar os outros reféns. Romildo aceita e pede um carro para fugir desde que Juvenal seja o motorista.

IMAGEM 48: Novamente a filha de Juvenal é utilizada como escudo humano/refém.³⁰⁶



Juvenal dirige o carro em fuga com Ronildo. Nessa cena, Juvenal troca de lugar com a filha e negocia a liberdade dos demais reféns reforçando a ideia de herói e coragem que arrisca a própria vida. No capítulo 180³⁰⁷, durante uma briga Ronildo acaba atirando, mas Juvenal vira a arma atingindo o sequestrador. Juvenal é aplaudido na associação. “Além de santo é herói. Santo eu não sou não eu sou um homem que não tem medo de que não foge da raia e que faz o que é certo.”³⁰⁸ O líder segue: “- vou fazer de um tudo para colocar ordem na minha favela e bandido nenhum se cria aqui.”³⁰⁹ E os moradores gritam: “Viva Juvenal Antena que faz cumprir a lei.”³¹⁰

³⁰⁶ Capítulo 179 exibido em 25/04/2008.

³⁰⁷ Capítulo 180 exibido em 26/04/2008.

³⁰⁸ Idem.

³⁰⁹ Ibidem.

³¹⁰ Ibidem.

IMAGEM 49: Juvenal o herói³¹¹



2.9 - Valorização do trabalho e estudo

Já nos Capítulos iniciais³¹², a mensagem de uma favela de paz é mostrada como na faixa “Aqui se vive em paz”³¹³ em uma placa. Pessoas jogando o lixo no local correto. Rádio dizendo: “Seu Juvenal Antena avisa que é hora de fechar o comércio. Fim do expediente para quem trabalha de dia para quem rala a noite bom serviço. Para os que não ralam hora nenhuma um aviso: se manca mané, pegar no batente só honra a gente.”³¹⁴

IMAGEM 50: Faixa que aparece de forma recorrente ao longo dos capítulos³¹⁵



³¹¹ Capítulo 180 exibido em 26/04;2008.

³¹² Capítulo 28 exibido em 01/11/2007.

³¹³ Idem..

³¹⁴ Ibidem..

³¹⁵ Idem.

A valorização da paz e do trabalho são uma contraposição as comunidades comandadas pelo tráfico de drogas, legitimação utilizada pela milícia para justificar suas ações. No item em que abordaremos as trilhas sonoras retorna essa mesma ideia. No capítulo 33³¹⁶, o núcleo rico da novela tem o objetivo de filmar um documentário sobre a Portelinha. Inicialmente, realizam algumas filmagens sem autorização e são levados até a associação para conversar com o líder local.

Juvenal conversa com Guigui sobre seu sonho de um dia a Portelinha ser um bairro com toda a infraestrutura, mostrando assim preocupação na melhoria das condições de vida dos moradores. Nesse momento, os diretores do documentário chegam a associação e são recebidos pelo seguinte diálogo:

"Pensando que minha favela é uma feira livre, não é assim que a banda toca não. A Portelinha é uma favela tranquila, cheia de gente honesta e trabalhadora porque eu dei meu sangue eu só não eu e muitas outras pessoas. Eu não vou deixar dois mauricinhos filhinho de papai chegue aqui para filmar o que bem entende e depois por ai inventando besteira sobre o meu povo."³¹⁷

Juvenal assiste a filmagem e decide autorizar o documentário. Durante as filmagens do documentário, no capítulo 39³¹⁸, é realizada uma entrevista com a vendedora ambulante de lanches que diz que Juvenal deu a primeira bicicleta para ela começar a vender lanches. Demonstra a preocupação de Juvenal em incentivar o trabalho dos moradores da Portelinha. A cena também mostra a bicicleta que utiliza para vender lanche e seus filhos sustentados por esse trabalho.

IMAGEM 51: Depoimento de Lucimar, moradora da Portelinha³¹⁹



³¹⁶ Capítulo 33 exibido em 07/11/2007.

³¹⁷ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 33).

³¹⁸ Capítulo 39 exibido em 14/11/2007.

³¹⁹ Capítulo 39 exibido em 14/11/2007.

Já no Capítulo 48³²⁰, Juvenal compra comércio de um morador para abrir o restaurante com Bernardinho que afirma: “Juvenal é um santo.”³²¹ Dessa forma, percebemos o incentivo ao trabalho por conta de Juvenal, mostrando que suas ações não são assistencialistas.

2.10 - O outro lado da moeda

Nesse trecho analisaremos algumas ações de Juvenal como a cobrança de taxas e julgamento de Romildo, mostrando o lado mais opressor do líder da Portelinha que volta a ser abordado na reta final da novela após Evilásio ficar no comando da favela enquanto Juvenal recupera-se do atentado.

Juvenal chama seu afilhado Evilásio, no capítulo 24³²², para ir atrás de Jojô na whisqueria pois, a duas semanas não dá satisfação e precisa prestar conta para ele e para os sócios que estão cobrando os atrasados. O Recado era: “Ou ele me paga ou eu vou lá pessoalmente fechar aquela espelunca, mas não sem antes dar a ele um corretivo do meu jeito com minhas próprias mãos.”³²³

A filha de Juvenal ouve a conversa e chama Evilásio de capanga. Ele alega que Evilásio não é capanga e que são só ameaças pois “cão que ladra não morde, embora as vezes tenha que fazer uma ameaçazinha para manter a ordem e o respeito. Eu te garanto que é só para assustar.”³²⁴ A fala tenta amenizar as críticas da filha.

Evilásio chega ao prostíbulo que diz: “já sabe quem me mandou aqui e o que eu quero.”³²⁵ Jojo desmaia. Após recobrar a consciência a conversa continua: “Eu vim aqui cobrar a taxa que você tem que pagar para manter sua casa de massagem aqui na Portelinha. Você já não paga a três semanas. e se não pagar vamos quebrar tudo aqui.”³²⁶

³²⁰ Capítulo 48 exibido 24/11/2007.

³²¹ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 48).

³²² Capítulo 24 exibido em 27/10/2007.

³²³ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 24).

³²⁴ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 24)..

³²⁵ Ibidem.

³²⁶ Ibid.

IMAGEM 52: Evilásio cobrando a taxa de Jojô e abaixo o medo em relação a cobrança³²⁷



Podemos observar o semblante de ameaça no rosto de Evilásio e de medo e desespero de Jojô, chocado com o tratamento que está recebendo. A ameaça é o principal recurso na cobrança das taxas por parte dos milicianos nas comunidades cariocas. Em algumas regiões a cobrança é feita por homens armados, em áreas mais tradicionais como o caso de Rio das Pedras, os cobradores já eram reconhecidos e o pagamento realizado.

Ao retornar Evilásio conta que Jojô quase se borrou e que ficou com pena. Juvenal se revolta e diz que o cara é caloteiro. Alega que a inadimplência tira o valor para a associação que será utilizado para pagar cestas básicas. Quer legitimar a cobrança que será utilizada para o benefício dos moradores. O restante vai para os sócios que não

³²⁷ Idem.

diz quem são. No Capítulo 26³²⁸, a filha de Juvenal lê um jornal sobre o pai informando que o líder da Portelinha tem

“três processos de homicídio sendo absolvido de dois por falta de provas e último não foi julgado. Juvenal Antena, o todo poderoso da favela Portelinha, não admite tráfico ou bandalheira, mas traz os moradores da comunidade na rédea curta: cobra pedágio, vende proteção, julga, expulsa, mas no fundo não passa de bandido.”³²⁹

A menina se assusta e quer ir embora, mas Evilásio evita sua partida. A cena relata diversas ações comprovadas ao longo da trama. A falta de provas em relação a crimes de milicianos ocorre principalmente pelo medo de testemunhas de manterem seus depoimentos iniciais e por vezes conivência da polícia por ligações com os criminosos.

Alguns capítulos depois³³⁰, Jojô da whisqueria é chamado para conversar com Juvenal que exige saber quem é a dançarina misteriosa, e exige que ela faça uma apresentação para ele. Jojô tenta negociar a taxa da semana, mas Juvenal diz que vai cobrar o dobro se ele continuar reclamando da cobrança.

No Capítulo 55³³¹, Ronildo sonha com Dália e volta a Portelinha. Ao chegar na casa encontra Dália dormindo abraçada com Bernardinho. Juvenal diz que “a humanidade caminha em círculos contando sempre a mesma história ó que dessa vez a gente vai botar um ponto final nesse drama. Solta esse canivete ou você quer que faça você engolir ele.”³³²

No dia seguinte³³³, Juvenal fala que vai levar Romildo. Dália pede para ele não machucar o ex-marido e é repreendida por Juvenal que diz que ela está sendo abusada e ele está perdendo a paciência com ela. Bernardinho diz que o Juvenal estava defendendo-a e Dália diz que tem medo que matem Romildo. Bernardinho explica que ela “está na favela da Portelinha e as coisa vão andar como seu Juvenal mandar.”³³⁴ Novamente, a referência que a comunidade segue os mandos e desmandos do seu líder.

³²⁸ Capítulo 26 exibido em 30/10/2007.

³²⁹ SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 26)

³³⁰ Capítulo 44 exibido em 20/11/2007

³³¹ Capítulo 55 exibido 03/12/2007

³³² SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 55).

³³³ Capítulo 56 exibido em 04/12/2007.

³³⁴ Capítulo 56 exibido em 04/12/2007.

Juvenal diz “Justamente Evilásio, agora a cobra vai fumar, vamos dar um jeito nesse moço.” Ronildo é levado para a Associação e Juvenal pede a Guigui que ninguém entre, pois o tempo vai fechar. Pede para Guigui ir para a casa dele pois, “uma dama não deve presenciar o que vai acontecer.”³³⁵

E segue “Cabra que fala muito assim na hora do vamo ver se borra todo.”³³⁶ Diz Juvenal.

IMAGEM 53: Cena de Ronildo com medo de Juvenal³³⁷



“Vacilão, chechelento. Você vai ser julgado de novo. Melhor começar a rezar, pois dessa vez você não vai escapar da minha mão pesada. Viveu o julgamento e não aprendeu pois, você voltou para perturbar sua ex-esposa. O réu está me dando razão³³⁸” diz Juvenal após Romildo dizer que realmente foi avisado. “Anotei tudo no livro das trevas³³⁹” segue Juvenal.

IMAGEM 54: Juvenal no “julgamento” de Ronildo³⁴⁰



³³⁵ Capítulo 56 exibido em 04/12/2007.

³³⁶ Idem.

³³⁷ Idem.

³³⁸ Idem.

³³⁹ Idem.

³⁴⁰ Capítulo 56 exibido em 04/12/2007.

“Qual o veredito?”³⁴¹ Pergunta Juvenal para Evilásio e os outros anões que colocam o dedo para baixo. Romildo se desespera. “Ronildo deve sumir daqui para sempre. Sumir de vez. Isso é com vocês. Podem levar ele e fazer como quiserem.”³⁴²

Ronildo diz que sabe informações sobre Ferraço, pois tem uma relação com a governanta do empresário. Juvenal pede mais detalhes sobre essa relação e dá uma liberdade condicional fazendo uma aliança com Ronildo que passa a ser seu espião no território inimigo. “Aí de ti se não fizer o que combinamos”³⁴³ alerta Juvenal. O julgamento mostra a atuação de Juvenal acima das instituições legais, faz suas próprias leis na favela.

Evilásio, no capítulo 74³⁴⁴, cobra a taxa de circulação das kombis de Geraldo a pedido de Juvenal.

- Meu padrinho mandou buscar o dinheiro da Associação.
- A Taxa – responde Geraldo com um sorriso desconfiado.
- O pessoal reparou que o senhor está sumido.
- Vou continuar, mas vou honrar os meus compromissos, afirma Geraldo apontando para o envelope com a taxa.”³⁴⁵

IMAGEM 55:Diálogo entre Evilásio e Geraldo³⁴⁶



³⁴¹ Idem.

³⁴² Capítulo 56 exibido em 04/12/2007.

³⁴³ Idem.

³⁴⁴ Capítulo 74 exibido em 25/12/2007.

³⁴⁵ Idem.

³⁴⁶ Capítulo 74 exibido em 25/12/2007.

O diálogo mostra certa tensão na arrecadação da taxa e até um certo deboche do antigo aliado de Juvenal que levanta suspeita sobre o valor ser para a Associação. A justificativa da cobrança de todas as taxas é que a Associação garante a paz para os moradores.

No capítulo 186³⁴⁷, Juvenal conversa com Guigui sobre as cobranças de taxas na qual afirma que “se Bernardinho não me pagar vou passar a mão na parte dele como forma de pagamento. E ele vai ficar como cozinheiro para pagar o que me deve ele vacilou não cumpriu com suas obrigações e vai ter que pagar por isso.” Bernardinho, protegido de Juvenal não tem regalia caso não pague o que deve. É uma questão de servir de exemplo, não pode facilitar com nenhum morador.

Quatro capítulos depois³⁴⁸, Bernardinho explica para Juvenal que gastou o dinheiro com o Carlão, mas o líder afirma que não vai passar a mão na cabeça dele e dá uma semana para conseguir a quantia, senão ele assinará um papel passando a parte de Bernardinho para Juvenal. Observamos que a mão estendida para Bernardinho também cobra na mesma proporção, demonstrando que vale as regras feitas pelo líder local.

2.11 - A Reviravolta

A partir do Capítulo 84 a novela passa por uma reviravolta, Evilásio e Juvenal, enfrentam vários desentendimentos colocando em risco a relação de admiração de afilhado e padrinho. A mudança tem início no ponto alto da novela na qual Juvenal precisa combater a invasão do traficante Lobato apoiado por seu inimigo Ferraço. Após ser atingido o líder se afasta da comunidade e deixa o comando com Evilásio.

No capítulo 84³⁴⁹, Juvenal é dado como morto, após a troca de tiros com a gangue de Lobato, as pessoas lamentam sua morte e pensando o que seria da comunidade sem ele. Juvenal acorda, pois, foi um diagnóstico errado. A população comemora o retorno de Juvenal. Juvenal vai para o hospital e deixa Evilásio no comando. Pede para ele tomar conta da Portelinha como se fosse ele. No dia seguinte a comunidade começa a arrumar o que foi quebrado durante o confronto. Foco na faixa

³⁴⁷ Capítulo 186 exibido em 05/05/2008.

³⁴⁸ Capítulo 190 exibido em 08/05/2008.

³⁴⁹ Capítulo 84 exibido em 05/01/2008.

aqui se vive em paz, que aparece constantemente nas cenas sobre a favela ao mostrar as ruas. Evilásio fala com o povo:

“Juvenal Antena foi cuidar do ferimento que sofreu enquanto defendia a nossa comunidade e ele me fez um pedido muito importante tomar conta de tudo até ele voltar para casa. ... ninguém imaginou que um dia traficantes assassinos fossem ferir e matar, nós da associação somos contra a violência que é uma erva daninha.”³⁵⁰

IMAGEM 56: Cena da Novela



Evilásio segue seu discurso que valoriza a comunidade pela paz mantida por Juvenal: “- Se ninguém aqui sabia o que era sentir medo, o que é sofre aflição e não saber se um dos nós está em perigo.... a maior lição é não abaixar a cabeça.... porque esse chão é nosso.”³⁵¹

No capítulo 85³⁵², Evilásio chega na associação e se sente incomodado por ter que sentar-se na cadeira de seu padrinho, por conta de seu respeito e forma de colocá-lo em um patamar superior: - “O povo todo está esperando para se consultar contigo, é só uma cadeira, você não está traindo o seu padrinho só está cuidando das coisas para ele”³⁵³ – incentiva Misael.

A cadeira de Juvenal na Associação e seus atendimentos são um marco do seu poder e de aproximação com o problema do seu povo. Evilásio aos poucos perpassará por diversos pontos de poder do padrinho.

³⁵⁰ Idem.

³⁵¹ Capítulo 84 exibido em 05/01/2008.

³⁵² Capítulo 85 exibido em 07/01/2008

³⁵³ Capítulo 85 exibido em 07/01/2008.

IMAGEM 57: Evilásio fica incomodado por ocupar a cadeira do padrinho³⁵⁴



Evilásio é chamado de herói por Gioconda (Marília Pera), mãe de Júlia por ele ter salvado sua vida durante a tragédia na Portelinha. Tem início a construção da ideia de um Evilásio herói, que terá uma outra proposta para a comunidade. Dois capítulos depois³⁵⁵, as cenas mostram que apesar da internação de Juvenal os ensaios da escola de samba continuam, com os preparativos das fantasias e outros afazeres. Evilásio discursa na quadra da escola de samba da Portelinha, outro reduto de adoração e poder de Juvenal.

IMAGEM 58: Discurso de Evilásio na Escola de Samba³⁵⁶



“- Eu sei que está todo mundo fada do nosso líder Juvenal Antena vocês podem ter certeza que a coisa que ele mais gostaria era estar aqui, conosco

³⁵⁴ Idem.

³⁵⁵ Capítulo 87 exibido em 09/01/2008.

³⁵⁶ Capítulo 87 exibido em 09/01/2008.

nesse momento, mas como não foi possível. Juvenal mandou um recado: todo mundo fica ligado nas instruções da Dália nossa carnavalesca. Agora é com ela e com a gente para nossa escola ir para as cabeças.³⁵⁷ - diz Evilásio.

Nesse capítulo Solange, filha de Juvenal e a irmã de Evilásio conhecem uns rapazes na praia e seguem para o seu apartamento, no entanto, as meninas são agarradas. Gislaine consegue escapar e avisa Evilásio. Evilásio convoca os anões para libertar Solange. Seguem para a Barra da Tijuca e arrombam a porta conseguindo libertar Solange após uma briga com os agressores.

IMAGEM 59: Evilásio salva a filha de Juvenal³⁵⁸



O afilhado de Juvenal passa a protagonizar a cena de resgate e seu heroísmo e preocupação com Solange tem seu ponto alto. Juvenal saiu de cena para ser substituído a altura por Evilásio. Os rapazes são entregues a polícia, mostrando que Evilásio não pretende levar a ideia de fazer justiça com as próprias mãos como Juvenal agia. Durante os capítulos anteriores Ferraço informa sobre a construção de uma fábrica no terreno ao lado da Portelinha. No Capítulo 90³⁵⁹, Juvenal se opõe alegando que a fábrica irá poluir a comunidade, seu rival apoiado por Geraldo das vans alega que vai gerar emprego para a comunidade. Evilásio propõe um plebiscito e orienta sobre a importância de um voto consciente. “O dia do plebiscito está chegando e é importante todo mundo saber como vota. É só marcar sim ou não.... No dia da votação não vai ter bebida alcoólica”³⁶⁰ - os moradores reagem opondo-se. Evilásio prossegue:

³⁵⁷ Idem.

³⁵⁸ Idem.

³⁵⁹ Capítulo 90 exibido em 12/01/2008.

³⁶⁰ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007 (Capítulo 90).

IMAGEM 60: Discurso de Evilásio sobre o plesbicio³⁶¹



“- Tem que ser assim, porque vocês precisam votar de cara limpa, tem que saber o que estão fazendo, o voto é uma chance de dizer o que vocês têm de dizer o pensam. E garanto que vocês serão ouvidos.... não pode ter boca de urna, e vocês tem que votar no que acham certo. O segredo é não votar com medo que votar com alegria. Porque o voto mais que uma obrigação é um direito de todos. Mas seu Juvenal é pelo Não, né Evilásio - diz Edivânia .Meu padrinho acha que a construção da fábrica, ao lado da Portelinha, vai prejudicar a comunidade. Seu Geraldo, diz: Mas há controvérsias. “Isso mesmo” prossegue Evilásio, “Cada um tem que votar o que acha que é melhor para a comunidade... tem que votar com consciência, quem faz a Portelinha não sou ou meu padrinho, quem faz a Portelinha é o povo.³⁶²” Evilásio é aplaudido.

No Capítulo³⁶³ seguinte, é o dia da inauguração do restaurante de Bernardinho, com direito a presença de artista do Projac: Tony Ramos e sua esposa. De repente, Juvenal Antena aparece, o povo aplaude e diz: “- Eu tô de volta e com as antenas ligadas.³⁶⁴”

IMAGEM 61: Alegria de Juvenal por seu retorno³⁶⁵



³⁶¹ Idem

³⁶² SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007. (Capítulo 90), exibido em 12/01/2008.

³⁶³ Capítulo 91 exibido em 14/01/2008.

³⁶⁴ Idem

³⁶⁵ Idem.

E a trama continua³⁶⁶, Juvenal segue na cena de seu retorno na inauguração do restaurante e afirma: “- Tô vivinho e tinindo.” Evilásio diz: “Guigui disse que o senhor ia ficar alguns dias no hospital.” e responde: “Era o que muita gente queria, mas, eu mesmo me dei alta do hospital e tô aqui agora que não me aguentava de saudade da minha gente e vim ver a Portelinha.”³⁶⁷. Depois diz que quer conversar com Evilásio. Juvenal segue para casa, encontra Alzira e deixa a conversa para outro dia.

“Quando eu estava no hospital você cuidou da Portelinha como se fosse eu?” Evilásio afirma: Claro! Fiz tudo como o senhor mandou. Pensava como o senhor faria as coisas e fiz tudo igual.” Juvenal agradece e pergunta sobre o plebiscito. Evilásio explica que a população está dividida e é questionado sobre qual lado está. “Na sinceridade padrinho, eu estou com a maioria com o que o povo decidir.” diz Evilásio. Juvenal diz: “Sei.” Evilásio vai embora. Juvenal conversa com Guigui: “Ele fica no comando até eu ficar 100% e Deus queira que ele não tome gosto pela coisa.” Guigui diz que Evilásio é fiel. “Espero que o povo também seja. Eu não ia aturar o Ferraço me enviar essa fábrica pelas fuças.”³⁶⁸ afirma Juvenal.

Juvenal desconfia do comando de Evilásio na sua ausência e na liberdade que ele concedeu ao povo. Juvenal faz suas orientações sobre o plebiscito, no Capítulo 93:³⁶⁹

“Tem certeza de que tem que fazer de novo? É hoje já está marcado, padrinho. Então vê se dá um jeito de correr tudo como manda o figurino de Juvenal Antena. Só não me peça para votar que prefiro me abster. Diga ao povo que vou ficar observando tudo de longe com muito interesse e o que for decidido eu vou aceitar mesmo que seja o Sim. Mas, o que vai ganhar é o Não, o povo vai votar comigo.”³⁷⁰

Evilásio discursa antes da votação:

“- Hoje é um dia histórico aqui na nossa Portelinha. Temos que pensar com muita calma antes de votar. Essa fábrica que Marconi Ferraço vai construir, vai trazer emprego, mas também vai trazer doença, poluição. Nós queremos renunciar à nossa saúde, do ar da nossa comunidade por causa de emprego? Essa fábrica é boa para os nossos filhos, nossas crianças? Por isso temos que votar com bastante consciência. O voto é livre. Eu declaro a votação aberta”³⁷¹.

A contagem dos votos é feita e Evilásio dá a notícia para Juvenal que o Sim ganhou e que a fábrica terá que ser construída por Ferraço. Juvenal fica chocado com o

³⁶⁶ Capítulo 92 exibido 15/01/2008.

³⁶⁷ Idem.

³⁶⁸ Idem.

³⁶⁹ Capítulo 93 exibido em 16/01/2008.

³⁷⁰ Idem.

³⁷¹ Capítulo 93 exibido em 16/01/2008.

resultado. No capítulo seguinte³⁷², Evilásio: agora a gente vai ter que apoiar a construção da fábrica aqui ao lado da Portelinha:

“O sim ganhou mesmo todo mundo sabendo que eu era contra. “Como é que tu me diz que você Evilásio estava tomando conta da Portelinha como eu. Se fosse eu o Não tinha ganhado de qualquer maneira. Eleição a gente anula, urna paga fogo. Eu sei o que é melhor pela Portelinha, um líder precisa saber sujar a mão quando é melhor para o seu povo³⁷³.”

Evilásio discorda do padrinho.:

“Será que eu tô mal das ideias ou você está discordando de mim, eu tô fazendo confusão? Diz Juvenal. Evilásio responde que “A gente tem que fazer valer o que o povo escolheu. A voz do povo é a voz de Deus. Pois, fique tu sabendo que eu e Deus somos assim, unha e carne.... A minha voz é a voz da Portelinha³⁷⁴”

Evilásio diz que não vai continuar discutindo com o padrinho, pois ele esta se recuperando. Juvenal diz para si: “quando ficar de pé vou voltar ao comando, essa favela vai voltar a ser minha. Juvenal Antena vai voltar a liderar o seu povo. Eu quero ver quem vai me afrontar. Eu perdi. Pela primeira vez em 10 anos eu perdi, meu povo voltou contra mim... será que vou ter força³⁷⁵.”

Ferraço distribui cestas básica na comunidade em sinal de agradecimento. Juvenal reclama com Evilásio que essa é a tática dele, mas o afilhado discorda explicando que vários políticos adotam essa medida. Os questionamentos de Evilásio são mais frequentes, irritando Juvenal.

Os desentendimentos continuam entre Evilásio e o padrinho³⁷⁶. Na rádio: “Alô alô amigos da Portelinha comunidade abençoada atenção galera se a batata está quente, se pintou sujeira ou se a coisa da feia não se desespera vai lá na associação e apela para nosso líder de plantão. Evilásio não deixa ninguém na mão.³⁷⁷”

³⁷² Capítulo 94 exibido em 17/01/2008.

³⁷³ Idem.

³⁷⁴ Idem.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ Capítulo 95 exibido 18/01/2008.

³⁷⁷ Idem.

Ao fundo mostra a associação e a escola de samba. Foi fundada a ONG da condessa. O rapaz da padaria, Rui vai pagar a taxa extra e Evilásio fica decepcionado e fala para pagar diretamente para Juvenal. “- O Evilásio não aceitou o por fora? Evilásio está querendo me derrubar, era ele que todo mês ia cobrar o por fora. Que frescura é essa? Ele quer ser mais realista do que o rei que sou eu?”³⁷⁸ Juvenal fica insatisfeito com as medidas de Evilásio por afetar seu esquema de anos e retorna para a Associação.

No capítulo 98³⁷⁹, Juvenal volta para a associação e se assusta por não ter fila pois estão na fila procurando emprego na obra. O líder diz “Desgraçado do Ferraço está arrumando outro golpe. Tá dando um jeito de virar o pai dos pobres e acabar comigo. Ele não vai conseguir, quem está dizendo é exatamente Juvenal Antena.”³⁸⁰ manda chamar Evilásio: “Vem comigo que vou dar uma geral nessa favela. Tem muita gente se bandeando para o lado do Ferraço. Eu sempre fui líder desse lugar, dei minha vida, mas foi só me afastar um pouquinho”³⁸¹. Juvenal decide andar com os anões pela comunidade. Juvenal expulsa um rapaz da Portelinha que arrumou emprego e não está pagando taxa e continua a receber cesta básica: “fora da minha favela, você tem 24 horas para sumir.”³⁸² Outro comerciante é cobrado pois comprou um negócio e não pagou a taxa. Expulsa outro que tinha deixado a rua suja com entulho. “Não quero minha favela suja”³⁸³

IMAGEM 62: Juvenal de forma agressiva lida com o morador³⁸⁴



³⁷⁸ Idem.

³⁷⁹ Capítulo 98 exibido em 22/01/2008.

³⁸⁰ Idem.

³⁸¹ Idem.

³⁸² Capítulo 98 exibido em 22/01/2008.

³⁸³ Idem.

³⁸⁴ Idem

E segue: “O senhor comprou a loja do pastor e até agora não pagou a cota extra. Estamos esperando você na associação³⁸⁵.” E prossegue: “Não tem lugar para espertinho aqui. Não pode atrasar sem justificativa aprovada a contribuição da associação e a taxa extra que financia as cestas básicas. Tolerância zero. Cuidado comigo³⁸⁶” esbraveja Juvenal.

Na associação Juvenal conversa com Guigui: “Você acha que recuperei meu prestígio e minha força? Estava prejudicado e não podia dar a atenção que o povo merece e líder tem que estar presente junto do povo. Antes que se bandeasse para o lado do inimigo eu tinha que tomar uma atitude³⁸⁷.” Guigui diz que ele exagerou, mas Juvenal discorda. Ao longo dos capítulos, esse é o primeiro momento que a agressividade de Juvenal não é justificada como uma proteção e sim como reforço de sua imagem.

Na exibição seguinte,³⁸⁸ alguns comentários que o filme está sendo pirateado sobre a invasão na Portelinha e que Juvenal não tem mais o mesmo prestígio que antes. Tem até fila para comprar. “Que baixaria é essa que está rolando na minha favela e não estou sabendo. O que está rolando na minha favela que minhas antenas não estão capitando. E a nossa associação não está ganhando nada³⁸⁹” questiona Juvenal

Juvenal diz que o rapaz do documentário vai ter que explicar e que vai perder as máquinas e outras coisas. Evilásio vai na casa do produtor na Portelinha e descobre que as imagens sumiram. Cuidado com Juvenal diz a namorada. “Dizem que Juvenal é perigoso, deixa a raiva dele passar³⁹⁰.” O assistente assume a culpa e Juvenal faz um gesto de cortar a cabeça, mas Guigui pede para o rapaz se explicar. Os rapazes contam que todo material vai para o studio para ser feita uma cópia e de lá devem ter espalhado o filme. O rosto de desespero dos rapazes mostra o medo da atitude de Juvenal diante do ocorrido.

³⁸⁵Capítulo 98 exibido em 22/01/2008.

³⁸⁶ Idem.

³⁸⁷ Idem.

³⁸⁸ Capítulo 99 exibido em 23/01/2008.

³⁸⁹ Idem.

³⁹⁰ Capítulo 99 exibido em 23/01/2008.

IMAGEM 63: Medo no rosto dos produtores do filme da Portelinha³⁹¹



Juvenal decide ir ao estúdio e afirma que enquanto isso “vou ficar pensando o que faço com vocês dois.” O rapaz do estúdio fica apavorado ao saber que Juvenal ficou furioso “O chefão lá da favela !!!³⁹²” Entrega as imagens e diz que queria levantar uma grana. Juvenal decide que vai mostrar o filme para todos da comunidade e ver o que o povo vai achar. Se gostar ele libera senão...novamente gesto de cortar a cabeça.

Ao ver o filme Juvenal afirma: “- Não estou a cara do Capitão Nascimento³⁹³.” Referência ao filme Tropa de Elite e ao capitão do Bope conhecido por sua violência. O líder percebe que o tiro que o feriu saiu da casa da rua. “Tem um traidor aqui na Portelinha³⁹⁴.” grita Juvenal.

E segue no capítulo seguinte³⁹⁵, “Justamente quero saber quem é o filho de uma cachorra que tentou me matar. Ninguém vai falar nada. Cada aquele povo que me contava tudo.³⁹⁶” Juvenal pressiona que o povo fale e diz “será que meu povo virou traira³⁹⁷” Guigui acalma Juvenal e pede para ele investigar. Juvenal, Evilásio e os anões seguem para a casa abandonada. Juvenal lembra que colocou o dono da casa para correr pois arrumou três empregos e o rapaz não foi então expulso da favela. Prática comum entre os milicianos que em nome de evitar vagabundos expulsam as pessoas que não

³⁹¹ Idem

³⁹² Idem.

³⁹³ Idem.

³⁹⁴ Capítulo 99 exibido em 23/01/2008.

³⁹⁵ Capítulo 100 exibido em 24/01/2008.

³⁹⁶ Idem.

³⁹⁷ Idem.

seguem suas regras. Legitimam suas ações para um bem maior. O líder busca pistas, encontra a arma e diz “Se precisar vou tocar o terror.”³⁹⁸

Juvenal volta e pergunta o que o povo quer. Elogia os produtores. “Registrou os nossos momentos de glória... Mostra que aqui na Portelinha tem muito homem macho, vamos defender nosso chão até o fim e que bandido não se cria aqui.”³⁹⁹ A maioria vota a favor. Avisa aos produtores que deverá pagar uma bela contribuição dos lucros do filme para a Associação autorizar o direito de imagem.

Júlia (Débora Falabella), conversa sobre a herança de Juvenal para Evilásio.

“Herdeiro de que? Das roubalheiras, do esquema. Não vai herdar trono nenhum. Juvenal não é rei. Você não é como ele. O poder do seu padrinho vem da força, da intimidação dos moradores, da extorsão. Se ele mantiver esse poder até morrer só entra no lugar dele quem fizer as mesmas coisas que ele. Você vai querer usar esses meios para ter poder sobre os moradores da Portelinha? - confronta Júlia. “Não eu quero o melhor para esse povo, para esse lugar.” pontua Evilásio. Júlia prossegue: “Tem outras maneiras de fazer isso. Você é diferente do seu padrinho e ele já percebeu isso. Sai fora enquanto é tempo.”⁴⁰⁰

Juvenal conversa com Evilásio. Não aceita apadrinhar o filho de Evilásio. A conversa prossegue: “Que história é essa de não receber o por fora dos comerciantes? Tu não está cansado de fazer isso para mim? Dá onde que veio esse moralismo todo?”⁴⁰¹ Evilásio responde: Não tem nada a ver com moralismo, o caixa da Associação estava cheio, a gente não estava precisando de grana, achei que não tinha necessidade.⁴⁰² Juvenal interrompe e diz: “Isso aí quem decide sou eu, moleque. Não vem me enrolando não...Tu tava querendo se passar de bom moço, fazer o povo se bandear para o seu lado... será que você não quer ocupar esse lugar aqui faz tempo?”⁴⁰³ questiona o fato de Evilásio estar armado no dia da invasão.

³⁹⁸ Idem.

³⁹⁹ Idem.

⁴⁰⁰ Capítulo 100 exibido em 24/01/2008.

⁴⁰¹ Idem.

⁴⁰² Idem.

⁴⁰³ Idem.

Ele se explica e o dispensa. Juvenal atende aos moradores, mas continua com sua tolerância zero:

“- Você entra na fila para pedir emprego na fábrica e agora vem pedir cesta básica? Fora da minha associação aproveita para sair do barraco, já perdeu o direito. Aqui na Portelinha não tem traira. Quem traiu Juvenal Antena vai para a rua ou vai para a vala. E aí de quem atrasar a taxa da Associação um dia.”⁴⁰⁴

Os interrogatórios continuam com as ameaças de expulsão por parte de Juvenal caso alguém falte com a verdade.

2.12 - Questionamentos sobre as ações de Juvenal

Juvenal Antena é um personagem dúbio pois, ao mesmo tempo que apresentam seu amor pelo povo da Portelinha e seus atos heroicos, por outro lado mostra os questionamentos de alguns, como Júlia, Evilásio e Solange.

Evilásio conta para Júlia, no Capítulo 40⁴⁰⁵, a dedicação de Juvenal que “meu padrinho é tudo para aquelas pessoas da favela.... cuidar o melhor possível de cada um... em uma favela cada um por si ia ser difícil né, o que meu padrinho faz é facilitar a vida daquele povo, naquele filme ele viu as crianças sem dentista ele deu uma ordem para ter dentista todo dia no posto.”⁴⁰⁶ Débora questiona as atitudes de Juvenal e os dois brigam. Evilásio corta caminho e passa na frente de outros carros, pois acham que é Juvenal. Júlia questiona:

“Você enche a boca parece até que está falando de um rei. Não é isso que meu padrinho é na Portelinha. O manda chuva todo poderoso e você é o que diz sim senhor para tudo que ele faz. Por que não concordaria com ele? Nunca te ocorreu que nem sempre Juvenal tá certo? Eu não sou pago para isso não, para dizer se ele está certo ou errado. Acho que você devia pensar um pouco no que você faz, para o que ele te paga.”⁴⁰⁷ Discute o casal.

No capítulo 43, Solange, filha de Juvenal está tomando café da manhã e Juvenal diz que nada acaba com sua fome e que ele vai a falência assim, na qual a jovem rebate: “Duvido, do que jeito que o senhor explora o povo. O senhor não cobra os comerciantes, garanto que embolsa tudo com esse papo de associação.”⁴⁰⁸ Os dois

⁴⁰⁴ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007. (Capítulo 101).

⁴⁰⁵ Capítulo 40 exibido em 15/11/2007.

⁴⁰⁶ Idem.

⁴⁰⁷ Idem.

⁴⁰⁸ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007, (Capítulo 43).

discutem. Ao longo dos capítulos alterna legitimação das atitudes de Juvenal e momentos de crítica.

Evilásio questiona a expulsão do marido de Alzira da comunidade e acusa, no Capítulo 54⁴⁰⁹, o padrinho de abuso de autoridade. Juvenal diz que só ele pode dar opinião. Evilásio pede desculpa e Juvenal diz que para ficar ao lado dele não pode questionar e aí de quem questionar Juvenal. Depois da conversa com Júlia, Evilásio observa mais criticamente as decisões e ações de Juvenal, sendo mais intenso ao longo da trama.

No capítulo 61⁴¹⁰, Juvenal chega na whiskeria e Alzira se recusa a dançar para ele. “Veja bem, justamente, você está nos domínios de Juvenal e deve fazer o que eu quiser. Vai dançar porque eu quero e senão, vai dançar em outra freguesia depois de Seropédica bem longe da minha favela.”⁴¹¹ Alzira não concorda: “- Você não tem direito.” Juvenal continua: “Aqui nesse galinheiro só quem grita é o galo.”⁴¹² Alzira continua se recusando. Juvenal joga dinheiro nela e Alzira continua recusando. “Agora você vai fazer o maior show da sua vida.”⁴¹³ Alzira continua se recusando.

Na cena seguinte aparece a faixa “Aqui se vive em paz”⁴¹⁴, na Portelinha. “- Ele parece aqueles coronéis de antigamente”⁴¹⁵ diz uma das meninas para Alzira. Jojo, preocupado com o impasse, convence Alzira argumentando que eles são o lado mais fraco quando a corda arrebentar. Alzira resiste o possível diante das investidas de Juvenal, mas cede por medo e para ajudar o amigo Jojo.

A construção da fábrica mostra outros questionamentos sobre as atitudes de Juvenal que pretende invadir o terreno e diz, no Capítulo 76⁴¹⁶: “Eu sei um jeito de impedir dele colocar essa fábrica de cimento bem na fuça da Portelinha. Vou mandar invadir, convocar minha nação, cada um pega numa enxada.... o povo da Portelinha vai fazer o chão tremer. É só me seguir. Eu vou na frente abrindo caminho vagabundo

⁴⁰⁹ Capítulo 54 exibido 01/12/2007.

⁴¹⁰ Capítulo 61 exibido em 10/12/2007.

⁴¹¹ Idem.

⁴¹² Idem.

⁴¹³ Idem. Capítulo 61.

⁴¹⁴ Idem.

⁴¹⁵ Idem.

⁴¹⁶ Capítulo 76 exibido 27/12/2007.

nenhum vai tomar o que é nosso. Vou já tomar a minha tropa de choque.⁴¹⁷” - Todos olham questionando Juvenal. “Ninguém vai falar nada? Não foi assim que a gente montou a nossa comunidade, na garra, na coragem.⁴¹⁸”

IMAGEM 64: Misael e o pastor ouvem com receio as ordens de Juvenal⁴¹⁹



Geraldo questiona se não seria bom gerar emprego. Juvenal alega o problema da poluição. Geraldo diz que Juvenal está enfrentado Ferraço porque não gosta dele que diz “O herói do povo pega a mulher do amigo. É esse o herói do povo?⁴²⁰” Guigui passa na Casa de Juvenal que diz “O paraíso acabou⁴²¹.” A chapa vai esquentar para o lado dele que até para o afilhado que ficou na dúvida de fazer a invasão.

Já no Capítulo 81⁴²², Juvenal pede para as lideranças da Portelinha incentivarem o voto contra a fábrica para que ele mostre que a maioria das pessoas estão com ele. “Quando é vagabundo mando caminhar, mas quem é trabalhador ajudo, dou dinheiro, dentadura, cesta básica.⁴²³ “

Evilásio fala para o padrinho ir com calma pois parece que está comprando voto e ele diz que está cuidando do seu povo. “Não aceitei essa votação para perder.⁴²⁴” Evilásio se opõe e Juvenal diz que pode até mudar o resultado, pois ele quer que o povo ache que o poder é dele e, mas quem decide o que é bom para o povo é ele. Geraldo diz

⁴¹⁷ Idem.

⁴¹⁸ Capítulo 76 exibido 27/12/2007.

⁴¹⁹ Idem

⁴²⁰ Idem.

⁴²¹ Idem.

⁴²² Capítulo 81 exibido em 02/01/2008.

⁴²³ Idem.

⁴²⁴ Idem.

que cansou de seguir a cabeça de Juvenal que pensa por si próprio. “- Votar contra a fábrica é votar a favor da Portelinha e da vida” diz Juvenal, no capítulo 82.⁴²⁵

Geraldo faz campanha do sim sobre a importância dos empregos e da carteira assinada. Sua oposição é forte por ser um dos fundadores da Portelinha, amigo de Juvenal e mesmo assim, questiona as ações do presidente da Associação. No capítulo 118⁴²⁶, Evilásio, depois de afastado da Associação, diz que de fora vê que muitas coisas erradas na Portelinha e que Juvenal precisa entender quem gosta dele e quem tem medo. Os dois encontram-se para resolver algumas questões políticas. Evilásio quer avisar ao povo da Portelinha sobre as melhorias que foram realizadas do Deputado Narciso em parceria com a associação e a prefeitura como a coleta lixo três vezes na semana. “Por isso estou lançando uma nova lei na favela: quem jogar lixo fora do lugar não terá espaço na Portelinha, será expulso.⁴²⁷” grita Juvenal. Evilásio, diz ao padrinho que não aprova a expulsão. “Ele não vai levar todos os méritos na minha favela⁴²⁸”, diz Juvenal.

No capítulo seguinte⁴²⁹, Juvenal atende na Associação e começam a sentir um cheiro de queimado. Um dos anões diz que se alguém estiver queimando lixo vai esfolar, Juvenal afirma que vai expulsar a pessoa que estiver queimando lixo. No entanto, era o Zé da Feira que havia bebido e desmaiou com um cigarro na mão causando o incêndio.

Juvenal diz todo mundo tem que ajudar: “quem for da Portelinha que me siga⁴³⁰.” E partem para apagar o incêndio. O fogo se alastra mas conseguem conter as chamas, o povo aplaude Juvenal e Evilásio. “Você salvou a vida de muita gente. Não fiz mais que minha obrigação tenho que cuidar do meu povo⁴³¹” afirma Juvenal.

Zé da Feira é levado até a frente da associação. Os moradores revoltados dizem que muitas pessoas perderam tudo. Juvenal diz que vai cuidar disso depois. “Quem tiver no prejuízo vem comigo!” diz Juvenal. Os moradores atingidos se concentram na quadra da escola de samba para serem orientados sobre as providências junto com a ONG e a Associação para ajudar as pessoas.

⁴²⁵ Capítulo 82 exibido 03/01/2008

⁴²⁶ Capítulo 118 exibido 14/02/2008.

⁴²⁷ Idem.

⁴²⁸ Idem.

⁴²⁹ Capítulo 119 exibido 15/02/2008.

⁴³⁰ Idem.

⁴³¹ Capítulo 119 exibido 15/02/2008.

A esposa do Zé da Feira se desespera e diz que o marido não é bandido para ser julgado por Juvenal que diz: “vou fazer o que entendo como certo”. A conversa continua: Zé da Feira é uma ameaça viva a Portelinha. Geraldo não concorda que compositor seja esfolado. “Quem não segue as regras é escorraçado, o que vale aqui é a lei do cão” pontua Juvenal. Porque abusou da confiança Zé é expulso e proibido de aparecer na Portelinha. Evilásio diz que Juvenal não pode julgar e nem expulsar ninguém da favela, isso é contra a lei e fere os direitos do cidadão, “vou lutar pela lei até o fim”.

Mais um confronto entre Evilásio e Juvenal, um por defender as leis e o outro por defender as regras que criou para a comunidade. Um dos argumentos da milícia é o fato que somente é expulso ou punido quem não segue as regras conhecidas por todos os moradores e imposta pela força. Na exibição seguinte,⁴³² a discussão de Evilásio e Juvenal continua:

“- Tu tá expulso da Portelinha” - diz Juvenal

“- Não tá expulso mesmo. Você não pode expulsar ninguém da favela. Não tem autoridade para isso. Com quem você pensa que esta falando? Juvenal Antena, que mesmo sendo presidente da associação dos moradores não tem poder, não tem o direito de julgar ninguém.”⁴³³

“- Você perdeu a noção do perigo, enloqueceu? Nem Narciso que é deputado fala assim comigo na minha favela⁴³⁴”, diz Juvenal

“- Quem lhe deu a Portelinha, ela não é sua. Usa a lei do mais forte, essa é a lei que você conhece.”⁴³⁵ - afirma Evilásio.

A discussão segue. Juvenal afirma que se não fosse ele Evilásio não era ninguém e ficava mamando nas tetas da associação, achou que ia herdar a minha favela, que eu ia te dar de mão beijada, achou que eu estava fraco e não voltaria mais para o meu povo. Quando você viu que Juvenal Antena não morre assim tão fácil quis se aproveitar.

Evilásio alega que Juvenal não fez a favela sozinho, muitas pessoas deram duro. “Desde moleque queria ser igual a você. Queria ser seu herdeiro e quando você foi para o hospital descobri que eu não era igual ao senhor. O senhor não tem autoridade

⁴³² Capítulo 120 exibido em 16/02/2008.

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ Idem.

⁴³⁵ Capítulo 120 exibido em 16/02/2008.

para julgar e nem expulsar ninguém.”⁴³⁶ Juvenal chama Evilásio para uma conversa pessoal e pergunta quanto ele quer.

IMAGEM 65: Conversa entre Juvenal e Evilásio⁴³⁷



“- Essa sua lei nunca entrou aqui na favela - diz Juvenal
“- E você se criou por isso⁴³⁸” disse Evilásio.

Juvenal diz que deveria dar um corretivo em Evilásio. Chega o empresário do Zé da Feira e o repreende e diz que ele ganhou muito dinheiro. O povo pede para ele ficar e ajudar os desabrigados. Juvenal diz que “a voz do povo é a voz de Deus e Deus e Juvenal são assim⁴³⁹” ele aceita que o rapaz fique. Manda Zé frequentar os alcoólicos anônimos.

No capítulo 166⁴⁴⁰, Juvenal é convidado para participar de um debate na Universidade Pessoa de Moraes. Uma aluna pergunta sobre as ações violentas de Juvenal. Juvenal diz que na sua favela tem uma lei que é olho por olho e dente por dente, quem faz paga ou a justiça ou a comunidade não tem arrego, “por isso que lá sou conhecido como Juvenal que mata a cobra e mostra o pau.”⁴⁴¹ Seguem as perguntas: “O

⁴³⁶ Idem.

⁴³⁷ Idem

⁴³⁸ Idem.

⁴³⁹ Capítulo 120 exibido em 16/02/2008.

⁴⁴⁰ Capítulo 166 exibido em 10/04/2008.

⁴⁴¹ Idem.

senhor defende as milícias como a melhor solução para as favelas? Na câmara vai continuar a defender?⁴⁴²” Juvenal lançou sua candidatura após Evilásio se candidatar.

“Eu não me incluí nesse grupo. A minha posição é contrária. Se nas favelas fosse o poder do Estado que ocupasse não haveria espaço para as milícias e como o Estado só se interesse pela favela por votos sempre vai aparecer alguém que precisa tomar conta da comunidade e vai querer algo em troca⁴⁴³” responde Juvenal.

IMAGEM 66: Juvenal participando de um debate na faculdade⁴⁴⁴



Outra pergunta: como alguém que sempre viveu do poder paralelo quer ingressar agora ingressar no poder público, não acha uma contradição? “Estou fazendo o caminho inverso de muitos políticos conhecidos nosso que começaram bem e que agora estão vivendo do poder paralelo⁴⁴⁵” rebate Juvenal. A entrevista acaba e alguns apoiam as palavras de Juvenal e outros desconfiam de seus argumentos.

2.13 - Disputas políticas na Portelinha

Ao ser expulso do trabalho na associação, Evilásio é convidado pelo Deputado Narciso, a ser seu assessor parlamentar. Evilásio aceita e depois recebe a proposta de lançar sua candidatura. A candidatura a vereador de Evilázio é lançada, no Capítulo 131.⁴⁴⁶ “Justamente dona Guigui ainda sou o pai do meu povo e está para nascer quem

⁴⁴² Idem.

⁴⁴³ Idem.

⁴⁴⁴ Idem

⁴⁴⁵ Capítulo 166 exibido em 10/04/2008.

⁴⁴⁶ Capítulo 131 exibido em 29/02/2008.

ocupe o meu lugar⁴⁴⁷” Falando sobre Evilásio: “o mal-agradecido do Evilásio que criei para ser meu sucessor... Evilásio está com a cabeça cheia de minhocas... essa favela é minha o que ele pensa que é.”⁴⁴⁸ critica o presidente da Associação, pois Evilásio não pediu permissão para se candidatar e pedir votos na Portelinha.

No capítulo 137⁴⁴⁹, Juvenal pede que Lucimar desminta que Evilázio vai se candidatar a vereador. “Dona Lucimar aprende uma coisa ninguém se candidata a coisa alguma aqui na favela sem a autorização de Juvenal Antena. Como eu não autorizei não vai ter candidato nenhum.”⁴⁵⁰ Juvenal vai na casa de Evilásio e diz:” que história é esse de se candidatar na minha favela e não me falar nada.”⁴⁵¹ Juvenal pede para Geraldo, no capítulo 139⁴⁵², falar com os políticos que sondaram sobre a possibilidade de sua candidatura pois quer fazer uma proposta para eles caso ainda tenham interesse.

No capítulo seguinte⁴⁵³, os políticos aceitam a candidatura de Juvenal e vão levar o nome para aprovação, mas que é uma mera formalidade. A candidatura de Evilásio é oficializada e o deputado explica o voto de legenda. “O que achou Geraldo dos cartazes? Acho que pegou pesado. Você não era aliado do Narciso? Mas eles não podem lançar candidato aqui na minha comunidade. Agora quem vai ser eleito sou eu.” Esbraveja Juvenal no Capítulo 147.⁴⁵⁴

IMAGEM 67: Insatisfação de Juvenal ⁴⁵⁵



⁴⁴⁷ Idem.

⁴⁴⁸ Idem.

⁴⁴⁹ Capítulo 137 exibido em 07/03/2008.

⁴⁵⁰ Idem.

⁴⁵¹ Capítulo 137 exibido em 07/03/2008.

⁴⁵² Capítulo 139 exibido em 10/03/2008.

⁴⁵³ Capítulo 140 exibido em 11/03/2008.

⁴⁵⁴ Capítulo 147 exibido 19/03/2008.

⁴⁵⁵ Idem

Cartaz do Juvenal como candidato na Portelinha: “Juvenal mata a cobra e mostra o pau.”⁴⁵⁶

IMAGEM 68: Propaganda de Juvenal⁴⁵⁷



E discursa: “- Então meu povo porque eu queria mais aqui para a nossa comunidade da Portelinha eu resolvi entrar para a política. Por amor a nossa comunidade e a vocês.”⁴⁵⁸ Dois capítulos depois⁴⁵⁹, Ferraço diz que uma candidatura custa caro e Juvenal diz que se ele pensa que vai ser comprado não aceitará. O opositor continua explicando que existem muitas coisas cabeludas sobre Juvenal que nega tudo: grupos de extermínio, roubo de energia, cobrança irregular de taxa de segurança. Juvenal afirma que tudo é intriga “quando for vereador foi lutar contra a sua fábrica”⁴⁶⁰. Juvenal propõe um acordo: retira a ação se Ferraço urbanizar a parte mais pobre da comunidade em segredo e Juvenal fica com os louros da urbanização.

Capítulo 152⁴⁶¹, Evilásio procura Juvenal para conversar e pede que seja uma campanha disputa limpa, pois a associação de moradores deveria ser um local neutro. “Se vocês quiserem me paparicar como estavam paparicando o Evilásio e ganhar uma cesta básica pode. Vote em mim.”⁴⁶² Diz Juvenal.

Segue com demonstração da utilização da Associação para angariar votos. No caso do Rio das Pedras, inspiração para a novela, o presidente da Associação Nadinho

⁴⁵⁶ Idem.

⁴⁵⁷ Capítulo 147 exibido 19/03/2008.

⁴⁵⁸ Capítulo 147 exibido 19/03/2008.

⁴⁵⁹ Capítulo 149 exibido em 21/03/2008.

⁴⁶⁰ Idem.

⁴⁶¹ Capítulo 152 exibido em 25/03/2008.

⁴⁶² Idem.

lançou sua candidatura e garantiu a maioria dos votos nos colégios eleitorais da comunidade, sendo acusado de utilizar “curral eleitoral” em sua vitória. Juvenal proíbe Evilásio, no capítulo 154⁴⁶³, de entregar propaganda e falar com os moradores da favela. Manda os anões pegarem o material, mas o deputado Narciso chega e pede para Evilásio ir panfletar em outro local e conversa com Juvenal.

IMAGEM 69: Embates políticos⁴⁶⁴



Narciso diz que Juvenal já fez propaganda antes do prazo “Aproveitou que é o manda chuva e começou a colocar os cartazes na favela toda o que pela lei eleitoral ainda não é permitido. Não é permitido lá fora, mas aqui dentro é a lei de Juvenal Antena.⁴⁶⁵” O deputado diz que então Evilásio pode colar os cartazes também, Juvenal pergunta e se algum morador arrancar. O deputado diz que vai responsabilizar Juvenal.

Juvenal se revolta e diz que deve a carreira a ele. O deputado afirma que ajudou Juvenal na época da invasão e a fazer a associação. “Você tem apoio do meu povo diz Juvenal. Não se volte contra o único braço da legalidade que você ainda permite que entre na Portelinha” – retruca Narciso. “Vamos ver quem é mais forte se é Juvenal Antena ou o governo do Brasil.⁴⁶⁶”

⁴⁶³ Capítulo 154 exibido em 27/03/2008

⁴⁶⁴ Idem

⁴⁶⁵ Idem.

⁴⁶⁶ Capítulo 154 exibido em 27/03/2008.

Dois capítulos depois⁴⁶⁷. Guigui questiona:

“Não entendi esse assunto direito. Casas populares? Você sempre foi contra você sempre disse que o povo gostava de construir cada um a sua casa do seu jeito e que a beleza da Portelinha estava nisso. Mas justamente, mudei de ideia. Quero ver a Brisolândia urbanizada e isso é tarefa do governo. Não, tô de queixo caído. Você mudou tanto que virou outra pessoa. Tarefa do governo: E a associação de moradores que era onipresente e soberana.”⁴⁶⁸

Juvenal explica que deu um golpe de mestre colocando o inimigo número 1 para construir sua favela e ainda ganhar alguns votos, em troca de tirar o embargo da fábrica. Claudius se surpreende, discorda, mas Juvenal finge que não ouve e fala que Claudius vai escrever os discursos dele.

No capítulo seguinte⁴⁶⁹, é abordado o resultado da pesquisa na Portelinha que mostra empate entre Evilásio e Juvenal cada um com 36% e 28% de indecisos. “-Eu não tô gostando nada desse resultado⁴⁷⁰”, diz Juvenal. Evilásio lamenta o resultado e diz “eu não sou o rei da Portelinha, se agora estamos pau a pau daqui a pouco ele vai disparar. Ele vai apelar para a condição natural de pai do povo.”⁴⁷¹

Juvenal diz:

“Eu já tracei um plano. Vou conquistar o voto dos indecisos na base do Juvenal paz e amor, vou subir no caixote como eu sempre fiz para conquistar o meu povo. Vou fazer um showmício com direito a pagode e as meninas do Texas bar. O único que pode subir no caixote quando quiser sou eu.”⁴⁷²

Juvenal combina com um morador que vai dar as camisas para o time, mas com sua propaganda política. Mostra a utilização do poder conquistado através de sua atuação e na Associação para conquistar votos.

No capítulo 159,⁴⁷³ Guigui questiona Juvenal se vai dar certo o projeto de casas populares já que o local é um pântano. No Rio das Pedras, existe uma localidade que

⁴⁶⁷ Capítulo 156 exibido em 29/03/2008.

⁴⁶⁸ Idem.

⁴⁶⁹ Capítulo 157 exibido em 30/03/2008.

⁴⁷⁰ Idem.

⁴⁷¹ Idem.

⁴⁷² Capítulo 157 exibido em 30/03/2008.

⁴⁷³ Capítulo 159 exibido em 01/04/2008.

também é um pântano e que as casas afundam devido ao tipo de solo inadequado para moradia.

Evilásio diz que Juvenal precisa dizer quem está financiando a obra que será uma fortuna por causa do aterro. E Juvenal diz “são uns amigos e que tudo tem seu tempo⁴⁷⁴”. Evilásio levanta um palanque com o pai para fazer o comício.

Juvenal diz: “sem autorização não tem comício não tem palanque. Aqui na minha favela ninguém pode fazer nada sem me consultar. Tá pensando que aqui é bagunça não tem lei não tem ordem. Aqui eu decido o que pode e o que não pode.” Manda os anões quebrarem tudo, “senta o pau essa é a lei do Juvenal⁴⁷⁵”.

No capítulo seguinte⁴⁷⁶, os anões quebram o palanque e pedem desculpas a Misael que só estavam cumprindo ordens. Evilásio fica revoltado. Juvenal se reuni com Evilásio e o deputado diz que eles podem fazer o palanque na hora que quiserem e usarem a estrutura dele. Que avisando antes eles podem, mas quem inaugura é Juvenal.

IMAGEM 70: Palanque de Evilásio é quebrado⁴⁷⁷



Na exibição seguinte,⁴⁷⁸ Misael conversa com Juvenal e diz que os dois enfrentaram muitas coisas juntas e não queria brigar com o amigo, mas como você

⁴⁷⁴ Idem.

⁴⁷⁵ Idem.

⁴⁷⁶ Capítulo 160 exibido em 03/04/2008.

⁴⁷⁷ Idem.

manda derrubar o palanque que estava fazendo para o Evilásio. Foi uma atitude truculenta. “Você e meu filho se perderam, fui eu que apoiei você a ser o líder da Portelinha. Não existe amizade sem respeito e Evilásio é meu filho.”⁴⁷⁹ Juvenal concorda com Mizael e diz que pisou na bola. Juvenal pede desculpas em nome da amizade que ele preza muito. Mizael aceita as desculpas.

Os dois se abraçam. Juvenal marca o showmício e pede a presença de todo o povo dele. No capítulo 172⁴⁸⁰, Juvenal pressiona Lucimar dizendo que ela pode votar em quem quiser, mas que não pode se esquecer de quem sempre a ajudou mandando uma cesta básica todo mês para a casa dela. Pede que ela esteja ao lado de Juvenal no palanque e dá camisetas para ela.

IMAGEM 71: Juvenal segue na sua propaganda⁴⁸¹



Diz que Lucimar será seu cabo eleitoral, minha garota propaganda. Até o dia da eleição essa será a sua farda a farda de Juvenal Antena. “Quem não está comigo esta contra mim.”⁴⁸² A Associação oferece ajuda, mas cobra fidelidade durante o período eleitoral. Pede para os anões distribuírem as camisetas e que os comerciantes fechem as portas na hora do comício. “Dinheiro é o que não me falta quero ver a Portelinha forrada da minha propaganda.”⁴⁸³

⁴⁷⁸ Capítulo 162 exibido em 05/04/2008.

⁴⁷⁹ Idem.

⁴⁸⁰ Capítulo 172 exibido em 17/04/2008.

⁴⁸¹ Idem

⁴⁸² Capítulo 172 exibido em 17/04/2008

⁴⁸³ Idem.

Já no capítulo 174,⁴⁸⁴ Juvenal acerta a instalação de um ambulatório na favela e diz que basta expulsar uns inadimplentes do local e abrir o ambulatório. Novamente suas regras, suas punições devem prevalecer. No dia seguinte⁴⁸⁵, o pastor retorna para a Portelinha e apoia Juvenal, dando uma bíblia de presente.

“Meu coração vocês sabem é de vocês, para tomar conta de vocês que meu coração bate aqui no meu peito. Hoje é um dia muito especial hoje junto com vocês vou começar mais uma nova batalha, mais uma batalha por vocês que só poderá ser ganha-se todo o meu povo estiver junto. Há mais de 10 anos tomei a missão de brigar e lutar pelo meu povo por melhorias para o meu povo e parece que deu certo pois estamos aqui até hoje. Sempre passamos por poucos e boas. O que resta para nós além é permanecermos juntos. Mais forte são os poderes do povo e é por isso que hoje estamos reunidos aqui nós que fizemos da Portelinha uma realidade junto com vocês. Hoje inicia oficialmente a minha campanha para vereador. Hoje é dia de festa na Portelinha. Eu trouxe um presente para vocês que é mais um sonho acalentado a muito tempo. Esse sonho vai se tornar realidade aqui graças a esse homem aqui e apresenta o médico e a ideia do ambulatório da associação de moradores.”⁴⁸⁶ Juvenal é aplaudido.

IMAGEM 72:Comemoração após o discurso de Juvenal



Juvenal sofre um atentado. O trecho mostra a manobra política de atender as necessidades do povo e pedir votos. A trama segue no capítulo seguinte⁴⁸⁷. Dorgival foge, mas acaba sendo encontrado por Juvenal no terreno baldio e se surpreende, infarta e morre. Alzira diz que está aliviada pelo destino do ex-marido.

⁴⁸⁴ Capítulo 174 exibido em 19/04/2008

⁴⁸⁵ Capítulo 175 exibido em 21/04/2008

⁴⁸⁶ SILVA, Aguinaldo. Duas Caras. Brasil, Rede Globo, 2007, (Capítulo 175).

⁴⁸⁷ Capítulo 176 exibido em 22/04/2008.

Juvenal volta para o palanque e diz “se eles pensam que podem calar a minha voz eles estão enganados a voz de Juvenal não vai se calar nunca vocês sabem porque a voz de Juvenal é a voz do povo da Portelinha e deus sabe disso e não deixou eles calarem a minha voz. Já me mataram duas vezes aqui nesse solo e duas vezes eu levantei.⁴⁸⁸” O povo vibra. “Eu não fui salvo por acaso eu não morri ainda pois tenho uma missão aqui. Há 10 anos lutei para construir essa comunidade e com o apoio de vocês vou lutar por nossa comunidade no asfalto, na Câmara dos Vereadores até a posse definitiva do nosso chão.⁴⁸⁹”

O pastor critica Juvenal por ter se aproveitado da situação e ter tomado proveito dizendo que foi um milagre, que a Bíblia o salvou. O pastor fala que é contra a mentira e diz que Juvenal está aproveitando o nome de deus para contar a sua mentira e diz que vai contar a verdade. No Capítulo 177,⁴⁹⁰ o pastor insiui que não pode mentir. “E verdade que estava com colete a prova de bala mas os tiros atingiram primeiro a bíblia quem tem certeza que não foi a sua bíblia que me salvou. Com toda a certeza não posso afirmar⁴⁹¹.” O pastor fica na dúvida e desiste de contar sobre o colete. Juvenal aproveita o crime passional para colocar nos jornais que foi um atentado político.

Quatro capítulos depois,⁴⁹² na pesquisa Juvenal dispara nas cabeças. “Eu sou mais eu! Vocês sabem porque o povo me ama esse é meu povo minha favela.⁴⁹³” no capítulo 191⁴⁹⁴, mostra que poucas pessoas comparecem ao comício de Evilásio. “Isso é fidelidade⁴⁹⁵” - diz Juvenal. Guigui diz que acha que Juvenal fez algo para esvaziar o comício.

Dona Gioconda, mãe de Júlia, abre o comício de evilázio e é aplaudido. Zé da Feira também ajuda "Fica na moral abre o olho quem vi pela cabeça dos outros na urna é piolho⁴⁹⁶”. O Comício esquenta.

Evilásio, no capítulo 192,⁴⁹⁷ diz que

⁴⁸⁸ Idem.

⁴⁸⁹ Idem.

⁴⁹⁰ Capítulo 177 exibido em 23/04/2008.

⁴⁹¹ Idem.

⁴⁹² Capítulo 181 exibido em 28/04/2008.

⁴⁹³ Idem.

⁴⁹⁴ Capítulo 191 exibido em 09/05/2008.

⁴⁹⁵ Idem.

⁴⁹⁶ Idem.

“a Portelinha é a sua casa eu servi a nossa comunidade na associação na aba do rei do pedaço, aprendi muito com ele pro bem e pro mal, sai das asas dele pois discordo dele. Ele diz que a favela é minha ele manda e desmanda, essa favela tem dono, tem rei? A Portelinha é nossa. Nós não temos rei, não temos dono. Somos livres. Somos livres para decidir quem vai lutar pela gente. Eu vou ser a voz da comunidade na Câmara com leis que melhorem nossa vida na comunidade. Vou exigir luz, professores, médicos, coleta de lixo, etc. Evilásio é aplaudido. Nós nunca tivemos um representante da nossa comunidade na Câmara, A gente nem lembra em quem a gente votou. Temos que escolher com cuidado em quem a gente vota. A Portelinha mudou os problemas aumentaram precisamos mudar também. Os políticos precisam olhar para o povo e não para o bolso. Podemos mudar tudo isso. Eu quero e a gente pode.⁴⁹⁸”

Evilásio é aplaudido. No capítulo 195⁴⁹⁹, Juvenal trabalha até a noite. “Tem dias que esse meu povo traz tanto abacaxi para descascar que as vezes fico no bagaço, mas eu gosto. Acordo feliz quando penso que vou atender meu povo.⁵⁰⁰” Guigui fala que quando for Vereador isso vai mudar. Juvenal fica pensativo, diz que entrou por pirraça na briga com Evilásio e agora vai para a Câmara lá “vai ser mais um e não mais o rei da Portelinha.”⁵⁰¹ Dois capítulos depois⁵⁰², Juvenal procura Evilásio para uma conversa:

” - Tu acha que ia conseguir ganhar uma eleição de mim? Tudo que tu sabe fui eu que te ensinei e em troca você me traiu quis o meu lugar se voltou contra mim?⁵⁰³”

Evilásio:” - Eu não me voltei contra o senhor eu discordei do senhor.⁵⁰⁴”

Juvenal: “- Eu não sei quem botou essas minhocas na sua cabeça. Eu não sou contra a democracia e ela só é boa para quem sabe viver nela. Essa daqui é uma favela modelo justamente porque eu controlo tudo com a rédea curta⁵⁰⁵”.

Evilásio: “- O senhor não vai mudar a minha forma de pensar.⁵⁰⁶”

Juvenal:” - Pode ser que daqui a alguns anos isso mude, mas por enquanto as coisas vão tocar como a minha banda⁵⁰⁷” e propõe renunciar a sua campanha para continuar como líder da Portelinha pois não quer ser vereador.

“-Por que o senhor faria isso?” questiona Evilásio. “Porque gosto de ti⁵⁰⁸” confessa Juvenal. E fecham o acordo.

⁴⁹⁷ Capítulo 192 exibido em 10/05/2008.

⁴⁹⁸ Capítulo 192 exibido em 10/05/2008.

⁴⁹⁹ Capítulo 195 exibido em 14/05/2008.

⁵⁰⁰ Capítulo 195 exibido 14/05/2008.

⁵⁰¹ Idem.

⁵⁰² Capítulo 197 exibido em 16/05/2008.

⁵⁰³ Idem.

⁵⁰⁴ Idem.

⁵⁰⁵ Idem.

⁵⁰⁶ Capítulo 197 exibido em 16/05/2008.

⁵⁰⁷ Idem.

IMAGEM 73: Evilásio e Juvenal fazem as pazes⁵⁰⁹



2.14 – A Narrativa

Um dos destaques para a novela é o fato do cenário principal ser uma favela, movimento que começou no início dos anos 2000 na Tv brasileira gratuita com Cidade dos Homens, sobre as vivências de dois jovens na Cidade de Deus. Nessa novela do horário nobre a abordagem sobre favela traz uma nova roupagem, diferente das produções existentes, expôs de maneira nova a vivência em uma favela, diferente das outras formas de representação exibidas até então. Enquanto obras anteriores focaram a violência e o tráfico de drogas, esta novela enfatizou o apaziguamento entre as classes sociais e a solidariedade entre os membros da favela. Conflitos internos da comunidade existiam, mas eram manifestados em nível verbal, com discussões, mas sem agressões físicas. Um confronto armado ocorre apenas quando um membro de outra favela. A novela propõe que a Portelinha seja um local de gente, trabalhadora que enfrenta muitas dificuldades, de gente honesta indo em posição contrária a violência e insalubridade retratada na maioria das produções sobre favela.⁵¹⁰

⁵⁰⁸ Idem.

⁵⁰⁹ Capítulo 197 exibido em 16/05/2008.

⁵¹⁰ SANTANA, Fernanda Castilho. Revista Internacional de Folkcomunicação – Volume 1 – Paraná: 2009.

A mudança da narrativa sobre a favela não é para retirar o estigma do local e sim para apresentar uma nova forma de administração possibilitando condições de vida melhor e sem ou poucos confrontos, demonstrando o que consideravam como ponto positivo de Juvenal que apresenta diversas características das ações de milicianos, como a legitimação da atuação e *modus operandi* com a cobrança de taxas e retaliação a quem não segue as regras.

A novela constrói narrativas que traçam o perfil de Juvenal Antena, líder da favela, desde sua fundação. Apresenta características como bondoso, corajoso, “justo”, defensor dos trabalhadores e da paz, sendo violento em circunstâncias para manter o sentimento de segurança da favela. Apresenta assim, pequenos deslizes, mas de maneira geral garante a estabilidade para a vida dos moradores da Portelinha, articulando as ações como um “mal menor”.

CAPÍTULO 3 – NOVOS DESAFIOS PARA O CAPITÃO NASCIMENTO

Nesse capítulo analisaremos a construção da narrativa sobre as milícias do Rio de Janeiro, através do filme *Tropa de Elite 2 – o inimigo agora é outro*, de 2010, ou seja, dois anos após o final da novela que pesquisamos no Capítulo 2. São obras contemporâneas, com abordagens distintas sobre a ação das milícias nas comunidades cariocas e suas articulações com diversos setores da sociedade.

O filme pesquisado é uma continuação do longa metragem *Tropa de Elite*, lançado oficialmente em outubro de 2007, mesma época do início da novela *Duas Caras*. No entanto, mesmo antes do lançamento o filme foi pirateado e assistido por mais de 3 milhões de pessoas, além de 2 milhões espectadores no cinema. Posteriormente o filme foi disponibilizado na TV aberta e atualmente, em plataformas streaming.

Faremos uma breve análise do primeiro filme e do Batalhão de Operações Especiais (Bope), presente nos dois longas metragem. A análise mais detalhada será do Filme *Tropa de Elite 2*, por abordar diretamente a atuação das milícias. No entanto, iniciaremos com uma questão metodológica sobre História e Cinema sua identificação como fonte e as orientações para analisar esse tipo de produção de comunicação de massa.

3.1 – Metodologia

Em 1929, a Escola dos *Annales* promoveu uma ruptura na historiografia tradicional defendendo a importância de utilizar outras fontes históricas além de documentos oficiais, possibilitando novas metodologias, novos objetos e abordagens, incluindo os meios de comunicação como as pesquisas que utilizam o Cinema. E mais, “Nada do que é humano será agora alheio ao historiador. Daí a multiplicação de estudos sobre a cultura, sentimentos, as ideias, as mentalidades, o imaginário, o cotidiano”⁵¹¹ e seria preciso utilizar a interdisciplinaridade nas pesquisas. Cinema e História relacionam-se

“...através de suas narrativas. Compreende-se que ambas possuem estruturas narrativas próprias, com suas próprias linguagens e particularidades, mas que

⁵¹¹ CARVALHO, 1998, p. 454.

tem em comum o fato de representar e/ou reproduzir um discurso histórico além de possibilitarem a organização da consciência sobre os fatos históricos”.⁵¹²

A primeira apresentação do que é chamado de cinema foi realizada por Thomas A. Edison demonstrando seu invento o cinetoscópio em 1894, mas foram os irmãos Lumière considerados os pais do novo meio de comunicação já que seu equipamento era mais maleável e por sua prática com o tipo de material oriundo do ramo da fotografia. A exibição ocorreu em Paris, no ano de 1895, com cenas do cotidiano e a proposta de um “Integrante da equipe dos inventores do cinema, os Irmãos Lumière, Matuszewski defendia o valor da imagem cinematográfica, que era por ele entendida como testemunho ocular verídico e infalível, capaz de controlar a tradição oral”⁵¹³ e que embora não fosse a história integral era a produção de uma verdade pura, considerando que maioria das produções dessa época eram documentários, entendidas por ele como uma cópia fiel a realidade⁵¹⁴.

Décadas mais tarde, no tempo do cinema mudo, o debate entre os cineastas russos Dziga Vertov e Serguei Eisenstein contribuiu com uma visão contrária de reprodutor da realidade o filme passava a ser visto como uma construção de uma linguagem criada pela montagem que, “nos levaria a uma verdadeira análise do funcionamento da sociedade... o filme não é a cópia fiel da realidade e sim uma construção feita por seu realizador.”⁵¹⁵

As duas formas iniciais de pensar e analisar um filme não são as que utilizaremos em nossa pesquisa, O objetivo é mostrar a caminhada dos estudos para uma forma mais ampla que seja possível analisar coerentemente e com todas as riquezas de detalhes um filme para o cinema que depois é exibido em outras plataformas. O cinema é um meio de comunicação que utiliza os cenários, tons de voz, trilha sonora, imagens, cores, luz, sombra etc., uma variedade de estímulos e recursos para obter a elaboração da obra enriquecendo sua análise para além de suas narrativas faladas. “A

⁵¹² Yashinnishi, Bruno José. A relação Cinema-História: fundamentos teóricos e metodológicos. In: Em tempo de História. Revista do Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Brasília:2020. P. 409.

⁵¹³ KORNIS, Mônica Almeida - História e Cinema - um debate metodológico. In: Estudos Históricos, vol. 5. Rio de Janeiro: 1992. p. 240.

⁵¹⁴ Idem.

⁵¹⁵ Idem.

ideia de que um gesto poderia ser uma frase ou um olhar um longo discurso”⁵¹⁶ causou medo em alguns setores da sociedade que percebem o poder do cinema.

No início do século XX, o cinema foi percebido como entretenimento de massa, criticado pelas elites que o considerava uma arte menor, e sua possibilidade comercial. Com o declínio econômico europeu pós I Guerra Mundial e a ascensão econômica dos EUA a indústria cinematográfica de Hollywood se destaca nas produções. Durante a década de 1950, principalmente na Inglaterra e na Alemanha,

“um número maior de historiadores passou a reconhecer nos filmes um valor histórico. O inglês Sir Arthur Elton declarou a importância do estudo dos filmes de ficção e do documentário, nivelando-o ao estudo dos hieróglifos e dos pergaminhos. Entretanto, segundo Fledelius, os artigos desses historiadores voltavam-se sobretudo para o que se deveria fazer e não para como fazê-lo”⁵¹⁷.

Apesar de começar a ser aceito como fonte faltava uma definição metodológica de como fazê-lo. Na década de 1960, o chamado “Cinema Novo” baseava-se em novas práticas e na renovação de suas técnicas narrativas visando o realismo inspirado no “nouvelle vague” francesa. Em termos metodológicos esse período, segundo Sorlin contou com “o impacto produzido pela criação e difusão da televisão, que colocou as imagens no espaço doméstico, fez com que os cientistas sociais não mais pudessem ignorar o mundo da câmera”⁵¹⁸.

A imagem cinematográfica é analisada associando a produção com o mundo que o produz, e sendo ficção, documentário ou baseado em fatos baseado em “as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História.”⁵¹⁹ Atualmente, “admite que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de

⁵¹⁶ FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 85.

⁵¹⁷. KORNIS, Mônica Almeida - História e Cinema - um debate metodológico. In: Estudos Históricos, vol. 5. Rio de Janeiro: 1992. p.242

⁵¹⁸ Idem. P. 244 .

⁵¹⁹ FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 85.

uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico.”⁵²⁰ As orientações para analisar o filme

“não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cuja significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza. E a crítica também não se limita ao filme, ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente.”⁵²¹

Cumprir lembrar que essas orientações devem ser aplicadas a outros

“substratos do filme (imagens, imagens sonorizadas, não sonorizadas) as relações entre os componentes desses substratos; analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é o filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime do governo. Só assim se pode chegar a compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa.”⁵²²

Nas décadas de 1960 e 1970, o movimento da Nova História valorizou campos que já estavam no âmbito da História, mas sem grande destaque como a História das Mentalidades com impulso maior valorizando também a história do imaginário, entendendo que não existe uma verdade absoluta independente da fonte utilizada na pesquisa. Para Le Goff, "o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.”⁵²³ Dessa forma, ao analisar o filme *Tropa de Elite 2* ressaltamos o contexto em que a produção estava inserida de denúncia aos abusos de poder da milícia e sua relação com o Estado. Esse poder havia sido posto em xeque com a CPI das Milícias e sua abordagem no longa metragem reflete essa face obscura desses grupos.

⁵²⁰ KORNIS, Mônica Almeida - História e Cinema - um debate metodológico. In: Estudos Históricos, vol. 5. Rio de Janeiro: 1992. p.240.

⁵²¹ Idem.

⁵²² FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 85.

A partir das novas abordagens e percepções sobre as fontes históricas e suas possibilidades em diversos campos, o filme adquiriu

“o estatuto de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico. Isto significa que o filme pode tomar-se um documento para a pesquisa histórica, na medida em que articula ao contexto histórico e social que o produziu um conjunto de elementos intrínsecos à própria expressão cinematográfica.”⁵²⁴

Apesar de sua importância, entendendo que a produção está inserida em um contexto e representa algum poder em suas narrativas, os demais aspectos do filme precisam ser analisados como o enquadramento da câmera, a iluminação, as cores ou não, a trilha sonora, todos esses aspectos assim como a narrativa representada nas falas e sua entonação, tem uma manipulação intencional.

Em nossa pesquisa, o Filme Tropa de Elite 1, aborda um caráter mais combativo da violência e apresenta um Bope como a força necessário e incorruptível contra o tráfico de drogas. As milícias não são citadas por não ser o problema focal do período de sua produção no final dos anos 2000. Sua existência era pouco questionada pelas instituições do Estado e apresentados, como vimos inclusive na novela pesquisa, com um caráter de opção para o funcionamento mais organizado e sem o tráfico de drogas nas favelas. Já o Filme: Tropa de Elite 2, de 2010, conta com os dados levantados pela CPI das Milícias de 2008 e suas denúncias e tipificação do que eram esses grupos.

O contexto interfere na produção mostrando uma nova preocupação para o protagonista dos dois filmes: no início a questão era o tráfico de drogas e a corrupção da Polícia Militar, já no segundo, o problema é a atuação das milícias e sua capilaridade em “serviços oferecidos” como nos braços por onde se estende incluindo representantes diretos eleitos para a vida política do Rio de Janeiro. Ou seja, como afirmava Marc Ferro, “o filme é um agente da história, e não só um produto. Ferro demonstra como os filmes, através de uma representação, podem servir à doutrinação e ou à glorificação.”⁵²⁵ Como ocorreu com o Capitão Nascimento no filme 1.

⁵²⁴ KORNIS, Mônica Almeida - História e Cinema - um debate metodológico. In: Estudos Históricos, vol. 5. Rio de Janeiro: 1992. p.239.

⁵²⁵ Idem. p.243.

Ferro se afasta uma análise semiótica do filme, mas trouxe contribuições ao reforçar o valor da análise de um filme como fonte histórica e que ele não é um reflexo da realidade e ultrapassa suas evidências. No entanto, em nossa pesquisa utilizaremos uma análise semiótica da fonte como o artigo de Kornis, em que Sorlin aponta a necessidade de pesquisar sobre como os indivíduos e grupos compreendem a produção em seu tempo e que

“o filme é realizado por uma equipe e deve ser considerado todo o circuito de financiamento, filmagem e distribuição. Essa é uma outra razão para que a análise do filme não se resuma nem à intenção do diretor nem à análise do conteúdo do filme a partir de seu roteiro. Pelo contrário, ele deve ser examinado como um trabalho acabado - na sua combinação de elementos visuais e sonoros-e pelos efeitos que produz, considerando também os aspectos semióticos do filme.”⁵²⁶

Sorlin nega a existência de um modelo de análise, e que o historiador deveria criar seus critérios de acordo com a produção pesquisada e assim fugir do impasse sobre o filme

“ou descrevem a sociedade e verificam a descrição nos filmes, ou analisam os filmes e encontram na estrutura social os elementos que lhes deram origem. O imobilismo desse esquema se funda, segundo ele, não só por razões teóricas - não há uma reflexão sobre os materiais usados pelo filme e sobre a sua relação com o público”⁵²⁷

Para nossa análise adotaremos nesse sentido que o filme sofre influência do contexto no qual é produzido e tem a atuação de poderes nele, mas, também os aspectos semióticos do filme, ressaltando que a produção não é uma cópia da realidade e sim uma seleção de cenas que produz uma ideologia sobre determinado tema, lembrando o impacto do filme devido à grande audiência nas salas de cinema e depois nas exibições na televisão. Seguiremos a metodologia organizada a partir dos apontamentos de Ferro e Sorlim, acrescida das contribuições de Anthony Aldgate, Jeffrey Richards e Arthur Marwick e seguem os seguintes pontos:

“a) Analisar os elementos que compõem o conteúdo, como roteiro, direção, fotografia, música e atuação dos atores;

b) o contexto social e político de produção, assim como a própria indústria do cinema: e

⁵²⁶ KORNIS, Mônica Almeida - História e Cinema - um debate metodológico. In: Estudos Históricos, vol. 5. Rio de Janeiro: 1992. P. 239.

⁵²⁷ Idem. p.245.

c) a recepção do filme e a recepção da audiência, considerando a influência da crítica e a reação do público segundo idade e sexo,”⁵²⁸

O filme pesquisado *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro*, por ser uma sequência faremos também uma breve análise do primeiro filme destacando os principais personagens que estarão na segunda produção.

3.2 – Breve análise do contexto das produções cinematográficas (anos de 1990 e 2000)

O período estudado das produções dos filmes *Tropa de Elite 1* e *2* estão inseridos na produção dos anos 2000, no chamado Cinema de Retomada, produções a partir da década de 90 com parcerias com grandes emissoras, como a Rede Globo, após anos imersos na crise.

Durante o governo do presidente Fernando Collor (1990-1992) a Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes) principal órgão financiador de filmes nacionais é extinta com base em uma política de austeridade dos gastos públicos e valorização do livre mercado.

O Cinema de Retomada tem início após 1993 com a Lei do Audiovisual que aperfeiçoou o incentivo fiscal para o cinema “os contribuintes poderão deduzir do imposto de renda devido as quantias investidas na produção de obras audiovisuais brasileiras de produção independente”⁵²⁹ Em 2001, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) é criada a Ancine (Agência Nacional de Cinema) responsável por

“regulamentar e fiscalizar o financiamento e a produção de filmes contemplados pelas leis de incentivo. Os novos formatos de fomento retiram do Estado diretamente o financiamento dos filmes, passando para a iniciativa privada. O Estado (via Ancine) abre mão de impostos e seleciona quais filmes que podem receber recursos via incentivo.”⁵³⁰

⁵²⁸ Ibid.

⁵²⁹ BRASIL. Lei nº 8.685, de 20 de julho de 1993. Dispõe sobre o apoio à atividade audiovisual. *Planalto*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8685compilado.htm. Acesso em: 19 set. 2025.

⁵³⁰ RUA – REVISTA UNIVERSITÁRIA DO AUDIOVISUAL. *Características do cinema nacional a partir dos anos 90*. UFSCar. Disponível em: <https://www.rua.ufscar.br/caracteristicas-do-cinema-nacional-a-partir-dos-anos-90/>. Acesso em: 19 set. 2025.

De acordo com as citações da metodologia, o cinema percebido pelo Estado como capaz de influenciar pessoas, reforçando ou ampliando visões preocupa-se em controlar o que é produzido, nesse caso, através da Ancine que aprova em quais produções o incentivo seria destinado.

A Ancine volta sua atenção ainda para a aproximação do cinema nacional com o público ressaltando a importância da audiência e retorno financeiro da produção fazendo jus ao valor investido, ação que a Embrafilme não atuava e não cobrava das produções. O Cinema de Retomada está inserido nesse contexto, com uma pressão sobre as produções de temas, diálogos, atores e outros que agrada o grande público garantindo assim retorno para as empresas financiadoras. O objetivo principal não está, como no Cinema Novo, em um pensamento crítico e sim em atender ao gosto do grande público. Não havia mais espaço para “o ritmo lento... quando ainda não estávamos saturados de imagens”⁵³¹, o grande público é receptivo a cenas constantes de ação, como ocorre no filme de nossa pesquisa, marcada por cenas de ação e violência, valorizando o policial violento, mas incorruptível e eficiente.

O principal filme que marca o início do novo cenário é “Cidade de Deus” (2002, Fernando Meireles), citado no capítulo 1 da tese exatamente por retratar a violência carioca já divulgada pelos jornais impressos e telejornais. Essa fase é chamada de pós-retomada por alcançar destaque internacional das produções brasileiras, com destaque para a Globo Filmes, produtora e distribuidora das Organizações Globo, na qual a novela analisada no Capítulo 2 foi exibida em horário nobre em seu braço na TV. A nova produtora garantiu a expansão do mercado cinematográfico do Brasil passando de 5% para mais de 20% do mercado nacional.⁵³²

Uma das características dessa nova fase é uma aproximação com a produção das telenovelas, principalmente, o close, recurso que aproxima o espectador do personagem. Ao longo dos filmes analisados, na discussão entre Capitão Nascimento e o Policial Militar Fábio e em outras cenas esse recurso é utilizado, principalmente em momentos cruciais.

⁵³¹ Xavier, 2000 p. 103.

⁵³² RUA – REVISTA UNIVERSITÁRIA DO AUDIOVISUAL. *Características do cinema nacional a partir dos anos 90*. UFSCar. Disponível em: <https://www.rua.ufscar.br/caracteristicas-do-cinema-nacional-a-partir-dos-anos-90/>. Acesso em: 19 set. 2025.

IMAGEM 74: Cena do Comandante Nascimento questionando o Coronel Fábio⁵³³



Inserido nesse contexto de produção, o filme *Tropa de Elite 2* é produção da Globo Filmes, contam com atores que atuaram em novelas da Rede Globo, como o caso de Wagner Moura e utiliza recursos de linguagem e enquadramento para se aproximarem do público e garantirem as salas de cinema cheias atendendo a lógica de mercado.

3.3 – Os autores e direção

Os Filmes *Tropa de Elite 1* e *2* são baseados nos livros *Elite da Tropa 1* e *2*, são uma obra escrita por Luiz Eduardo Soares, formado em Literatura com Mestrado em Antropologia e doutorado em Ciência Política, e os policiais Claudio Ferraz, André Batista e Rodrigo Pimentel. “que dedicaram um tempo de seu cotidiano para refletir sobre o que veem e vivem.”⁵³⁴

O primeiro livro (2006) foi publicado em mais de seis países abordando a violência urbana carioca através do “ponto de vista do policial, seus hábitos, medos e desafios”⁵³⁵ além do treinamento que são submetidos no BOPE onde “obedecem a regras restritas, as leis da guerrilha urbana. Na dúvida, mate. Máquinas de guerra, eles foram treinados para ser a melhor tropa urbana do mundo”⁵³⁶. O livro trata de corrupção política e policial, ações policiais nas comunidades e combate ao tráfico de drogas ilícitas, através da visão de um policial.

⁵³³ *Tropa de Elite 2*

⁵³⁴ Aba do livro *Elite da Tropa 2*.

⁵³⁵ SOARES, Luiz Eduardo. Disponível em: <http://www.luixeduardosoares.com/>. Acesso em: 19 set. 2025.

⁵³⁶ Idem.

No segundo livro (2010), o narrador continua sendo o policial civil fora de combate, são incluídas novas personagens e “o foco é a emergência das milícias: o crime organizado gerado pelo casamento perverso entre política e polícia.”⁵³⁷ O livro é a base do Filme Tropa de Elite 2 – O inimigo agora é outro, que mostra as ações das milícias e a relação direta com os membros da Segurança Pública carioca e políticos. O segundo livro apresentou apenas uma capa já com referência a cena do filme e lançado no mesmo ano que a versão para as telas do cinema.

IMAGEM 75: Capa do Filme



Luiz Eduardo Soares, pesquisador na área de segurança pública, foi subsecretário de Segurança Pública e coordenador de Segurança, Justiça, Defesa Civil e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro, no período de janeiro até outubro de 2003. É professor da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e coordenador do curso à distância de gestão e políticas em segurança pública, pela Universidade Estácio de Sá.

“Defensor da Proposta de Emenda Constitucional- PEC 51, que reestrutura o modelo atual de polícia, Luiz Eduardo Soares acredita que no Brasil foram pouquíssimos e insuficientes os avanços neste setor. Neste período ficou evidente que o país não pode mais conviver com a arquitetura institucional e o modelo policial determinado pelo artigo 144 da Constituição. Por isso, ajudei a elaborar e defendo a PEC 51, apresentada pelo senador Lindbergh Farias, em 2013”, comenta. “O que, hoje, no Brasil, podemos dizer que

⁵³⁷ Aba do Livro Elite da Tropa.

funciona e conquistou respeito, confiança, apreço na área de segurança?”, questiona.”⁵³⁸

Rodrigo Pimentel ex-capitão do BOPE, formado em jornalismo e pós-graduado em Sociologia Urbana, “ficou conhecido em todo o mundo por ser o criador do Capitão Nascimento inspirado na sua própria experiência como comandante da equipe Alfa do BOPE”. Venceu o prêmio principal do Festival de Cinema de Berlim, levando o Urso de Ouro de melhor filme. Foi especialista em Segurança Pública da TV Globo por seis anos também assina o livro “Elite da Gestão - Todo executivo lidera operações especiais”, responsável por diversas palestras em empresas. Foi um dos produtores do documentário Ônibus 174, por qual recebeu o Emmy Award, principal prêmio da televisão mundial.

José Padilha é cineasta, roteirista e produtor brasileiro, dirigiu os premiados: Ônibus 174, Tropa de Elite e Tropa de Elite 2. Além disso, Padilha também foi responsável pelo remake de RoboCop (2014), foi produtor executivo da série Narcos, uma produção original Netflix estrelada por Wagner Moura, consagrado Capitão Nascimento nos filmes Tropa de Elite 1 e 2.

Em 2002, foi diretor do documentário Ônibus 174, que relatava o sequestro de um ônibus na Zona Sul carioca, em 2000, na qual Sandro Barbosa do Nascimento, com 19 anos, sobrevivente da chacina da Candelária em 1993. O sequestro foi acompanhado pela televisão durante quatro horas. Alguns reféns escaparam pulando pelas janelas e pela porta traseira. Uma das reféns escrevia as mensagens com batom transmitidas ao vivo. Sandro decide descer do ônibus com uma refém, Geiza Gonçalves, mas o Grupamento de Intervenção Tática (GT), disparou contra o sequestrador, mas feriu de raspão a refém que foi morta por Sandro. O sequestrador foi levado para o camburão e asfixiado por policiais chegando morto ao hospital.

O documentário de José Padilha recebeu 23 prêmios, entre eles um Emmy, de melhor documentário longa metragem conta o sequestro. A história relata a vida do sequestrador enquanto o sequestro tem seu desenvolvimento.

⁵³⁸ SOARES, Luiz Eduardo. Disponível em: <http://www.luixeduardosoares.com/>. Acesso em: 19 set. 2025.

“ A tese essencial de meus filmes sobre a violência carioca é de que ela é causada pelo próprio Estado. Por um lado, o estado produz criminosos violentos por conta da falta de estrutura e de instituições eficientes para educar e ajudar as crianças pobres que nascem sem perspectivas em ambientes violentos e controlados pelo tráfico. Por outro, o estado forma policiais despreparados e os insere em uma organização que tem uma forte cultura de corrupção e de violação dos direitos humanos. Desmonte esse duplo processo e a violência cairá rapidamente. Essa é a tese. Na essência, nada mudou, analisa.”⁵³⁹

O acontecimento foi tão marcante que voltou a ser referência na novela *Duas Caras*, conforme citado no Capítulo 1, quando a filha de Juvenal Antena, Solange, é sequestrada por Romildo. No final o sequestro é resolvido por Juvenal Antena, que durante um confronto, consegue utilizar a arma do rapaz e atirar.

O primeiro grande filme de ficção de Padilha foi *Tropa de Elite*, lançado em 2007. O filme repercutiu de modo que a versão pirata foi sucesso de vendas por todo o país, além de recordes nas salas de cinema. No ano seguinte, ganhou o Urso de Ouro, prêmio de maior prestígio do festival de Berlim. Em 2010, o longa apresentou uma sequência, intitulada *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora é Outro*, conquistando o maior público da história do cinema brasileiro para um filme nacional. Os filmes apresentam assim, a visão de intelectuais como Luiz Eduardo Soares e José Padilha, além da experiência nas ações diárias.

3.4 – O Batalhão de Operações Especiais (Bope)

Em 1971, foi criada uma Companhia de Operações Especiais da PMERJ, no entanto, a ideia não foi a frente, mas em 1978 a ideia é retomada e concretizada através dos argumentos Capitão PM Paulo César Amêndola de Souza “A polícia Militar tem necessidade de uma tropa de elite, tecnicamente mais preparada e adaptada a todo os tipos de ações que sejam exigidos. Surge assim O Núcleo da Companhia de Operações Especiais (NuCOE), para reunir praças e oficiais com elevado preparo técnico, tático e psicológico.

⁵³⁹ José Padilha comenta os 20 anos do *Ônibus 174*: tese de meus filmes é que violência carioca é causada pelo Estado. *O Globo*. Cultura. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-padilha-comenta-os-20-anos-do-onibus-174-tese-de-meus-filmes-que-violencia-carioca-causada-pelo-estado-24472791>.

Acesso em: 19 set. 2025.

No Boletim 86, de 10 de maio de 1978, a função do Núcleo:

“onde delineava o emprego em operações policiais militares não-convencionais, em missões de contraguerrilha urbana ou rural e, na condução de missões que venham a exigir, além de pessoal altamente especializado com grande preparo técnico, tático e psicológico, o emprego de armamento e equipamentos Especiais, não devendo ser empregado em quaisquer modalidades de policiamento ostensivo preventivo e em missões de rotina policial militar.”

Em 1981, passa a subordinar-se diretamente ao Chefe do Estado-Maior Geral, recebendo o nome de BOPE (Batalhão de Operações Especiais), somente em 1991. Atualmente, são realizados dois tipos de cursos de formação: o **COEsp** (Curso de Operações Especiais) durante 6 meses e o **CAT** (Curso de Ações Táticas) com 5 a 6 semanas. Os dois são extremamente rigorosos selecionando poucos integrantes a curso.

Quando criado o Bope em 1978, a farda do Bope era azul da polícia Militar, na década de 90 adotou a farda preta vista como uma forma de camuflar os policiais nas ações noturnas e vista como uma arma psicológica. Em 2015, O Bope mudou a cor da farda de preto para verde camuflada em 2015, pois permite uma camuflagem mais eficiente tanto em ambientes urbanos quanto nas áreas de mata que circundam os morros cariocas. A cor preta ficará mais restrita para as operações nas ações noturnas quanto como uma arma psicológica. Na área da Praça Seca, por exemplo, existe uma concentração de traficantes nas áreas de mata, onde acampam, guardam armas e drogas ilícitas. Utilizam normalmente um blindado em suas operações conhecido como “Caveirão” apesar do nome oficial ser Pacificador.

IMAGEM 76: Caveirão⁵⁴⁰

A Caveira do Bope simboliza a inteligência e o conhecimento, mas também a morte. A faca cravada na caveira é símbolo da superação humana.

IMAGEM 77: Foto em grupo de integrantes do BOPE⁵⁴¹

O Bope é reconhecido como uma das maiores forças de combate de guerrilha de urbana do mundo e criticado por diversos órgãos nacionais e internacionais como a Anistia Internacional. Em 2017, a coordenadora da organização não governamental (ONG) Justiça Global, Glaucia Marinho, retomou uma campanha contra o “Caveirão”, inspirada em uma ação da Anistia Internacional, lançada em 2006, quando o carro blindado adaptado para ser um veículo militar começou a ser usado nas favelas do Rio.

⁵⁴⁰ www.tyba.com.br acesso 23/11/2023

⁵⁴¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Polícia Militar. BOPE – Batalhão de Operações Especiais – PMERJ. Rio de Janeiro, RJ, 5 out. 2015. Disponível em: <https://sepm.rj.gov.br/2015/10/bope-batalhao-de-operacoes-especiais/>. Acesso em: 20 set. 2025.

“O Caveirão é um carro blindado que foi usado inclusive no *apartheid* na África do Sul. Para a gente, ele é uma arma de guerra que evidencia o caráter racista da política de segurança pública no Rio de Janeiro”, afirmou Glaucia. Ressaltou ainda os impactos na vida dos moradores quando escolas, postos de saúde e o comércio das comunidades que são fechados a cada operação contra o crime organizado.

“Resolvemos criar a campanha para denunciar as violações. Para além das mortes, hoje, nas favelas do Rio e periferias, você tem um estado de exceção. Nessas operações, diversas violações são cometidas, como a entrada nas casas sem mandados”, disse Glaucia.

O Bope é retratado nos dois filmes de Tropa de Elite e demonstram o caráter agressivo dos policiais, seu caráter incorruptivo, rigoroso treinamento e seus impactos sociais.

3.5 – Tropa de Elite 1: O Filme (2007)

O início do filme mostra a frase “A psicologia social deste século nos ensinou uma importante lição: usualmente não é o caráter de uma pessoa que determina como ela age, mas sim a situação na qual ela se encontra” Syánley Milgran (1974). Uma referência sobre a pressão a qual os personagens são submetidos ao longo do filme e suas atitudes. Segue retratando um baile funk no alto do morro da Babilônia, na Zona Sul carioca. A música que inicia com as imagens é o Rap das Armas, de Mc’s Júnior e Leonardo:

*“O meu Brasil é um país tropical
A terra do funk, a terra do carnaval
Mas o meu Rio de Janeiro é um cartão postal
Mas eu vou falar de um problema nacional*

*parapapapapapapapa
parapapapapapapapa
papapapapapapapara clack bumm 2x Refrão
parapapapapapapapa*

*Metralhadora AR-15 e muito oitão
A Entratek com disposição
Vem a super 12 de repetição
45 que um pistolão
FMK6, m-16
A pisto UZI, eu vou dizer para vocês
Que tem 765, 762, e o fuzil da de 2 em 2*

Refrão

*Nesse país todo mundo sabe falar
Que favela é perigosa, lugar ruim de se morar
Mas ela é muito criticada por toda a sociedade
Mas existe violência em todo canto da cidade*

*Por falta de ensino falta de informação
pessoas compram armas cartuchos de munição
mas se metendo em qualquer briga ou em qualquer
confusão se sentindo protegidas com a arma na mão*

Refrão

*vem pistola Glock, a HK
vem a intratek Granada pra detonar
vem a caça-andróide e a famosa escopeta
vem a pistola magnum, a Uru e a Bereta
colt 45, um tiro só arrebenta
e um fuzil automático com um pente de 90
estamos com um problema que é a realidade
é por isso que eu peço paz, justiça e liberdade”*

O funk retrata a circulação de armas nas favelas e a denúncia a visão preconceituosa sobre esses territórios. Segue a abertura do filme e Capitão Nascimento (Wagner Moura) começa a relatar que existem mais de sessenta favelas na cidade, a maioria controlada por traficantes de drogas que utilizam armamentos pesados, de guerra e que a paz “é um equilíbrio delicado da munição dos bandidos e corrupção dos policiais”⁵⁴² que são mal treinados, mal remunerados e não querem morrer em confrontos. As cenas seguem apresentando dois policiais militares novatos, Matias (André Ramiro) e Neto (Caio Junqueira), que sobem o Morro e ficam analisando o que será feito com o policial Fábio (Milhem Cortaz) que estava com alguns colegas de profissão que foram buscar o arrego⁵⁴³ da favela.

Neto, preocupado com Fábio atira nos traficantes que estavam negociando com os policiais perto do baile funk. Começa a correria, fogos são lançados para avisar sobre uma ação policial, os policiais são encurralados. O Bope é chamado para resolver o problema. A narrativa do Capitão Nascimento continua explicando que o Bope faz parte da Polícia Militar, mas que sua farda não é azul e sim preta. Seu símbolo representa o que acontece quando eles sobem a favela.⁵⁴⁴ E segue com sua apresentação de Capitão do Bope a 10 anos e pretendia deixar as operações de campo após achar um substituto

⁵⁴² ELITE, Tropa de. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2007. Disponível no streaming Globoplay e Amazon Prime. (04 m 17 s).

⁵⁴³ Suborno entregue semanalmente para os policiais não invadirem as favelas controlados pelo tráfico de drogas.

⁵⁴⁴ ELITE, Tropa de. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2007. Disponível no streaming Globoplay e Amazon Prime. (07 m 33 s).

com o intuito de ter uma vida mais tranquila ao lado da esposa grávida. O Bope chega até a Babilônia e inicia sua operação.

Nesse momento o filme volta no tempo 6 meses e mostra Nascimento em uma operação contra policiais corruptos que vendiam armas para traficantes em uma favela, conforme os dados da CPI das Armas apresentou e descrevemos no Capítulo 1, mostrando que a maioria das armas nas mãos dos bandidos são desvios de setores militares. O Capitão ordena que seus companheiros atirem e afirma estar de “pavio curto” e que não sabe “o que irrita mais “se são os traficantes fortemente armados, ou a incompetência da polícia convencional” que com mais de 30 mil homens não consegue conter o tráfico⁵⁴⁵. Nascimento aparece em casa e sua esposa demonstra preocupação com a profissão do marido e cobra que ele consiga um substituto.

Em seguida mostram a chegada de Neto e Mathias ao Batalhão após aprovação em concurso público. Neto é encaminhado para trabalhar na oficina e Mathias para organizar os registros de ocorrência. Lembramos que o filme retrata 1997 e ainda não havia um sistema informatizado na polícia, as ocorrências, portanto estavam arquivadas desordenadamente em papéis. Enquanto isso, o filme aborda fatos como a visita do Papa em 1997 e a necessidade do BOPE combater ostensivamente o tráfico de drogas no morro do Turano, favela próxima ao local onde o líder religioso ficaria hospedado, na residência da Arquidiocese do Rio de Janeiro, no Sumaré.

⁵⁴⁵ Idem.

IMAGEM 78: Folheto de divulgação do Encontro Mundial do Papa no Rio de Janeiro⁵⁴⁶



O filme retrata inicialmente as ações do Batalhão, incluindo cenas de ação e tortura, momentos de crise de consciência do Capitão, como a morte de um fogueteiro por sua causa e lamentação de uma mãe que não pode enterrar o filho. Termos utilizados durante os interrogatórios com tortura como “vai pro saco⁵⁴⁷” e práticas de afogamento, entre outros.

E segue em outra parte da cidade do Rio de Janeiro, os dois policiais honestos (Neto e Matias), amigos de infância, buscam sobreviver as inúmeras cenas de corrupção no batalhão como propina para agendar férias, o arrego do jogo do bicho e dos traficantes de drogas, a troca de peças das viaturas, entre outros. Uma das cenas que marcaram a trama e viraram meme sendo referência em conversas populares é a conversa entre o policial Paulo (Paulo Vilela) e o Sargento Rocha (Sandro Rocha), sobre o pedido de férias que já estava agendado do PM, mas que só será concretizado mediante ao pagamento de propina. Na cena o Sargento Rocha abre uma gaveta de cheia de dinheiro e diz “Você tem que me ajudar a te ajudar. Quem quer rir tem que fazer rir.”⁵⁴⁸

⁵⁴⁶ Tropa de Elite 1 (16:21)

⁵⁴⁷ A tortura consiste em colocar um saco plástico na cabeça da vítima até ficar sem ar.

⁵⁴⁸ ELITE, Tropa de Elite. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2007. Disponível no streaming Globoplay e Amazon Prime. (42 m 42 s).

IMAGEM 79: Pedido de propina entre policiais para pedido de férias⁵⁴⁹



Os dois seguiram para o Morro da Babilônia para evitar a eliminação de um policial, Capitão Fábio, que orientou como levantar a propina e usar para consertar os carros do batalhão. O esquema envolvia desde o Comandante do Batalhão até os soldados. Fábio queria ir em sua viatura, mas é “convencido” por seus colegas e ir em outra e sem fuzil. O policial fala para Neto “- Acho que vão me passar⁵⁵⁰.”⁵⁵¹ O policial Neto, agiu no impulso e atirou em um traficante acreditando que o Capitão seria morto. O tiroteio começa e para resolver a situação o Bope é chamado, pois deve interferir quando a polícia não consegue solucionar o problema. Após serem salvos pelo Bope, os policiais honestos decidem fazer a inscrição para o Batalhão Especial. O Capitão Fábio também participa do treinamento pois temia retornar para as ordens do oficial que desafiou.

Outro núcleo é a faculdade de Direito que Matias frequenta e esconde sua identidade de todos. Participa de ações em uma ONG na comunidade, convive com colegas que usam maconha e fazem pesquisas coletivas como um estudo sobre o livro Vigiar e Punir.

⁵⁴⁹ Tropa de Elite. (41:41)

⁵⁵⁰ Passar nesse sentido é ser morto.

⁵⁵¹ ELITE, Tropa de Elite. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2007. Disponível no streaming Globoplay e Amazon Prime. (57 m 18 s).

IMAGEM 80: Estudantes da PUC-Rio com o colega Matias fazendo trabalho em grupo na ONG⁵⁵²



A seleção de novos integrantes para o Bope tem início com uma análise dos inscritos e observações sobre sua idoneidade. Matias e Neto tem boa reputação, no entanto, o Capitão Fábio é conhecido como corrupto. O superior pede que ninguém tenha o tímpano perfurado ou mão cortada durante o treinamento o que demonstra o caráter violento da seleção dos policiais. Desde o início do treinamento os oficiais afirmam não desejarem que ninguém seja aprovado, com as expressões que ficaram famosas como “você não são bem vindos aqui, tem início o curso de Operações Especiais nunca serão⁵⁵³” e “pede para sair⁵⁵⁴” e submete os candidatos a diversos tipos de humilhação, como gritos, socos, sono, alimentos jogados ao chão durante as refeições e comemoração quando alguém desiste.

IMAGEM 81: refeição é jogada no chão para os policiais em processo seletivo comerem⁵⁵⁵



⁵⁵² Tropa de Elite 1 (20:02).

⁵⁵³ Tropa de Elite 1 (1:11:09).

⁵⁵⁴ Tropa de Elite 1 (1:11:22).

⁵⁵⁵ Tropa de Elite 1 (1:15:10).

A cerimônia de desligamento incluía enterrar o boné de treinamento e o número do candidato em uma cova e colocar uma cruz, representando um cemitério, conforme imagem os trechos da cena abaixo.

IMAGEM 82: representa um sepultamento ao desistir do processo seletivo do BOPE.⁵⁵⁶



IMAGEM 83: Imagem enterrando o boné com a numeração do Capitão Fábio⁵⁵⁷



⁵⁵⁶ Trecho do filme Tropa de Elite 1 (1:20:44).

⁵⁵⁷ Trecho do filme Tropa de Elite 1 (1:20:48).

Com os dias a violência diminuiu e o foco passa a ser na qualidade dos candidatos, treinamento de tiro, estratégias para andar nas favelas, entre outros. Dos poucos que restaram, Capitão Nascimento escolhe Neto como seu substituto. Mathias tem oportunidade de vaga para estágio na área do Direito. Enquanto participa da entrevista, Neto leva os óculos para uma criança da ONG onde Mathias participava.

No entanto, os traficantes do local descobriram que Mathias era policial e fazem uma emboscada. Os componentes da ONG são dominados pelos traficantes e mortos por terem permitido a presença de um policial na região. A cena da morte inclui o estupro da personagem e o rapaz é morto no chamado microondas, no qual a pessoa é colocada no meio do buraco dos pneus e é ateadado fogo, destino de quem trai a confiança dos traficantes. Neto é morto na emboscada, mas no confronto descobrem que ele faz parte do BOPE. O traficante Baiano decide desaparecer ficando na mata próxima a comunidade com medo da represália. A cena abaixo retrata o enterro de Neto e Nascimento coloca a bandeira do Bope em cima da bandeira do Brasil, mostrando a força da instituição na vida de quem faz parte dela.

IMAGEM 84: Enterro de Neto⁵⁵⁸



A partir desse momento, Mathias é a nova opção de substituto para Capitão Nascimento. A prova de fogo era encontrar o traficante de drogas Baiano, responsável pela morte de Neto e vingar o assassinato. Nascimento organiza algumas equipes que utilizam seus métodos de tortura e violência ao interrogar moradores sem nenhum tipo de mandado da justiça. Depois de uma sequência de violências contra moradores os

⁵⁵⁸ Tropa de Elite 1 (1:39:44).

policiais encontram o traficante e fica a cargo de Mathias executá-lo. Mathias cumpre sua missão de acordo com as regras do Bope.

O filme foi acusado de apologia a tortura por colocar o Capitão Nascimento como um herói. O diretor do filme informou que seu objetivo não era esse e sim questionar por que as instâncias superiores não são eficazes e a ponta do sistema que são os policiais fazem a justiça com suas próprias mãos, devido a um erro de todo o sistema.

O longa metragem recebeu o Urso de Ouro, em Berlim, no ano de 2018 de melhor filme. Tropa de Elite não foi indicada ao Oscar, pois a indicação foi para o filme “O ano que meus pais saíram de férias.” O sucesso do filme garantiu a produção de Tropa de Elite 2 – o inimigo agora é outro, lançado no ano de 2010.

3.6 – Trilha sonora

A trilha sonora principal do filme é a música Tropa de Elite, do grupo Tihuana, do CD Ilegal, lançado em 2000, ou seja, a música não foi feita para o filme como a maioria dos espectadores imaginava. Durante as pesquisas para o filme, o diretor José Padilha, visitou as instalações do BOPE e foi informado que nos treinamentos e missões os policiais ouviam essa trilha sonora. O diretor entrou em contato com o grupo e conversaram sobre alterar um trecho da música, que está abaixo em negrito, para atender melhor o filme.

A composição da música era para contar as façanhas do grupo na noite paulista após um período em São Paulo. A alusão a “segunda-feira tem história para contar” era sobre um local na Vila Madalena que apresentava como ponto alto as noites de segunda-feira. A trilha sonora do filme foi um sucesso, diferente do que aconteceu no lançamento do CD em 2000.

“Agora o bicho vai pegar!”

*Tô chegando aí, bicho
Tô chegando e é de bicho
Pode parar com essa história
De se fazer de difícil*

*Eu tô
Que eu tô chegando
Tô chegando e é de bicho
Pode parar com essa marra
Pode parando com isso*

*Não dá bobeira não
Cê tá na minha mão
Segunda-feira é só história pra contar*

*Não vem com ideia não
Não quero confusão
Mas vamo junto que hoje o bicho vai pegar*

Refrão *Chegou a Tropa de Elite
Osso duro de roer
Pega um, pega geral
Também vai pegar você*

Refrão x 3

*Chega pra lá!
Chega pra lá!*

*Chega pra lá!
Tô chegando e vou passar
Cheguei de repente
Vai ser diferente*

*Sai da minha frente
Sai da minha frente meu irmão
Não!
Não vem com isso não*

*Tô chegando e é de ladrão
Porque quando eu pego
Eu levo pela mão
Não mando recado
Eu vou na contramão*

*Não dá bobeira não
Cê tá na minha mão
Segunda-feira
É só história pra contar*

*Não vem com ideia não
Não quero confusão
Mas vamo junto que hoje
O bicho vai pegar*

*Tem dia que a criança chora
Mas a mãe não escuta
E você nada pra fora
Mas a vala te puxa*

*Hoje pode ser meu dia
Pode até ser o seu
A diferença é que eu vou embora
Mas eu levo o que é meu*

*Tropa de Elite
Osso duro de roer
Pega um, pega geral
Também vai pegar você*

Refrão x 3

*Muro de concreto
Bom de derrubar
É Tihuana (substituído por É o BOPE)
O pau vai quebrar*

Refrão x 4

Tá de bobeira!

A letra foi associada às ações do BOPE nas favelas cariocas pelos policiais e apresentada para o público através do filme *Tropa de Elite*, como seu grito de guerra e considerada como palavras de combate entre policiais e foras da lei. No ano de 2018, o grupo Tihuana entrou na justiça para obter os direitos sobre a marca “Tropa de Elite” e indenização por uso indevido pelo diretor José Padilha que teria violado o artigo 124 da Lei de Propriedade Intelectual.

Em sua defesa, José Padilha alegou:

a canção só passou a ser conhecida nacionalmente após o lançamento do primeiro filme. Basta ver que o conjunto somente em 2008 recebeu disco de platina pela música. O diretor ainda destacou que não existe risco de confusão dos filmes com a faixa. Logo, não há violação do artigo 124 da Lei de Propriedade Intelectual⁵⁵⁹.

⁵⁵⁹ CONJUR. *Filmes Música: “Tropa Elite” não confundem, decide TRF*. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-jan-17/filmes-musica-tropa-elite-nao-confundem-decide-trf>. Acesso em: 19 set. 2025.

A ação já havia sido negada pela primeira instância, mas o grupo recorreu. O Desembargador Federal, Messod Azulay Neto, relator no TRF-2, considerou comprovado que a banda nunca se importou com o uso da expressão “Tropa de Elite” para denominar os filmes, pois até concordou em alterar trechos da letra para melhor se adequar à narrativa do primeiro filme.” E seguiu com o voto contrário ao pedido da banda pois “a música e os filmes são obras de arte distintas, que não se confundem. “O sucesso do filme deu tanta fama à expressão que ela passou a ser associada diretamente a ele, independente música da autora, sem com ela se confundir, ganhando nova conotação, representativa do Bope e da história do Capitão Nascimento.”⁵⁶⁰

3.7 - Críticas ao filme

De maneira geral o filme foi bem avaliado e indicado pela crítica, que parabenizou a continuação da trama de forma a aprofundar mais os problemas da segurança pública do Rio de Janeiro com um cenário mais amplo que as comunidades cariocas de um lado e os policiais do BOPE de outro, explicando assim o sucesso de bilheteria do filme nacional.

Sendo assim, o reconhecimento ocorre pela “discussão ideológica, a visão de país que ele apresenta, foram amplamente discutidos sob as mais diversas óticas. *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora é Outro* é um dos mais contundentes filmes políticos feitos por aqui nos últimos anos, dos mais bem-sucedidos na história recente.”⁵⁶¹

⁵⁶⁰ Idem.

⁵⁶¹ PAPO DE CINEMA. *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora É Outro*. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/tropa-de-elite-2-o-inimigo-agora-e-outro/>. Acesso em: 19 set. 2025.

IMAGEM 85: Crescimento do BOPE após o Comandante Nascimento assumir seu cargo na Segurança Pública do Rio de Janeiro⁵⁶²



“Para início de conversa, é, no mínimo, tentador comparar *Tropa de Elite* (2007) com *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora é Outro* pelo fato de haver uma clara evolução no segundo, como cinema ou veículo de discussão sociológica/política. No entanto, se apurarmos o olhar e os sentidos, notaremos que os filmes formam um díptico coeso. Exemplo disso, para ficar em apenas um, é certa aproximação da conduta do Capitão Nascimento (Wagner Moura), agora Coronel, com a leitura ideológica que seu agregado Matias (André Mathias) propõe acerca da polícia e do dever em *Tropa de Elite*. Portanto, não se trata de falar bem da sequência, dizendo o quão melhor ela é em relação a seu precursor, mesmo que assim o seja. Há o complemento esperado das boas sequências, as que não anulam o antecessor, pelo contrário, o expandindo.”⁵⁶³

A crítica segue elogiando a continuidade e sua expansão sobre o tema incluindo o *modus operandi* das milícias. “É a constante luta quase solitária do homem contra o gigantismo do sistema, seja ele qual for. Por isso Nascimento é visto por parte do público como o herói que se ergue contra o que há de podre no reino da terra brasileiros.”⁵⁶⁴ A crítica destaca ainda a união entre o ideológico, fundamental em um filme político, e as cenas de ação, que garantem o sucesso do filme.

“Mas, não podemos nos esquecer de que, estritamente como cinema, tem-se aqui uma mistura narrativa muitíssimo eficiente entre o drama de ação e o já citado filme político. José Padilha está mais seguro, Wagner Moura continua encarnando visceralmente Nascimento e temos ainda coadjuvantes que fazem trabalhos dignos de premiação, como Irandhir Santos e o surpreendente

⁵⁶² *Tropa de Elite 2* (37:57)

⁵⁶³ PAPO DE CINEMA. *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora é Outro*. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/tropa-de-elite-2-o-inimigo-agora-e-outro/>. Acesso em: 19 set. 2025.

⁵⁶⁴ Idem.

Sandro Rocha. Enfim, o filme encontra na qualidade uma justificativa para ser sucesso. Padilha consegue provocar reflexão corajosamente.”⁵⁶⁵

O crítico Marcelo Forlani, relata as primeiras cenas do filme dentro do presídio de Bangu, o confronto entre os presos e com o Bope além da interferência de representante dos Direitos Humanos logo nos primeiros momentos do filme:

Tropa de Elite 2 (2010), filme que dá sequência à trajetória de enorme sucesso de um personagem que não vive para meios tons, que faz de tudo para cumprir sua missão e, se precisar, até bota na conta do Papa. O primeiro *Tropa* virou assunto primeiro por ter vazado e rapidamente virado ganha-pão dos pirateiros que vendem DVDs nas ruas. Depois, pela forma explícita como trata temas como tráfico de drogas, tortura e execução dos que não trabalham do lado da lei. Desta vez, o diretor **José Padilha** e seu comparsa de roteiro **Bráulio Mantovani** continuam atirando primeiro e perguntando depois. Mas o alvo agora é outro ou, como diz o subtítulo do filme: “O Inimigo Agora é Outro”.⁵⁶⁶

O crítico também destaca a nova fase profissional do personagem principal, agora na Secretaria de Segurança e a descoberta de um novo inimigo, os políticos e policiais corruptos.

“O filme deixa também de ser a história do Matias, para ser a do Nascimento. Antes narrador, o personagem agora é também o protagonista e muita coisa vai acontecer nas quase duas horas de duração. E Wagner Moura está lá de novo para mostrar o lado humano do personagem, dar textura e profundidade ao personagem duro que sai para as ruas para combater o crime e volta para casa com os ombros cada vez mais caídos, como se estivesse carregando sozinho todos os problemas que existem no mundo. Mas ele não brilha sozinho. Se os personagens de André Ramiro, **André Mattos** (Fortunato) e **Sandro Rocha** (Russo) adicionam dramaticidade e canastrice à trama, cabe ao Fábio interpretado por **Millhen Cortaz** algumas das frases desde já candidatas a novos bordões, como “*Cada cachorro que lamba a sua caceta*”, “*Quer me foder, me beija*” e “*Tá de pombagirice?!.*”⁵⁶⁷

Marcelo também destaca as cenas de ação, mas também a abordagem ideológica da trama: “E as críticas continuarão, porque o BOPE está na área e não vai facilitar para

⁵⁶⁵ Ibidem

⁵⁶⁶ <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/critica-tropa-de-elite-2>.

⁵⁶⁷ Idem.

ninguém. A diversão do povão está garantida e aqueles que quiserem ainda poderão levar para casa alguns pensamentos sobre a atual situação política brasileira.”⁵⁶⁸

A *OmeleTV* #94 visitou o set da comédia *Homem do Futuro* e entrevistaram o ator Wagner Moura poucas semanas antes da estreia de *Tropa de Elite 2* nos cinemas. Ao ser questionado das diferenças do primeiro filme para o segundo, Moura disse que este “é um filme mais maduro[...] tudo foi mais pensado e culmina com a maturidade de Nascimento. A grande diferença é que ele é um personagem muito mais consciente do que está acontecendo. E como ele é o narrador, isso acaba passando para o público.”⁵⁶⁹ Outra novidade é que o filme será lançado de forma independente, sem a participação de grandes estúdios:

"Tivemos a mesma liberdade. O Zé Padilha é muito inteligente e muito corajoso. Os filmes dele têm um link com a realidade, mostram muito do que está acontecendo agora, pelo documentarista que ele é. Ele está abrindo um precedente muito interessante ao distribuir o filme sozinho. Se der certo, pode ser revolucionário no cinema brasileiro.”⁵⁷⁰

Wagner Moura destaca que

“há uma desconstrução do personagem que as pessoas conheceram no primeiro filme[...] E nós não vamos dar ao público uma repetição do primeiro filme. O filme, se cair no gosto do público - espero que cairá - tem a ver com o sucesso do primeiro, mas tem uma outra abordagem dos personagens, da história... E para mim, que gosto muito de política, é prazeroso trazer isso à tona através de um trabalho. Poder discutir segurança pública, violência, corrupção é outra coisa que me dá orgulho do *Tropa de Elite*.”

A entrevista reforça a ideia de um filme mais profundo com reflexões amplas e uma abordagem política. *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora é Outro* (2010) apresentou algo diferente para a opinião pública,

“trazendo não apenas questões ligadas à violência urbana, corrupção dentro da polícia e o sofrimento de inocentes, jogados no meio do lamaçal de suspeitos e aproveitadores... ou pegos por uma bala perdida. Fazendo valer o subtítulo, a fita coloca as grandes instituições, o Estado, os políticos e em

⁵⁶⁸ *Ibidem*.

⁵⁶⁹ OMELETE. *Tropa de Elite 2 – Entrevista Wagner Moura*. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/entrevistas/tropa-de-elite-2-entrevista-wagner-moura>. Acesso em: 19 set. 2025.

⁵⁷⁰ *Idem*.

parte, a mídia, como parceiros e financiadores de ações e ideias que, a longo prazo, fazem as coisas piorarem para todos.”⁵⁷¹

Foi o filme brasileiro mais visto da história, com 11.146.723 ingressos vendidos (superando o então recordista *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de 1976. A trama segue mostrando a jornada do Capitão Nascimento (agora Tenente-Coronel e depois Subsecretário de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro), 13 anos depois dos eventos de *Tropa de Elite* (2007) e assim fecharia a sua trilogia sobre violência urbana, antecedida por *Ônibus 174* (2002) e *Tropa de Elite*. A construção do roteiro segue aqui os mesmos padrões do primeiro *Tropa de Elite*

“Há a narração cínica, engajada e emotiva de Nascimento, o recurso de *flashback* não-óbvio e muitíssimo bem trabalhado no enredo, pegando um ponto alto da trama como gatilho para o que levou o personagem até aquela situação; e a mensagem moral, ética e política sobre o assunto tratado. O que faz deste um filme melhor, no entanto, é o uso bem mais orgânico da narração — que praticamente não incomoda mais e não parece forçada em situações críticas —, o tratamento cíclico dado à temática, o que faz com que bandidos comuns, policiais e políticos corruptos e os poucos honestos da obra ganhem destaque merecido e tenham seus arcos individuais bem finalizados. Embora se conclua de maneira parcialmente preguiçosa, após o depoimento de Nascimento no Plenário, com a passagem simples pela “*maior queima de arquivos da História do Rio de Janeiro*”, a obra ainda se sustenta em alta. E a despeito dos erros, seu tema e desenvolvimento merecem aplausos.”⁵⁷²

Após a análise da construção da narrativa o crítico segue elogiando Padilha que faz uma tomada mais honesta da problematização de um grave e persistente problema social,

“destacando um lado (o lado da polícia, sob a visão de Nascimento); e adicionando outro lado, como real contraponto. No passado, este “lado B” (o lado dos Direitos Humanos), embora com base em diversas verdades, não logrou chegar a um cenário interessante. Já aqui, o diretor e roteirista conseguiu uma boa “briga de ideias”, mostrando as situações quase com igual força, não apenas pescando frases de efeito, mímicas e clichês do opositor para construir sobre isso a sua visão (o bom e velho caminho da falácia). A despeito de isso não ter tirado, ao menos na minha leitura, o valor do primeiro filme — afinal, ele perde pontos por problemas de outra ordem —, com certeza foi algo imprescindível a ser destacado nos debates.”⁵⁷³

⁵⁷¹ PLANO CRÍTICO. *Crítica: Tropa de Elite 2 – O inimigo agora é outro*. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-tropa-de-elite-2-o-inimigo-agora-e-outro/>. Acesso em: 19 set. 2025

⁵⁷³ Idem.

A marcação do ritmo, através da montagem, encontra neste filme uma série de vantagens locacionais e segue elogiando o ritmo e formas de filmagem, trilha sonora e outras.

“O contraste entre a “boa” e a “má” cidade na tela ajuda, por si só, a dar uma atmosfera diferente ao filme, contrastes sociais e de ambiente que o fotógrafo Lula Carvalho manipula com precisão e de maneira bem mais elegante que no longa anterior, conseguindo não só grandes tomadas e alguns ótimos planos em continuação, como ambientações mais cruas, mais condizentes com a trama. A câmera ainda inquieta de Padilha termina o trabalho, trazendo um ritmo de urgência e sugerindo algo documental, como é sua característica, trabalhando os ambientes diante de uma trilha sonora simples e com canções marcantes; precioso uso de edição e mixagem de som e desenho de produção que não distrai o espectador.”⁵⁷⁴

A abordagem ao voltar seu olhar para os políticos e instituições gerando ainda mais raiva no público destacando uma parte do Estado como o mal que consome a sociedade. Segue o elogio de atender a proposta do filme.

3.8 – Agora o bicho vai pegar

A abertura do filme que tem 114 minutos apresenta a seguinte frase: “apesar de possíveis coincidências com a realidade, este filme é uma obra de ficção.” De fato, ao longo da trama são apresentados fatos que aconteceram no Rio de Janeiro com algumas alterações, ou personagens que em seu cargo englobam diversos momentos históricos.

As primeiras cenas mostram o Capitão Nascimento em um hospital visitando alguém internado e paralelamente homens preparando seu armamento para uma ação. Ao sair do hospital sofre um atentado com armamento pesado e afirma:

“pode parecer clichê de filme americano, mas na hora da morte a gente entende a vida. Eu dei muita porrada em viciado, esculachei muito policial corrupto, mandei um monte de vagabundo para a vala, mas não foi nada pessoal. A sociedade me preparou para isso e missão dada é missão cumprida.”⁵⁷⁵

Em seguida tem início à abertura com a música do Tihuana já com as alterações utilizando o nome do Bope. São apresentadas cenas do primeiro filme e o seguinte trecho:

⁵⁷⁴ PLANO CRÍTICO. *Crítica: Tropa de Elite 2 – O inimigo agora é outro*. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-tropa-de-elite-2-o-inimigo-agora-e-outro/>. Acesso em: 19 set. 2025

⁵⁷⁵ OUTRO, *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é*. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 03 m 30s)

“Agora o bicho vai pegar!

*Tô chegando aí, bicho
Tô chegando e é de bicho
Pode parar com essa história
De se fazer de difícil*

*Eu tô
Que eu tô chegando
Tô chegando e é de bicho
Pode parar com essa marra
Pode parando com isso*

*Não dá bobeira não
Cê tá na minha mão
Segunda-feira é só história pra contar*

*Não vem com ideia não
Não quero confusão
Mas vamo junto que hoje o bicho vai pegar*

Refrão Chegou a Tropa de Elite
*Osso duro de roer
Pega um, pega geral
Também vai pegar você*

*... Muro de concreto
Bom de derrubar
É Tihuana (substituído por É o BOPE chegando)
O pau vai quebrar*

Refrão x 2 Tropa de Elite
*Osso duro de roer
Pega um, pega geral
Também vai pegar você*

Tá de bobeira”

Ao retomar as cenas Capitão Nascimento faz seu relato pessoal sobre a continuidade de sua carreira no Bope e o episódio de seu Batalhão no Presídio de Segurança Máxima Laércio da Costa Pellegrino, mais conhecido como Bangu I, quatro anos antes das cenas iniciais.

Capitão Nascimento do primeiro filme agora é Coronel Nascimento que segue narrando a corrupção da polícia carioca em relação as lideranças do tráfico de drogas e afirma que Bangu I “Era para lá que iam parar os chefões do tráfico, os caras que a polícia pegava e não executava porque tinha grana para perder... Cada comando ficava

em uma ala isolada se deixasse misturar vagabundo se matava.”⁵⁷⁶ Nesse trecho percebemos o destaque para as ações da Polícia Militar do Rio de Janeiro destacando a corrupção e extermínio além das rivalidades existem entre facções criminosas que durante o filme eram o Comando Vermelho (CV) e suas dissidências Terceiro Comando (TC) e ADA (Amigo dos amigos). “Sabe o que eles faziam lá dentro? O mesmo que faziam aqui fora. Viviam em guerra disputando o controle do tráfico na cidade.”⁵⁷⁷

Enquanto o protagonista narrava é apresentada uma cena com a entrada de um Policial Penal⁵⁷⁸ levando armas para os detentos e presos pintando de preto as câmeras para iniciar uma rebelião. Nascimento segue em sua narrativa que reflete as ações do BOPE de uma polícia de extermínio: “Por mim o certo era fechar a porta e jogar a chave fora e deixar os caras se trucidarem lá dentro.”⁵⁷⁹ Novamente é apresentado a corrupção da polícia e a postura do BOPE diante dos criminosos de extermínio.

A narrativa segue criticando “os intelectuais de esquerda que ganha a vida defendendo vagabundo”⁵⁸⁰. As imagens são de Fraga (Irandhir Santos) ministrando aulas de História em uma Universidade explicando a perversidade do sistema carcerário brasileiro, o aumento da quantidade de presos ao longo dos anos (1996 – 148.000 presos e 2006 mais de 400.000 presos) e a falta de qualidade dos presídios que não recupera as pessoas. O Deputado Federal Marcelo Freixo e seu assessor estão na cena da aula como estudantes. Partes da história de Fraga são sobre a história do político, presidente da CPI das Milícias em 2010. Fraga prossegue: “Aqui dentro estão os 40 caras considerados os mais perigosos, o Ali baba está fora, tá no palácio.”⁵⁸¹

Destacando que estão presos peças importantes do tráfico de drogas, mas que os grandes líderes mesmo estão em cargos importantes na política e outros setores da sociedade. “Três facções criminosas alimentando ainda mais o ódio e a rivalidade entre

⁵⁷⁶ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 06 m 14s).

⁵⁷⁷ Idem (6 m 29 s).

⁵⁷⁸ Polícia Penal são os policiais que atuam dentro dos presídios.

⁵⁷⁹ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 06 m 52s).

⁵⁸⁰ Idem (Cena 07 m 14s).

⁵⁸¹ Idem (09 m 26 s).

si”⁵⁸² tanto dentro quanto fora de Bangu I. E prossegue explicando o contexto de vida dos criminosos: “Um bando de miseráveis, que não tiveram chance de educação, que não tiveram chance nenhuma na vida, trancados e esquecidos nas piores condições imagináveis e sendo controlados por uma polícia com fortes tendências a corrupção.”⁵⁸³ De maneiras diferentes, tanto Nascimento quanto Fraga denunciam a corrupção policial.

As cenas seguintes mostram o grupo do traficante Beirada (Seu Jorge) invadindo outras alas do presídio e executando o Qualé, linchado e depois queimado entre os colchões de uma das celas. Seguem em direção as celas do Terceiro Comando. O Bope é chamado assim como Fraga para negociar com os traficantes que tem dois reféns da Polícia Penal. Os traficantes, mesmo dentro do presídio de segurança, portam armamentos pesados e tentam arrombar a porta que separa as facções. O Coronel Nascimento ordena que a patrulha do BOPE deixe que o confronto ocorra, afinal são bandidos matando bandidos.

Entra em contato com o Comandante da Polícia “estamos tendo uma oportunidade boa aqui”⁵⁸⁴ e pede ao governador para o BOPE “terminar o serviço”⁵⁸⁵, ou seja, executar as demais lideranças. Acrescentar que virou até meme a famosa frase temos uma boa oportunidade aqui. No entanto o governador teme um novo Carandiru⁵⁸⁶ apesar de seus apoiadores explicarem que a população vai apoiar já que não aguentam mais as ações dos criminosos. O governador não cede apesar da insistência do Coronel e encaminha Fraga para a negociação.

Nascimento chama Fraga de Che Guevara e pede para sua patrulha aguardar a negociação, pois está correndo positivamente e caminhando para a rendição. O professor explica para Beirada: “O Bope está aí fora, vai entrar e matar todo mundo. Que se f. A gente mata também – afirma o traficante Beirada. Fraga segue: Eles não estão nem aí para essas pessoas, pensa. O Bope está cagando para esse povo, só não

⁵⁸² OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 10 m 14s).

⁵⁸³ Idem (Cena 10 m 16 s).

⁵⁸⁴ Idem (Cena 15 m 09 s).

⁵⁸⁵ Idem (Cena 15 m 30s).

⁵⁸⁶ Chacina, em 1992, após uma ação policial no Presídio de Carandiru, em São Paulo, para conter uma rebelião. A ação terminou com 111 mortos e uma repercussão nacional e internacional sobre a truculência da polícia. Apesar de condenados os policiais tiveram suas penas revertidas. O episódio foi representado no filme Carandiru lançado em 2003.

entraram, pois eu estou aqui.”⁵⁸⁷ A negociação segue e Beirada solta os reféns. Contrariando as ordens de Nascimento, Matias entra e atira em Beirada que fez Fraga de refém. Ao se render Matias mata Beirada.

“Matias aproveitou a chance que teve. Fez o que aprendeu no BOPE, matou o vagabundo para proteger o refém. O problema é que um tiro de 762 faz um furo pequeno na entrada, mas o buraco de saída é do tamanho de uma tangerina. Em menos de 1 minuto a gente tinha resolvido o problema, o Matias tinha eliminado o cara mais cascudo do Comando Vermelho. Só teve um detalhe que estragou tudo. Aquela camiseta, escrito direitos humanos em inglês e manchada de sangue virou manchete no mundo inteiro.”⁵⁸⁸

IMAGEM 86: Deputado Fraga durante negociações no presídio de Bangu⁵⁸⁹



Cena em que o traficante de drogas Beirada faz o professor Fraga de refém após a invasão do BOPE sem autorização do Coronel Nascimento. Nesse momento, Fraga negocia que o criminoso se renda garantindo que nada acontecerá com ele.

IMAGEM 87: Camiseta manchada de sangue do deputado Fraga⁵⁹⁰



⁵⁸⁷ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 17 m 13 s)

⁵⁸⁸ Idem (Cena 18 m 45 s).

⁵⁸⁹ Fim de tropa de Elite 2 (19:02)

⁵⁹⁰ Tropa de Elite 2 (20:03).

Na cena seguinte após o tiro do Capitão Matias e a entrevista de Fraga sobre a ação da patrulha do BOPE.

Nesse trecho podemos analisar o armamento pesado utilizado pelo BOPE em suas operações, armamentos de extermínio sob a alegação que os bandidos também utilizam armas pesadas, em grande parte oriunda da Polícia e outras instituições públicas com acesso a armamentos. O filme segue a linha do primeiro longa-metragem: violência dos bandidos e enfrentamento do BOPE. A novidade fica por conta do representante dos direitos humanos que é o antagonista do Comandante Nascimento.

Para exemplificar o posicionamento dos defensores dos Direitos Humanos, segue a transcrição do discurso de Fraga para a televisão após o acontecimento:

“Foi uma carnificina total. O Governador vai ter que explicar como ele prometeu para mim que não ia ter massacre para imediatamente depois o Coronel Nascimento e o Capitão Matias executaram os presos a sangue frio, pois foi uma execução. As balas do Capitão Matias com ordens do Coronel Nascimento chegaram primeiro. O BOPE entrou única e exclusivamente para matar e matou. Fez o que está acostumado a fazer nas favelas do Rio de Janeiro, fazer uma limpeza étnica, uma limpeza social. É isso que eles fazem, é para isso que eles são pagos para serem covardes no presídio, assim como são covardes nas comunidades. Eu gostaria de ver uma vez que fosse o Bope invadir e prender um traficante em condomínio de luxo, mas isso eles não fazem. Lá o Caveirão não entra, não é comandante geral da Polícia. Não podemos admitir que um representante legal do Estado seja mais violento do que aqueles que a gente acha que deveriam estar presos por serem violentos. É um absurdo. Isso está virando cotidiano, habitual. E ninguém acha isso estranho. Ter uma Polícia cujo símbolo é uma caveira, ter uma polícia cujo símbolo é a morte. Eu acho inexplicável seu governador. Não adianta dizer que o Coronel Nascimento ignorou as suas ordens, O coronel Nascimento foi covarde? Sim. O Coronel Comandou todo o massacre? Sim. Mas quem comanda na Polícia é o Governador.”⁵⁹¹

O Deputado denuncia a ação violenta do Estado tanto por parte do executor, o Bope, quanto o Governador que o comanda. A situação retratada no filme, guardada algumas particularidades, é uma referência a rebelião em Bangú 1 em 2002, na qual o traficante Marcinho VP (Comando Vermelho) ordena a execução de Uê (ex-integrante do CV e fundou o ADA) que foi carbonizado conforme mostra o filme. O Bope de fato entrou no presídio, mas não fizeram nenhuma execução. A rebelião demonstrou a fragilidade do presídio de segurança máxima, a corrupção dos agentes penais e a necessidade de separar as facções não apenas por ala. Atualmente, o presídio de

⁵⁹¹ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. O discurso tem início com 19 minutos 58 segundos e termina com 22 minutos 05 segundos.

Gericinó, no bairro de Bangú, tem 20 prédios entre presídio, cadeia e penitenciária, divididos por facção, a fim de evitar novos confrontos entre as facções.

Nos primeiros 23 minutos do filme o inimigo do BOPE continuam sendo os traficantes de drogas e o enfrentamento da oposição liderada pelos discursos dos Direitos Humanos, os inimigos continuam os mesmos. A partir desse momento entram novos personagens no filme retratam ações dos políticos, do alto escalão da polícia e da opinião pública favorável ao combate violento dos criminosos, mas ainda assim o Coronel Nascimento tem seu foco no combate aos crimes praticados nas comunidades cariocas comandadas pelo tráfico.

No dia seguinte a ação desastrosa, Nascimento não consegue contato com seus superiores e decide ir encontrar com eles onde estavam almoçando. Ao chegar no restaurante onde o Comandante Geral estava com seus assessores, discutindo a exoneração do Coronel, Nascimento que é aplaudido pelos clientes já que para o povo “bandido bom é bandido morto.”⁵⁹² Na cena um dos clientes é Rodrigo Pimentel, ex-Comandante do Bope na realidade, escritor do livro *Elite da Tropa* e auxiliou a produção do filme.

Ao perceberem a reação do público o Comandante aperta a mão de Nascimento e dá as boas-vindas. Em seguida a cena fica na narrativa do jornal “Mira Geral”, uma referência ao programa *Balanço Geral* da rede Record, apresentado por Wagner Montes, eleito deputado Estadual em três mandatos (2006/2010/2014) e eleito deputado Federal em 2017. Assim como o Fortunato, que além de seu programa na TV também era Deputado Estadual. O apresentador pede que o governador não exonere Nascimento, pois se isso ocorrer a cidade ficara ainda mais vulnerável aos bandidos, vai “transformar o Rio de Janeiro em uma poça de sangue. Faca na Caveira. Porrada na vagabundagem. Larga o aço. Senta o dedo”⁵⁹³ O governador e seus assessores assistem ao Programa, comentam da alta audiência e apoio que recebe com diversas cartas dos leitores, no entanto, a ordem de afastar o Coronel do BOPE é mantida.

⁵⁹² OUTRO, *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é*. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 24 m 11 s).

⁵⁹³ Idem (Cena 26 m 13 s).

IMAGEM 88: Mira Geral programa de Tv⁵⁹⁴



Nascimento assume o cargo de sub-secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, “se o eleitor está dizendo que eu sou herói, não ia ser o Governador que ia dizer o contrário.”⁵⁹⁵ No início o Coronel analisa o sistema de interceptação telefônica e das câmeras da cidade. Estava no serviço de inteligência, nenhum membro do BOPE havia chegado tão longe em sua carreira. “Não vou só lutar contra o tráfico, eu ia poder enfrentar o sistema.”

No entanto, alguém precisava ser punido para acalmar a pressão dos movimentos dos direitos humanos. Sendo assim, Matias é exonerado do Bope e retorna para a PMERJ no Batalhão de um antigo personagem corrupto: Comandante Fábio. Outros policiais temem que Matias atrapalhe o esquema de corrupção do Batalhão e recomendam: “Mete na primeira operação, toma um tiro, um fogo amigo, enterra com honras militares.”⁵⁹⁶ Fábio não concorda, explica que Matias já havia salvado sua vida e ninguém poderia encostar nele e o direciona para tarefas administrativas⁵⁹⁷. Apesar de Nascimento interceder por Matias seu pedido não é aceito.

⁵⁹⁴ Tropa de Elite 2 (24:44)

⁵⁹⁵ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 28 m 01 s).

⁵⁹⁶ Idem. (Cena 29 m 04 s).

⁵⁹⁷ Idem (Cena do filme 30 m 58 s).

IMAGEM 89: Local onde Matias é alocado após expulsão do BOPE⁵⁹⁸



Matias revolta-se com a situação e decide denunciar as condições do BOPE para a imprensa: “É uma covardia do seu Governador colocar a culpa das mortes do presídio em cima de mim. O Bope está abandonado faz tempo. O policial sai na rua para matar um leão por dia, eu não aceito essa covardia de um governo que só pensa em politicagem e benefício próprio.” Matias fica preso por 30 dias por causa da entrevista e recebe a visita de Nascimento que critica sua atitude. “Se tem alguém aqui que pode defender o Batalhão você me desculpe não é você. Eu posso defender o Batalhão no SSI, eu posso fazer” enfatiza Nascimento. Matias retruca: “A única coisa que vai mudar com o senhor lá dentro da secretaria é o senhor mesmo, se é que já não mudou”.⁵⁹⁹ Nessa cena, Matias alerta o Coronel por perceber a manipulação e corrupção das altas patentes responsáveis por uma série de dificuldades enfrentadas pelos policiais em seu cotidiano, outros interesses escusos.

Na trama, Fraga se casou com a ex-mulher de Nascimento e seu filho assiste um trecho da entrevista sobre o acontecimento em Bangu. Durante uma competição de judô o filho diz para o pai: “Eu não queria lutar. Eu não sou igual a você que gosta de bater nas pessoas.”⁶⁰⁰ O subsecretário cobra explicações da ex-esposa sobre o que Fraga fala para seu filho. Ela explica que foi na entrevista e não diretamente para a criança, que na época tinha uns 12 anos de idade, e segue interpelando se algo que foi falado não é verdade.

⁵⁹⁸ Tropa de Elite 2 (31:13)

⁵⁹⁹ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena do filme 32m 57s).

⁶⁰⁰ Idem (Cena 35 m 22s).

“Meu filho tinha medo de mim, Rosani (ex-mulher) me achava um fascista e Matias me considerava um traidor.”⁶⁰¹ Reflete Nascimento que aumenta sua dedicação ao trabalho para não enfrentar seus fantasmas, transformando o BOPE numa máquina de guerra, dobrando seu efetivo, número de blindados e incluindo a utilização de helicópteros nas ações. A ideia era dismantelar o tráfico de drogas, os corruptos não conseguiriam mais propina e o sistema não funcionaria mais. Os policiais entrariam em confronto com os traficantes e eles entre si.⁶⁰²

As dificuldades impostas pelas operações do Bope reduziram a venda de drogas ilícitas e o dinheiro para manter a propina dos policiais também reduziria, causando um confronto entre esses grupos. Na teoria o sistema de corrupção seria reduzido assim como a venda das drogas. Aos 39:48 minutos, o policial Rocha vai a favela buscar o “arrego” mas o traficante explica que com a ação do Bope só tem R\$ 500,00 que conseguiu através do gatonet. O traficante é morto e Capitão Rocha é repreendido pelo Coronel Fábio por ter assassinado um traficante que rendia R\$ 30.000,00 por mês. O Coronel procura o Comandante que informa que não tomará nenhuma providência pois, o Capitão Rocha faz parte da base do governo. Nesse momento, o filme mostra a capilaridade da corrupção policial e suas alianças com políticos e governantes.

No entanto, na prática, a estratégia do Coronel Nascimento, funcionou de modo inverso, aguçando os policiais a encontrarem outras formas de continuar a obter recursos ilícitos. Retorna a cena da cobrança do suborno e detalha mais a conversa entre o Capitão Rocha e o traficante: “só tenho R\$ 500,00 para mim te dar. De onde vem o esse dinheiro se você não tá vendendo nada? Do gatonet, não é nem da boca. Dá o papo. O morador tem que dar R\$ 12,00 para nós, bagulho merreca, só para o morador ter uma televisão em casa”. Segue a cena com a seguinte narrativa de Nascimento: “Qualquer comunidade pobre do Rio de Janeiro é muito mais que um ponto de venda de drogas. O Rocha descobriu que eliminando o intermediário o sistema faturava muito mais.”⁶⁰³

A partir das cenas citadas acima a trama segue outro rumo, iniciando as denúncias sobre a atuação das milícias. Até esse momento o filme seguia a temática do

⁶⁰¹ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 36 m 46 s).

⁶⁰² Idem (Cena de 41 m 43s até 42 m 30 s).

⁶⁰³ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena do filme de 41 m 41 s até 42 m 37 s).

primeiro filme na qual Nascimento representa um policial que combate a corrupção e o tráfico de drogas através de ações violentas.

3.9 - O inimigo agora é outro

As cenas seguintes apresentam as fontes de lucros das milícias nas comunidades e sua diversidade de “serviços oferecidos”. De acordo com a CPI das Milícias de 2008, cada comunidade controlada pela milícia oferecia seus serviços de acordo com as características da região e a demanda do local. Parte dos dados levantados e posteriormente apurados foram oriundos das ligações do Disque-Denúncia, com um setor criado especificamente para atender os relatos de moradores das áreas ocupadas pela milícia. Foi traçado um perfil apresentado abaixo, de acordo com cada favela dominada, com a indicação dos valores, lembrando que os dados correspondem ao ano de 2008:

TABELA 4: *Modus operandi* e formas de lucros da milícia do Rio das Pedras⁶⁰⁴

“Jacarepaguá –
<i>Comunidade do Rio das Pedras</i>
– Grupo formado por: Políticos, civis, policiais militares e ex-policiais militares.
- Tempo de Duração: 10 anos
- Número de milicianos: 37 (relacionados no Disque Milícia).
- Exploração irregular de serviços com cobrança de: Segurança de moradores entre

⁶⁰⁴ DOCUMENTO “Disque Milícia e outras denúncias recebidas” **Relatório Final da CPI das milícias.** Rio de Janeiro, 2008. p. 147.

R\$ 10,00 e R\$ 50,00; segurança do comércio R\$ 50,00 e R\$ 200,00; entregadores do Mercado Mult Market R\$ 20,00; barracas R\$ 30,00; gás R\$ 39,00; sinal de TV a Cabo R\$ 18,00 e Transporte alternativo de R\$ 270,00 a R\$ 325,00 por semana.
- Formas de Intimidação: Expulsão da residência e subtração de imóveis.
- Ex-Líder: Vereador Josinaldo Francisco da Cruz (“Nadinho”) - Candidato a Vereador pelo Município do Rio de Janeiro, Partido Político DEM – Democratas, número 25.100, não foi eleito, obteve 16.838.”

TABELA 5: *Modus operandi* e formas de lucros da milícia do Largo do Tanque⁶⁰⁵

Tanque - Largo do Tanque
- Grupo formado por: Políticos, Civis, policiais militares e bombeiros militares.
- Número de milicianos: 30 (segundo denunciante).
- Tempo de Atuação: 03 anos

⁶⁰⁵ DOCUMENTO “Disque Milícia e outras denúncias recebidas” Relatório **Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p 152.

- **Exploração irregular de serviços com cobrança de:** segurança de moradores de R\$ 10,00 a R\$ 30,00; sinal de TV a cabo, taxa para vaga em garagem de prédios, gás, transporte alternativo: moto-táxi R\$ 20,00; Kombi R\$ 100,00 por semana e taxa de 50% na compra e venda de imóveis.

- **Formas de Intimidação:** Agressões, sequestros, expulsão de moradores e mortes.

- **Líderes:** *Ex-Deputado Álvaro Lins “PM Japão”*

Vale lembrar que com a criação da CPI das milícias foi solicitado um setor do disque denúncia para o assunto das milícias. No Relatório da CPI foi citado a forma de análise dos dados das denúncias telefônicas, com o cuidado de identificar “desinformação e contrainformação”⁶⁰⁶ na análise. Sendo assim o disque denúncia foi mais uma fonte de informações. As denúncias, em sua maioria, confirmaram os dados levantados nas demais fontes e possibilitaram a atuação da população diretamente afetada que tinha medo de denunciar em delegacias e encontrar seus algozes no local. De junho de 2008 a 31 outubro de 2008 foram realizadas 1162 denúncias e mais 42 anônimas.⁶⁰⁷ De acordo com o Relatório: “Impressiona, no cruzamento das denúncias com as fontes citadas, a equivalência quanto aos nomes dos envolvidos, as comunidades dominadas, os valores cobrados e outros dados referentes a milícias.”⁶⁰⁸

Após o domínio da favela passar para as mãos do grupo de policiais, a partir desse momento, milicianos, seguem as cenas com as atividades citadas no esquema apresentado na CPI e narradas pelo Comandante Nascimento, enquanto Rocha recolhe

⁶⁰⁶ DOCUMENTO “Disque Milícia e outras denúncias recebidas” Relatório **Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p 127.

⁶⁰⁷ Idem. p 128.

⁶⁰⁸ Ibidem.

os valores obtidos nos “negócios” /atividades comerciais e de serviços da comunidade de Rio das Rochas. A narração ao fundo do Comandante Nascimento era:

“Toda favela é um mercado poderoso de muita coisa comprada e vendida. O Rocha descobriu que era melhor arrecadar da favela inteira do que de um bando de traficante fudido. Era só o dinheiro trocar de mão que o Rocha cobrava taxa. CPFm dos bandidos, comissão dos policiais militares filha da puta. Pretexto: defender a comunidade do tráfico. A realidade era bem diferente.”⁶⁰⁹

As cenas ao fundo mostravam a arrecadação obtida por Rocha e seus comparsas a partir do gato net, venda de galões de água mineral e botijão de gás, Lan house, empréstimos e o transporte alternativo através de kombis e vans.⁶¹⁰ Em algumas cenas são percebidos tons de ameaça, como no caso do empréstimo em que o “funcionário” explica que lá não tem exploração como os juros do banco, mas “aqui tem que pagar”⁶¹¹ além do uso de armas pesadas.

IMAGEM 90: Banco de financiamentos na Portelinha⁶¹²



A cena que retrata a conversa de Rocha com um responsável por cooperativa de van é a mais violenta: “Esse negócio de van paga muito mal. Mal dá para um como vou dividir com você.” Rocha afirma “Vai dividir não. Vou dar uma aliviada. Agora vai ser 90% para a gente e 10% para você” o motorista continua argumentando em desespero “Que isso! Tu tá maluco, tenho família para sustentar.” Rocha manda seus capangas

⁶⁰⁹ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 43 m 33 s).

⁶¹⁰ Idem (Cena 42 m 38s).

⁶¹¹ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 43 m 15 s).

⁶¹² Tropa de elite 2 (43:22)

tomarem tudo. O motorista é arrastado e morto.⁶¹³ Abaixo a cena mostra o movimento na favela e a quantidade vans do transporte gerando lucros para os milicianos.

IMAGEM 91: Transporte alternativo em Rio das Rochas ⁶¹⁴



Nascimento segue seu relato e ao fundo as cenas da comunidade facilmente identificadas com as ruas da favela de Rio das Pedras.

“Onde o Fábio tirava R\$ 30.000,00 por mês o Rocha tirava R\$ 300.000,00 livre de imposto. Em quatro anos o sistema tomou conta de quase toda a Zona Oeste. Antes a gente invadia e os traficantes voltavam. Quando os corruptos invadiam os traficantes não voltavam mais. Por um bom tempo eu achei que o sistema estava ajudando o Bope, mas na verdade era o Bope que estava ajudando o sistema. Eu ajudei a criar o monstro que ia me engolir. É pior. Só uma pessoa percebeu isso: o Deputado Diogo Fraga.”⁶¹⁵

O Deputado Fraga analisando alguns dados conclui: “Sabe o que eu descobri analisando os inquéritos de homicídios nas áreas de milícias? Começou a morrer muita testemunha. E antes de morrer essas mesmas testemunhas davam outros depoimentos.”⁶¹⁶ Ao fundo cenas de testemunha denunciando que Rocha e seu bando havia matado seu irmão da van. Depois troca o depoimento e mesmo assim é assassinado. Enquanto ao fundo o Deputado segue: “Onde tem milícia tem lucro e

⁶¹³ Idem. (Cena 44 m 39 s).

⁶¹⁴ Tropa de Elite 2 43:27.

⁶¹⁵ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay e Amazon Prime. (Cena 44 m 44 s).

⁶¹⁶ Idem (Cena 45 m 34s).

morte. Que são promovidos por agentes públicos da área de segurança. Na prática milícia é máfia. Você paga para ela te proteger dela mesmo.”⁶¹⁷

No Relatório da CPI e nas notícias do Jornal O Globo, pesquisados no Mestrado relatam exatamente as ações acima, com destaque para o lucro e violência na área de transporte.

A cooperativa de vans de Santa Cruz denunciou, ao Ministério Público, o controle exercido pelos milicianos, mas nenhuma providência foi tomada para resolver o problema. A renda obtida pelo grupo, com esta atividade, é alta:

O lucro obtido pelas milícias, seja através da cobrança de ágio, seja através da exploração direta via cooperativas comandadas por elas, é alto. De acordo com declaração do vice-presidente do Sintral, Guilherme Biserra, ao jornal O Globo, edição do dia 27 de agosto de 2008, os motoristas de vans pagam, em média, R\$ 50,00 de pedágio/dia. Levando em conta o número de vans irregulares que circulam e das vans legalizadas que são vítimas de extorsão, o valor arrecadado anualmente pode chegar a R\$ 145 milhões.⁶¹⁸

Conforme a matéria de 12 de março de 2008, intitulada “Polícia apreende 56 veículos explorados por milícias”⁶¹⁹, em uma ação que ocorreu em três movimentados pontos do transporte alternativo. A ideia era tentar enfraquecer a economia das milícias que segundo o Ministério Público arrecadavam, nessa região, cerca de R\$ 1 milhão por mês. “Cada motorista é obrigado a pagar R\$ 70,00 por dia para poder trabalhar em áreas como a favela da Carobinha.”⁶²⁰ A polícia ainda investigava o assassinato de um sargento da polícia, dono de um moto táxi da região, que foi morto por milicianos por não querer pagar a milícia para manter seu ponto.

O extermínio de testemunhas também foi analisado na pesquisa é apontado como uma das dificuldades das investigações sobre os grupos milicianos. Apesar do avanço, o Secretário de Segurança, Beltrame, em junho de 2008, comenta sobre as dificuldades para prender os policiais milicianos:

⁶¹⁷ Idem (Cena 46 m 26 s).

⁶¹⁸ DOCUMENTO “As finanças”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p.116.

⁶¹⁹ CARVALHO. Paulo. **Polícia apreende 56 veículos explorados por milícias**. O Globo, 12 de março de 2008 p. 02.

⁶²⁰ Idem p. 18.

“- A atuação de milícias é um crime fácil de identificar, mas muito difícil de se provar. Posso ir a um determinado local, encontrar um policial armado á paisana, usando a carteira funcional, que ao ser inquerido, pode dizer, como diz rotineiramente, que est ali passeando, de folga, que seus familiares moram naquela região. E eu não tenho como provar algo diferente – argumentou Beltrame, que acrescentou: - Num caso desses, onde se trabalha com a logística muito pequena, temos que esperar a denúncia efetiva, sob pena de todas as pessoas quererem uma vigilância, uma segurança. Temos que ter critérios muito justos para estabelecer isso.”⁶²¹

Foi necessário o aumento das queixas para impulsionaram as investigações, mas outra dificuldade emergiu: a falta de testemunhas diretas. A maioria das pessoas que conviviam com esses grupos em suas comunidades tinham medo de denunciar e ser exterminado, sofrer perseguição com ameaças à segurança da família. Após o aumento da repressão as milícias, a reação desses grupos também se intensificaram chegando inclusive ao ataque a uma delegacia em Campo Grande, com a participação de policiais e supostamente do Deputado Estadual Natalino⁶²². Dessa forma, podemos perceber que a própria atuação e reação das milícias demonstrou uma mudança. Até o momento de maior repressão, ou seja, no final do primeiro semestre de 2008, não ocorriam ataques a unidades policiais. Já havia sido registrado algumas ameaças a policiais da delegacia de homicídios que investigavam milicianos,⁶²³ mas o ataque não tinha precedentes.

No dia 13 de junho de 2008, um dia após a explosão da bomba a matéria da contracapa do O Globo foi: “Milícias oferecem R\$ 1 milhão por execução de delegados.”⁶²⁴ A reportagem, apresentou o resultado das investigações do Serviço de Inteligência da Polícia Civil e registrou o encontro de milicianos de Campo Grande na favela Vilar Carioca, acusados de combinarem o assassinato de delegados e membros do DRACO⁶²⁵ que investigavam as milícias. Existiu um racha na polícia em relação a atuação das milícias. Existem os que investigam e combatem e outros que participam e/ou apoiam. Na mesma matéria, é citada a investigação feita sobre o Batalhão de Bangu, devido ao vazamento de uma informação do Disque Denúncia. O filme retrata

⁶²¹ BERTA. Rubem. **Milícia ainda controla favela após torturar jornalistas**. Jornal O Globo, 02 de junho de 2008. p. 08.

⁶²² CÁSSIA. De Cristiane. COSTA. Célia. MARTINS. Jorge. **Um ataque ao Estado: milícia joga bomba em delegacia e dois suspeitos presos denunciam políticos**. O Globo, 12 de junho de 2008. p.14.

⁶²³ COELHO. Camilo. **Milícia teria ameaçado policiais da homicídios**. O Globo 28 de dezembro de 2007. p.15.

⁶²⁴ COSTA. Célia. ARAÚJO. Vera. **Milícia oferecem R\$ 1 milhão por execução de delegados**. Jornal O Globo, 13 de junho de 2008. p 2.

⁶²⁵ Delegacia de Repressão ao Crime Organizado.

as ações dos grupos milicianos, tanto em seu sistema lucrativo quanto a violência empregada para a sua existência.

De acordo com a pesquisa de Michel Misse a existência do crime no Rio de Janeiro perpassa a necessidade de entender o envolvimento de policiais e outros agentes do Estado com a criminalidade.

“Grupos da própria polícia, que antes extorquiam traficantes, apoiam a permanência das milícias em troca de comissões, quando não são eles mesmos os invasores. Não se pode entender as formas de organização da criminalidade no Rio de Janeiro se não se atentar para o importante papel cumprido por grupos de policiais - entre outros agentes do Estado - na manutenção do *status quo*. A sobreposição de dois mercados ilegais - um que oferece bens econômicos ilícitos e outro que o parasita impondo a troca de mercadorias políticas - constitui um dos eixos principais de reprodução ampliada da violência no Rio de Janeiro e de sua acumulação social.”⁶²⁶

No filme o parlamentar Fraga segue na tentativa de instaurar a CPI das milícias: “Além dessa violência que o senhor está vendo aí (fotos com os exterminados em áreas de milícia, carros perfurados, etc.) eles utilizam o discurso de legitimação, de proteção, autodefesa comunitária, mas na verdade eles querem o domínio.”⁶²⁷ A CPI é negada por ser ano de eleição. Deputado Fortunato também aparece na cena: “Fraga pelo amor de Deus, tá falando em máfia, isso é coisa de italiano...isso é autoproteção comunitária” Os dois parlamentares começam a discutir e o Presidente da Alerj afirma que em ano de eleição não vai aprovar a instauração da CPI das Milícias. De fato, ocorreu uma tentativa de instauração da CPI das Milícias pelo Deputado Marcelo Freixo, que foi negada por já existirem sete Comissões instauradas e por ser ano de eleição, sendo instaurada somente após a denúncia da tortura dos jornalistas.

O filme aborda nas próximas cenas a questão eleitoral, com a campanha de reeleição do governador, a mudança do secretário de segurança Guaracy que lançou candidatura também. Em seguida a campanha eleitoral segue em Rio das Rochas, com churrasco e pagode e faixa escrita: 4 anos de justiça e paz, no prédio da Associação de Moradores. Os políticos conversam sobre as obras feitas na comunidade enquanto Nascimento segue narrando: “O sistema estava mudando evoluindo. Antes os políticos

⁶²⁶ MISSE, Michel. Mercado Ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. In: Dossiê Crime Organizado. Rio de Janeiro:2007. P. 155.

⁶²⁷ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 46 m 34 s).

usavam o sistema para ganhar dinheiro. Agora dependiam do sistema para se eleger.”⁶²⁸ O governador que está presente conversando com Rocha confirma a criação de quadra e sistema de coleta de lixo.

IMAGEM 92: Na camiseta escrito Justiça ao fundo de um dos milicianos⁶²⁹



Rocha atira para o alto e diz “hoje é no amor”⁶³⁰ para chamar a atenção dos moradores e homenageia o governador candidato a reeleição, “vai ser reeleito aqui pela comunidade. Em paralelo também queria registrar a presença de Guaracy, Secretário de Segurança que vem como Federal fechamento e nosso eterno padrinho o deputado Fortunato. Hoje é dia de festa, porque hoje completa 4 anos do Centro comunitário de Rio das Rochas. (Música Morro do Pau da Bandeira) “Está nascendo um novo líder no Morro do Pau da Bandeira”⁶³¹ o trecho do samba reforça a ideia de liderança da milícia.

Novamente Nascimento segue narrando uma análise sobre as milícias enquanto as cenas retratam a festa na comunidade. “No Brasil eleição é negócio e o voto é a mercadoria mais valiosa da favela.”⁶³² A milícia era a base eleitoral do governo. Quanto mais territórios a milícia dominasse mais controle dos votos, como podemos perceber na análise dos votos do Vereador Naldinho, de Rio das Pedras, através de dados do TER que constam no Relatório Final da CPI das Milícias.

⁶²⁸ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 51 m 56 s).

⁶²⁹ Tropa de Elite 2 (51:58)

⁶³⁰ Idem (Cena 51:58).

⁶³¹ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 53 m 01 s).

⁶³² Idem.

A lógica dos currais eleitorais nas comunidades dominadas pelas milícias ficou evidente no Relatório da CPI das Milícias. As ameaças sofridas pelos moradores moviam os votos para esses candidatos, ou talvez, por perceberem que algo seria feito por sua comunidade caso o candidato indicado fosse eleito. Os centros sociais mantidos por muitos políticos faziam parte das campanhas, assim como a limitação dos candidatos que poderiam ou não fazer campanha nessas regiões. Os votos, nestas áreas, eram conquistados através de pressões, favores ou coações.

A presença de milicianos no cenário político do Rio foram temas de diversas matérias do jornal O Globo, ao longo de todo o período pesquisado (janeiro de 2006 a novembro de 2008) e mais acentuadamente no período de campanhas eleitorais de 2008, assim como a preocupação do TRE em barrar a candidatura de pessoas acusadas e/ou investigadas e indiciadas por participação nesses grupos.

Uma das manchetes que retrata a dominação da campanha eleitoral por milicianos foi publicada em 15 de julho de 2008, no caderno País, durante visita do candidato Marcelo Crivella a favela Rio das Pedras:

Após meia hora de caminhada (Marcelo Crivella), foi abordado pelo presidente da Associação de Moradores, Eli Bittencourt. A movimentação foi acompanhada pelo vereador Nadinho, que estava na varanda do terceiro andar de um prédio na praça principal, onde havia placas com fotos e número de sua campanha. Bittencourt negou que o pedido ao senador tenha relação com a eleição: - Não misturamos política com associação de moradores. O que aconteceu aqui é como você ir á casa de alguém e não comunicar antes. Falei com o candidato que queremos ser informados antes.⁶³³

A fala do presidente da associação passa a impressão que o trajeto pelas ruas públicas, a serem percorridas por um candidato, precisava primeiro ser combinado com a entidade local. Dificilmente esse fato ocorreria sem nenhum interesse político. O fato de proibir ou permitir campanhas já significava um importante passo para a formação de um curral eleitoral.

Em 30 de janeiro de 2006, o jornal O Globo publicou na primeira capa, não como matéria principal, “Milícias já tentam criar braço político”⁶³⁴. Outras matérias de

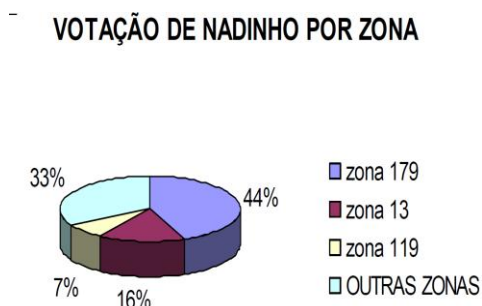
⁶³³ VASCONCELOS. Fábio. **No Rio, milícias dificultam ida de candidatos a favelas**. Jornal O Globo, 15 de julho de 2008. p 4.

⁶³⁴ RAMALHO. Sérgio. **Milícias já tentam criar braço político**. Jornal O Globo, 30 de janeiro de 2006. p. 1.

2007 citam a preocupação com os currais eleitorais, conforme já apontado no primeiro capítulo dessa dissertação.

De acordo com os dados do Tribunal Regional Eleitoral cedido para a CPI foi possível observar a existência de currais eleitorais em áreas de atuação das milícias elegendo inclusive integrantes desses grupos. Normalmente, a obtenção de votos em um único candidato por zona eleitoral é de 10%, mas nas áreas em que acusados de participarem de milícias foram eleitos essa porcentagem é muito superior como no caso de Nadinho.

GRÁFICO 6: Número de votos por zona no candidato Nadinho⁶³⁵



Os números, cedidos pelo TRE, de acordo com local de votação também são muito elevados:

GRÁFICO 7: Concentração de votos por local no candidato Nadinho⁶³⁶

CONCENTRAÇÃO DE VOTOS POR LOCAL		
NADINHO DE RIO DAS PEDRAS – 2004		
CONCENTRAÇÃO	LOCAL	BAIRRO
69,03%	Escola Municipal Rio Das Pedras	Rio Das Pedras

⁶³⁵ DOCUMENTO “Desempenho Eleitoral” **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 93.

⁶³⁶ DOCUMENTO “Desempenho Eleitoral” **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 94.

65,13%	Ciep Lindolpho Collor	Rio Das Pedras
64,51%	Escola Municipal Jorge Amado	Rio Das Pedras
63,84%	Ciep Governador Roberto Da Silveira	Rio Das Pedras
60,12%	Ciep Euclides Da Cunha	Rio Das Pedras
14,38%	Colégio MV1	Jacarepaguá

Outro gráfico que surpreende pela concentração de votos é em relação à porcentagem de votos recebidos em Rio das Pedras, pelo Vereador Nadinho: 60% dos eleitores votaram no candidato enquanto 40% não votaram⁶³⁷. O caso do vereador Nadinho é o mais gritante na formação dos currais eleitorais. Uma das duas áreas que concentram o maior número de comunidades controladas por milícias, Jacarepaguá, apresentou diversos candidatos com concentração de votos acima dos 10% considerados como normal pelo TRE.

Analizando o perfil eleitoral dos candidatos focalizados pela CPI das milícias, concluímos que as votações de Nadinho de Rio das Pedras, Girão, Deco, Chiquinho Grandão, Geiso Turques e Marcão apresentam elevada concentração de votos o que indica a existência de currais eleitorais, seja por coação ou por clientelismo, em áreas identificadas pela CPI como dominadas por milícias.⁶³⁸

O filme segue explicando que depois que Rocha dominou Rio das Rochas e outras milícias ocuparam a Zona Oeste faltava dominar as comunidades do bairro do Tanque, em Jacarepaguá. Durante um passeio de barco Rocha informa a Coronel Fábio que farão um assalto a delegacia do Tanque para culpar os traficantes e conseguirem expulsá-los da favela para ocuparem a região.

⁶³⁷ Idem. p. 95.

⁶³⁸ Idem p. 109

A notícia do roubo na delegacia do Tanque ganha destaque no programa *Mira Geral* que chama a atenção para a violência do Rio de Janeiro e pede providências ao Governador:

“O que está acontecendo com do Rio de Janeiro? O que está acontecendo com a Cidade Maravilhosa? Vagabundo entra em uma delegacia de polícia e rouba armas de dentro de uma delegacia de polícia e isso não é banditismo não, isso é terrorismo. Não me venha com essa de direitos humanos, porque terrorista para mim não é gente. Não pode encostar no vagabundo, dá um saco de bombom para o vagabundo, manda rosa para os vagabundos. Isso é palhaçada. Fecha em mim. Faz uma dancinha e prossegue. Governador essa dancinha, é isso que vai acontecer com o seu governo, seu governo vai dançar. Os bandidos vão pegar essas armas para afrontar o seu governo. Não podemos permitir isso gente. O que é isso? Estão querendo combater o governo que mais limpou essa cidade do tráfico de entorpecentes. Governador: porrada neles.”⁶³⁹

A cena seguinte mostra o Governador assistindo ao programa com seus aliados, elogiando as falas de Fortunato. O programa tem uma tendência sensacionalista e contrária aos direitos humanos. Em seguida, o governador reclama do material de campanha que não o aproxima do povo, por causa de uma gravata amarela e pede um novo material de divulgação para a campanha. O assessor afirma que estão sem recursos e aos fornecedores. Guaracy oferece uma mala cheia de dinheiro para pagar o valor, relacionando os valores obtidos com as milícias e de formas ilegais financiam as campanhas eleitorais. A jornalista Clara vai a delegacia e conversa com o delegado sobre o roubo das armas. Ele pede para parar de gravar e conta o que achou estranho do roubo: “Não foi traficante coisa nenhuma, entraram aqui de coturno, se referiram a reserva de armamento, não é terminologia de traficante.”⁶⁴⁰ Clara decide contar o que descobriu na delegacia para o Deputado Fraga que entrega uma cópia do dossiê das milícias para a jornalista. Rafael, filho de Nascimento e enteado de Fraga ouve toda a conversa.

A nova reviravolta na trama ocorre quando Rocha conversa com Mathias: “Da uma olhada na comunidade, mulher pode andar com filho tranquilamente, PM ali,

⁶³⁹ OUTRO, *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é.* Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 57 m 48 s)

⁶⁴⁰ Idem (Cena 01 h).

ninguém precisa mais esconder carteira. Mas antes disso daqui era um salseiro. Agora roubo zero”⁶⁴¹. Segue mostrando a favela. “A Polícia vai fazer uma megaoperação no Tanque se a PM invadir fica fácil para a gente ocupar. Eu não conheço pessoa melhor para tomar conta e para manter aquilo lá. Caveira. Tu não é Caveira?”⁶⁴² A cena também é marcante e fica no imaginário transformando-se em meme. Nesse momento, Rocha entra em contato com Fortunato que intercede para o retorno de Mathias para o BOPE. A cena mostra a aliança do chefe da milícia que é Policial Militar com a política o que possibilita a expansão das ações dos grupos paramilitares não só com a rede da Segurança Pública, mas também com políticos.

Enquanto Rocha cria alianças para expandir o território, Nascimento ouve as gravações e tem certeza, através dos grampos que os traficantes não tinham nada com o roubo das armas da delegacia. Ao entrar na sala para reunião sobre a operação no Tanque, se depara com Mathias fardado com o uniforme do BOPE e não entende como ele conseguiu retornar. Nascimento afirma que não há razão para invadir, mas o Secretário de Segurança mantém a invasão com base no informante do Coronel Fábio. Nascimento segue: “Essa Operação está errada. As armas não estão lá.”⁶⁴³ O comandante do BOPE não quer invadir, mas Guaracy, Secretário de Segurança ordena a invasão. Novamente, a decisão do Estado está baseada nos interesses das milícias e em seu próprio interesse para obter novos territórios que serviriam de curral eleitoral.

Mathias chega no bairro do Tanque junto com outros membros do Bope fardados de Polícia Militar. Na manhã seguinte começa a invasão do BOPE e os traficantes correm pelos becos com barricadas em direção a delegacia como sempre faziam. No entanto, quem estava lá era Mathias com uma guarnição e seguem o “dono da favela” para averiguar a questão das armas roubadas, durante a tortura do traficante chega o Coronel Fábio e o Major Rocha e matam o bandido. Enquanto isso, o subsecretário Nascimento recebe o vídeo das armas do traficante e nenhuma delas era do roubo e afirmar: “- Sabe como devia chamar essa operação? Operação Iraque”, pois sabia que o motivo da invasão não era real.

⁶⁴¹ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 01 h 2 m 35 s).

⁶⁴² Idem.

⁶⁴³ Idem (1 h 04 m 44 s).

Mathias se irrita com a atitude de Rocha: “Que porra é esse Rocha? Tá maluco? O cara é o dono do morro ia me dar a porra das armas...Desce com o dono que vou ter uma conversinha com o Coronel Fábio” ordena Mathias e segue a conversa: “Que porra é essa? O que está acontecendo? Tô sentindo cheiro de merda! Quem é o informante? Você vai fazer o seguinte, vai me passar o nome e o telefone do X9 mais tarde. Hoje!”⁶⁴⁴ Ao dar as costas Rocha atira em Mathias para surpresa de Fábio e pede para os outros policiais militares informarem que o tiro foi de um traficante e que eles não estavam no lugar.

Durante o enterro Nascimento conversa com o secretário de segurança que diz a operação ter sido um sucesso “a população apoiou a operação 11 traficantes mortos e 15 fuzis apreendidos. O que aconteceu com Matias podia ter acontecido com qualquer um.”⁶⁴⁵ O relato demonstra a pouca preocupação com a morte de um policial já que a opinião pública apoiou.

Após o enterro de Mathias, Nascimento percebe que foi uma emboscada e afirma: “- Eu demorei muito para entender que meu trabalho para o governo não tinha nada a ver com segurança. Era tudo estratégia para ganhar voto. Para eles a morte do Mathias não significava nada. Na mídia a operação tinha sido um sucesso. Só isso que importava.”⁶⁴⁶ O que demonstra que o Estado não está preocupado com quem está na ponta da operação, seja policial ou traficante, não é uma busca por solução e sim uma estratégia para conseguir voto.

Nascimento encontra o filho e ao receber uma ligação ele pergunta: “tem a ver com os milicianos que roubaram as armas?”⁶⁴⁷ Nascimento pergunta como ele sabe e manda grampear o telefone de Fraga para saber tudo que ele fala com a jornalista.

A jornalista e o fotógrafo vão ao bairro do Tanque e encontram as armas raspadas ao verem os milicianos montando uma base com material para campanha

⁶⁴⁴ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 1 h 13 m 11 s).

⁶⁴⁵ Idem (Cena 1 h 15 m 14 s).

⁶⁴⁶ Idem (Cena 01 h 18m).

⁶⁴⁷ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 1 h 22 m).

eleitoral. Os dois vão até o local alugado, convencem a proprietária a deixar eles verem o espaço para alugar futuramente. A proprietária deixa e liga para os milicianos pedindo um aluguel mais alto por ter pessoas interessadas. Clara liga para Fraga, que escuta quando Rocha volta com um grupo e extermina os jornalistas. O corpo deles é queimado e os dentes são arrancados para evitar o reconhecimento

O fato acima, é uma referência aos jornalistas que moraram na favela do Batam em Realengo, para filmar a vida em uma comunidade com milicianos. Desde a sua posse como deputado estadual do Rio de Janeiro, no início de 2007, Marcelo Freixo tentou implantar a CPI das Milícias, deixada de lado, pois outras propostas mais importantes foram selecionadas. Ou seja, o Poder Legislativo do Estado do Rio de Janeiro, não acreditava, em sua maioria, que as milícias fossem um problema que necessitasse de uma investigação, apesar de todos os fatos que destacamos nos jornais. Na matéria, o deputado destaca a expansão desses grupos enquanto o Legislativo permanece na inércia.

Quase um ano depois da notícia acima um fato mudaria a preocupação dos deputados estaduais. Era noite no Batan, favela controlada por milicianos, localizada na zona oeste do Rio de Janeiro. Um fotógrafo e o motorista do jornal O Dia estavam disfarçados e residindo na localidade para fazer uma matéria sobre os grupos que detinham o poder na região. Os rapazes foram encontrar moradores em um bar sendo surpreendidos por mais de dez homens com os rostos cobertos. Forçados a buscarem a outra integrante do grupo, uma repórter do mesmo jornal, passaram por sete horas de torturas e ameaças de morte. Seus e-mails foram checados e a tortura redobrada com a descoberta das informações levantadas na comunidade, inclusive fotos que mostravam policiais conversando com milicianos da região. O veredito final garantiu à liberdade deles, soltos na Avenida Brasil. A percepção no cativeiro garantia a participação de membros da polícia militar, de acordo com as roupas utilizadas e os dados já levantados nos dias em que passaram na região. Dessa forma o grupo preferiu não fazer as denúncias em uma delegacia.

Essa noite ocorreu em 14 de maio de 2008, mas só foi publicada nos jornais no dia 1º de junho de 2008⁶⁴⁸, pois os jornalistas temiam ainda uma represália de seus algozes, e teve um peso para garantir a instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito das Milícias – CPI das Milícias. A denúncia ocorreu no dia 30 de maio de 2008, um dia após o fim da novela analisada (*Duas Caras*). Diferentemente, da vida real, no filme os jornalistas foram mortos, mas são da mesma forma o estopim para a instauração da CPI das Milícias.

Voltando ao filme, Rocha avisa que tem três minutos de ligação entre a jornalista e Fraga. Nascimento ouve a ligação também. Guaracy avisa que eles precisam resolver isso. Nascimento pega a gravação, sua arma e começa a ligar para ex-esposa para avisar do perigo de serem exterminados:

“Foi como se eu tivesse tomado um soco. De uma tacada só eu tinha descoberto que não era só a milícia que estava por trás do roubo das armas, sumiço da Clara e assassinato do André. A milícia não ia fazer campanha de graça para o governador e para o Guaracy. O buraco era bem mais embaixo. Eu estava cercado pelos inimigos, pelos verdadeiros inimigos. A secretaria de segurança era o coração do sistema. O roubo das armas e a morte do Mathias não significavam muita coisa para o sistema. O sistema é pautado pela política e a política só respeita a mídia. Dessa vez a milícia tinha matado uma jornalista e o sistema ia ter que correr atrás. As provas tinham sido queimadas. Faltava a testemunha. O sistema ia matar o Fraga.”⁶⁴⁹

O Secretário de Segurança pede para grampear o telefone do Fraga. O funcionário informa que já estava grampeado e que Nascimento havia levado o material. Agora faltava exterminar a testemunha. Nascimento fica na porta da casa de Fraga, ao ver o carro tenta se aproximar, mas uma moto faz alguns disparos ferindo o filho de Nascimento que é levado às pressas para o hospital.

Depois de conversar com o médico e deixar o filho no centro cirúrgico, Nascimento entrega as gravações para Fraga e sai do hospital. “Eu vivi minha vida inteira achando que a polícia podia fazer a coisa certa e de uma hora para a outra aquela

⁶⁴⁸ Editorial O Globo. **Milicianos torturam repórteres de “o Dia”**. Jornal O Globo, 01 de junho de 2008. P. 1 e 31

⁶⁴⁹ OUTRO, *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é*. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 01 h 31m).

certeza toda tinha ido embora.”⁶⁵⁰ Nascimento monta blitz e bate em Guaracy: “- Imagina se o BOPE trabalhasse político corrupto como trabalha traficante.”⁶⁵¹

Fortunato critica a abertura da CPI em época de eleição. Diz que jornalista morre todo dia e que é uma jogada política para beneficiar Fraga. Fraga e Fortunato discutem. O Secretário de Segurança diz que apoia a CPI e que sem corpos não tem evidência de assassinato e sim de sequestro e que a escuta do Nascimento era ilegal e que sua exoneração e expulsão estão sendo providenciados.

Os milicianos montam uma equipe para matar Nascimento que estava com o nome manchado pelo Governador e acabou com a carreira dele na polícia. Rocha sabia que durante a CPI os políticos iriam colocar tudo na conta dele e decidem matar Nascimento que já desconfiava desse plano e estava com uma equipe do BOPE e trocam tiros. Cena que traz à tona o Nascimento do primeiro filme que combatia criminosos com tática e muita ação. Nascimento sobrevive ao atentado.

As últimas cenas são do depoimento de Nascimento na CPI das Milícias,

“Dediquei 21 anos da minha vida a polícia de modo que não é fácil o que eu vou dizer aqui. A verdade é que a PM do RJ tem que acabar. Quando meu filho tinha 10 anos ele me perguntou por que meu trabalho era matar. Meu filho Rafael que agora está no hospital vítima de 1 tiro de pistola. Não sei responder ele. Não sei por que eu matei e nem por quem, O que eu posso afirmar é que o policial não puxa o gatilho sozinho. Metade dos seus colegas aqui dessa casa deveria estar na cadeia, metade é pouco deputado, aqui tem uns 6 ou 7 de ficha limpa. Deputado Fortunato o senhor é chefe de uma das maiores organizações criminosas dessa cidade, Guaracy Novaes eu posso afirmar aqui que o governador está diretamente envolvido nos crimes investigados nessa casa.”⁶⁵²

Nascimento segue apontando a grande quantidade de testemunhas que foram exterminadas após a instauração da CPI das Milícias assim como de fato ocorreu. Segue denunciando o sistema é sua profundidade mostrando ao fundo o Parlamento em Brasília e narra:

“Foi a maior queima de arquivo da história e o sistema continuava de pé. O sistema entrega a mão para salvar o braço. O sistema se reorganiza, articula novos interesses, cria novas lideranças. Enquanto as condições de existência do sistema estiverem aí ele vai existir. Agora me responde uma coisa, o que

⁶⁵⁰ OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 1 h 34 m).

⁶⁵¹ Idem (Cena 01 h 36 m).

⁶⁵² Idem (Cena 01 h 43m).

você acha que sustenta isso tudo? O sistema é muito maior do que eu pensava. Não é à toa que os traficantes, os policiais e milicianos matam tanta gente na favela. Não é à toa que existe favela... O sistema é foda e ainda vai morrer muito inocente”⁶⁵³

O filme encerra com o filho de Nascimento abrindo os olhos, representando uma nova fase da sociedade também abrindo os olhos diante do problema das milícias e o sistema que sustenta sua existência.

IMAGEM 93: Rafael, filho do Comandante Nascimento, abrindo os olhos após estar em coma por causa do atentado contra Fraga.⁶⁵⁴



O filme narra a fase de mudança na visão e apresentação das ações das milícias, não mais como uma possibilidade de garantia de paz para os moradores como na novela *Duas Caras* e sim parte de um sistema perverso que se sustenta na desigualdade e corrupção e que atinge esferas no Estado brasileiro inimagináveis até o momento das denúncias da CPI das Milícias. Consideramos que *Tropa de Elite 2* apresenta a análise sobre uma produção do cinema com:

“- Nenhum gênero filmico é objetivo, e a realidade apresentada é fruto de uma seleção e de um controle prévios considerando a interferência da censura, o posicionamento dos produtores e dos patrocinadores e de outros eventuais grupos de pressão envolvidos na produção de cada filme e o contexto no qual a produção está inserida. a capacidade de retratar uma cultura e dirigir-se a uma grande audiência na condição de meio de controle social e de transmissor da ideologia dominante da sociedade.”⁶⁵⁵

⁶⁵³ OUTRO, *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é.* Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay. (Cena 1 h 46 m).

⁶⁵⁴ *Tropa de Elite 2* (1:37:41)

⁶⁵⁵ KORNIS, Mônica Almeida - História e Cinema - um debate metodológico. In: *Estudos Históricos*, vol. 5. Rio de Janeiro: 1992. P. 239

As narrativas construídas foram bem recebidas por conta do contexto histórico de denúncias da atuação das milícias, pela qualidade da produção e por seus personagens que haviam estabelecido um vínculo com o público a partir da primeira produção. A grande contribuição é não analisar apenas a ponta do problema: policiais (PM, BOPE, Polícia Penal) e bandidos (traficantes de drogas e milicianos), mas mostrar o sistema que interliga essas pontas e sua forma de existência que retroalimenta os confrontos cotidianos do Rio de Janeiro.

Capítulo 4 – DE “JUSTAMENTE” ATÉ “O INIMIGO AGORA É OUTRO”: UM PODER MUTUALISTA

Após apresentar as narrativas construídas em período próximo, com intervalo de 2 anos entre a novela e o filme, destacaremos o contexto em que as milícias estavam inseridas e como a construção de sua representação foi alterada.

4.1 – As visões construídas

Analizamos as abordagens sobre as milícias nas duas produções, novela e filme, considerando o conceito de indústria cultural contraposição a ideia de cultura de massa. A cultura de massa estaria relacionada a produção criada pelas camadas populares, “uma cultura espontaneamente surgida da própria massa, da forma contemporânea chamada de arte popular”⁶⁵⁶. No entanto, indústria cultural está relacionado a uma questão externa as massas e relacionada ao lucro da produção ligada a lógica capitalista, lançando produções influenciadas por seu contexto visando ser vista por um público maior.

Ao compararmos as narrativas das duas produções percebemos que o contexto da novela estava favorável ao crescimento das milícias, com conhecimento público superficial da atuação desses grupos, vistos como alternativa para reduzir ou até resolver a questão da violência causada pelo tráfico nas favelas. O personagem principal é retratado como destemido, preocupado com seu povo e sua favela, com o objetivo de afastar bandidos dos trabalhadores e assim promover a paz. Quando atua em ações fora da Portelinha, o protagonista também combate criminosos.

A abordagem sobre a cobrança de taxas e seu uso são atenuadas como benefício para os próprios moradores embora nas cenas fique subentendido que parte do valor era para Juvenal, assim como os favores que recebia de comerciantes. A violência praticada, seja na invasão de Lobato ou contra Ronildo, são legitimadas com as máximas de que é "para o bem dos moradores". As regras são claras e quem as segue não tem consequências negativas em sua vida. Juvenal é popular através de seus atendimentos, quando dá ouvidos aos problemas da população local, que nunca era

⁶⁵⁶ COSTA, Jean Henrique. A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno. P.135.

atendida pelos órgãos de governo. Juvenal se compara inclusive com o Capitão Nascimento do primeiro filme de Tropa de Elite. Aquele era um contexto de combate à marginalidade, de um povo cansado das cenas de violência vivenciadas no cotidiano e vistas nos telejornais. As manchetes de jornais e declarações dos poderes Executivo e Legislativo carioca, apoiando as ações desses grupos, evidenciam isso. A narrativa reforçava assim, visões e notícias sobre o contexto em que estava inserida, lembrando que a novela atingia um amplo público por ser exibida no horário nobre, num meio de comunicação de massa de fácil acesso, e por trazer assuntos do cotidiano como a questão do combate à dengue e as dificuldades de obter uma vaga na escola pública.

A Portelinha é apresentada como uma favela sem violência, de paz para os trabalhadores, diferentemente de outras produções sobre favelas que destacam a violência. Isso era resultado da supervisão e das ordens de Juvenal, junto com a atuação da Associação de Moradores que presidia. Para essa narrativa, o que muda não é a favela em si, e sim, quem a controla, no caso Juvenal, de forma mais ampla a milícia que representa, que seria responsável por manter a “paz”.

Os questionamentos sobre as ações de Juvenal ficam por conta de Júlia, do núcleo rico da novela, por um tempo por Evilásio, e alguns membros da favela, como o Peixeiro (por ciúmes de Alzira) e Misael, que ao longo da novela contemporizava as atitudes de seu compadre por vezes questionando-o. A questão eleitoral e o domínio territorial também foram destaque, mas por fim, a narrativa que suaviza as atitudes de Juvenal prevaleceu, visto como um homem do povo e que defendia esse povo.

O contexto da produção pode ser percebido por algumas manchetes do jornal O Globo analisado em nossa pesquisa de mestrado. O assunto foi matéria de capa naquele domingo, dia de maior circulação do jornal. Uma matéria de 2006 segue relatando o aumento da ocupação das milícias em mais 30 comunidades em um ano. Além de mais favelas ocupadas, é também ressaltada a ampliação da atuação das milícias incluindo taxas sobre venda de imóveis, agiotagem e centrais clandestinas de TV a cabo. Conhecidos como “gatonet”, as redes clandestinas somavam 600 mil usuários no Rio, o que daria dois assinantes informais para cada um formal, segundo estimativas da

Anatel, com base em dados do setor. Principal área de atuação das milícias, a Zona Oeste concentrava 60% desse tipo de ligação clandestina.⁶⁵⁷

Uma parte da reportagem traz as informações levantadas pelo jornal O Globo, de 2005, que denunciou a presença de 11 grupos de milícias que controlavam 42 favelas do Rio, a maioria na zona oeste, e do apoio que recebiam de moradores e comerciantes que alegavam que as milícias conseguiram expulsar os traficantes. No desenvolvimento da matéria, nas páginas internas, aparece o mapa feito com os dados levantados pela corregedoria, situando as favelas que eram dominadas por traficantes e foram ocupadas pelas milícias.

IMAGEM 94: Mapa da relação: localidades ocupadas por milícias e tráfico de drogas⁶⁵⁸



Apesar da chamada da capa tratar das “áreas dominadas pelas milícias serem ocupadas anteriormente por traficantes”, a informação não procedia. Afinal, a favela de Rio das Pedras, e muitas outras, não contavam com a presença de traficantes (conforme o mapa apresentado na matéria – elaborado pelas investigações da Corregedoria). As narrativas presentes no Relatório da CPI das milícias buscam desmistificar a ideia da milícia como forma de combate ao tráfico de drogas:

⁶⁵⁷ RAMALHO, Sérgio. **Milícias armadas tomaram 72 favelas do tráfico no Rio. Triângulo do mal: Milícias demarcam território em comunidades onde vendem ‘proteção’ no estilo da máfia.** Jornal O Globo, 29 de janeiro de 2006. P.1 e 20.

⁶⁵⁸ RECORTE Jornal O Globo, 29 de janeiro de 2006. p. 20 (Mapa elaborado pela Corregedoria).

A avaliação da Subsecretaria de Inteligência das comunidades possivelmente controladas pelas milícias mostra que **os milicianos se expandiram, preferencialmente, em áreas onde não havia tráfico de drogas**, ou seja, pequenas comunidades ou áreas da cidade que por sua condição geográfica e outros fatores não interessavam aos traficantes e não ofereceriam resistência. Das 171 comunidades onde é registrada a presença de milícias, 119 comunidades não pertenciam a nenhuma facção criminosa, o que representa quase 70%. As que anteriormente seriam dominadas por facções criminosas totalizariam 52%⁶⁵⁹.

A ideia de milícia que expulsa traficantes de drogas é reforçada na matéria de capa do Jornal O Globo no domingo dia 10 de dezembro de 2006 com a manchete “Policiais apoiam milícias na guerra por espaço do tráfico – A cada doze dias grupos de extermínio ocupam uma nova favela no Rio”⁶⁶⁰. A continuação da matéria ocupa a primeira página completa do caderno Rio com o título “A polícia paralela – Milícias expulsam traficantes de drogas e já controlam 92 favelas.”⁶⁶¹ A narrativa ressalta o crescimento da ocupação de milicianos, a presença de membros das forças de segurança, políticos e presidente de associações de moradores.

“O fenômeno cresce em proporção geométrica e tem como alicerce estruturas do próprio poder público.”⁶⁶² No texto o Comandante do Bope afirma que a tomada dos territórios só foi possível pelo apoio da comunidade ou parte dela (pois a atuação das milícias era melhor, na visão de alguns moradores, já que eliminavam os conflitos entre facções ou entre traficantes e policiais). Reforça, assim, a ideia da expulsão de traficantes das comunidades. Ressalta ainda a necessidade do Estado adotar medidas que combatam esses grupos.

Percebemos que a manchete se utiliza do termo “polícia paralela” para indagar a atuação desses grupos. Já no editorial⁶⁶³ percebemos a utilização dos termos “poder paralelo” e “máfia” explicam a ação desses grupos como “o braço do Estado”, tendo em vista que a dominação era feita por policiais e ex-policiais e que estavam em constante expansão territorial com atividades para obter o lucro. É contraditório algo ser “paralelo ao Estado” e ao mesmo tempo ser o “braço do Estado”. É exatamente nesse ponto que a

⁶⁵⁹ DOCUMENTO “Conceito e Histórico”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 46.

⁶⁶⁰ BOTTARI, Elenice. RAMALHO, Sérgio. **Policiais apoiam milícias na guerra por espaço do tráfico**. Jornal O Globo, 10 de dezembro de 2006. p.01.

⁶⁶¹ BOTTARI, Elenice. RAMALHO, Sérgio. **A polícia paralela – Milícias expulsam traficantes de drogas já controlam 92 favelas na cidade**. Jornal O Globo, 10 de dezembro de 2006. p. 19.

⁶⁶² Idem.

⁶⁶³ EDITORIAL O GLOBO, **Poder Paralelo**. 31 de janeiro de 2006. p.6.

escolha dessas palavras relacionadas ao contexto demonstra uma preocupação em criar uma narrativa que coloca o Estado apenas como omissor, mas não participante das atividades desenvolvidas pelos milicianos e a atuação desses grupos como uma forma de combate ao tráfico de drogas.

No entanto, a conjuntura mudou e gerou ações mais constantes e não pontuais contra as milícias, a partir do momento que sua violência atingiu para além dos moradores de comunidades e os jornalistas – que foram barbaramente torturados. Medo, tortura, assassinatos, imposição de cobrança de taxas podem ser vistos nas reportagens analisadas de um jornal de grande circulação. Defendemos que as matérias sobre a tortura dos jornalistas, em especial a cobertura realizada pelo jornal O Globo, colaboraram para a comoção nacional e foram consideradas para a instauração da CPI das Milícias na ALERJ em 2008. A partir desse momento, a representação das milícias foi associada à tortura dos jornalistas, gerando grande pressão da opinião pública para instauração da CPI.

A partir da tortura dos jornalistas, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), ABI (Associação Brasileira de Imprensa), o Sindicato dos Advogados, o Ministério da Justiça, entre outras instituições, manifestaram-se contra as milícias. O jornal O Globo destacou o fato do Ministro da Justiça, Tarso Genro, defender ações nacionais contra as milícias que já atuavam em outros estados:

- O indicativo desse plano nacional está dado pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronas), com recursos que já estão à disposição dos estados. É tão importante combater as milícias quanto o tráfico. Na raiz, esses dois movimentos estão integrados.⁶⁶⁴

A mesma matéria apresentou um depoimento de Wadih Damous, presidente da OAB, demonstrando sua indignação com a ação das milícias contra os jornalistas: “- Exigimos das autoridades da segurança pública saber quem são e quais foram os agentes públicos que participaram desse episódio bárbaro (do caso dos jornalistas). Não podemos aceitar que o trabalho da imprensa seja vítima da selvageria.”⁶⁶⁵ Vale observar que a violência diária a que estão expostos os moradores de comunidades controladas

⁶⁶⁴ COSTA, Célia. **Tarso defende plano nacional contra as milícias**. Jornal O Globo, 07 de junho de 2008. p.17.

⁶⁶⁵ Idem.

por milícias não motivou uma declaração indignada como a citada acima. Maurício Azevedo, presidente da ABI, declarou ao jornal O Globo:

- A ABI manifestou em nota pública a sua solidariedade aos repórteres, a “O Dia” e expôs sua exigência de que o governo do estado promova as investigações necessárias para identificação e prisão desses criminosos, que constituem um grave perigo para o estado democrático de direito.⁶⁶⁶

Todas as matérias e denúncias anteriores não causaram a mesma comoção entre os citados acima. A ABI pode justificar sua atitude a partir da violência contra os jornalistas de O Dia, por conta da sua preocupação com membros da imprensa a qual representam. Já os demais, tiveram inúmeros outros motivos para ter uma postura mais firme diante do crescimento das ações e de territórios das milícias.

A Anistia Internacional também se manifestou sobre a tortura aos jornalistas, criticando a política de segurança do estado:

Em comunicado divulgado ontem, a Anistia Internacional afirmou que a liberdade de expressão e o estado de direito estão ameaçados, no Brasil, pelas ações praticadas por milícias. Tim Cahill, pesquisador da Anistia Internacional no Brasil, criticou a política de segurança do estado, e disse esperar que a Secretaria de Segurança leve adiante as investigações sobre a tortura sofrida por uma equipe de reportagem e sobre a atuação de grupos paramilitares.⁶⁶⁷

O apoio da maioria dos partidos a favor da investigação sobre as milícias também foi alterado, em pouco mais de um ano, já que, em 2007, a CPI das Milícias não obteve os votos necessários para ser instaurada. Já em 2008, “A aprovação é dada como certa por contar com o apoio da maioria dos partidos e também do líder do governo, deputado Paulo Melo (PMDB), que é presidente da Comissão de Ética.” No dia da votação a proposta venceu “por aclamação, ou seja, não houve posições contrárias dos deputados que tenham sido registradas.” Emergiram novas narrativas sobre as milícias a partir da CPI, com atores que até então não se manifestavam e outros que não atribuíam a dedicação necessária ao combate desses grupos.

Dez dias após a notícia sobre a tortura sofrida pela equipe de reportagem do jornal O Dia foi instaurada a CPI das Milícias, Comissão Parlamentar de Inquérito

⁶⁶⁶ Ibidem.

⁶⁶⁷ COSTA, Célia. GOULART, Gustavo. **Anistia vê ameaça a liberdade**. Jornal O Globo, 06 de junho de 2008. p. 15.

responsável por investigar a atuação das milícias no Estado do Rio de Janeiro. O Relatório final, importante fonte para o nosso trabalho, apresenta 282 páginas com informações obtidas de diversos setores do Estado e da sociedade.

Nesse contexto é lançado em 2010 o filme *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro*, que traz importante reflexão ao evidenciar diversos setores envolvidos na existência da atuação das milícias. Em *Tropa de Elite 1*, a narrativa abordava mais a vivência das pontas (Polícia, seja Militar ou Bope) e dos traficantes de drogas, como cada lado age diante da corrupção, medo, violência, laços familiares, entre outros. É interessante que os personagens e frases do filme até hoje são utilizados em memes, ampliando ainda mais o alcance da obra e também da sequência para além do contexto de produção.

O destaque para o *Tropa de Elite 2* é a função de mostrar como a morte de policiais e traficantes no cotidiano não altera a problemática da violência urbana. Tais mortes tornam-se estatísticas, tendo em vista que policiais e traficantes são apresentados como peões do jogo de xadrez, para o desenrolar de um sistema que inclui instituições públicas e membros do governo do alto escalão. Assim, a ausência de um projeto efetivo de segurança pública é em si um projeto, pois beneficia a continuidade de uma lógica em diferentes esferas.

Podemos perceber uma redução do poder de controle territorial e de pessoas em relação as milícias com a instauração da CPI das Milícias e a prisão de mais de 200 envolvidos, que contabilizou “uma queda de 19,2% de controle territorial e 29,2% de controle populacional”⁶⁶⁸. Desse modo, quando cobrada uma resposta do Estado contra determinado grupo, houve uma efetividade nas ações.

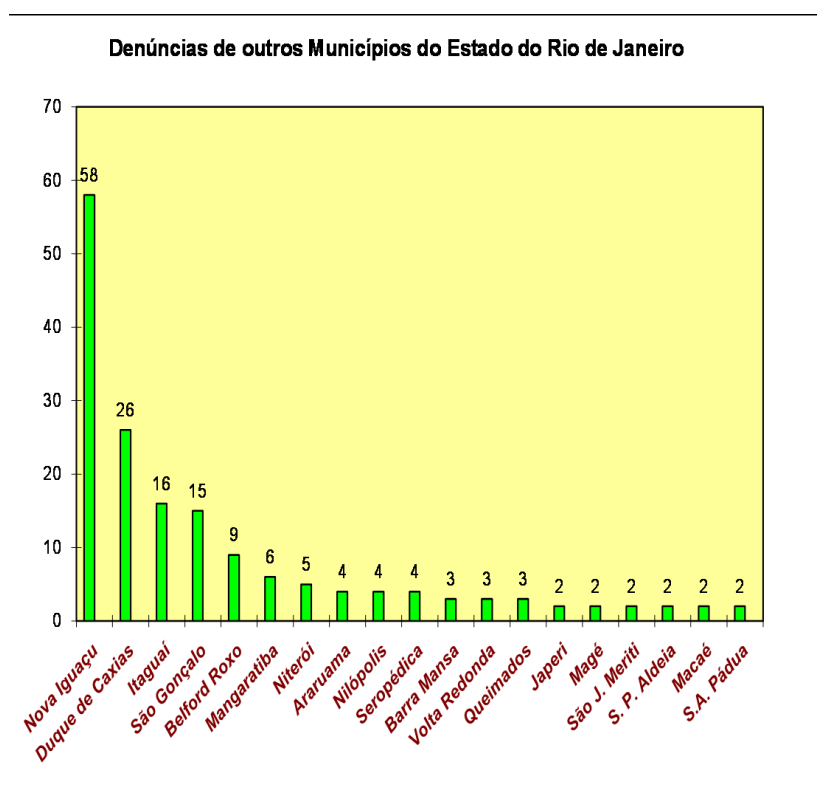
A interrupção do crescimento das milícias coincide com o início e os desdobramentos da Comissão Parlamentar de Inquérito conduzida na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) iniciada no ano de 2008 para apurar a participação de agentes públicos em milícias – a chamada CPI das milícias. Como consta em seu relatório final (ALERJ, 2008), a CPI resultou no indiciamento de 226 suspeitos de integrarem esses grupos criminais armados, de modo que as investigações ali iniciadas resultaram na prisão de importantes lideranças desses grupos nos anos subsequentes à CPI. Destacam-se, por exemplo, o desmantelamento da Liga da Justiça, uma das mais conhecidas e maiores milícias do Rio de Janeiro, e

⁶⁶⁸ Relatório sobre armas e território.

as prisões de seus principais líderes Batman (em 2008, novamente em 2009 e posterior condenação em 2010) e Jerominho (2012).⁶⁶⁹

No entanto, é importante ressaltar que essa redução não ocorreu em toda região metropolitana, e sim, apenas no município do Rio de Janeiro. A Baixada Fluminense teve o efeito oposto mantendo o crescimento das áreas e das populações com a presença de milícias nessa região. A partir de 2008 a atuação das milícias continua existindo, mas tentando “manter o seu controle territorial de maneira mais discreta, longe dos holofotes ou, como na expressão que deu título ao livro, “no sapatinho”, de Ignácio Cano.”⁶⁷⁰ A informação sobre a expansão para outras áreas para além da Zona Oeste carioca é observada no Relatório Final da CPI das Milícias, no qual foi possível perceber a atuação dos milicianos em outras cidades também, com base nos dados do Disque-Milícia:

GRÁFICO 8: Número de denúncias do Disque Milícia por município⁶⁷¹



⁶⁶⁹ Relatório sobre armas e território.

⁶⁷⁰ COUTO, Maria Isabel e HIRATA, Daniel. Relatório sobre armas e território. Grupo de Estudos dos Novos Legalismos (GENI). Rio de Janeiro: 2022. p 11.

⁶⁷¹ DOCUMENTO “Disque Milícia e outras denúncias recebidas”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 212.

No Relatório Final sobre as áreas de atuação desses grupos é:

A proliferação dos grupos denominados milícias no Estado do Rio de Janeiro é uma realidade, inclusive, no que tange ao seu alastramento para outros municípios do Estado. Não podemos mais considerar que as milícias atuam apenas em comunidades e/ou morros, pois está claro - no estudo em evidência - que quando falamos de área de atuação desses grupos, nos referimos às comunidades, morros, sub-bairros, bairros, condomínios, ruas ou, até mesmo, pequenos municípios, o que dificulta precisarmos um número específico vinculado a comunidades. Sendo assim, convencionamos chamar o conjunto descrito de áreas e, após avaliar os dados expostos a seguir, encontramos um total de **171** áreas dominadas por milícias, assim distribuídas.⁶⁷²

Na conclusão da CPI das Milícias, por suas investigações e dados do Disque-Milícia criado especificamente para atender denúncias contra as milícias, se afirma ainda que não ocorreu combate ao tráfico de drogas:

Avaliação da Subsecretaria de Inteligência das comunidades possivelmente controladas pelas milícias mostra que **os milicianos se expandiram, preferencialmente, em áreas onde não havia tráfico de drogas**, ou seja, pequenas comunidades ou áreas da cidade que por sua condição geográfica e outros fatores não interessavam aos traficantes e não ofereceriam resistência. Das 171 comunidades onde é registrada a presença de milícias, 119 comunidades não pertenciam a nenhuma facção criminosa, o que representa quase 70%. As que anteriormente seriam dominadas por facções criminosas totalizariam 52%⁶⁷³.

De acordo com ligações grampeadas pela polícia é possível perceber o contato entre milicianos e traficantes. Quando uma comunidade é invadida pelas milícias e nelas há tráfico, esses criminosos são recrutados pelo grupo paramilitar. Agravando ainda mais a situação das ações de milicianos nas comunidades. Sobre as formas de atuação das milícias, conforme retratado no filme, os dados do Disque-Milícia expressam o modus operandi das milícias.

⁶⁷² Idem. p.220.

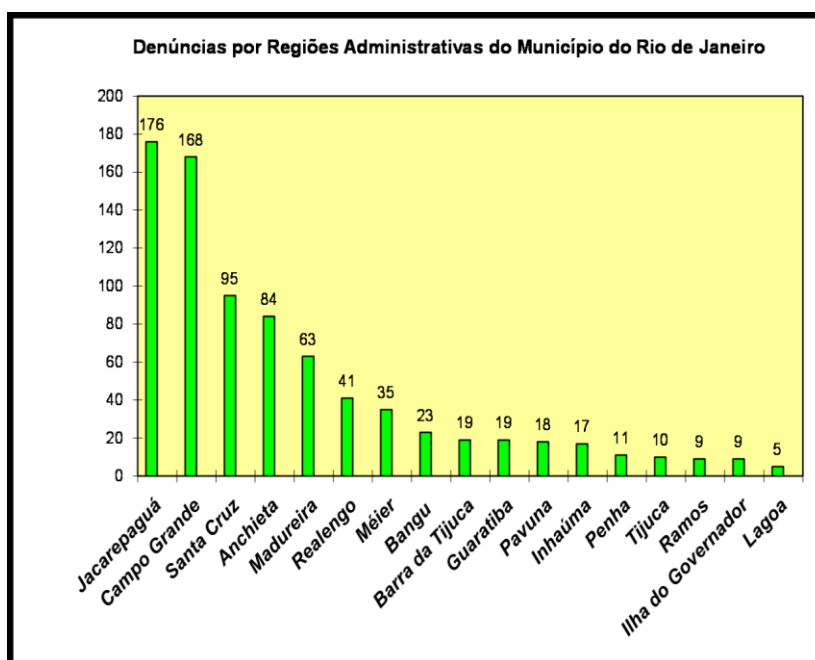
⁶⁷³ DOCUMENTO “Conceito e Histórico”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p.46.

TABELA 6: Natureza das denúncias do Disque Milícia de julho até novembro de 2008⁶⁷⁴

[TABELA 10]		
Naturezas das denúncias recebidas*		
	Frequência	% Sobre o total de fatos
Extorsão	447	71,3
Ameaça	148	23,6
Homicídio	29	4,6
Curral eleitoral	27	4,3
Outros	27	4,3
Segurança clandestina	20	3,2
Venda de ponto ilegal de TV a cabo	15	2,4
Político vinculado a milícia	9	1,4
Venda ilegal de gás	7	1,1
Sequestro	7	1,1

Já em relação às áreas com maior presença da atuação das milícias, foi confirmado que a região da Zona Oeste é a mais atingida pelo controle desses grupos, como podemos analisar no gráfico disponibilizado no Relatório:

GRÁFICO 9: Número de denúncias do Disque Milícia por bairro⁶⁷⁵



Conforme os dados levantados no Disque-Milícia, apresentadas no Relatório, o gráfico acima reforça a ideia que as maiores milícias são as de Jacarepaguá e Campo

⁶⁷⁴ Idem p.44.

⁶⁷⁵ DOCUMENTO “Disque Milícia e outras denúncias recebidas”. **Relatório Final da CPI das milícias.** Rio de Janeiro, 2008. p. 210.

Grande, concentrando-se nos principais bairros da Zona Oeste. Seguem denúncias de expansão para outros bairros e informações sobre esses grupos:

As outras regiões administrativas também apresentaram um quantitativo de denúncias que indicam o aparecimento e o crescimento acelerado de grupos de milícias nas regiões, principalmente, nas regiões de Anchieta, Madureira, Realengo, Méier e Bangu. Foi percebido que outros grupos de milícias estariam se organizando, crescendo e dominando várias áreas. Podemos assinalar dois grupos: um liderado pelo Sd PM Fabrício Fernandes Mirra (—Mirral), que contaria com aproximadamente 60 integrantes e dominaria as milícias nas Comunidades do Guarda em Del Castilho, Águia de Ouro em Inhaúma, Palmeirinha em Honório Gurgel, Muro Amarelo em Rocha Miranda, Pio 12, Da Linha, Mata Quatro e Eternit em Barros Filho; e outro liderado pelo *Sgt Edmilson, Cb. PM Jair Barbosa Tavares* (“Zico” ou “Zico Bacana”), *Anderson* e —*Bicudo*”, contaria com aproximadamente 50 integrantes e dominaria as milícias no bairro de Anchieta, nas Comunidades do Gogó da Ema e Camboatá em Guadalupe e Cavalheiro da Esperança em Ricardo de Albuquerque.⁶⁷⁶

Vale lembrar que, com a criação da CPI das Milícias, foi criado um setor específico do Disque Denúncia para o assunto das “milícias”. No Relatório da CPI foi citado a forma de análise dos dados das denúncias telefônicas, com o cuidado de identificar “desinformação e contra-informação”⁶⁷⁷ na análise. Sendo assim, os dados do Disque Denúncia foi mais uma fonte de informações. As denúncias, em sua maioria, confirmaram os dados levantados nas demais fontes e possibilitaram a atuação da população diretamente afetada que tinha medo de denunciar em delegacias e encontrar milicianos no local. De junho de 2008 á 31 outubro de 2008 foram realizadas 1162 denúncias identificadas e mais 42 anônimas.⁶⁷⁸ De acordo com o Relatório: “Impressiona, no cruzamento das denúncias com as fontes citadas, a equivalência quanto aos nomes dos envolvidos, as comunidades dominadas, os valores cobrados e outros dados referentes a milícias.”⁶⁷⁹

Entendemos que a produção de uma novela ou filme não é uma mera reprodução da realidade, mas algo dinâmico, necessário analisar diversas influências como o contexto, grupo que produz, entre outros. Uma novela, em especial, depende da audiência diária, por isso, a aprovação do público é considerada para desenvolvimento

⁶⁷⁶ DOCUMENTO “Disque Milícia e outras denúncias recebidas”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p.211.

⁶⁷⁷ Idem. p 127.

⁶⁷⁸ Idem p 128.

⁶⁷⁹ Ibidem.

do roteiro e da trama. como um todo, O filme, no entanto, é entregue pronto, do início ao fim, não contando com alterações devido a aprovação do público.

4.2 – Um poder mutualista

Ressaltamos que em nossa pesquisa não consideramos a milícia como um poder paralelo ao Estado. Essa noção começou a ser citada mais intensamente depois do assassinato do jornalista Tim Lopes, em 2002, diante da ação dos traficantes de drogas que organizaram um julgamento e decidiram pela condenação e execução do repórter. Assim “Poder paralelo é o que concorre com o poder político propriamente dito e, às vezes, chega a superá-lo.”⁶⁸⁰ Neste conceito, existe um afastamento da responsabilidade do Estado diante da ação dos criminosos que não agem de acordo com as leis oficiais do país e que devem ser combatidos.

O então deputado estadual Marcelo Freixo, presidente da CPI das milícias, afirmou que “Não se trata de um estado paralelo, é o crime dentro da máquina pública”. O crescimento das milícias está associado à forma como o Estado se desenvolveu. “Não é nada paralelo. Esses grupos representam um estágio da própria construção do Estado e do poder político”⁶⁸¹ é “a omissão do Estado de promover políticas públicas de inclusão social e econômica e a convivência das autoridades encarregadas de garantir a segurança pública foram os grandes fermentos para o crescimento da milícia”⁶⁸².

Assim, é preciso repensar o conceito de “poder/ Estado paralelo” e propor um categoria que, através da análise das narrativas construídas, traz uma visão histórica sobre a relação de poder entre a milícia e o Estado.

A democracia alcançada com o fim da Ditadura Militar do Brasil em 1985, não garantiu o fim da ação dos grupos de extermínios no país. As classes menos favorecidas foram associadas ao desenvolvimento do tráfico de drogas e a principal forma de combate criada pelo governo foi a intensificação na atuação da repressão. Políticas de inclusão social e de fiscalização em nossas fronteiras não são as mais visadas pelas

⁶⁸⁰ MATOS, Edísio Gomes de. Poder paralelo. Correio Braziliense, 18/10/2002. Disponível: <www2.correioweb.com.br> Acesso em: 15/01/2009.

⁶⁸¹ ALVES, José Cláudio Souza. **Política do “mata, mas faz” impera na Baixada Fluminense**. 12/09/2006. p.1 Disponível: <http://www.direitos.org.br> Acesso em: 12/02/2009.

⁶⁸² FREIXO, Marcelo. **Folder da Palestra: Milícias: segurança pública em debate**. Realizada em 07/05/2009, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

políticas públicas. A sociedade assustada com o aumento da violência, mais valorizada ainda pela mídia, aceita, muitas vezes, a atuação dos grupos de extermínio e de milicianos. Muitos moradores das favelas acreditam serem privilegiadas à medida que em sua localidade não exista o tráfico de drogas, como ocorre na favela de Rio das Pedras, controlada por milicianos. Assim, esses moradores aparentam ficar satisfeitos por estarem livres de confrontos entre a Polícia Militar e os criminosos.

Ao analisar as narrativas sobre as milícias, através da novela e do filme pesquisado, e os dois contextos explorados anteriormente, que marcam a mudança na visão sobre as milícias, consideramos importante propor uma definição conceitual, em diálogo com a disciplina História, sobre a relação entre milícia e Estado.

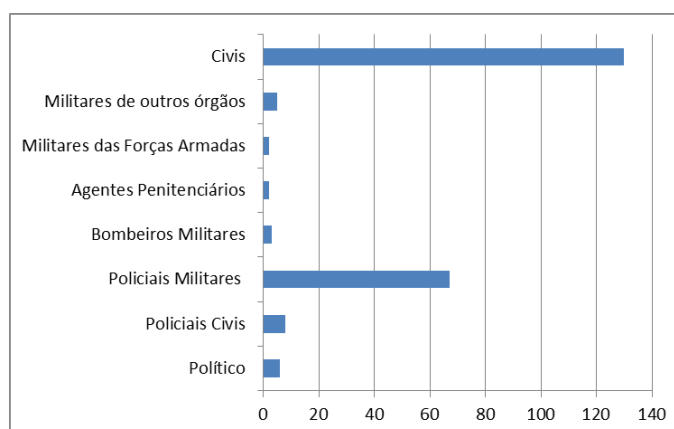
A proposta é considerar essa relação um poder mutualista a partir da definição tomada de empréstimo da Biologia, que significa a “associação entre dois seres vivos, beneficia (igualmente) os envolvidos, originando uma dependência mútua.”⁶⁸³ No caso, a milícia e agentes do Estado se beneficiam mutuamente dessa relação, pois os milicianos recebem informações privilegiadas dos agentes de segurança sobre operações policiais e não ocorre operações em locais de milícia, e em troca ocorre uma redução dos índices relacionados as violências do tráfico de drogas, além da formação de currais eleitorais. A definição de poder mutualista na relação entre milícia e Estado apresenta as seguintes características:

4.3.Liderança de servidores públicos, integrantes de instituições de segurança pública

As lideranças das milícias são agentes da segurança pública do Rio de Janeiro, importante diferença em relação ao tráfico de drogas, no qual os membros das instituições de segurança não atuam na liderança, e sim na permissividade, desde a entrada de drogas ilícitas no país até a venda varejista, através do recebimento de suborno. Na milícia o intermediário é eliminado e a atuação em todos os “serviços prestados” na favela é direto assim como o lucro obtido.

⁶⁸³ DICIO. *Mutualismo*. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mutualismo/>. Acesso em: 19 set. 2025.

GRÁFICO 10: Número de participantes das milícias de acordo com o Relatório da CPI das Milícias⁶⁸⁴



Embora exista uma grande participação de civis, conforme o gráfico acima, no cotidiano das milícias, suas lideranças são membros da segurança pública, principalmente policiais militares.

A questão é agravada pelo medo em denunciar as ações desses grupos em delegacias, pois existe o temor pela própria vida do denunciante, tendo muitos depoimentos sido alterados após ameaças. Uma das formas de obter informações sobre esses grupos na CPI das Milícias foi o Disque-Milícia por sua garantia de anonimato. Como recorrer as instituições de segurança, se parte de seus membros, são também membros e lideranças da milícia?

De acordo com a pesquisa de Bruno Paes Manso, sobre o tráfico de drogas e a milícia, ‘a diferença fundamental era que o bonde da milícia contava com o apoio das próprias polícias e comandos, detendo mais capacidade de inteligência e articulação’⁶⁸⁵.

A milícia está inserida nas instituições de segurança pública, utilizando suas informações, treinamentos que são repassados, aparato de armamentos e sendo encobertos por colegas. Usufruem dessa vantagem para atuar, manter seu controle territorial e da população além de ampliar suas áreas com ações legalizadas, ao

⁶⁸⁴ Gráfico elaborado pela autora da dissertação com base no DOCUMENTO “Conclusão e Propostas”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p 274.

⁶⁸⁵ MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020 p. 14.

expulsarem traficantes de drogas pelas operações policiais e posteriormente, instituírem uma milícia no local.

4.4 A impunidade

A menor repressão do Estado diante das milícias garante a manutenção de suas ações. Daí decorre a impunidade, uma vez que muitos policiais integrantes de milícias e condenados não são expulsos de sua corporação, isso quando há processo e condenação. A dificuldade da aprovação da CPI das Milícias e as declarações do Prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, demonstram omissão estatal, quando não, a aprovação dos atos milicianos.

A fim de ilustrar a questão da impunidade, relatamos o caso do ex-PM Ricardo Teixeira Cruz, apelidado de Batman, que foi preso como um dos principais matadores e líderes da milícia conhecida como Liga da Justiça. Na região de Campo Grande, era possível ver o apoio ao grupo por conta de adesivos de carro com o símbolo do “super herói”. No entanto, Batman fugiu do presídio Bangu 8, pela porta da frente escoltado por homens com uniformes do Grupo de Intervenções Táticas. A fuga só foi constatada 24 horas depois, na contagem dos presos. A fuga aconteceu no dia em que Ricardo iria ao Hospital Penitenciário, próximo a Bangu 8. A autorização para sua saída estava no sistema informatizado da liberação de presos.

Curiosamente, os verdadeiros inspetores que fariam a escolta já tinham ligado para o hospital, no qual foram informados de que não haveria consulta porque na segunda-feira era ponto facultativo do estado. No entanto, os agentes não informaram sobre o cancelamento da ordem de retirada do preso no sistema.⁶⁸⁶

O delegado responsável pelas principais investigações sobre as milícias de Campo Grande, Marcus Neves, afirmou que investigações do Serviço de Inteligência apontava para a possibilidade de fuga do Batman com o oferecimento de dois milhões de reais. O deputado Marcelo Freixo, presidente da CPI das milícias, e assim como Marcus Neves, foram ameaçado de morte.

No caso acima, a prisão do miliciano foi realizada, mas o próprio sistema prisional não manteve o criminoso encarcerado no Complexo de Gericinó, no presídio

⁶⁸⁶ COSTA. Ana Claudia. COSTA. Célia. RAMALHO, Sérgio. ARAUJO. Vera **Batman o retorno**. Jornal O Globo, 29 de outubro de 2008 p 14.

de Bangu 8. Uma demonstração da força e atuação das milícias por retirar pela porta da frente um dos homens mais procurados da milícia de Campo Grande, a Liga da Justiça.

Em um caso mais recente, conforme citado por Paes Manso, o filho mais velho de Jair Bolsanaro (ex-presidente do Brasil), Flávio Bolsonaro, eleito Deputado Estadual, em 2003, aprovou 495 monções e concedeu 32 medalhas a policiais militares, policiais civis, bombeiros, entre outros, mesmo respondendo processos de extorsão, como de Adriano da Nóbrega. Em seu discurso, Flávio Bolsonaro destacava que

“Com vários anos de atividade este policial militar desenvolve sua função com dedicação, brilhantismo e galhardia. Presta serviços à Sociedade desempenhando com absoluta presteza e excepcional comportamento nas suas atividades. No decorrer de sua carreira, atuou direta e indiretamente em ações promotoras de segurança e tranquilidade para a Sociedade, recebendo vários elogios curriculares consignados em seus assentamentos funcionais. Imbuído de espírito comunitário, o que sempre pautou sua vida profissional, atua no cumprimento do seu dever de policial militar no atendimento ao cidadão”⁶⁸⁷

O apoio do Poder Legislativo aumentava o sentimento de impunidade e agravada pelo reconhecimento e apoio as ações violentas e criminosas. E seguiu homenageando o policial Adriano Nóbrega, mesmo preso por homicídio e extorsão:

Em janeiro de 2004, Adriano e os policiais foram presos preventivamente. Apesar da repercussão do caso e da evidência dos crimes, Flávio Bolsonaro voltou a homenagear Adriano da Nóbrega. Em junho de 2005, mesmo preso ele recebeu uma honraria ainda mais importante: a Medalha Tiradentes. Conforme o regimento da Assembleia Legislativa, ela deve ser concedida “a personalidades nacionais ou estrangeiras que, de qualquer forma, tenham serviços prestados ao estado do Rio de Janeiro, ao Brasil ou à humanidade”⁶⁸⁸.

Adriano Nóbrega, o Capitão Nobrega, já havia sido acusado de fazer a segurança de bicheiros. Posteriormente, passou a comandar a milícia do Rio das Pedras além de ser um dos líderes do Escritório do Crime, sendo assassinato em uma operação policial na Bahia, onde estava escondido, no ano de 2024. A família considera o caso como queima de arquivo, com execução a operação policial.⁶⁸⁹

⁶⁸⁷ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020. P.32.

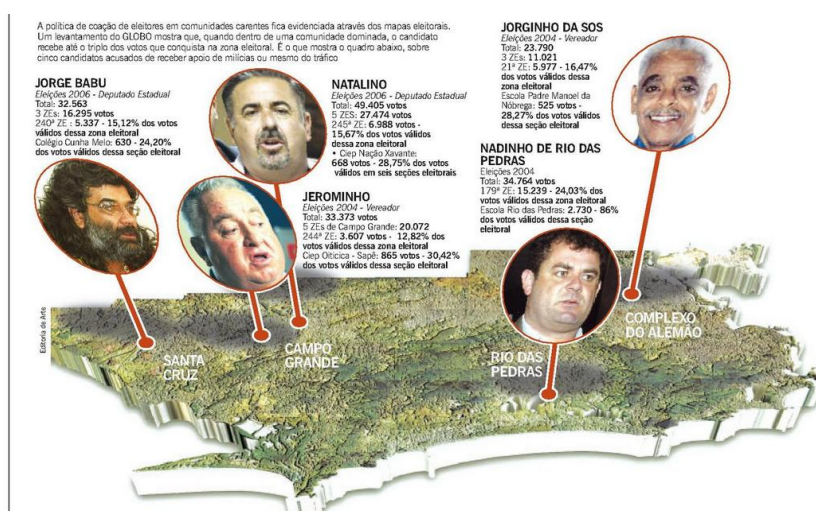
⁶⁸⁸ Idem p.40.

⁶⁸⁹ MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro, São Paulo: Todavia, 2020. P.41.

3. Atuação na política institucional

De acordo com o Relatório da CPI das Milícias, além de Nadinho, citado anteriormente como Vereador eleito por currais eleitorais no Rio das Pedras e adjacências, segue, em relação a outra região, a presença marcante de milicianos. Em Campo Grande, bairro da Zona Oeste carioca, “Recomenda-se ao órgão competente uma análise completa do perfil de votação dos vereadores eleitos Girão, Carminha Jerominho e Elton Babu⁶⁹⁰ referente à eleição de 2008.”⁶⁹¹

IMAGEM 95: Currais eleitorais de milicianos⁶⁹²



Um dos casos citados é de Carmem Glória Guimarães, conhecida como Carminha Jerominho, para mostrar a ligação com o pai Jerominho, preso por liderar, junto com seu irmão, Natalino Guimarães, a milícia conhecida como “Liga da Justiça”. Carminha, apelidada de “Batgirl”, recebeu apoio para sua campanha do pai e do tio que mesmo presos “mandaram homens armados distribuírem carta a moradores

⁶⁹⁰ Jornal O Globo noticiou a denúncia de promotor a CPI de envolvimento de Babu com milícias após seu depoimento no dia 18 de julho de 2008.

⁶⁹¹ DOCUMENTO “Desempenho Eleitoral” **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 110.

⁶⁹² RECORTE Jornal O Globo 27 de julho de 2008 p.3.

de Campo Grande, Cosmos e Paciência pedindo votos... ‘É ordem dos patrões’ dizem os milicianos, de porta em porta, ao entregarem o texto escrito por Jerominho.”⁶⁹³

Além da coação e da percepção dos eleitores em troca de alguns favores ao eleger um miliciano, o próprio Estado fortalecia esses grupos quando participava das suas campanhas. Conforme analisado na pesquisa do Mestrado a matéria do Jornal O Globo, publicada no dia 29 de julho de 2008 dava o tom da "parceria" estatal com oferecimento de serviços públicos e pedido de votos:

Escovação de dentes e aplicação de flúor, verificação de pressão arterial, manicure e até emissão de carteira de identidade com funcionários cedidos do Detran. Os serviços foram oferecidos gratuitamente na Favela do Gouveia, em Paciência, no fim de semana passado, em tendas montadas na comunidade pelo centro social do vereador Jerônimo Guimarães Filho (PMDB) , o Jerominho que está preso sob a acusação de comandar milícias na Zona Oeste.⁶⁹⁴

Ou seja, mesmo diante da prisão e investigação sobre o crime de milícia contra Jerominho, o governo estadual enviava funcionários para prestarem serviços em nome do centro social do detido. Durante as atividades, os moradores recebiam pedidos de votos para a candidata Carminha Jerominho. Placas de sua campanha foram espalhadas no local, além de um caminhão que criticava a prisão injusta de Jerominho. Antes do atendimento os moradores precisavam preencher uma ficha com seus dados, inclusive o número do título de eleitor.⁶⁹⁵ Essa abordagem nos remete a preocupação demonstrada pelo então deputado estadual Marcelo Freixo, antes da instauração da CPI:

A milícia representa uma ameaça maior ao estado democrático e de direito, até pelo seu grau de organização e penetração dentro do poder público. O tráfico não se reúne para discutir o projeto de lei, nem ver quem vai dirigir hospital ou escola. No máximo se junta para pagar propina à polícia. O tráfico se fortalece na ausência do Estado, a milícia não. Ela não é o vácuo do

⁶⁹³ BOTTARI. Elenilce. BORGES. Waleska. **Milícia usa homens armados para pedir votos em favela.** Jornal O Globo 27 de julho de 2008 p. 1.

⁶⁹⁴ BORGES. Waleska. **Estado participou de ação social de Jerominho.** Jornal O Globo, 29 de julho de 2008 p. 8.

⁶⁹⁵ Idem.

Estado. É o Estado leiloado, atendendo a interesses particulares. E os chefes são agentes públicos.⁶⁹⁶

Assim, além de indivíduos ligados a Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros e Agentes Penitenciários, as milícias contam com a presença de membros no Poder Legislativo, aumentando ainda mais a dificuldade de denúncias, que na maioria dos dados coletados, só foram possíveis através do Disque-Milícia, confrontando com outros documentos para provar sua veracidade. O tempo de existência das milícias em determinadas áreas mostra também como elas se desenvolveram ao longo dos anos sem nenhuma política pública de segurança que tivesse como objetivo a sua desarticulação e/ou punição.

4. Tentativas de legalização

A atuação de milicianos e aliados integrando o Poder Legislativo indica ter o objetivo de buscar formas para legalizar a atuação da milícia. Um paralelo curioso é o fato de que embora existam grupos que defendam a legalização de certas drogas ilícitas, não se trata da mesma proposta que legalizar os traficantes de drogas. No caso das milícias, a tentativa de legalizar suas ações estava presente no cotidiano legislativo, para além do apoio com impunidade e ameaças.

Havia uma rede de milícias no Poder Legislativo, tanto na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, quanto na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Apesar de todas as suspeitas que já existiam sobre Nadinho, e também sobre Jeroninho⁶⁹⁷, o primeiro recebeu a Medalha Tiradentes, a maior condecoração da ALERJ, diretamente das mãos de Natalino⁶⁹⁸. O deputado estadual Natalino indicou ser necessária a formação de polícias comunitárias. Sendo assim, apesar das suspeitas que já recaíam sobre esses políticos, o objetivo era de que o Poder Legislativo atuasse no de interesse das milícias.

⁶⁹⁶ VENTURA, Mauro. **Dois capuccinos e a conta com Marcelo Freixo**. Revista O Globo, Ano 5, nº. 223, 02 de novembro de 2008.

⁶⁹⁷ Apelido de Jerônimo Guimarães, eleito como vereador em 2000 pelo PMDB e 2004 pelo Partido Democratas (DEM), irmão do Deputado Estadual Natalino Guimarães, ambos acusados de fazerem parte da milícia que atuava na região de Campo Grande, conhecida como Liga da Justiça.

⁶⁹⁸ Natalino Guimarães eleito Deputado Estadual do Rio de Janeiro em 2006 pelo Partido Democratas (DEM).

Três dias após o mandato de prisão, Nadinho se entregou e negou envolvimento no assassinato do inspetor Félix. Apesar das inúmeras ligações trocadas com policiais ligados a milícia na hora do crime – o jornal O Globo destacou em manchete: “Vereador preso pode ter sido protegido por policiais”.⁶⁹⁹ No dia seguinte a prisão do vereador, o jornal destacou a declaração na Câmara do vereador Jerominho que : “Agora é ele, amanhã posso ser eu e, depois, pode ser você.”⁷⁰⁰ A oposição foi questionada por seu silêncio na matéria “Oposição se cala sobre prisão de vereador acusado de crime”⁷⁰¹. Essa atitude mostra certo corporativismo entre os políticos reduzindo a força do combate a esses grupos como braço político.

Jerominho ainda defendeu a formação de um grupo de vereadores para visitar Nadinho e ver as condições em que estava preso. Os vereadores formaram uma comissão para acompanhar o teor do caso, mas, dois vereadores desistiram. Na matéria “Caso Nadinho: Baixas na comissão do Legislativo”⁷⁰² o jornal O Globo apresentou a situação dos dois vereadores desistentes. Leila do Flamengo alegou não querer participar da comissão pois apenas assinou o documento que deveria existir uma comissão, mas não quer participar. Já Pedro Porfírio disse:

– Quero apenas visitar o Nadinho para saber como esta sendo tratado. É questão de solidariedade. Quem tem que ver o inquérito e acompanhar o processo na Justiça é a Procuradoria da Câmara. O fato de um grupo de vereadores fazer isso pode parecer solidariedade no mérito. Não quero me meter no trabalho da Justiça.⁷⁰³

Na mesma notícia, o jornal afirma ter recebido um e-mail anônimo de um possível vereador: “- Você acha, realmente, que algum de nós teria coragem de votar a cassação de um desses vereadores milicianos (na verdade, bandidos travestidos de vereadores) que carregam armas em plenário?”.⁷⁰⁴ Uma fonte anônima por e-mail pode não transparecer muita credibilidade, no entanto, o que vimos sobre impunidade e crimes realizados pelas milícias podem, de fato, ter gerado a necessidade de um contato dessa forma.

⁶⁹⁹ RAMALHO, Sérgio. **Vereador preso pode ter sido protegido por policiais**. Jornal O Globo, 27 de novembro de 2007. p.12.

⁷⁰⁰ SCHIMDT, Selma. **Oposição se cala sobre prisão de vereador acusado de crime**. Jornal O Globo, 28 de novembro de 2007. p.13.

⁷⁰¹ Idem.

⁷⁰² SCHIMDT, Selma. **Caso Nadinho: Baixas na comissão do Legislativo**. Jornal O Globo, 29 de novembro de 2007. p. 21

⁷⁰³ Idem

⁷⁰⁴ Ibidem

Após a soltura de Nadinho, o Prefeito César Maia, chama seu aliado político para uma reunião e quando questionado afirma: “- Todos os secretários, deputados estaduais e vereadores recebem nosso calendário de reuniões. O caso de Nadinho é na esfera privada, não pública. Não podemos fazer prejulgamentos.”⁷⁰⁵ Nenhuma palavra sobre as milícias, nem sobre justiça. Jerominho não foi deixado de lado pelo jornal O Globo, e, em 27 de dezembro de 2007. Sua detenção foi a matéria principal do caderno Rio:

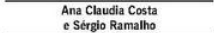
IMAGEM 96: Organograma da relação de Jerominho e membros de sua quadrilha⁷⁰⁶

Mais um vereador preso

Acusado de chefiar milícia, Jerominho é denunciado com mais dez, inclusive filho e irmão deputado

Saiba mais sobre a quadrilha

Segundo as investigações da Draco, o bando chefiado pelo vereador Jerominho e por seu irmão, o deputado Natalino, é acusado de explorar máquinas caça-níqueis, comandar o transporte alternativo ilegal, criar centrais clandestinas de TV a cabo, de envolvimento com grupos de extermínio e cobrar taxas de comerciantes. Além do vereador e do deputado, a quadrilha tem outros nove integrantes: três estão presos e seis estão foragidos. O grupo é conhecido como "Liga da Justiça" ou "Bande do Jerominho"

 ANA CLAUDIA COSTA e SÉRGIO RAMALHO A cusado de ser um dos chefes da milícia autodenominada Liga da Justiça, que atua na Zona Oeste, o vereador Jerominho Guimarães Filho, o Jerominho (PMDB), foi preso ontem pela manhã ao chegar à 35ª DP (Campo Grande). Inspetor de Polícia Civil licenciado, ele foi à delegacia exigir informações sobre um mandado de prisão expedido em nome do filho, o soldado da PM reformado Luciano Guimarães Guimarães. O vereador não sabia que, além do filho, havia mandados de prisão desde o dia 22 contra ele e outras oito pessoas. Resultado de nove meses de investigação da Delegacia de Repressão a Ações Criminosas Organizadas (Draco), a Operação Latifúndio também levou o Ministério Público a denunciar o deputado estadual Natalino José Guimarães (PMDB), irmão de Jerominho, como um dos chefes da milícia. Outro vereador, Josinaldo Francisco da Cruz, o Nadinho de Rio das Pedras (DEM), foi preso em 26 novembro, acusado de ser mandante de um homicídio. As investigações da Draco revelam que a milícia atua no mínimo em cinco bairros da Zona Oeste há pelo menos oito anos. Com base no levantamento, o procurador-geral de Justiça, Marian Vieira, denunciou 11 envolvidos por formação de quadrilha e bando armado, crime punido com pena de até oito anos de reclusão. Com exceção do deputado Natalino, que tem	 JULIO CÉSAR OLIVEIRA DOS SANTOS, o Julinho Tiroteio O PM, que serve no 30º BPM (finspedreia), fana parte dos "bôndes" da quadrilha PRESO	 GLADSON DOS SANTOS GONÇALVES Acusado de ser segurança da quadrilha comandada por Jerominho FORAGIDO	 RICARDO TEIXEIRA CRUZ, o Batman O ex-PM está preso desde agosto acusado de participação no atentado contra o PM Francisco César da Silva Oliveira, o Chico Bala PRESO	 FABIO PEREIRA DE OLIVEIRA, o Fabio Gordo Sena o responsável pela milícia na favela do Barbaente, em Campo Grande FORAGIDO	 ALCEMIR SILVA Sena também segurança da quadrilha de Jerominho FORAGIDO
 EDSON LIMA CALLES JUNIOR, o Juninho Parreta Faria parte dos "bôndes". Segundo a polícia, pode estar morto FORAGIDO	 ANDRÉ LUIZ DA SILVA MALVAR O policial civil está preso acusado de participação na morte do inspetor Félix Tostes e no atentado contra o PM Chico Bala. É genro de Jerominho PRESO	 LUCIANO GUIMARÃES GUIMARÃES O filho de Jerominho é PM reformado e acusado pela polícia de ser um dos principais matadores da quadrilha FORAGIDO	 LEANDRO PADOA VIEGAS, o Leandro Quebra Ossos Também seria matador da quadrilha FORAGIDO		

Jerominho e os demais são acusados de participarem da milícia conhecida como “Liga da Justiça”⁷⁰⁷. Segundo o jornal a Câmara preferiu manter o silêncio. Jerominho

⁷⁰⁵ MAGALHÃES. Luís Ernesto. **Vereador de Rio das Pedras é convocado por César..** Jornal o Globo 21 de dezembro de 2007 p. 1 e 20.

⁷⁰⁶ RECORTE Jornal O Globo, 27 de dezembro de 2007. p 14

⁷⁰⁷ Alusão à história em quadrinhos de super herói que fazem justiça com as próprias mãos. Trataremos da Liga da Justiça ao final desse capítulo.

declarou“- Eu sou um dos homens que combate o tráfico. Não existem provas. Estou preso. Não roubo nada. Não faço nada errado. Sou vereador.”⁷⁰⁸

Em relação às eleições de 2008, Carminha Jerominho foi eleita vereadora do Rio com mais de 20 mil votos, mesmo presa em cela solitária em presídio localizado no Paraná, acusada de integrar a milícia Liga da Justiça. A eleição de milicianos ou candidatos indicados por eles, com votos conseguidos nos currais eleitorais, permite a proposta de ideias que futuramente poderiam virar projetos de lei, como o caso da indicação legislativa 214/2007.

A proposta, aprovada pela Alerj, foi encaminhada pelo Deputado Estadual, Natalino José Guimarães, ao Executivo. Sobre ela, O Globo registrou em editorial que “pode representar na prática, a legalização das milícias, por meio do aproveitamento de policiais aposentados que moram em determinadas áreas. A proposta prevê a criação de grupos que atuariam como uma polícia comunitária.”⁷⁰⁹ O deputado Pedro Paulo, contrário a essa indicação, afirmou: “a proposta se iguala a estrutura dos grupos paramilitares responsáveis por vários crimes, entre eles, a “cobrança de proteção” a moradores, comerciantes e cooperativas de transporte alternativo.”⁷¹⁰ Assessores do governador informaram que o Executivo não tinha a intenção de endossar a proposta.

Precisamos considerar que no contexto em que a indicação foi aprovada, em 2007, as investigações sobre as milícias estavam tomando corpo e, em 2008, já estavam com a indicação da participação de Natalino como integrante desses grupos. Possivelmente, se o momento fosse de menor investigação e visibilidade negativa, a proposta poderia ser encaminhada para votação e enviada para sanção do governador.

Após a proposta da CPI das Milícias em 2008, o Deputado Luiz Paulo, líder do PSDB, Corregedor da ALERJ, apresentou seu apoio ao pedido, demonstrando-se contrário a tortura dos jornalistas, enfatizando o grave ataque a liberdade de imprensa: “... narcotráfico e milícia são faces da mesma moeda, tem que ser repelidas com a mesma intensidade.” Sua fala é rebatida pelo então Deputado Brazão (PMDB/RJ),

⁷⁰⁸ COSTA. A Ana Cláudia. RAMALHO. Sérgio. **Preso outro vereador de milícia**. Jornal O Globo, 27 de dezembro de 2007. P 1 e 14.

⁷⁰⁹ Editorial. **Deputado tenta legalizar grupos**. Jornal O Globo, 14 de abril de 2008 p; 8

⁷¹⁰ Idem

futuramente acusado de ter influencia política (por suas relações com a milícia de Rio das Pedras e com comunidades de Osvaldo Cruz, entre outras).

As ligações diretas ou indiretas com as milícias influenciavam os discursos, as propostas de leis e participação em comissões que favoreciam seus negócios, como indicado no Relatório sobre a investigação da morte da vereadora Marielle Franco:

“Durante todo o período na Casa Legislativa da capital fluminense, o político ocupou a Presidência da Comissão de Assuntos Urbanos, cujo objetivo reside em opinar sobre planos setoriais, regionais e locais, cadastro territorial do município, realização de obras e serviços públicos, bem como preservação das áreas verdes e de lazer. Tais atribuições estão intimamente ligadas a questões sobre ocupação do solo urbano, tornando a posição estratégica para tratar sobre regularização fundiária e questões afetas à grilagem de terras”⁷¹¹.

Segundo as investigações da Polícia Federal, foi apontado que os ex-PMs Ronnie Lessa e Elcio de Queiroz receberiam lotes de terra e permissão para exploração das atividades da milícia, como recompensa pela morte da vereadora.

5. Ciclo Vicioso

Todas as características acima retroalimentam a relação das milícias com o Estado. As milícias formaram currais eleitorais pelo uso da força ou troca de favores nos territórios dominados. Políticos eleitos direta ou indiretamente com apoio das milícias, e oferecem benefícios para aquela região, assim como cargos públicos. Quanto mais políticos eleitos pelos currais eleitorais dos territórios onde atuam as milícias, mais seus crimes são encobertos, permanecendo impunes. As milícias se fortalecem inclusive com a possibilidade de legitimar suas ações devido ao medo da “guerra” contra os traficantes e a violência por eles praticada. Dessa forma, os grupos ficam mais poderosos e expandem ainda mais seus domínios. Trata-se de um esforço de “busca de legitimidade das milícias”:

Para além da questão de anomia e ausência de um Estado liberto da influência de interesses escusos no atendimento às comunidades, há na formação dessas quadrilhas uma outra característica marcante: a sua ascensão como grupos politicamente organizados.... um de seus objetivos passa a ser alcançar reconhecimento público ou força política. Para isso, utilizam-se da eleição para cargos públicos ou angariam simpatias de representantes políticos. Desta forma, procuram escapar do procedimento de

⁷¹¹ CNN BRASIL. *Irmãos Brazão pagariam executores com lotes de terra e permissão para explorar milícia, diz PF*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/irmaos-brazao-pagariam-executores-com-lotes-de-terra-e-permissao-para-explorar-milicia-diz-pf/>. Acesso em: 19 set. 2025.

responsabilização criminal a que estariam submetidos com maior facilidade se permanecessem como grupos isolados.⁷¹²

A atuação das milícias, iniciada em Rio das Pedras, expandiu-se para outras favelas. A proximidade com instituições do Estado, já que seus líderes, eram funcionários públicos da segurança, ampliou a força de sua atuação estabelecendo diversas parcerias. Os currais eleitorais, controlados por esses grupos, fortaleciam sua parceria com políticos levando a eleger candidatos do seu próprio meio, conseguindo mais benefícios para os territórios que dominavam, o que acabava por legitimar as ações dos milicianos. Essas ações fortaleciam os currais eleitorais incentivando a atuação das milícias.

Por isso, o conceito de mutualismo refere-se à capilaridade da milícia, que se estende para diversos setores do Estado, que ajudam na sua manutenção, ao retribuírem com benefícios para as regiões. A tipificação no Relatório da CPI das Milícias, reforça a ideia apresentada acima, ao propor a tipificação do crime de milícia, “enquadrado no crime organizado”:

Para o delegado Cláudio Ferraz, da Delegacia Regional de Ações Criminosas Organizadas (Draco), as milícias se enquadram no conceito internacional de crime organizado. Primeiro, auto-padrão organizativo; segundo, a racionalidade do tipo de empresário da corporação criminosa que oferece bens e serviços ilícitos, tais como drogas, prostituição, e vem investindo seus lucros em setores legais da economia; terceiro, a utilização de métodos violentos com a finalidade de ocupar posições proeminentes ou ter o monopólio de mercado, obtenção do lucro máximo sem necessidade de realizar grandes investimentos, redução dos custos e controle da mão-de-obra; quarto, valer-se da corrupção da força policial e do Poder Judiciário; quinto, estabelecer relações com o poder político; sexto, utilizar a intimidação e o homicídio, seja para neutralizar a aplicação da lei, seja para obter decisões políticas favoráveis ou para atingir seus objetivos.⁷¹³

O procurador Antonio José Campos Moreira, do Ministério Público

(...) observa que tecnicamente —milicial configura o crime de quadrilha destacando que o crime organizado é hoje, em todo o planeta, uma atividade empresarial, um negócio. Para o procurador, —não há crime organizado sem que haja um braço no Estado – braço na polícia, braço no poder político, braço, inclusive, nas esferas de Poder Judiciário, de Ministério Público.⁷¹⁴

⁷¹² SANTOS, Rogério Dutra dos. **As “milícias” do Rio de Janeiro (ou a busca de legitimidade da polícia mineira)**. 2007.

⁷¹³ DOCUMENTO “Conceito e Histórico”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008 p.35

⁷¹⁴ Idem p. 92

O Presidente do Tribunal de Justiça explica a importância de tipificar o crime de milícia, pois “enquanto o crime de formação de milícia não é previsto na lei, os criminosos são julgados por outros. Porém, essas penas são mais brandas.”⁷¹⁵ A tipificação do crime e as denúncias organizadas de forma sistematizada com a CPI das Milícias foram contribuições para demonstrar que as ações dos milicianos são crime e não uma alternativa à ação dos traficantes de drogas.

O conceito de mutualismo na relação estabelecida historicamente no período estudado entre Estado e milícia, pretende explicar como se retroalimentam. Trata-se de reforçar o perigo dessa relação, bem como evidenciar o quanto o combate é ineficiente quando se volta apenas para a ponta do problema, os milicianos, uma vez que é um processo complexo, que envolve a anuência de setores civis e do Estado.

O objetivo não é comparar o que seria melhor ou menos pior, tráfico de drogas ou milícia, mas ressaltar a tentativa de legitimação e legalização das ações de milicianos através de propostas no Legislativo. A proposta de legalizar algumas drogas consideradas atualmente como ilícitas no Brasil não legitima a ação dos traficantes de drogas. Tal como o envolvimento no assassinato da Vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes, tais propostas demonstram a ousadia dos milicianos para defender seus interesses.

⁷¹⁵ MOTTA, Claudio. SCHIMIDT, Selma. **Segurança clandestina disputa áreas no Leblon**. Jornal 30 de junho de 2008. p.9

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fontes utilizadas na pesquisa, a novela e o filme, demonstram a importância desses produtos de audiovisual e dos meios de comunicação de massa para a construção de narrativas e para atender como o contexto da época pesquisada avalia as representações construídas, aceitando ou não, suas abordagens.

Analisando o conteúdo da novela *Duas Caras* ao retratar Juvenal Antena, o líder da Portelinha, traz em si ações que eram aprovadas por grande parte do público e sociedade que acompanhava os capítulos, indo de encontro as manchetes de jornais e pronunciamentos de membros do Estado que suavizam muitas vezes a atuação das milícias e até as legitimam como uma possível solução para o combate a criminosos e, principalmente, assaltantes e traficantes. Juvenal foi apresentado como um homem preocupado com “seu povo” os moradores da Portelinha, lugar de paz para os trabalhadores. A milícia garantiria a paz que o Estado não conseguiu criar nas favelas cariocas.

O fato, divisor de águas, na visão e narrativas sobre as milícias foi a tortura dos jornalistas do *O Dia*, trazendo à tona a lado obscuro das milícias. Com a denúncia das ações que ocorriam no interior das favelas, um dia após o último capítulo da novela *Duas Caras*, foi possível instaurar a CPI das Milícias, que embora proposta anteriormente, não foi considerada como necessária até a tortura dos jornalistas.

O filme, produzido pós a CPI das milícias apresenta no seu conteúdo narrativas que mostram o desenvolvimento das milícias que eliminou o intermediário e garantiu que os próprios agentes públicos de segurança atuassem como os líderes desses grupos beneficiados por suas informações privilegiadas e acesso à armas e munições de forma gratuita. O custo menor que o tráfico de drogas e a ligação com as delegacias e outros setores garantia a expansão, impunidade e mais poder.

A expansão desses grupos ocorreu internamente, atuando no controle e fornecimento de diversos serviços além da segurança, extorsão de comerciantes, transporte, gatonet, venda de gás, agiotagem, compra e venda de imóveis, além dos currais eleitorais que fortaleciam ainda mais seu poder. Externamente, a expansão territorial e na quantidade de pessoas subjugados por esses grupos aumentou e foi

muitas vezes legitimada pela garantia que em seus territórios não haveria confronto entre facções e nem confrontos com a polícia para expulsá-los.

Uma preocupação que emergiu na pesquisa de mestrado e se manteve no doutorado foi a de pensar relação entre o Estado e a milícia, numa perspectiva histórica. Nesse sentido, foi necessário lançar mão de um conceito que explicasse essa relação, que na perspectiva aqui defendida é caracterizada por uma lógica de retroalimentação. Os agentes do Estado favorecem as milícias com informações, menor repressão, tentativas de legitimação e, em troca, controlam os votos nesses setores que continuam elegendo membros que irão novamente favorecer e tentar legitimar. Um problema é evidenciar o quanto os agentes do Estado, políticos e a própria estrutura é permeada pela milícia, considerando que esse aprofundamento ou recuo varia de acordo com os governos e contexto em que ocorre. Milicianos são presos, a corregedoria da polícia pune corruptos e excessos de violência, mas ainda assim, a milícia continua imbricada com o Estado com favorecimento de informações, trocam votos por proteção de políticos e lançam seus membros como candidatos buscando legitimar suas ações, entre outras formas.

Entendendo alguns fatores, descritos ao longo da tese e sistematizados no capítulo 4, como as lideranças de membros de instituições públicas de segurança, a impunidade, a busca pela legitimação, a atuação direta na política, e o ciclo vicioso que se estabelece, propomos a noção de que a milícia não atua no vazio do Estado, mas sim que ela estabelece uma relação simbiótica, de cooperação mútua, com agentes do Estado.

Além de líderes que são funcionários públicos nas forças de segurança, a eleição de membros das principais milícias da zona Oeste carioca, especialmente das áreas de Rio das Pedras e Campo Grande, reforça esse aspecto. É interesse do setor da segurança pública e dos próprios políticos manter essa relação, o que garante a perpetuação das ações dos milicianos. Sendo assim, entendemos que a análise da atuação das Milícias não deve ser feita a partir da ideia de um vazio de poder, mas a partir de outra dinâmica, na qual a milícia estabelece uma interdependência com o Estado, com períodos de maior ou menor influência e de relação entre os dois

BIBLIOGRAFIA

ALVES, José Cláudio Souza. **Milícias: Mudanças na economia política do crime no Rio de Janeiro**, In: Segurança, Tráfico e Milícia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Política do “mata mas faz” impera na Baixada Fluminense**. 12/09/2006. Disponível: <<http://www.direitos.org.br>> Acesso em: 12/02/2009.

_____. Dos Barões ao extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias: APPH – Clio, 2003

BARROS, José D’Assunção. Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. In. **Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 9 Ano IX n 1, Rio de Janeiro, 2012.

BITTNER, Egon. Aspectos do trabalho policial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BLOCH, M. História e Historiadores. Lisboa: Teorema, 1998.

BURGOS, Marcelo Bauman. **A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

CANO, Ignácio. **Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro**, In: Segurança, Tráfico e Milícia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

CANO, Ignácio. DUARTE, Thais. **No Sapatinho: A evolução das milícias no Rio de Janeiro (2008 – 2011)**. Rio de Janeiro : Fundação Heinrich Böll, 2012

COUTO. Maria Isabel e HIRATA, Daniel. Relatório sobre armas e território. Grupo de Estudos dos Novos Legalismos (GENI). Rio de Janeiro: 2022

DIMENSTEIN, Gilberto. **Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DUARTE, Maurício da Silva. **A cultura da guerra nos jornais cariocas**. 2004. Disponível: <<http://www.compos.org.br>> Acesso em: 23/01/2009.

ESCOREL, Sarah. **Vivendo de Teimosos**. In: No meio da rua. Nômades, Excluídos e Viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. Cultura Vozes, Petrópolis, 2000.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIXO, Marcelo. **Folder da Palestra: Milícias: segurança pública em debate**. Realizada em 07/05/2009, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FROSSARD, Denise. **O poder transversal do crime**. 2002. Disponível <www.mail-archive.com/policia...com.br> Acesso em 26/01/2009.

GARCIA, Emilla Grizende. A TELENOVELA NA HISTÓRIA: DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA ANÁLISE DA TELENOVELA “O BEM-AMADO”. In: Faces de Clio. Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História – UFJF.

HIRATA, Daniel. GRILLO, Carolina C. Crime, Guerra e Paz: dissenso político-cognitivo em tempos de extermínio. Dossiê “Crimes”, Territórios e Sociabilidade. Cebrap: São Paulo, 2019.

KASAHARA, Yuri. Favela e bairro: a dinâmica de expansão de Rio das Pedras. In: A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca. São Paulo: Editora Loyola, 2002

KORNIS, Mônica Almeida - História e Cinema - um debate metodológico. In: Estudos Históricos, vol. 5. Rio de Janeiro: 1992. p.240

LEEDS, Elizabeth. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: Um século de favela. Rio de Janeiro: FGV, 2006

MACHADO SILVA, Luiz Antonio. Polícia e violência urbana em uma cidade brasileira. In: Etnográfica [Online], vol. 15 (1) | 2011, Online desde 26 Outubro 2011, consultado em 30 Abril 2016. URL : <http://etnografica.revues.org/828> ; DOI : 10.4000/etnografica.828

- MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, São Paulo: Todavia, 2020.
- MATOS, Edísio Gomes de. Poder paralelo. *Correio Braziliense*, 18/10/2002.
Disponível:<www2.correioweb.com.br> Acesso em: 15/01/2009.
- MENDEZ, Juan C. *O Não-Estado de Direito na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.35.
- MISSE, Michel. **Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil – Uma abordagem Crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisa**. In: *Violência e Participação Política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IUPERJ, n 91 agosto, 1995.
- MORAES, Denis. RAMONET. Ignacio. SERRANO. Pascual. *Mídia, Poder e Contrapoder*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MULLER, Helena Isabel. *História do Tempo Presente: Algumas Reflexões*. In: *História do tempo presente/ Gilson Porto Junior (org.)*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007. p. 29.
- RATTON JUNIOR, José Luiz de Amorim. *Violência e crime no Brasil contemporâneo: homicídios e políticas de segurança pública nas décadas de 80 e 90*. Brasília: Cidade Gráfica e Editora, 1996. p. 103
- REBOUÇAS, Roberta de Almeida. *Telenovela, história, curiosidades e sua função social* In: *Encontro História da Mídia*. Rio de Janeiro: 2014
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, v. 1, Campinas: Papirus, 1994.
- ROLIM, Marcos. *A Síndrome da Rainha Vermelha. Policiamento e Segurança Pública no Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.
- ROUSSO, Henry. *Sobre a História do Tempo Presente*. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201– 216, jan./jun. 2009.
- SANTANA, Fernanda Castilho. *Revista Internacional de Folkcomunicação – Volume 1 – Paraná: 2009*.
- SANTOS, Rogério Dutra dos. *As “milícias” do Rio de Janeiro (ou a busca de legitimidade da polícia mineira)*. 2007.p. 5. Disponível: <<http://www.cedes.iuperj.br>> Acesso em: 15/01/2009.

SILVA FILHO, José Vicente da. Rio de Janeiro: o desafio da segurança pública. In: A Hora e a Vez do Rio de Janeiro e o Novo Governo – desenvolvimento, segurança e favelas. João Paulo dos Reis Velloso (coord.). José Olympio Editora. Biblioteca, IUPERJ, 2007. p. 97.

SOUSA, Josinaldo Aleixo de. Sociabilidades emergentes, implicações de dominação de Matadores na periferia e traficantes nas favelas. Dissertação de Doutorado em Sociologia e Antropologia IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro: 2001. p. 50.

TELLES, Maria Sarah da Silva. **Viver na favela: Experiência e Representações de Moradores de uma favela carioca**. Dissertação de Doutorado em Sociologia IUPERJ. Rio de Janeiro: 2008.

VENTURA, Mauro. **Dois capuccinos e a conta com Marcelo Freixo**. Revista O Globo, Ano 5, nº. 223, 02/11/2008.

YASHINNIS, Bruno José. A relação Cinema-História: fundamentos teóricos e metodológicos. In: Em tempo de História. Revista do Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Brasília:2020. P. 409.

ZALUAR, Alba e CONCEIÇÃO, Isabel Siqueira. **Favelas sob o controle das milícias no Rio de Janeiro**. Revista São Paulo em Perspectiva, v. 21, n. 2, p. 89-101, jul./dez. 2007.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (org). Um século de favela. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DOCUMENTOS

DOCUMENTO “Conceito e Histórico”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008.

DOCUMENTO “Conhecimento do Fato”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008., p. 4.

DOCUMENTO “As finanças”. **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p.125.

DOCUMENTO “Disque Milícia e outras denúncias recebidas” Relatório **Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p 152.

DOCUMENTO “Desempenho Eleitoral” **Relatório Final da CPI das milícias**. Rio de Janeiro, 2008. p. 93.

FILMES

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002.

ELITE, Tropa de Elite. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2007.
Disponível no streaming Globoplay e Amazon Prime

OUTRO, Tropa de Elite 2: o inimigo agora é. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2010. Disponível no streaming Globoplay.

JORNAIS

BERTA. Rubem. **Milícia ainda controla favela após torturar jornalistas**. Jornal O Globo, 02 de junho de 2008.

BORGES. Waleska. **Estado participou de ação social de Jerominho**. Jornal O Globo, 29 de julho de 2008 p. 8.

BOTTARI, Elenice e RAMALHO, Sérgio. **Policiais apoiam milícias na guerra por espaço do tráfico**. Jornal O Globo, 10 de dezembro de 2006.

CARVALHO. Paulo. **Polícia apreende 56 veículos explorados por milícias**. O Globo, 12 de março de 2008 p. 02

CÁSSIA. De Cristiane. COSTA. Célia. MARTINS. Jorge. **Um ataque ao Estado: milícia joga bomba em delegacia e dois suspeitos presos denunciam políticos**. O Globo, 12 de junho de 2008. p.14

COELHO. Camilo. **Milícia teria ameaçado policiais da homicídios**. O Globo 28 de dezembro de 2007. p.15

COSTA. Célia. ARAÚJO. Vera. **Milícia oferecem R\$ 1 milhão por execução de delegados**. Jornal O Globo, 13 de junho de 2008. p 2

Editorial O Globo. **Milicianos torturam repórteres de “o Dia”**. Jornal O Globo, 01 de junho de 2008.

MAGALHÃES. Luís Ernesto. RAMALHO. Sérgio. **Áreas públicas são loteadas por milícias.** Jornal O Globo, 11 de novembro de 2007. P. 1 e 18

MAGALHÃES. Luís Ernesto. **Vereador de Rio das Pedras é convocado por César.** Jornal O Globo 21 de dezembro de 2007 p. 1 e 20.

MOTTA. Claudio. SCHIMIDT, Selma. **Segurança clandestina disputa áreas no Leblon.** Jornal O Globo 30 de junho de 2008. p. 9.

RAMALHO, Sérgio. **Milícias estendem atividades a grilagem de terra.** Jornal O Globo, 15 de dezembro de 2006. P.27.

RAMALHO. Sérgio. **Milícias já tentam criar braço político.** Jornal O Globo, 30 de janeiro de 2006. p. 1.

SCHIMIDT, Selma. **Milícias de policiais chega a Zona Norte.** Jornal O Globo, 22 de setembro de 2006.

SCHMIDT. Selma. **A multiplicação dos andares – Prédios de até 10 pavimentos crescem em ritmo acelerado no Rio das Pedras.** Jornal O Globo 24 de dezembro de 2007. P 1 e 10.

VASCONCELOS. Fábio. **No Rio, milícias dificultam ida de candidatos a favelas.** Jornal O Globo, 15 de julho de 2008. p 4.

SITES

ADOROCINEMA. *Tropa de Elite 2*. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-45264/>. Acesso em: 19 set. 2025.

ALAMY. *Aerial view of the Rio das Pedras favela with Lagoa da Tijuca*. Disponível em: <https://www.alamy.com/stock-photo-aerial-view-of-the-rio-das-pedras-favela-with-lagoa-da-tijuca-and-100421147.html>. Acesso em: 19 set. 2025.

GAZETA DO POVO. *Marielle Franco: tudo sobre a morte da vereadora*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/marielle-franco-tudo-sobre-morte-vereadora/>. Acesso em: 19 set. 2025.

G1. *Prefeitura vai demolir os dois prédios que ficam ao lado de construções que desabaram na Muzema*. Rio de Janeiro, 22 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/22/prefeitura-vai-demolir-os-dois-predios-que- ficam-ao-lado-de-construcoes-que-desabaram-na-muzema.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2025.

G1. *Tropa de Elite 2 bate recorde de público da história do cinema nacional*. Jornal Nacional, 6 dez. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/12/tropa-de-elite-2-bate-recorde-de-publico-da-historia-do-cinema-nacional.html>. Acesso em: 19 set. 2025.

INSTITUTO IDL. *Tenório Cavalcanti: o homem da capa preta*. Disponível em: <https://www.institutoidl.org.br/post/tenorio-cavalcanti-o-homem-da-cap-a-preta>. Acesso em: 19 set. 2025.

O GLOBO. *José Padilha comenta os 20 anos do ônibus 174: tese de meus filmes é que violência carioca é causada pelo Estado*. Cultura, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-padilha-comenta-os-20-anos-do-onibus-174-tese-de-meus-filmes-que-violencia-carioca-causada-pelo-estado-24472791>. Acesso em: 19 set. 2025.

O GLOBO. *Veja quais são as maiores favelas do Rio pelo Censo 2022*. Rio de Janeiro, 8 nov. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/11/08/veja-quais-sao-as-maiores-favelas-do-rio-pelo-censo-2022.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2025.

OMELETE. *Tropa de Elite 2: entrevista com Wagner Moura*. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/entrevistas/tropa-de-elite-2-entrevista-wagner-moura>. Acesso em: 19 set. 2025.

PLANETA TV. *Aguinaldo Silva fala sobre “Duas Caras”, a próxima novela das 8*. Disponível em: <https://oplanetatv.clickgratis.com.br/colunas/entrevistas/aguinaldo-silva-fala-sobre-duas-caras-a-proxima-novela-das-8.html#ixzz7vSyWNg4X>. Acesso em: 19 set. 2025.

SOARES, Luiz Eduardo. *Luiz Eduardo Soares defende uma nova estrutura para segurança pública*. Disponível em: <https://www.luizeduardosoares.com/luiz-eduardo-soares-defende-uma-nova-estrutura-para-seguranca-publica/>. Acesso em: 19 set. 2025.

TELENOVELA

SILVA, Aguinaldo. *Duas Caras*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2007.